

PUCRS

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN - FAMECOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO

TAÍLA LOPES QUADROS

CAMPUS PARTY BRASIL:
O EVENTO COMO MEIO DE CONSTRUÇÃO DE UM IMAGINÁRIO TRIBALISTA

Porto Alegre
2023

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL
LINHA DE PESQUISA: CULTURA E TECNOLOGIAS DAS IMAGENS E DOS
IMAGINÁRIOS

TAÍLA LOPES QUADROS

**CAMPUS PARTY BRASIL: O EVENTO COMO MEIO DE CONSTRUÇÃO DE UM
IMAGINÁRIO TRIBALISTA**

Porto Alegre
2023

TAÍLA LOPES QUADROS

***Campus Party* Brasil: o evento como meio de construção de um imaginário tribalista**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito para obtenção de grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Escola de Comunicação, Artes e Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Área de concentração: Cultura e Tecnologias das Imagens e dos Imaginários

Orientador: Prof. Dr. Juremir Machado da Silva

Porto Alegre
2023

Ficha Catalográfica

Q1c Quadros, Taíla Lopes

Campus Party Brasil : o evento como meio de construção de um imaginário tribalista / Taíla Lopes Quadros. – 2023.

214 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Juremir Machado da Silva.

1. Imaginário. 2. Campus Party Brasil. 3. Eventos. 4. Tribos. I. Silva, Juremir Machado da. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária responsável: Clarissa Jesinska Selbach CRB-10/2051

TAÍLA LOPES QUADROS

Campus Party Brasil: o evento como meio de construção de um imaginário tribalista

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito para obtenção de grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Escola de Comunicação, Artes e Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Área de concentração: Cultura e Tecnologias das Imagens e dos Imaginários

Prof. Dr. Juremir Machado da Silva (Orientador)

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS

Prof. Dr. André Fagundes Pase

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS

Prof. Dra. Heloisa Juncklaus Preis Moraes

Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL

Porto Alegre
2023

AGRADECIMENTOS

Aos campuseiros voluntários em participar da entrevista, pela disponibilidade em compartilhar as suas vivências e sentimentos das suas experiências.

Aos colegas de pesquisa que compartilharam suas dúvidas e anseios, pelas trocas sejam *on* ou *offline* e tornaram o percurso da pesquisa menos solitário.

Aos amigos que compreenderam as ausências, pelo apoio, auxílio e interesse em todos os momentos possíveis e por permanecerem.

Aos familiares, pela generosidade, acolhimento, gentileza e companhia.

Aos meus pais Otília e Tairo por, desde cedo, mostrarem a importância dos estudos, por serem exemplo de perseverança e dedicação. Pelo incentivo e apoio. Cada um a seu modo faz parte do que sou hoje e do que tanto admiro e a quem quero ser motivo de alegria e orgulho.

Ao meu companheiro, Guilherme, por todo o apoio desde a inscrição no processo seletivo do mestrado até a finalização da pesquisa. Pela parceria e compreensão, por abrir mão de muitos momentos de diversão para ser presença ativa e cuidar das tarefas que precisei abrir mão para poder pesquisar. Pelos quilômetros rodados, pelas lágrimas enxugadas, por comemorar cada pequena vitória como uma grande conquista e por acreditar em mim e ver potencial, mesmo nos momentos em que eu desacreditava.

Ao meu orientador, Juremir Machado da Silva, pelo incentivo durante todo o período de pesquisa, pela acolhida, pela generosidade em compartilhar o seu conhecimento e por ser apoio e segurança nos momentos de dúvidas e incertezas. És um exemplo de profissional, professor e conselheiro.

RESUMO

Dentro dos estudos que realizados na dissertação, foi analisado, tendo em vista o evento como objeto e o conceito de tribos, o que leva as pessoas a se sentirem como parte pertencente a uma tribo, a desejar fazer parte de comunidades, o que pode definir e o que identifica um grupo como tribo e não apenas uma reunião de pessoas e como os eventos podem ser responsáveis por criar um ambiente propício para a criação desse sentimento. Procurou-se estudar a questão a partir da análise da percepção de alguns participantes do evento *Campus Party* Brasil. Um evento relacionado à tecnologia e que proporciona uma experiência imersiva para seus participantes que possuem uma forma própria de se chamar, são os campuseiros. Por se tratar do objeto do trabalho, o conceito e definição de eventos serão estudados para contextualizar o porquê dessa escolha, além de apresentar, para melhor entendimento, o que é o evento *Campus Party* Brasil e qual o seu processo e formato de realização. Os conceitos de imaginário, personagens e tribos também são estudados para trazer embasamento para as questões investigadas. O trabalho utiliza como metodologia a entrevista semiestruturada, deixando para os entrevistados um espaço para trazer as suas vivências de forma aberta e permitindo a adição de novos questionamentos ou pontos a serem discutidos de acordo com o andamento do diálogo. As pessoas selecionadas para participar das entrevistas possuem diferentes vivências e relações com o evento. O resultado das entrevistas foi analisado sob a perspectiva da sociologia compreensiva trabalhada pelo sociólogo Michel Maffesoli. A partir da análise individual de cada entrevista e do cruzamento das impressões, foram destacadas as observações recorrentes onde foi identificada a tríade de elementos que faz parte da construção do imaginário de tribo em um evento, sendo eles o espaço, a presença e a imersão.

Palavras-chave: *Campus Party* Brasil; imaginário; eventos; tribos.

ABSTRACT

Within the studies carried out in the dissertation, it was analyzed, considering the event as an object and the concept of tribes, what makes people feel like they belong to a tribe, to want to be part of communities, which can define and what identifies a group as a tribe and not just a gathering of people and how events can be responsible for creating an environment conducive to the creation of this feeling. We studied the question based on the analysis of the perception of some participants of the Campus Party Brasil event. An event related to technology that provides an immersive experience for its participants who have their own way of calling themselves, they are the campuseiros. As it is the object of the work, the concept and definition of events will be studied to contextualize the reason for this choice, in addition to presenting, for a better understanding, what the Campus Party Brasil event is and what its process and format is. The concepts of imaginary, characters and tribes are also studied to provide a basis for the investigated questions. The work uses a semi-structured interview as a methodology, leaving a space for the interviewees to present their experiences in an open way and allowing the addition of new questions or points to be discussed according to the progress of the dialogue. The people selected to participate in the interviews have different experiences and relationships with the event. The result of the interviews was analyzed from the perspective of comprehensive sociology worked by sociologist Michel Maffesoli. From the individual analysis of each interview and the crossing of insights, recurrent highlighted were observed where the triad of elements that are part of the construction of the tribe's imaginary in an event were identified, being space, presence and immersion.

Keywords: *imaginary, tribe, event, Campus Party Brazil.*

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Linha do tempo <i>Campus Party</i> Brasil.....	44
Figura 2 - Bancada <i>Campus Party</i> Brasil 10.....	45
Figura 3 - Campuseiros assistindo a uma palestra na CPBR14.....	46
Figura 4 - Campuseiros na área do <i>camping</i> do evento.....	47
Figura 5 - Campuseiros na arena jogando <i>Just Dance</i> CPBR10.....	48
Figura 6 - Fila para entrada no evento.....	49
Figura 7 - Posto de café cortesia de patrocinador para os campuseiros CPBR13.....	50
Quadro 1 - Sugestões de itens para levar à <i>Campus Party</i> Brasil.....	51
Figura 8 - Representação gráfica dos três pilares para a criação de um imaginário tribalista.....	131

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 TEMA	12
1.2 JUSTIFICATIVA	12
1.3 PROBLEMA DE PESQUISA	14
1.4 OBJETIVOS	14
1.4.1 Objetivo geral	14
1.4.2 Objetivos Secundários	14
2 ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS	15
2.3 SOBRE A TÉCNICA DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	16
2.1 SOBRE A ANÁLISE	22
2.2 SABER SOCIAL E SABER SOCIOLÓGICO	27
3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	32
3.2 A REALIZAÇÃO DE EVENTOS AO LONGO DOS ANOS	36
3.2.1 Os primeiros eventos	38
3.3 OS EVENTOS E A SUA RELAÇÃO COM A MÍDIA DIGITAL	39
3.4 <i>CAMPUS PARTY</i>	41
3.4.1 Sobre a <i>Campus Party</i> Brasil	42
3.4.2 Realização e estrutura da <i>Campus Party</i> Brasil	45
3.4.3 Personagens - Quem faz parte do imaginário da <i>Campus Party</i> Brasil?	53
3.4.4 <i>Campus Party</i> Brasil na pandemia	55
3.4.5 Edição 2021	57
3.4.6 Edição 2022 e pensamentos futuros	58
3.5 IMAGINÁRIO	60
3.5.1 A construção do imaginário	62
3.5.2 O imaginário e a tecnologia	64
3.5.3 O imaginário e as tribos	68
3.5.4 As representações dos personagens em uma tribo	74
3.5.5 Reflexões sobre o imaginário	78
4 ENTREVISTAS COM CAMPUSEIROS	83
4.1 IMPRESSÕES ENTREVISTA PARTICIPANTE 01 (P01)	85
4.2 IMPRESSÕES ENTREVISTA PARTICIPANTE 02 (P02)	90
4.3 IMPRESSÕES ENTREVISTA PARTICIPANTE 03 (P03)	95
4.4 IMPRESSÕES ENTREVISTA PARTICIPANTE 04 (P04)	98
4.5 IMPRESSÕES ENTREVISTA PARTICIPANTE 05 (P05)	102

4.6 IMPRESSÕES ENTREVISTA PARTICIPANTE 06 (P06).....	105
4.7 IMPRESSÕES ENTREVISTA PARTICIPANTE 07 (P07).....	107
4.8 IMPRESSÕES ENTREVISTA PARTICIPANTE 08 (P08).....	110
4.9 IMPRESSÕES ENTREVISTA PARTICIPANTE 09 (P09).....	111
4.10 IMPRESSÕES GERAIS SOBRE AS ENTREVISTAS	114
4.10.1 Análise das respostas.....	114
4.10.2 A construção do imaginário tribalista da <i>Campus Party</i> Brasil	121
4.10.3 Relato sobre as entrevistas não realizadas	124
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	129
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	135
ANEXO A – Transcrição Entrevista Participante 01	138
ANEXO B - Transcrição Entrevista Participante 02	157
ANEXO C – Transcrição Entrevista Participante 03	167
ANEXO D – Transcrição Entrevista Participante 04	175
ANEXO E – Transcrição Entrevista Participante 05	186
ANEXO F – Transcrição Entrevista Participante 06.....	193
ANEXO G – Transcrição Entrevista Participante 07	201
ANEXO H – Entrevista Participante 08	207
ANEXO I – Transcrição Entrevista Participante 09	209

1 INTRODUÇÃO

1.1 TEMA

O evento e a construção de um imaginário tribalista.

1.2 JUSTIFICATIVA

Os eventos costumam ser pontos de encontro de pessoas com interesses em comum há muitos anos. Porém observa-se que determinados acontecimentos possuem uma cola social que une os participantes não só durante o episódio presenciado, mas também após a sua realização, criando um vínculo mais longo, duradouro e afetivo entre as pessoas e os momentos vivenciados.

Como um exemplo dessa vivência, pode-se destacar a *Campus Party Brasil*, um encontro realizado anualmente, desde 2008, na cidade de São Paulo, que promove inovação e tecnologia e onde se observa que a interação entre os participantes se torna uma comunhão que perdura entre as edições, mesmo quando os campuseiros, forma como são chamados os participantes da conferência, não são da mesma cidade ou região. Essas relações estabelecidas podem ser vistas e chamadas de tribos e se formam mesmo entre pessoas de diferentes regiões geográficas dentro do mesmo país e até de fora dele. São integradas pessoas de diversas áreas profissionais, idades, interesses musicais, gêneros e graus de instrução.

Para entender como um evento pode se tornar um marco na vida de muitas pessoas e despertar em seus participantes um sentimento de pertencimento que vai além da presença em uma palestra, por exemplo, busca-se com essa pesquisa compreender como os eventos podem ser um meio para a criação de tribos. Para tal, pretende-se estudar o conceito de tribos e a sua formação, além dos conceitos de imaginário, do próprio evento *Campus Party Brasil* e das pessoas que participam do evento. Conhecer alguns dos perfis de participantes se faz necessário para construir o entendimento do sentimento que permeia o envolvimento em um evento e o que faz com que as pessoas se reúnam e sintam-se parte de um grupo específico.

A partir disso, em um mundo onde muitas das relações entre as pessoas e entre pessoas e marcas são consideradas líquidas, retomar os porquês de, mesmo em um mundo extremamente conectado digitalmente e virtualmente, os indivíduos continuam

cultivando o desejo de se encontrar pessoalmente para celebrar momentos marcantes de suas vidas, trocar conhecimento ou viver novas experiências em comunhão com seus pares, pode ser um caminho para identificar os mecanismos que unem as pessoas e como isso acontece.

Compreender o comportamento das pessoas em suas relações sociais é parte importante para descobrir se os eventos podem realmente ser um meio para unir pessoas e criar tribos para se encontrar diferentes aplicações a esse conhecimento e se a realização de encontros pode ser utilizada como uma forma de fidelizar o público, promover experiências mais ricas e marcantes para as pessoas, destacando as possibilidades pós-evento e a construção de comunidades fiéis.

Para isso, a metodologia do trabalho busca, por meio de entrevistas semiestruturadas, compreender quais são os fatores de um evento que podem ser diferenciais no momento de fazer com que as pessoas participantes criem laços afetivos com um acontecimento específico. A análise das respostas será pautada a partir do conceito da sociologia compreensiva baseada na obra de Michel Maffesoli, *O Conhecimento Comum*.

A partir da análise das entrevistas realizadas, será necessário verificar se os pontos destacados pelos entrevistados terão relação com os conceitos estudados e como pode ser identificada a formação do imaginário de tribos na realização de um evento. Inclusive, levando em consideração a necessidade da presença física e o quanto o contexto de uma pandemia mundial, que fez com que algumas edições da *Campus Party* precisassem ser realizadas no ambiente digital, interferiu no imaginário da tribo dos participantes.

As constatações levantadas por essa pesquisa podem ser de grande valia em diferentes contextos, trazendo mais informações para empresas, organizações e para a academia sobre os elementos que são essenciais no planejamento e realização de eventos para fazer com que os participantes se sintam pertencentes a um grupo e sejam inclusive propagadores das atividades da qual eles tiveram a oportunidade de fazer parte. Despertar o sentimento de comunidade é um desafio de todos os que precisam gerar engajamento para as suas ações e compreender como determinados grupos tornam-se tribos pode ser um ponto de partida para o desenvolvimento de ações bem-sucedidas e com resultados melhores em diferentes esferas.

1.3 PROBLEMA DE PESQUISA

Como um evento como a *Campus Party* Brasil pode ser meio para a construção de um imaginário tribalista?

1.4 OBJETIVOS

1.4.1 Objetivo geral

Compreender como se forma o imaginário de tribo entre os participantes do evento *Campus Party* Brasil.

1.4.2 Objetivos Secundários

- Entender o conceito de tribalismo que forma a comunidade e o sentimento de pertencimento.

- Identificar quais elementos fazem com que esse evento seja considerado uma experiência tão relevante a ponto de o ambiente proporcionar o surgimento de uma “tribo” durante a sua realização.

- Investigar os impactos para o imaginário de tribo com a realização da *Campus Party* no formato digital no ano de 2020, devido à pandemia de Covid19 no mundo.

2 ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

Para compor as estratégias metodológicas desta pesquisa, foi realizada uma busca por autores e seus conceitos que pudessem trazer um entendimento sobre o processo de realização de uma pesquisa acadêmica, visando os processos de descoberta de meios para, a partir do entendimento sobre formas de pesquisar, adaptar, caso seja necessário, metodologias já existentes para fazer a análise dos resultados apresentados pela pesquisa. Como passo inicial no caminho de descoberta da elaboração das estratégias metodológicas, se apresentam conceitos de Silva (2010), da obra *O que pesquisar quer dizer* onde se discute não só a forma de pesquisar, mas o papel do pesquisador e os lugares que ele pode ocupar dentro desse papel.

Para Silva (2010), o pesquisador, no intuito de se aprofundar na pesquisa, pode seguir o caminho que passa pelo estranhamento, entranhamento e o desentranhamento. Esses passos podem ser aplicados tanto nas pesquisas realizadas em campo, quanto em pesquisas bibliográficas. A lógica do autor passa pela ótica da necessidade de o pesquisador estranhar um determinado acontecimento e isso o despertar para a necessidade de desenvolver uma pesquisa.

A partir daí, deve-se entranhar no acontecimento estudado, onde esse entranhamento pode ser entendido como diferentes formas de conhecer a fundo o tema que está sendo pesquisado. A imersão intelectual no tema de interesse implica em buscar conhecer diferentes ângulos e pontos de vista, reunindo argumentos e pontos de reflexão para então se chegar ao estágio de desentranhamento, onde pode-se sair dessa imersão com um novo ponto de vista sobre o assunto trabalhado, reforçar as hipóteses levantadas ou, até mesmo, encontrar novas soluções para o problema de pesquisa.

Silva (2020) apresenta a questão de que a metodologia de pesquisa de um trabalho não só destrói o objeto como faz parte da construção do mesmo. E o pesquisador, mesmo buscando isenção no seu papel de observador de um fenômeno, faz julgamentos. Nesse caminho metodológico, existe a necessidade de se seguir os passos de construção e reconstrução para então fazer a desconstrução do objeto de estudo. Ainda de acordo com Silva (2020), ao final da pesquisa, o pesquisador deve conseguir responder alguns questionamentos sobre as suas descobertas e como conseguiu chegar a tais resultados “o método não é o caminho, mas a caminhada, ou

seja, a narrativa do 'como', a descrição do que foi feito para tornar descoberto o encoberto." (SILVA, 2010, p.37). Para ele, a metodologia deve fornecer aos pesquisadores ferramentas para se trabalhar, para possibilitar o tratamento e a compreensão dos dados. As metodologias também se valem de referenciais teóricos que guiam os caminhos que serão trilhados ao longo do desenvolvimento da pesquisa, onde

o referencial teórico é um conjunto de ideias e de autores inspiradores citados e apresentados com a função de situar o lugar de fala do pesquisador e sua ancoragem. Uma visão de mundo que contextualiza, ampara e explica o ponto de vista a ser sustentado. (SILVA, 2010, p. 97)

Para o autor (2010), cada fonte utilizada como referencial teórico apresenta uma determinada visão de mundo, uma perspectiva da qual se pode compreender um ângulo do objeto de estudo.

As referências teóricas também fazem parte da metodologia de um trabalho por serem amplamente utilizadas na consulta dos termos e conceitos que irão embasar as análises realizadas e informar sob qual ângulo os dados serão ordenados entre si. Silva (2010) defende que o pesquisador que está em busca do novo deve procurar seguir com mais liberdade metodológica e valer-se de ferramentas versáteis. Esta escolha implica em correr riscos maiores, mas também pode resultar em achados inesperados.

Para que a pesquisa possa ser realizada, é preciso selecionar uma metodologia para a coleta de dados e análise dos resultados. A coleta de dados será feita com entrevistas semiestruturadas com pessoas que podem ser identificadas dentro de alguns perfis de campuseiros que participam do evento. Já a análise das respostas obtidas será feita a partir das diretrizes da sociologia compreensiva sob a ótica de Michel Maffesoli. Ambas as formas de metodologia do trabalho serão desenvolvidas nos subtítulos que seguem.

2.3 SOBRE A TÉCNICA DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

O presente trabalho parte de um lugar onde o pesquisador assume uma posição de observador participante e a pesquisa terá base qualitativa com foco em entender como se forma o sentimento de tribo em torno de um evento através das

percepções do público e como a tribo de campuseiros se agrupa e se reconhece nos dias de realização da conferência.

Como técnica, o objetivo é trabalhar com entrevistas semiestruturadas com as pessoas identificadas como partes que compõem o evento. Para entrevista, encontram-se definições de diferentes autores como "a entrevista é uma técnica de observação direta intensiva muito empregada na pesquisa das ciências sociais: sociologia, antropologia, política, serviço social, psicologia social, jornalismo, relações públicas, etc." (ANDRADE, 2004, p. 34). Para Siqueira (2013), a entrevista é uma espécie de conversa entre o pesquisador e o pesquisado para coletar informações relevantes para as pesquisas realizadas.

Marconi e Lakatos (1996) definem entrevista como um encontro para obter informações sobre determinado assunto. Esse procedimento é utilizado na investigação social, para coletar dados, realizar diagnósticos ou buscar tratamentos para problemas sociais. Por entrevista semiestruturada entende-se como uma série de perguntas abertas e fechadas, para que a pessoa entrevistada possa falar de forma livre sobre o tema proposto. Nessa situação, o pesquisador deve seguir o conjunto de perguntas pré-definidas, contudo em um contexto de conversa informal.

Para Morin, "A entrevista é uma comunicação pessoal, realizada com um objetivo de informação. Esta definição é comum à entrevista científica, feita em psicologia social, e à entrevista de imprensa, rádio, cinema e televisão." (MORIN, 2007, p. 61). Estas informações coletadas entram em um esquema que vai além, envolvendo métodos, hipóteses e a verificação e algo mais. Segundo Morin (2007), o aspecto mais importante da entrevista está nos fenômenos psicoafetivos que estão dentro dessa comunicação.

Essas reações vão além da informação e podem observar suas motivações e entender de forma mais profunda o conteúdo dessa comunicação. Para o autor (2007), tanto entrevistado quanto entrevistador possuem importância para o encontro quanto a natureza psicoafetiva desse encontro. Ainda sobre as entrevistas, estas podem ser realizadas em profundidade e serem semiestruturadas e não-dirigidas.

Nesse caso, de acordo com Morin (2007), elas devem ter respostas abertas, para trazer mais liberdade ao entrevistado, e as perguntas devem ser pré-elaboradas, o que pode trazer menos liberdade para o entrevistador, mas segue dando espaço para a expressão do participante. É recomendado procurar a fidelidade nas respostas

e se faz importante selecionar indivíduos que representem um determinado perfil de população do qual se deseja saber mais a respeito. O pesquisador deve encontrar o caminho para ser um bom ouvinte, mas também ser responsável por realizar as provocações necessárias para que o diálogo possa ter um bom desenvolvimento.

Os objetivos das entrevistas que possuem adesão com o foco da presente pesquisa e que podem ser aqui listados, são: realizar a averiguação de fatos e acontecimentos, entender o pensamento dos entrevistados, descobrir planos de ação e condutas futuras baseadas em comportamentos passados e, principalmente, entender os fatores que podem influenciar as opiniões das pessoas, seus sentimentos e ações.

O protocolo de execução da técnica envolve as seguintes etapas: preparação do planejamento da entrevista; busca da oportunidade e de encontrar as condições favoráveis para a realização da conversa; levantar mais informações sobre o entrevistado e sobre o tema a ser abordado; fazer um contato inicial com os participantes e elaborar as perguntas.

Durante a entrevista, deve-se fazer o registro das respostas e o encerramento da conversa. Para avaliar a validade da entrevista realizada para a análise, Marconi e Lakatos (1996) listam requisitos importantes a serem cumpridos. São eles: a validade das respostas, a relevância do conteúdo levantado, a especificidade e a clareza do que foi dito, além da profundidade das falas e a sua extensão.

Como vantagens da utilização da técnica de entrevista para a pesquisa, Marconi e Lakatos (1996) destacam alguns pontos dentre os quais se pode citar: a possibilidade de aprofundar o conteúdo da conversa e de ter uma amostragem significativa em termos de material para trabalho; como a entrevista consiste em um momento de diálogo, pessoas com graus de instrução diferentes podem participar, sejam analfabetos ou pessoas alfabetizadas, o que pode trazer uma melhor amostragem da população geral; quando o entrevistador e o entrevistado estão frente a frente, é possível esclarecer as perguntas caso haja alguma dúvida na compreensão do que foi questionado; o momento de diálogo junto ao pesquisado permite a avaliação das atitudes e reações durante a entrevista, o que pode trazer mais riqueza de detalhes e precisão às respostas.

Além das vantagens, é preciso observar as ressalvas ao método. Segundo Morin (2007), a entrevista se baseia na palavra, a fonte mais rica e mais duvidosa. As

perguntas abertas trazem para o entrevistador o risco de fazer uma interpretação inadequada do que foi dito pelo entrevistado. Já as perguntas com respostas fechadas podem não contemplar o que o entrevistado realmente quer dizer. Marconi e Lakatos (1996) apresentam alguns pontos de atenção, como: a possível dificuldade de expressão dos entrevistados e a dificuldade de compreensão do significado das perguntas. Existe, segundo as autoras, a chance de o entrevistado ser influenciado pelo entrevistador. É preciso contar com a disposição dos entrevistados para fornecer as informações desejadas, podendo ocorrer a retenção dessas informações e o receio de que a sua identidade possa ser descoberta dependendo das suas falas. Além de o método levar tempo e exigir mais dedicação para a sua realização.

A aplicação da entrevista no escopo deste projeto visa determinar os sentimentos para entender o comportamento e a conduta dos entrevistados pelos seus anseios e emoções relacionadas à participação no evento *Campus Party Brasil*. Além de procurar descobrir quais fatores podem influenciar as opiniões, sentimentos do público sobre a sua participação em um evento. Para a realização do protocolo de pesquisa escolhido, foram seguidos os seguintes passos:

- Na preparação foi realizado o planejamento da entrevista, com o levantamento dos tipos de perfis de pessoas que serão entrevistadas e dos nomes dos possíveis participantes e a elaboração das perguntas que serão realizadas.

- Após a elaboração do questionário, o mesmo foi enviado para validação, juntamente com o escopo de realização do projeto para o Comitê de Ética da Universidade, sendo submetido na Plataforma Brasil.

- Com os nomes definidos, houve o contato com cada pessoa e para verificar a sua disponibilidade e interesse na participação da entrevista. Com o interesse confirmado, foram agendados dias e horários para a realização do diálogo com a utilização da plataforma de reuniões on-line *Microsoft Teams*, no caso de recusa de participação, outros nomes foram procurados para participação.

- Antes da realização de cada entrevista, foi enviado para o participante um Termo de Consentimento de Livre Participação que precisou ser assinado e anexado ao trabalho final. O termo possui o objetivo de apresentar o tema da pesquisa realizada, o que está se buscando descobrir, a relevância de tal pesquisa e como ela será desenvolvida. É explicado como devem ser realizadas as entrevistas e a sua importância para a dissertação. Além de ser informado para os participantes da

liberdade que possuem em responder ou não as perguntas e que a sua participação é voluntária, não gerando nenhum custo para entrevistadores ou entrevistados. É informado do caráter de anonimato das respostas e que os respondentes não terão suas identidades reveladas no trabalho. As entrevistas realizadas foram gravadas em formato de vídeo e em áudio para garantir a qualidade do material.

Foram selecionadas para participar das entrevistas pessoas que já participaram da *Campus Party* Brasil em alguma das categorias definidas e que serão apresentadas no decorrer do trabalho. Os participantes foram escolhidos dentre indicações dos próprios campuseiros, membros da organização e entre as pessoas de destaque dentro da comunidade. Para a escolha das categorias de entrevistados foram elencados pela pesquisadora, a partir da observação e conhecimento sobre o evento, as pessoas que fazem parte da sua realização em suas diferentes dimensões, da organização ao público. O principal critério de inclusão é a representatividade e relevância perante o grupo.

De acordo com a disponibilidade e o interesse dos entrevistados selecionados para participar das entrevistas, é possível que sejam procurados outros representantes das categorias de campuseiros identificados para compor as entrevistas da pesquisa. Ao longo da realização do trabalho, também poderão ser localizados novos perfis disponíveis para a participação das entrevistas.

Após a realização das conversas, estas foram transcritas para que a análise de cada diálogo pudesse ser feita, juntamente com o levantamento dos pontos comuns e das divergências de cada fala para o desenvolvimento e a continuidade da dissertação sobre o sentimento e percepção dos entrevistados em relação a formação da tribo de campuseiros da *Campus Party* Brasil. A análise das conversas seguiu o olhar já citado da sociologia compreensiva, não julgando pensamentos e escolhas dos entrevistados, mas com foco em entender o contexto em que cada pessoa está inserida e a sua vivência e relação com o objeto estudado.

Sobre a transcrição das entrevistas, Duarte (2004) recomenda que alguns procedimentos sejam realizados. Em primeiro lugar, a transcrição deve ser feita logo depois de finalizada a entrevista e, preferencialmente, pelo próprio entrevistador. Assim que encerrado esse procedimento, deve ser feita uma conferência de fidedignidade, que é o ato de ouvir ou assistir a gravação enquanto se acompanha o

texto fruto da transcrição para que seja revisado e verificado se as ênfases ou mudanças de entonação foram devidamente passadas para o papel.

É possível fazer a edição das entrevistas, principalmente em relação a frases muito distantes da língua culta, quando se observam cacoetes, falas incompletas e vícios de linguagem. Uma maneira de fazer a análise, sugerida pela autora (2004) é fragmentar o todo do texto em partes menores desde que tenham um significado e passar a interpretação por cada um desses fragmentos. É possível dividir essas unidades de fragmentação em temas específicos dentro da entrevista para que se possa categorizar a análise. Dessa forma, a análise final precisa alinhar e unir todos os pontos passados de forma a agrupar todos os temas da entrevista em uma unidade de sentido.

A análise das repostas deve passar por um filtro do pesquisador para perceber o caso de uma fala ou comentário ter sido feito pelo entrevistado apenas com o objetivo de agradá-lo ou ser bem-visto por ele. A consistência das repostas deve ser avaliada como um todo “para verificar se a leitura feita e se as hipóteses formuladas a partir dela têm fundamento para aqueles que vivenciam mais diretamente as circunstâncias investigadas” (DUARTE, 2004, p. 223).

Os resultados obtidos também poderão ser cruzados com outros dados coletados pelo pesquisador, caso existam, para que se obtenha uma visão mais ampla sobre o tema estudado. “Ao longo de todo o processo de análise, o material empírico estará sendo lido/visto/interpretado à luz da literatura científica de referência para o pesquisador, que produz teoria articulada ao conjunto de produções científicas com o qual se identifica.” (DUARTE, 2004, p. 223).

É preciso também, segundo a autora (2004), que o pesquisador esteja preparado para eventuais divergências das ideias prévias que ele possa ter sobre o tema pesquisa e das respostas dadas pelos entrevistados, refutando as hipóteses levantadas. Por isso é importante ter uma abertura para o imprevisível e o inesperado, com a possibilidade de precisar rever conceitos e alinhar a necessidade de possíveis ajustes no trabalho.

Com base nos relatos orais das entrevistas realizadas, foram recolhidas impressões sobre a relação de cada perfil de pessoa que compõe o evento para torná-lo único e marcante para os participantes. Os entrevistados não serão identificados

no trabalho e seus dados pessoais serão protegidos. Eles serão citados por pseudônimos e designados por números como, por exemplo, Participante 01.

O não estabelecimento de hipóteses no início da pesquisa vem de um ponto de análise no qual o comportamento humano e as suas subjetividades não trazem, muitas vezes, um ponto final na busca por respostas e é preciso compreender se o imaginário do evento é construído pelo grupo ou possui uma formação independente no interior de cada participante.

Sobre o método de análise, baseado na sociologia compreensiva é que trata o subtítulo a seguir, como uma maneira de entender o comportamento dos indivíduos, levando em consideração o contexto social, o próprio pesquisador como parte do ambiente, equilibrando o saber erudito com o saber social, baseado no vivido pelo grupo. Tema que será mais explorado no próximo tópico da pesquisa.

2.1 SOBRE A ANÁLISE

Como metodologia de análise do trabalho, pretende-se utilizar a sociologia compreensiva, que, segundo Maffesoli (2010), tem como princípio levar em consideração a motivação dos indivíduos na prática das ações sociais, na qual a criação da realidade social é resultado do conjunto dos atos das pessoas. No método apresentado, os valores culturais dos pesquisadores são parte dos critérios para a seleção do objeto de investigação e para a construção dos quadros interpretativos. Aqui o pesquisador deve ter empatia e trabalhar a subjetividade. Além de ser necessário dosar a erudição e a paixão

o método compreensivo permite uma abordagem indutiva, toda ela feita de discernimento e rica em matizes. O “conhecimento ordinário” chama à baila a surpresa e o abalo que, há muito, instituem e constituem os fundamentos de toda obra de pensamento. (MAFFESOLI, 2010, p. 19)

Para chegar na conclusão e elaborar esse conceito, Maffesoli passou pela análise de vários outros conceitos já existentes na academia. Com isso, no livro *O Conhecimento Comum* (1988), o autor apresenta na introdução da obra cinco pressupostos para compor a ideia da metodologia da sociologia compreensiva.

E a análise das entrevistas desta pesquisa passa por esses cinco pressupostos, sendo eles: a crítica ao dualismo, é preciso dosar a erudição e a paixão ao refletir sobre os temas; a crítica à forma, que traz luz para a limitação que os significados

fechados trazem para os conceitos e que estes devem ser constantemente revisitados; a sensibilidade relativista, que compreende que a realidade é diversa e possui muitas faces em seus diferentes contextos; a pesquisa estilística, que traz o foco no 'como se' e não no 'porquê', em uma escrita mais aberta; e o pensamento libertário, com a compreensão de que o pesquisador também faz parte da sociedade estudada e precisa levar isso em consideração no momento dos seus estudos com empatia e utilizando também a subjetividade.

Seguindo a linha da metodologia compreensiva, foi levado em conta o conceito de conhecimento comum, apresentado por Maffesoli (1988) no qual se procura permanecer o mais próximo possível das ideias sociológicas de base sem perder as preocupações reflexivas que essa perspectiva de pensamento necessita. Para Maffesoli (1988), não é possível separar a natureza da cultura, deixando-as em lados opostos, ambas fazem parte do cotidiano das pessoas e o pensar do povo que provém do cotidiano não deve ser desprezado quando se fala de valores de conhecimento.

Maffesoli (1988) defende que a erudição não deve ser a única lente utilizada para se analisar as questões sociológicas e que a realidade social e o lado comum da vida também dizem muito sobre o contexto contemporâneo de uma sociedade. Essas duas culturas, a erudita e a vinda dos sentimentos das pessoas comuns, podem ser válidas e trabalhadas de maneira conjunta, principalmente em um caso de análise do comportamento humano.

Para Maffesoli (1988), o conhecimento das pessoas comuns sempre gerou nos intelectuais descontentamento. O que realmente pode ser considerado um paradoxo, se for observado que o objeto dos estudos sociológicos não é levado em consideração no momento de chegar às conclusões. Uma sociedade pode estudar a si mesma e possui repertório para tal, por suas vivências, experiências e conhecimentos adquiridos com o passar dos anos e das heranças geracionais.

Ao propor uma nova forma de pensar sobre a construção do conhecimento vindo do vivido, Maffesoli (1988) apresenta os pressupostos para introduzir o tema, iniciando pela "crítica do dualismo esquemático", falando sobre as atitudes complementares de razão e imaginação que perpassam as formas de pensar e que fazem parte também do ato de pensar a disciplina e as questões sociológicas. É preciso dosar as dualidades existentes para que se possa ter uma visão mais bem

construída do objeto estudado, seja um período específico da história ou um fenômeno, por exemplo.

Unindo essas diferentes formas de se gerar conhecimento, pode-se aliar a intuição de aprofundar-se em um determinado ponto de pesquisa em certos conceitos eruditos necessários. A sociologia compreensiva faz a diferenciação do que é vivido pelos diferentes pesquisadores envolvidos. Essa atitude pensa em termos globais e recusa a discriminação, a separação do que é considerado importante e do que não é e ressalta que o pesquisador não deve abstrair-se desse mundo que ele está analisando, ele faz parte desse contexto e deve levar isso em consideração durante a sua busca. O pesquisador pode manifestar a sua visão de dentro desse contexto vivido, pois é isso que torna a experiência enriquecedora.

Para Maffesoli (1988), o viés considerado romântico da sociologia deve se integrar às análises racionalizadas para que se chegue a um equilíbrio onde as ideias de lógica e não lógica da sociedade sejam um meio de entender o contexto estudado, a relação é orgânica.

Passando por uma reflexão sobre “a forma”, o autor (1988) propõe a noção de formismo, que vem da designação da forma de um problema, a sociologia estudando então as formas da vida em sociedade. Onde o que é analisado sobre a vida em sociedade pode ser visto da perspectiva das suas formas e das estruturas que a compõem

se pretendemos salientar a incoerência, a labilidade, a polissemia do dado social, isto não significa que não possamos vir a aí assinalar as formas estruturantes. É cada vez mais evidente que a ordem e a desordem acham-se intimamente mescladas, trata-se, portanto, de encontrar os meios de, epistemologicamente, dar conta desta relação orgânica. (MAFFESOLI, 1988, p; 27)

O autor (1988) observa que utilizar esse recurso metodológico é pertinente se o objetivo é compreender uma socialidade que possui suas bases estruturais cada vez mais ligadas pela imagem.

Analisando as questões sobre “uma sensibilidade relativista”, Maffesoli (1988) diz que não existe uma realidade única, existem diferentes maneiras de conceber a realidade e algumas das formas de visão de mundo estabelecidas para explicar o momento vivido pelas pessoas já não se aplicam no período contemporâneo como forma de homogeneizar a sociedade.

A compreensão da vida social pode vir de uma forma mais ampla do que às leis econômicas, mas com a comunicação, a socialidade e a tecnologia, por exemplo. Contudo, a categorização que se refere à heterogeneização do mundo e leva em conta a necessidade de uma compreensão levando em conta o pluralismo e o relativismo não possuem ainda uma plena aceitação, sendo preterida por “certeza consolidadas ou quantificações tranquilizadoras.” (MAFFESOLI, 1988, p. 32).

Essa sensibilidade relativista, para o autor (1988), prefere uma atenção prudente ao contrário de uma exigência de total coerência

trata-se de proceder por via de aproximações concêntricas, por sedimentações sucessivas – maneiras estas que se mostram respeitadas das imperfeições e das lacunas que, por um lado, são empiricamente observáveis e, por outro, são estruturalmente necessárias à existência enquanto tal, pois, como se sabe, a perfeição é a morte. (MAFFESOLI, 1988, p. 34)

Para o autor (1988), seria equivocado buscar estabelecer uma separação muito rígida entre descrição e teoria, já que o conhecimento possui graus diversos, é preciso estar atento às coisas simples da vida e saber conciliar os saberes já conhecidos e o que está surgindo, pois estes são “os dois polos da tensão que constituem a harmonia conflitual de todo conhecimento!” (MAFFESOLI, 1988, p. 35).

Em seguida, falando sobre “uma pesquisa estilística”, Maffesoli (1988) defende que existe um estilo no cotidiano “feito de gestos, de palavras, de teatralidade, de obras em caracteres maiúsculos e minúsculos, do qual é preciso que se dê conta” (MAFFESOLI, 1988, p. 36), onde a sociologia deve se estabelecer em uma base de alternância constante entre forma e empatia e é preciso encontrar uma maneira de se expressar que consiga transmitir a diversidade de sons, gestos e estilos que faz parte do viver social.

Assim como a vida é diversa e possui diversas facetas, o pensar também deve ser dinâmico e precisa questionar as certezas dos dogmas antigos, defende Maffesoli (1988). E, nesse pensar e transmitir o conhecimento adquirido, é preciso ter o cuidado de saber fazê-lo de forma clara e objetiva, não se afastando da “banalidade social”, mantendo esse conhecimento acessível, sem cair na monotonia ou repetição tediosa.

Mesmo assim, não existe garantia de uma aceitação unânime do que está sendo compartilhado. Essa falta de unanimidade, pode gerar também uma abertura para debate, o que não é muito satisfatório para quem está em busca de respostas

definitivas, mas muito vantajoso para quem busca chegar a uma reflexão mais profunda.

Fechando a linha introdutória do pensamento sobre o conhecimento comum com o quinto pressuposto chamado de “um pensamento libertário”, Maffesoli (1988) fala sobre a civilização dos costumes que dificulta o espaço para a proposição de novas ideias, entretanto defende a necessidade de se pôr em xeque os conformismos intelectuais e científicos e a importância de os pesquisadores saibam ver todos os dias o mundo com um novo olhar. Como uma das justificativas de a metodologia de análise escolhida ser a sociologia compreensiva, apresenta-se o trecho onde o autor que cita que

há uma certa interação, que se estabelece entre o observador e seu objeto de estudo. Há convivência; às vezes, cumplicidade; diríamos mesmo que de trata de empatia. [...] A compreensão envolve a generosidade de espírito, a proximidade, a “correspondência”. É justamente porque, de certo modo, “somos parte disso” que podemos apreender, ou pressentir, as sutilezas, os matizes, as discontinuidades de tal ou qual situação social. (MAFFESOLI, 1988, p. 44)

De acordo com Maffesoli (1988), todos fazem parte do todo da sociedade que está sendo estudada, não cabendo determinar o certo ou o errado, mas relatando o que se é, com a consciência de que de diversas formas, todos estão inseridos nesta realidade, diferentemente da visão de pesquisa onde o estudioso se coloca de forma externa ao contexto do objeto com poder de ter uma voz crítica e buscando sentido no que será relatado.

Para o autor (1988), cada época possui suas formas de estudar e interpretar a sociedade e se observa a dificuldade de se trazer à tona visões diferentes da tendência dominante. Porém, é importante observar e reconhecer que as visões de mundo podem coexistir e são partes diferentes que compõem uma montagem maior do todo. Tendo a sociologia a ver também com paixão e imaginário, já que ambos fazem parte das atividades que compõem o ser humano. Com isso, percebe-se que não existe um saber absoluto e existem muitas contradições na dinâmica da sociedade, fazendo sentido que o estudo desses ambientes também não seja estático.

Estudar esse corpo coletivo com o seu ser e estar junto faz parte do objeto da sociologia e, de alguma forma, o conhecimento também se origina do próprio povo, que, muitas vezes, é tratado de forma pejorativa por ser senso comum, trazendo ceticismo a essa forma de conhecimento, mas que merece ter o seu olhar trazido para

as discussões já que faz parte do que está sendo estudado, pois para um mesmo fato social podem existir diferentes causas e todas as vertentes de informação merecem ser levadas em consideração quando se faz o estudo e se busca elaborar conceitos.

O autor (1988) ressalta a importância de se perceber que a razão também é um fator que pode se modificar com o passar do tempo e a mudança das circunstâncias e esta também é afetada pelas paixões,

a vida cotidiana apresenta sempre várias possibilidades, pois não é unívoca. Isto constitui uma dificuldade suplementar para a sociologia compreensiva: a de lograr exprimir o fluxo incandescente da existência com termos que, não obstante uma eventual preocupação com matizes, permanecem frios. (MAFFESOLI, 1988, p. 68)

Os acontecimentos da vida cotidiana podem não ser vistos como merecedores de atenção em muitos momentos, principalmente quando se está frente a acontecimentos grandiosos que marcam épocas, como revoluções, acidentes ou tragédias, porém mesmo esses momentos desencadeiam manifestações na socialidade dos indivíduos que transforma a realidade como a solidariedade, o envolvimento das paixões, os gestos e os discursos.

E, de acordo com Maffesoli (1988), estas manifestações atuais precisam ser tratadas pela sociologia de forma diferente da literatura ou da poesia, por exemplo, mostrando os acontecimentos e sua análise, incluindo saber como mostrar que “os gestos, a deambulação, o fato culinário, a errância sexual e a paixão amorosa, a indumentária, a cosmética, etc, constituem seu campo específico.” (MAFFESOLI, 1988, p. 69).

Para seguir no estudo da visão da sociologia compreensiva de Maffesoli (1988), é preciso entender os conceitos sobre os diferentes tipos de saberes, o social, chamado de conhecimento comum, vindo do povo e de suas manifestações sobre a realidade em que vive, já o saber sociológico apresenta as ideias eruditas dos teóricos sobre o vivido pela sociedade.

2.2 SABER SOCIAL E SABER SOCIOLÓGICO

Segundo Maffesoli (1988), a cultura erudita começa a admitir a existência de um outro tipo de cultura, a cultura formada pelos sentimentos comuns. Pode-se observar, com o passar do tempo, a distância existente entre esses dois tipos de ciência e construção do conhecimento. A ideia desse chamado conhecimento comum

é ficar o mais próximo possível da sua origem, no caso, a sociedade comum, as pessoas que compõem a estrutura da base dessa sociedade. O autor (1988) observa até uma certa negligência por parte da ciência tradicional para o pensar do povo e as suas mitologias. Deseja pôr em destaque que os diferentes interesses envolvidos nos campos de conhecimento podem acabar por entrar em conflito e que os saberes populares causam descontentamento entre a elite do saber.

Isso tudo faz parte de um paradoxo no qual se quer explicar e dirigir a vida e a própria vida que foge de servir qualquer tipo de explicação. Dominar explicações sobre a natureza e a vida ao mesmo tempo em que se faz parte desse contexto, mas se tenta estar fora dele para estudá-lo, parece não apresentar uma saída simples e com fácil possibilidade de isenção. O autor ainda explica que o caminho para passar de uma forma de visão para outra não é um simples virar de chave,

a passagem de uma lógica do dever-ser a uma lógica encarnada não é assim tão fácil, quando se conhece o desprezo pelo banal, pelo comum da vida cotidiana, que constitui a própria base sobre a qual se assenta a cultura erudita e, confundidas todas as tendências políticas, continua a animar, bem além das aparências superficiais, numerosas análises que dizem respeito à realidade social. (MAFFESOLI, 1988, p. 242)

Outro ponto apresentado pelo autor (1988) sobre a questão de autonomia do próprio pensar da sociedade é que sempre vêm de fora do grupo as formas de construir a sua própria independência, como se não fosse possível se construir de dentro uma inteligência capaz de refletir sobre si mesma.

Para Maffesoli (1988), ainda hoje há quem possui desprezo pelo que é vivido, intelectuais que se declaram os detentores do universal e os criadores da responsabilidade social e, ao mesmo tempo, sendo os mesmos que desprezam as massas populares. Estudar o povo como não fazendo parte dele e de um espaço visto como distante e superior e se considerando a única fonte capaz de compreender e teorizar a seu respeito são comportamentos observados ao longo dos anos.

Para o autor (1988), o que é do povo é ter preocupação com o que está na sua vivência, com a sua realidade. Para contemplar esse estudo, Maffesoli (1988) apresenta o conceito de “centralidade subterrânea” que destaca os fenômenos sociais que possuem suas próprias especificidades. Um exemplo citado é o neotribalismo, onde

no cerne de uma massa multiforme, há uma multiplicidade de microgrupos que escapam às diversas predições ou injunções de identidade habitualmente formuladas pelos analistas sociais. Nem por isso a existência

destas tribos é menos flagrante. E a existência de suas culturas não é menos real. Todavia, nem estas nem aquelas, naturalmente, inscrevem-se de algum modo numa ordem político-moral; logo, uma análise essencialmente elaborada com base em tais categorias estaria condenada ao silêncio ou, como ocorre na maioria dos casos, à pura tagarelice. (MAFESSOLI, 1988, p. 244)

Para o autor (1988), não é possível reduzir a socialidade a apenas uma determinação específica. Estamos em um momento em que existe o convite à exploração de um conhecimento plural e diverso que seja capaz de integrar “a participação, a descrição, as histórias de vida e as diversas manifestações dos imaginários coletivos.” (MAFESSOLI, 1988, p. 244).

De acordo com essa visão, é possível que as citadas tribos estejam mais atentas ao seu tempo e aos seus próprios valores, além das oportunidades disponíveis que podem definir uma nova ordem não menos real do que a comumente apresentada. Aí está a centralidade subterrânea de saber compreender o formato de uma nova ordem e sua força própria que devem ser levadas em conta.

É preciso se observar que, em um mundo onde o tudo e o nada têm importância,

a vida social repousa num deslizamento insensível, uns sobre os outros, de experiências, situações e fenômenos – fenômenos, situações e experiências que, analogicamente, remetem uns aos outros. Na impossibilidade de explicá-la, de buscar o seu porquê, é possível, porém descrever-se tal indefinição. (MAFFESOLI, 1988, p. 247)

Maffesoli (1988) destaca que a pluralização obriga o pensamento social a sair da ciência unidimensional e obter uma nova perspectiva, observando a relatividade dos conceitos analisados, é preciso notar que as histórias humanas apresentam diversos exemplos de expressão social entre o que é mono e o que é plural. Maffesoli (1988) evidencia que é preciso estar atento a essas expressões que, muitas vezes, ocorrem a partir de movimentos silenciosos, simples e pequenos e que acontecem no subterrâneo da sociedade, já que a ordem de uma sociedade pode ser alterada pelo movimento de poucos indivíduos que a compõe

é o que costuma ocorrer com momentos em que o que parece revestir-se de pouca importância, o que passa despercebido, o que se vai considerar como marginal, traduz, por um lado, o vínculo de um real investimento para seus protagonistas e, por outro, tem graves consequências para o devir social. (MAFFESOLI, 1988, p. 252)

Para o autor, “toda socialidade se baseia na comunhão e na reserva, na atração e na repulsa, assim como ao darmos maior ênfase ao primeiro destes termos, esquecemos a enorme riqueza dos demais.” (MAFFESOLI, 1988, p. 253). Dessa

forma a interação entre as pessoas possui múltiplos pontos de vista que podem ser analisados e têm a sua devida importância a partir do recorte do qual fazem parte.

O fato de existirem essas novas formas de se analisar a sociedade, não significa que não existam mais mestres em pensamentos e que a qualidade das pesquisas realizadas atualmente seja inferior à qualidade das realizadas em tempos em que apenas o saber científico era levado em consideração, diz Maffesoli (1988).

Hoje existem múltiplas ideologias e isso deve ser levado em consideração, o vivido, os acontecimentos da existência, a vitalidade própria dos pensamentos apresentam algumas das qualidades dessa forma de pensar,

a saber, a insistência na penetração intuitiva (vista do/para o interior), na compreensão (apreensão global, holística, dos diversos elementos em presença) e na experiência comum, o que é sentido, juntamente com outros, como constitutivo de um saber vivido. (MAFFESOLI, 1988, p. 254)

Para o autor (1988), se a lógica de uma sociedade não obedece às regras de um determinado racionalismo, não quer dizer que ela é menos real. É preciso se considerar que nada tem apenas uma dimensão no meio da vida social. Ela é fragmentada e está presente em diversos lugares, em constante movimento. Para Maffesoli (1988), é justamente o pluralismo que faz com que ela se movimente, nada é unidimensional e existe uma lógica e uma realidade simples e não menos reais do que a racionalidade erudita.

O autor (1988) considera essa linguagem intelectual uma iniciativa mais complexa do que aparenta, já que a vida cotidiana vai além das diversas racionalidades conhecidas e “é moldada por afetos, sentimentos mal definidos ou [...] por todos estes instantes obscuros, que não é possível dispensar, e cujo impacto na vida social avaliamos com acuidade cada vez maior.” (MAFFESOLI, 1988, p. 256).

Para ele, o que forma a cultura é a opinião das pessoas presentes no dia a dia da vida em sociedade, sendo essa opinião um ingrediente de extrema importância como cimento emocional da sociedade. E, sobre as tradições criadas pela sociedade, podem existir inúmeras quantidades e cada uma com a sua especificidade de acordo com cada grupo diverso inserido na sociedade.

Pode-se observar pelo pensamento de Michel Maffesoli (1988) que os conceitos de tribos e do conhecimento comum podem se atravessar em alguns momentos, principalmente pelo fato de que cada tribo possui a sua visão particular sobre o todo de uma sociedade e isso pode interferir na forma de aquisição de

conhecimento, de avaliação do certo e do errado e da construção da sua própria verdade. Considerar que apenas o saber do grupo formado pelos intelectuais pode ser considerado legítimo seria abusivo. Maffesoli (1988) destaca que seria “uma prova de maior inspiração por termos em destaque a correspondência, a *sinergia* e a complementaridade que unem estes diversos saberes, sem considerar que devam ser estabelecidas prevalências ou hierarquias” (MAFFESOLI, 1988, p.258).

Esse olhar para a vida rotineira, para a complexidade do cotidiano, essa primeira forma de cultura merece ser estudada e é o que Maffesoli chama de “conhecimento comum”. Estudo que determina os nossos relacionamentos interpessoais, as experiências vividas, a reciprocidade, que serve de matriz para a sociabilidade e que apresenta um novo desafio aos pensadores para compreender as estruturas desse novo formato de ordem social com diferentes vieses de conhecimento que possuem sua validade e podem ser ponto de partida para diferentes análises. A participação do público e a sua validação perante os acontecimentos também têm valor real.

Para compreender de forma mais abrangente o objeto estudado, será feita a revisão bibliográfica sobre os conceitos relacionados à pesquisa, como eventos, sua origem e sua realização, o significado e a criação de imaginários, a formação das tribos, além de informações sobre o evento específico trabalhado, a *Campus Party* Brasil, para que o leitor possa entender o contexto e os comentários e citações tratados nas entrevistas realizadas.

3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

3.1 EVENTOS

Quando se fala sobre a realização de eventos, muito se fala e escreve sobre as formas de realização, com listas e protocolos que devem ser seguidos para a realização de um encontro de sucesso, mas pouco se discute sobre as suas definições teóricas do ponto de vista sociológico, os porquês dessas reuniões e outros fatores que incluem a formação da vida do homem em sociedade e como esses eventos podem interferir nas dinâmicas dos grupos que os realizam.

Para iniciar a contextualização presente no referencial teórico, será abordado o tema eventos, desde o seu conceito, passando brevemente por alguns pontos relevantes de sua realização ao longo dos anos, influência da internet e das novas formas de comunicação na realização dos eventos, para então apresentar o evento *Campus Party* Brasil, sua história, linha do tempo, imagens e sua realização no formato digital durante o período da pandemia de Covid-19 no mundo.

De acordo com Cesca (2008), o evento é definido por um acontecimento, onde é possível atrair a atenção das pessoas que são consideradas o público de interesse para os organizadores. “A atração exercida por esse tipo de atividade, quando bem organizada, torna-se eficiente forma de elevar, manter ou recuperar conceito.” (CESCA, 2008, p. 13).

Mesmo que, segundo a autora (2008), a formação de profissionais para trabalhar com eventos esteja mais consistente, a bibliografia existente ainda é reduzida e não existe uma preocupação de se disponibilizar conteúdos para a área dos eventos voltados para as organizações, mas empresas e instituições em geral cada vez mais veem os eventos como uma maneira de divulgar marcas e conceitos da sua imagem para o seu público.

Para a comunicação, mais especificamente, para a área das relações públicas, o “evento é a execução do projeto devidamente planejado de um acontecimento, com o objetivo de manter, elevar ou recuperar o conceito de uma organização em seu público de interesse.” (CESCA, 2008, p. 20).

Para Matias (2013), os eventos também são retratados como acontecimentos e, desde os seus primeiros registros, são caracterizados por envolver a participação de diversas pessoas, desde o seu planejamento, passando pela organização até a sua realização onde ainda conta com os convidados ou participantes.

Para Zanella (2004) a definição de eventos consiste em

uma concentração ou reunião formal e solene de pessoas e/ou entidades realizada em uma data e local especial, com objetivo de celebrar acontecimentos importantes e significativos e estabelecer contatos de natureza comercial, cultural, esportiva, social, familiar, religiosa, científica etc. (ZANELLA, 2004, p. 16)

Segundo o autor (2004), os eventos podem despertar grandes emoções tanto nos participantes, quanto para quem promove e organiza o evento, graças as inúmeras atividades que fazem parte do seu planejamento e execução.

Os eventos possuem importância para muitos pontos da economia, como o turismo, por fazer com que muitas pessoas se desloquem das suas localidades para estarem presentes nas ocasiões e, ainda, destacam-se outros para a melhora do ambiente socioeconômico no qual são realizados como: alguns encontros fazem parte de uma programação fixa e tradicional de uma localidade, o que acarreta na vinda do público mesmo em um período de baixa temporada.

Isso implica também na baixa interferência de eventos externos como mudanças políticas em sua realização, salvo em casos extremos, são responsáveis também pela contratação de mão-de-obra que muitas vezes é local e se mantém em torno da realização de certos eventos, estimulam a criação de novos produtos e serviços ou a evolução dos mesmos, possibilitam a ampliação de contatos comerciais e o lançamento de novidades no mercado para públicos específicos.

De acordo com Zanella (2004), os eventos ainda são responsáveis pelo aumento da taxa de ocupação de hotéis e do comércio local durante a sua realização, aumentando a arrecadação de forma geral em toda a economia que gira em torno do encontro. Os eventos também são responsáveis por divulgar a localidade na qual são realizados, o que pode trazer melhorias de forma geral para a região e para a comunidade.

Fortes e Silva (2011) reiteram que as modalidades de eventos aumentam e se diversificam nas diferentes áreas em que são realizados. Isso ainda contrariando a expectativa de que com a chegada das facilidades da internet e das plataformas de comunicação online que são utilizadas para estreitar distâncias diminuiria o interesse do público por estar presente nas atividades sociais, mesmo com os gastos e as dificuldades de se chegar até determinados lugares

o encontro de pessoas tem-se revestido de um significado ainda maior. Seja no âmbito das entidades, no mundo das ciências ou dos esportes, seja na comercialização de produtos e serviços, no relacionamento entre as pessoas, a realização de eventos se impõe. O que distingue cada evento é a sua organização e a criação de oportunidades para que as pessoas mantenham um contato efetivo – de modo que se transportem em um público, tenham a oportunidade de mostrar diferentes pontos de vista a outras pessoas e sintam, simultaneamente, a reação de todos. (FORTES E SILVA, 2011, p.17)

Atualmente as autoras (2011) concordam com Cesca (2008) no que diz respeito ao caráter de atividade econômica e social e que cada vez mais deve ser vista e trabalhada de maneira profissional, com pessoas qualificadas e especializadas nas técnicas e práticas para planejar e realizar diversos tipos de eventos.

Os eventos podem ser classificados em diferentes categorias de acordo com os seus objetivos: institucionais, cívicos, folclóricos, religiosos, promocionais, sociais, científicos, culturais, desportivos, técnicos, entre outros citados pela autora (2008).

Ainda dentro da classificação dos eventos, existem diferentes tipos que podem ser elencados, serão citados a seguir alguns tipos aos quais a *Campus Party*, evento estudado nessa pesquisa, pode se encaixar ou apresenta elementos que fazem parte das suas características próprias. Dentro de um subgrupo nomeado por Cesca (2008) como “Encontros” definidos como “eventos com porte e duração variáveis, nos quais as pessoas se reúnem com a finalidade de discutir temas de interesse comum.” (CESCA, 2008, p. 25), se destacam os seguintes tipos:

- A conferência pode ser definida como um momento em que um conferencista fala sobre um assunto da sua área de conhecimento, onde é reconhecido pelos seus pares como uma referência no assunto. Após a fala, é possível abrir um espaço para as perguntas da plateia.
- O congresso é um evento geralmente de grande porte, que acontece durante vários dias e contém na sua programação outros encontros dentro de si, até com atividades sociais para os participantes.

A *Campus Party* Brasil é um evento que também oferece workshops e oficinas para os seus participantes. Os workshops podem ser definidos como “Encontro em que há uma parte expositiva seguida de demonstrações do objeto (produto) que gerou o evento. O workshop pode fazer parte de um evento de maior amplitude.” (CESCA, 2008, p.29). Já as oficinas, segundo a autora, são mais utilizadas em temas da área educacional que, no caso da *Campus Party*, também existem na programação.

Esses encontros que possuem vários dias de duração, de acordo com Cesca (2008), possuem um planejamento próprio para a sua organização e que apresenta elementos que podem ser identificados na realização do evento analisado na presente pesquisa

têm o primeiro dia reservado somente para a abertura, que se realiza à noite, ficando o período do dia para recepção dos participantes, entrega de material e informações. A abertura constitui-se na apresentação de uma conferência, por pessoa de destaque, podendo, ainda, se fazer homenagens especiais. Na sequência pode haver um número artístico, seguido de coquetel. Nos demais dias a dinâmica transcorre em torno de painéis, seminários, mesas-redondas, oficinas, lançamento de livros, workshops, comunicações livres etc., que podem ser concomitantes. (CESCA, 2008, p. 30)

Ainda sobre o planejamento dos encontros, a autora destaca a importância de o evento ser planejado com antecedência para que seja feita a devida divulgação, a captação de verbas de patrocínios e a contratação dos espaços pelos expositores.

Outro ponto que se faz notar na realização da *Campus Party* Brasil e que Cesca (2008) também cita como fundamental é a presença de um mestre de cerimônia para tornar as dinâmicas claras para todos. A autora destaca ainda, a necessidade de se reservar uma sala devidamente equipada para a imprensa. Local também identificado nas edições da *Campus Party* Brasil, onde ainda durante a divulgação do evento, é possível realizar o cadastro para comparecer ao evento como integrante da imprensa.

Assim como outros autores apresentados na pesquisa, Zanella (2004) também classifica os eventos com diferentes naturezas de acordo com os seus objetivos. Destaca-se dois formatos descritos nos quais a *Campus Party* Brasil possui elementos em comum: o congresso é um encontro de grande porte com muitos participantes, com o objetivo de apresentar e debater assuntos atuais e que fazem parte de interesses específicos de uma determinada categoria de público, para que sejam difundidas novas ideias em torno dos assuntos abordados. “A programação de um congresso poderá distribuir as atividades do evento em mesas-redondas, sessões plenárias, reuniões etc.” (ZANELLA, 2004, p. 21).

As conversas dos congressos costumam ser conduzidas por pessoas com um alto grau técnico e profissional. O evento costuma ser realizado com uma periodicidade regular, algumas vezes alternando o local sede e com duração de três a cinco dias e, devido ao seu porte, costuma contar com o apoio de patrocinadores. Para o bom funcionamento de um evento desse porte, ainda há a presença das

funções de mestres de cerimônias, painelistas e moderadores. Ainda é possível contar com a programações complementares como atividades sociais, gastronômicas e outras comemorações. A *Campus Party*, por exemplo, conta com diversas atividades paralelas às palestras, como jogos e atividades de lazer para diferentes idades, competições de *drones* e robôs e oficinas diversas, além de atividades promovidas pelos próprios campuseiros, como campeonatos de jogos *on-line*, karaokê e jogos de dança.

Já as convenções são citadas por Zanella (2004) como reuniões que ocorrem de forma não tão recorrente ou frequente e com o objetivo de integrar pessoas e as instituições responsáveis pela organização promotora do evento, mas reunindo da mesma forma que um congresso, participantes da mesma área de interesse, porém em um âmbito mais restrito.

Para dar continuidade à exploração do tema eventos, além dos seus conceitos, será abordada a realização de alguns eventos marcantes ao longo dos tempos.

3.2 A REALIZAÇÃO DE EVENTOS AO LONGO DOS ANOS

De acordo com Fortes e Silva (2011), os eventos podem ser considerados uma atividade econômica e social que nasceu junto com a civilização e acompanha a evolução da sociedade, avançando e tendo suas características adaptadas de acordo com a situação de cada período vivido pelo homem.

Mesmo no período contemporâneo com a existência e a disponibilidade da internet como uma outra forma de realizar determinados níveis de encontros, poderia se esperar que os eventos presenciais tivessem menos prestígio e participação, mas diferentes tipos de eventos continuam existindo e se multiplicando,

o encontro de pessoas tem-se revestido de um significado ainda maior. Seja no âmbito das entidades, no mundo das ciências ou dos esportes, seja na comercialização de produtos e serviços, no relacionamento entre as pessoas, a realização de eventos se impõe. O que distingue cada evento é a sua organização e a criação de oportunidades para que as pessoas mantenham um contato efetivo – de modo que se transformem em um público, tenham a oportunidade de mostrar diferentes pontos de vista a outras pessoas e sintam, simultaneamente, a reação de todos. (FORTES E SILVA, 2011, p. 12)

As praças públicas onde os comunicados gerais eram lidos e a comunidade se reunia podem ter mudado muito desde a época medieval, mas o conceito da realização de encontros entre os pares, continua existindo. A construção dos eventos

como forma de relacionamento interpessoal vem desde o tempo da Grécia antiga com as Olimpíadas e, em Roma, com as festas saturnais para celebrar o fim das colheitas. Observa-se que as pessoas têm o interesse em se reunir presencialmente com os seus pares em momentos marcantes da vida. Seja para celebrar um nascimento, uma união, vitórias, lutos ou compartilhar conhecimentos, os seres humanos buscam estar em comunidade para viver os momentos importantes da sua existência.

Como busca-se compreender a realização do evento *Campus Party Brasil*, estabelecendo uma linha do tempo desde a sua concepção passando pela sua realização durante a pandemia de Covid19 e analisando as perspectivas para os próximos anos, pós-pandemia, será necessário contextualizar a realização de eventos em tempos antigos, sua evolução e desenvolvimento nos séculos XX e XXI. A metodologia seguida para esse procedimento será através de pesquisa bibliográfica, em livros sobre o tema eventos e pesquisa documental, com foco em notícias e reportagens sobre a realização do evento durante e após a pandemia.

Os formatos de eventos e a relação das pessoas com a tecnologia que permeia as mudanças ao longo do passar do tempo serão analisados pela perspectiva de autores relacionados a estudos de ecologia das mídias, como Mark Deuze, com sua perspectiva de que as pessoas vivem como zumbis na mídia; Eugenia Maria Mariano da Rocha Barichello, com a visibilidade e a legitimidade nas relações com os formatos de mídia atuais, e Adriana Braga, com as reflexões sobre os meios necessários para a produção dos processos comunicacionais e que define ecologia das mídias como a teoria que “estuda os meios de comunicação como ambientes da ação humana” (BRAGA, 2008, p.1), uma visão que inclui diferentes dimensões dos processos de comunicação, como materiais, históricas, econômicas e interacionais.

Para trazer pontos sobre a forma como as pessoas se relacionam a partir da disponibilidade da mídia e tecnologia que se tem à disposição, estando imersas na mídia. As relações interconectadas, as apropriações dos meios, a necessidade ou não da presença de um corpo físico para haver o processo de comunicação e para as relações acontecerem. Para encontrar a compreensão da realização do evento *Campus Party Brasil* dentro dos conceitos de ecologia das mídias, principalmente levando em consideração a realização do evento durante a necessidade de isolamento social devido à pandemia de Covid19.

3.2.1 Os primeiros eventos

Os primeiros povos de que se tem registro que realizaram eventos significativos foram os gregos e os romanos. De acordo com Mendonça e Perozin (2014), os primeiros jogos olímpicos na Grécia aconteceram em 2500 a.C. Já os romanos celebravam as festas saturnais, em honra a Saturno, para comemorar a finalização dos trabalhos do campo. Após a queda do Império Romano, as festas cristãs tomaram lugar nas celebrações da época.

Matias (2013) apresenta como o primeiro congresso um acontecimento em 377 a.C., em Corinto que envolveu todos os delegados gregos para a eleição de Felipe o generalíssimo grego na luta contra a Pérsia. Já o último evento da Idade Antiga foi em 56 a.C. na Conferência de Luca para reconciliar dois rivais da época, Pompeu e Crasso, dessa forma César viu seu poder aumentar e derrubou o Senado.

Já na época medieval, os eventos que aconteceram foram marcados pelas características do tempo da Idade Média, refletindo o poder da Igreja e das atividades comerciais desenvolvidas próximas aos castelos e mosteiros. A partir desse ponto, começaram a surgir os eventos de cunho técnico, médico e científico, buscando o desenvolvimento tanto das ciências naturais e biológicas, quanto das ciências exatas e sociais.

De acordo com Mendonça e Perozin (2014), além dos eventos religiosos, os eventos com cunho comercial faziam com que integrantes do clero e mercadores se deslocassem de suas moradias em busca de novos produtos. Quanto mais melhoravam as condições de deslocamento, mais as feiras com caráter comercial passavam a ter mais destaque.

A Revolução Industrial foi um grande marco na evolução dos eventos com a realização do Congresso de Viena em 1814. No ano de 1841, o comerciante inglês Thomas Cook organizou a ida de 570 pessoas em um evento. Isso fez com que a situação se tornasse um marco no mundo também do turismo, já que se percebe o alinhamento entre os campos de eventos, turismo e hospedagem, pois os deslocamentos mais longos exigem um preparo da cidade para receber e hospedar os visitantes. Em 1894, Pierre de Fredy realizou os primeiros jogos olímpicos da Idade Moderna, retomando a tradição que havia surgido na Grécia.

Com o passar dos anos, o mercado de eventos se expandiu por todo o mundo e com características diversas de acordo com o seu tema ou objetivo de realização.

Para a sequência da análise, será abordado o evento de tecnologia *Campus Party* Brasil já no contexto do século XXI e sua evolução.

Quando se fala sobre os eventos no Brasil, Giacaglia (2010) comenta que a história, se comparada à do setor industrial, é bem mais recente e cita a Fenit – Feira Nacional da Indústria Têxtil, realizada em 1958, como o primeiro evento oficial. Comenta ainda o grande crescimento dos números do setor nos últimos anos, além do grau de complexidade que tem aumentado e as novas modalidades de eventos que estão surgindo, principalmente graças às novas possibilidades disponíveis com a internet.

Já Mendonça (2014) cita outros eventos no Brasil como os primeiros e como destaque. Em 1908 foi realizada a Exposição Nacional no Pavilhão de Feiras da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro. A autora cita também a Exposição Internacional do Centenário, realizada no ano de 1922 que também aconteceu no Rio de Janeiro e recebeu em torno de três milhões e 600 mil pessoas durante toda a sua realização. Em 1992, o Brasil recebeu eventos importantes como a Eco 92 ou Rio 92, a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente, um evento de grande porte e visibilidade internacional, destaca a autora (2014).

3.3 OS EVENTOS E A SUA RELAÇÃO COM A MÍDIA DIGITAL

Quando se fala em estudar a relação dos eventos com a mídia percebe-se que esse estudo percorre um longo caminho na história das mídias e tecnologia. Deuze (2013) apresenta no artigo “Viver como um zumbi na mídia (é o único meio de sobreviver)” a questão que as pessoas vivem na mídia e não com a mídia. Ou seja, como se vê na ecologia da mídia, todos fazem parte dela.

As pessoas estão imersas e isso não significa uma constatação totalmente negativa, também pode ter um lado positivo, pois ele defende que para sobreviver na sociedade atual é preciso dominar as técnicas para continuar sendo parte. O autor faz ainda um paralelo com a questão de que retirar o cérebro pode ser considerada a única forma de matar um zumbi, assim como ocorre com as pessoas e a dificuldade de desligamento da tecnologia.

Outro ponto a ser destacado é que as pessoas estão imersas na mídia e não percebem. As experiências dentro de casa, no trabalho, na escola, no amor, na diversão, são todas mediadas pela mídia e isso acelera essa fusão de tudo com a

mídia. O autor (2013) traz o porquê de as pessoas serem consideradas zumbis, respondendo sem pensar ao chamado dos aparelhos, usando a mídia de forma que apaga o que diferencia cada um como indivíduo, gravando e expondo a si mesmos e os outros de forma mixada.

Ou seja, se mostram fragmentos do que se é ou de como se gostaria de ser, mas como existem padrões específicos, muitas pessoas podem acabar se tornando a representação de um mesmo indivíduo. As pessoas navegam pelas mídias apenas fazendo o que as mídias precisam, entregando o que o algoritmo pede e diz que faz mais sucesso.

A partir desse ponto, pode-se refletir que todas as formas nas quais as pessoas podem ser consideradas parte de um todo sem diferenciação, também podem ser um meio de entregar conteúdos de forma ampla para uma grande audiência, tornando o acesso mais democratizado. É necessário analisar que

a onipresença das mídias em geral e da mídia móvel, em particular, produz e reflete novas formas de sociabilidade. Por todo o campo, estudos sustentam a conclusão de que conexões mediadas imersivamente produzem diversidade cultural e singularidades tanto quanto fomentam aliança e tradicionalismo. (DEUZE, 2013, p.115)

Pode-se constatar que a imersão na mídia também permite às pessoas uma maior integração com os seus pares, mesmo que a distância, como formas de criar laços, desenvolver comunidades e promover movimentos. “Em termos gerais, parece que nossas vidas na mídia servem para minar hierarquias institucionais e introduzir mobilidade nas relações sociais.” (DEUZE, 2013, p.115-116). Isso pode ser observado na realização dos eventos *on-line*, por exemplo, com os participantes em suas casas, porém conectados pelos mesmos interesses.

Braga (2008) aponta que a comunicação entre as pessoas tem a necessidade de um suporte material tanto para formatar a mensagem quanto para a própria realização do ato comunicacional em que se destaca a natureza prática e as circunstâncias materiais para realizar a apropriação dos meios com “as possibilidades de participação promovidas pelo suporte técnico, o uso do corpo, a inserção da atividade dentro de um espaço físico” (BRAGA, 2008, p. 2). Esse suporte material pode ser encontrado tanto em eventos presenciais com o espaço para a sua realização, todo o aparato técnico para a sua execução, além do corpo físico dos participantes.

Já para a realização de eventos no ambiente virtual, existe a necessidade de dispositivos para o emissor fazer a sua transmissão e dispositivos também por parte do receptor para conseguir assistir e participar. Contudo, Braga (2008) apresenta a problemática de que o acesso à tecnologia e a competência no seu uso podem ser maiores para grupos de elite, o que colocaria os demais em um grupo de pessoas sem competência. O que pode ser um impeditivo para pessoas sem acesso à tecnologia participarem de eventos virtuais, por exemplo,

a tecnologia do computador contribui para acreditar-se que a inovação tecnológica implica em progresso humano; entretanto, ao passo que uma instituição ou evento pode parecer mais imponente, mais técnico, com a automatização de suas operações, por exemplo, continuarão impolutas as imperfeições de suas teorias, ideias e suposições. (BRAGA, 2008, p. 9-10)

O estudo da realização de eventos pode trazer uma nova forma de analisar as interações entre os indivíduos em suas tribos ou eventos, por exemplo. O fato de as mídias digitais terem ganhado força e espaço na mediação de interações e até na realização de eventos apresentam-se novas possibilidades de estudos da relação das mídias “com a constante reconstrução das culturas e dos indivíduos.” (BARICHELLO, 2017, p. 105).

Ter a visão de como o mundo digital pode interferir na realização de eventos atualmente e na relação do público com tais encontros é um ponto de reflexão que deve ser levado em consideração ao estudar o imaginário das tribos em encontros sociais. Para falar especificamente sobre o evento em que o público está sendo analisado, a seguir será apresentado um pouco sobre a história da *Campus Party* Brasil, seu contexto e a sua realização.

3.4 *CAMPUS PARTY*

O Instituto *Campus Party* é uma associação civil sem fins lucrativos com o objetivo de promover atividades em diferentes áreas como cultura, educação, inclusão digital e desenvolvimento tecnológico. Para isso, o Instituto possui duas frentes de trabalho, uma delas é a realização do evento presencial *Campus Party*, onde os participantes têm a possibilidade de vivenciar uma experiência tecnológica e cultural imersiva, acampando em um mesmo espaço, trocando conhecimentos entre comunidades, participando de *workshops*, assistindo palestras, realizando desafios e muitas atividades em grupos e para diferentes as idades.

De acordo com o site da *Campus Party* Brasil (2021), o evento já tem 22 anos desde a sua primeira realização na Espanha, 83 edições em 15 países, já recebeu mais de três milhões de participantes e conta com uma comunidade de mais de 700 mil campuseiros, forma como são chamados os participantes do evento.

Durante a sua realização, observa-se uma grande entrega dos participantes, organizadores e voluntários e a integração de grupos e pessoas desconhecidas que passam a compartilhar do mesmo espaço por uma semana. Os campuseiros dormem em um *camping* montado no mesmo pavilhão onde o encontro é realizado. A convivência intensa em um ambiente imersivo traz a sensação de estar em uma tribo e pretende-se entender a criação desse imaginário tribalista.

A *Campus Party* Brasil, em seus eventos presenciais, possui três espaços principais para a convivência dos campuseiros: arena, *camping* e *open Campus*. A arena é onde acontecem as principais ações do evento. Trata-se do local de acesso apenas para os participantes inscritos e aberto 24 horas por dia durante toda a duração da *Campus*. É onde estão os palcos das palestras, onde são realizados os *workshops*, painéis e *hackathons* e onde estão as bancadas das comunidades dos participantes com seus computadores pessoais para ter acesso à internet.

O *camping* é o espaço disponível dentro do próprio pavilhão onde o evento é realizado com barracas e espaço com chuveiros para os campuseiros que desejam permanecer imersos durante toda a realização do encontro. Já a *open Campus*, é um espaço aberto ao público geral quem tem o intuito de apresentar as vivências do universo do evento. O local traz algumas palestras, espaços interativos, simuladores e atividades dos patrocinadores e o acesso é gratuito.

Como continuidade do capítulo, serão reunidas informações sobre o evento, cronologia, imagens e outros materiais que possam contribuir com a descrição e contextualização do que se trata a *Campus Party* como um todo.

3.4.1 Sobre a *Campus Party* Brasil

A *Campus Party* teve a sua primeira edição realizada no ano de 1997, no município de Mollina, localizado na província de Málaga, comunidade autônoma de Andaluzia, na Espanha e teve a presença de 250 pessoas, de acordo com Paco Ragageles, idealizador da *Campus Party*, em entrevista para o podcast Jovem Nerd (2012), o objetivo era levar pelo menos 1.000 pessoas para a estreia. As duas edições

seguintes do evento ocorreram no mesmo local, no Centro Ibero-americano da Juventude, pertencente ao Instituto da Juventude do governo espanhol.

Ragageles (2012) conta que uma das maiores dificuldades de promover o evento foi para conseguir parcerias de empresas e instituições, pois não se acreditava naquela época que as pessoas iriam tirar seus computadores de casa para se reunir em um local para acessar à internet. Desde as primeiras *Campus Party* já existia a ideia de acampar no local, os participantes traziam suas próprias barracas e, em todos os países nos quais a conferência chega, os patrocinadores dizem que esse formato não irá funcionar no seu país. Com o histórico de realização em diferentes países a resistência é menor, mas a dúvida é recorrente.

Sobre o ambiente de convivência entre os participantes, Paco (2012) conta que a experiência foi marcante, pois “normalmente os nerds, os geeks não têm muitas oportunidades, naquela época era muito difícil encontrar pessoas com a mesma paixão pela tecnologia, então era uma oportunidade quase única na vida.” (RAGAGELES, 2012). Outra questão referente ao acampamento é pela duração do evento.

De acordo com Ragageles (2012) esse é um dos únicos eventos que possuem uma semana de duração e é desta forma, pois são muitos conteúdos que precisam de pelo menos cinco dias úteis para serem contemplados e é preciso reservar dois dias para as logísticas de chegada, acomodação e partida dos campuseiros.

O Brasil foi o segundo país a receber a *Campus* e Paco (2012) cita que o principal diferencial do comportamento dos brasileiros é a abertura e o clima festivo entre os participantes, com as conversas e a receptividade para com os demais. Porém, existe um ponto comum entre todos os campuseiros

nós, os apaixonados pela tecnologia, temos uma coisa que poderia ser denominada idioma comum. Não falamos espanhol, português, inglês ou italiano, falamos Java, HTML ou Photoshop. É a mesma linguagem, então é uma parte semelhante, muito parecida, em todo o lado. (RAGAGELES, 2012)

Para Ragageles (2012), a *Campus* tem para oferecer ao mundo a mensagem de que todas as pessoas apaixonadas por um assunto, trabalhando juntas, independente de regiões, culturas, interesses, são capazes de mudar o mundo. Para ele, essa é a “Disneylândia dos geeks”, uma

experiência de amizade de fortalecimento de conhecimento, compartilhando as nossas ideias, procurando novas informações, procurando fazer novos

amigos [...] se uma pessoa não vai lá, não é capaz de entender, por muitos vídeos que seja capaz de assistir, o espírito, a atmosfera que está lá dentro. Todo o povo está feliz, todo o povo tem um sorriso na cara. (RAGAGELES, 2012)

Paco (2012) enfatiza a necessidade de transmitir a mensagem de que os seres humanos juntos podem criar um mundo melhor. A *Campus* é um momento em que isso se torna visível, pois

diferentes companhias, diferentes governos, que normalmente brigam uns com os outros, diferentes comunidades de internet que brigam umas com as outras, uma vez no ano, estão juntos como irmãos, trabalhando juntos, para fazer coisas, para avançar, para que a tecnologia se difunda, para que mais pessoas possam pesquisar na internet. (RAGAGELES, 2012)

No seu primeiro ano de realização no Brasil, em 2008, o evento foi realizado na cidade de São Paulo e contou com a participação de 3,3 mil campuseiros, de acordo com o site do evento (2021). O evento teve sua continuidade de realização na capital do estado de São Paulo nos anos seguintes.

Em 2014, a CPBR já contava com a participação de sete mil pessoas e foi realizada a primeira edição regional, na cidade de Recife com a inscrição de duas mil pessoas. No ano de 2016, além da CPBR9, foram realizados eventos regionais em Recife, Brasília e Belo Horizonte. Em 2017, além da edição de número 10 do evento nacional, aconteceram os regionais em Salvador, Brasília, Belo Horizonte e Pato Branco. No ano de 2018, a CPBR11 continuou sendo realizada em São Paulo e os eventos regionais foram realizados em Salvador, Brasília, Natal e Porto Velho. 2019, foi o ano em que os regionais aconteceram em Goiânia, Brasília, Natal e Campinas.

Figura 1 - Linha do tempo *Campus Party* Brasil



Fonte: a autora (2022)

A ideia de descentralizar o evento em localidades variadas ao longo dos anos parte de uma necessidade de tornar a *Campus Party* mais próxima do público e mais acessível para diferentes pessoas, saindo dos centros mais comuns de realização de eventos e levando a ideia da comunidade para pessoas que podem não ter condições de deslocamento para outras regiões.

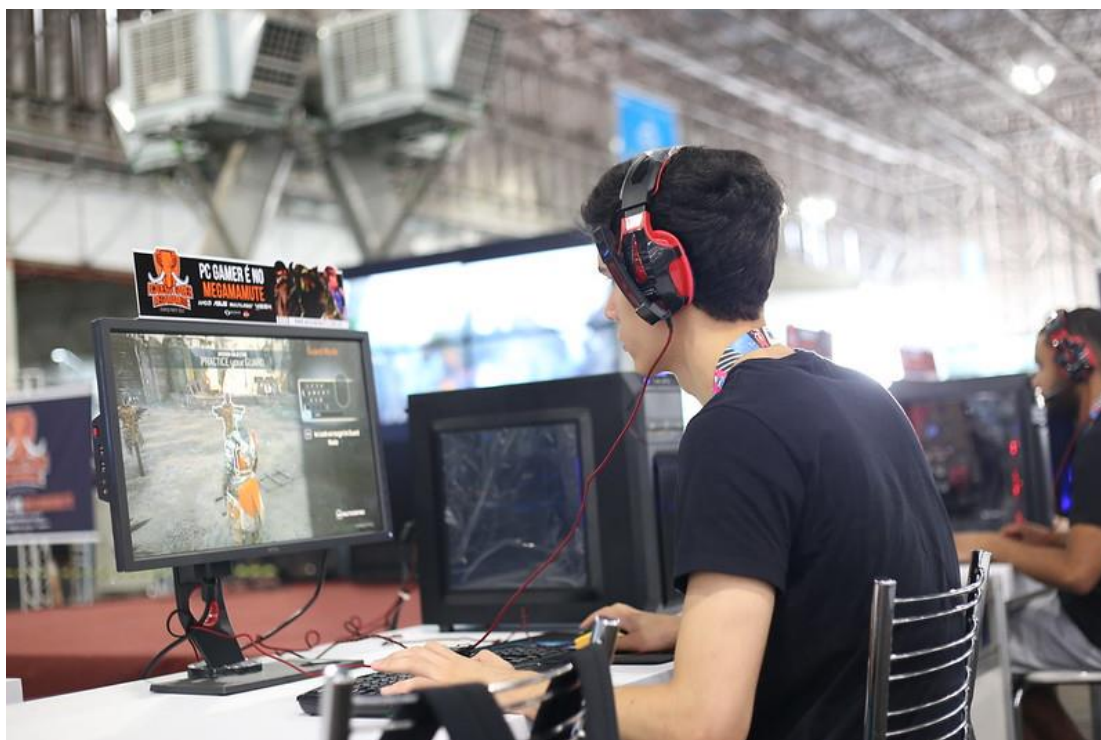
Os eventos nas diferentes cidades possuem um tempo de duração menor do que o evento nacional e não são realizados no mesmo período. Cada edição é realizada em uma data diferente ao longo do ano, para que os eventos não sejam sobrepostos, os palestrantes e conteúdos mudam em cada localidade e, os temas podem ser mais voltados às questões e necessidades da região, como a tecnologia no agronegócio, ou *agrotech*, por exemplo, tema de edição realizada em Goiânia no ano de 2019.

3.4.2 Realização e estrutura da *Campus Party* Brasil

A organização do evento, em todas as edições disponibiliza um Guia do Campuseiro com dicas e instruções que vão desde a compra dos ingressos até a dicas sobre o dia a dia e o que levar para a temporada.

A introdução do material explica no que consiste a *Campus Party* Brasil, seus principais objetivos e as áreas disponíveis para o campuseiro: arena, *camping* e *open Campus*. A arena funciona 24 horas por dia desde a abertura até o fechamento do congresso. É lá onde os campuseiros ficam com seus computadores nas bancadas e podem acompanhar as atividades. Os palcos temáticos também estão nesse espaço, assim como os estandes de alguns patrocinadores.

Figura 2 - Bancada *Campus Party* Brasil 10

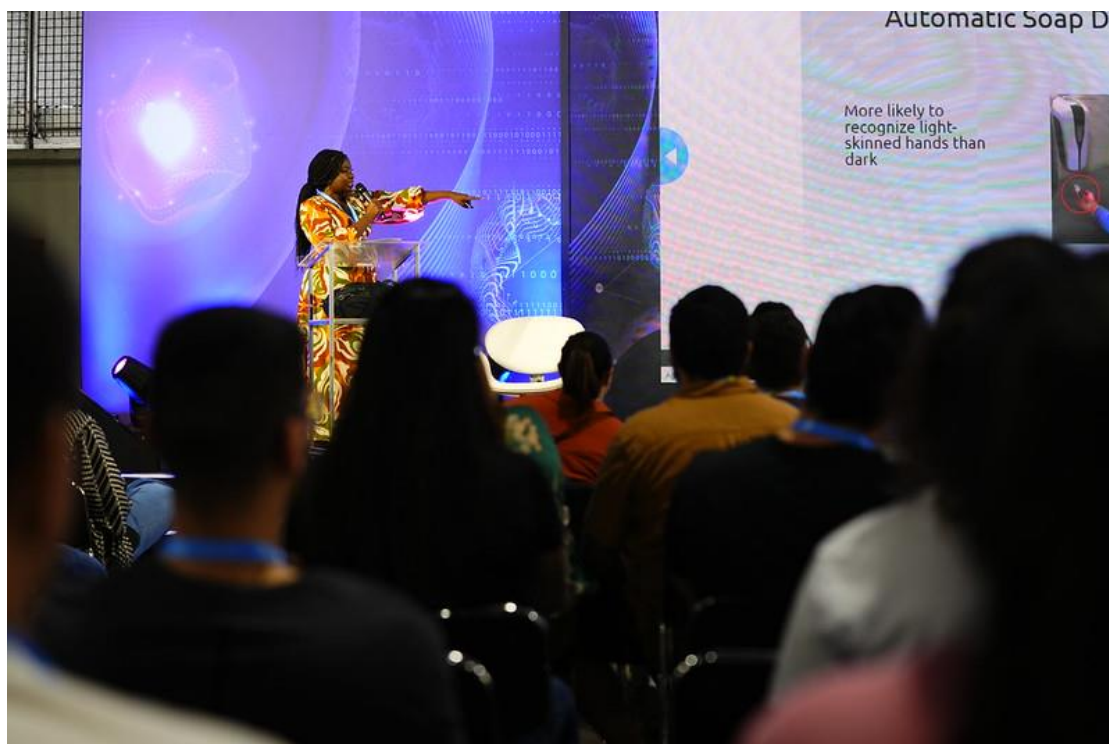


Fonte: Brasil (2017)

A área *open Campus* apresenta espaços para oficinas, palco para alguns conteúdos, espaços para as *start ups*, arena de drones, simuladores, estandes de parceiros e um espaço *kids* com atividades para as crianças.

A programação do evento é divulgada no site para que os inscritos possam se programar e escolher de quais atividades participar. Em algumas edições também são desenvolvidos aplicativos para acompanhar a agenda da programação.

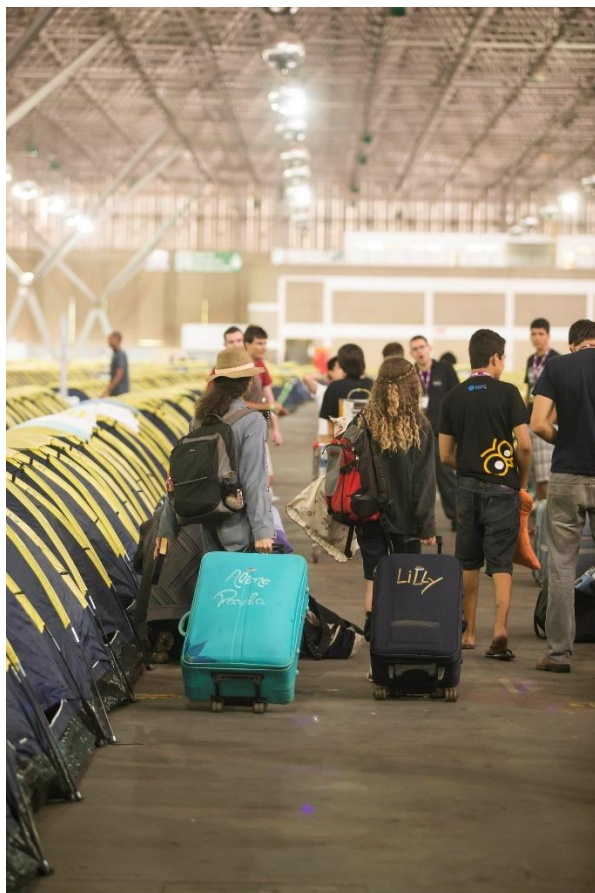
Figura 3 - Campuseiros assistindo a uma palestra na CPBR14



Fonte: Brasil (2022)

Para participar, existem diferentes modalidades de ingressos, a inscrição deve ser feita no site do evento <https://brasil.campus-party.org/>. O ingresso Campuseiro Presencial Sem *Camping* garante o acesso individual ao evento durante todos os dias, porém sem acesso ao acampamento. O ingresso Campuseiro Presencial com *Camping Simples* – 1 pessoa dá acesso ao evento e a uma barraca no *camping* para uma pessoa. Já com o ingresso Campuseiro Presencial com *Camping Duplo*, o campuseiro tem direito a um ingresso e uma barraca para duas pessoas. A segunda pessoa que vai dividir a barraca deve comprar um ingresso Individual Sem *Camping* e o seu nome deve ser informado pelo companheiro no cadastro do Painel do Participante. O ingresso de Campuseiro *On-line* é gratuito e dá acesso virtual para assistir todas as palestras. Todas as modalidades de ingressos fornecem certificado digital de participação para os inscritos.

Figura 4 - Campuseiros na área do *camping* do evento



Primeiros campuseiros ocupam o camping. Campus Party Brasil 2013 - 28/01/2013
Foto: Flávia de Quadros/indicefoto

Fonte: Quadros (2013)

Existe a possibilidade da compra de ingressos para grupos de caravanas ou comunidades. Nesse caso, é oferecida uma quantidade de ingressos como cortesia e o grupo recebe um atendimento de um gerente de comunidade, a chegada e a saída podem ser agendadas, outros benefícios incluem a

participação em encontros semanais de líderes, descontos, algumas cortesias, credenciais exclusivas e identificação com a logo da comunidade para colocar na bancada. Também tem possibilidade de ter bancada especial com kit multimídia, e a possibilidade de seus conteúdos e atividades na Campus entrarem para agenda oficial de conteúdos. (PARTY, 2022)

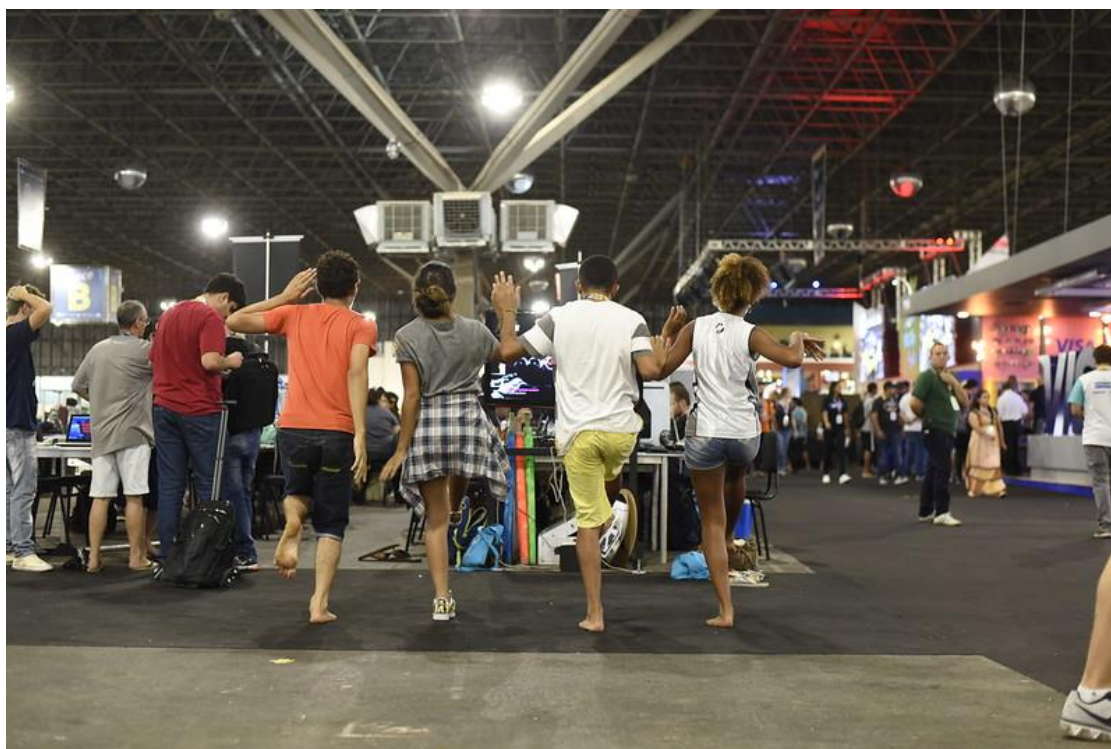
Empresas, grupos escolares ou demais grupos a partir de cinco pessoas também recebem condições especiais na compra de ingressos se entrarem em contato com a organização do encontro.

Ao chegar no local onde o evento é realizado, é necessário passar pelo Credenciamento onde é feito o registro dos equipamentos que estão sendo trazidos,

como computadores, notebooks, TVs, monitores, entre outros, para garantir a segurança da permanência dos objetos no local.

Os campuseiros, inclusive, são fotografados com seus equipamentos e estes recebem um selo com um código de barra para leitura que é lido cada vez que a pessoa leva o equipamento para outro espaço como a saída ou mesmo o trânsito entre arena, área *open* e *camping*. A equipe de credenciamento fica disponível desde antes do início do evento, até a sua finalização, com atendimento disponível 24 horas por dia e é possível deixar alguns itens em um guarda-volumes.

Figura 5 - Campuseiros na arena jogando *Just Dance* CPBR10



Fonte: Brasil (2017)

Ao passar pelo credenciamento inicial, o campuseiro recebe um crachá que deve ser utilizado durante toda a sua permanência no espaço e o código impresso no crachá é passado em uma leitora para conferência da identidade da pessoa. É recomendado a todos os que utilizarem o *camping* que tenham cuidado para manter o silêncio, já que os congressistas possuem diferentes rotinas e o espaço é reservado para o descanso.

Figura 6 - Fila para entrada no evento



Credenciados aguardam entrada pelo portão C - Campus Party Brasil - 28/01/2013 - Foto: Flávia de Quadros/indicefoto

Fonte: Quadros (2013)

No local onde o evento é realizado, existe espaço para estacionamento disponível e um hotel parceiro, para o caso de alguém não ter interesse em acampar no centro de exposições e é o local onde podem ficar hospedados convidados e demais integrantes da organização. Os banheiros e chuveiros são compartilhados por todos os participantes que utilizam o *camping*.

A alimentação disponível para os campuseiros é em formato de praça de alimentação com diferentes opções de restaurantes e lanchonetes. Em algumas edições, há também uma padaria no *camping* e alguns patrocinadores distribuem alguns lanches e bebidas em ações realizadas ao longo do congresso.

Figura 7 - Posto de café cortesia de patrocinador para os campuseiros CPBR13



Fonte: Brasil (2021)

O Guia do Campuseiro (2022) disponibiliza instruções gerais sobre as regras de permanência e para uma boa experiência, como a proibição de bebidas alcoólicas. É permitido levar para o local apenas alimentos industrializados e fechados.

Para auxiliar os campuseiros de primeira viagem a preparar as malas antes de ir para o encontro, o site da CPBR (2022) disponibiliza uma planilha com algumas sugestões de itens que podem ser de uso importante. A lista é apenas uma sugestão para quem vai acampar durante todos os dias e pode precisar de diferentes materiais para ter um maior conforto na estadia. Abaixo segue reprodução da tabela de sugestões:

Quadro 1 - Sugestões de itens para levar à *Campus Party* Brasil

CAMA E VESTUÁRIO	HIGIENE	ARENA	EXTRAS
Colchão inflável ou colchonete	Bolsa/Necessaire para banho	PC ou Notebook (e carregador)	Medicamentos
Bomba de ar p/ colchão inflável	Toalha(s) (Mais de uma) De preferência duas e aos modelos de secagem rápida próprias para camping	Periféricos (teclado, mouse) e acessórios para PC	Documentação original com foto
Travesseiro e fronha	Sabonete (preferencialmente líquido)	Travas de segurança (para PC, notebook e/ou monitores)	Dinheiro e/ou cartões (débito e crédito)
Cobertor ou manta	Espanja para banho	Cabos para seus equipamentos	Preservativos
Camisetas e blusas (leves)	Shampoo e condicionador	Adaptadores para seus equipamentos	Comprovante de Vacinação
Calças	Barbeador (se necessário)	HD(s) externo(s)	Mochila (para notebook e acessórios)
Cintos	Creme de barbear (se necessário)	Kit de backup (SO, Apps e o que achar necessário)	Repelente
Bermudas / shorts / saias / vestidos	Perfume	Tablet (e carregador)	Dinheiro (espécie) para contribuição com mercado
Óculos	Desodorante ou antitranspirante	Câmera ou filmadora (e carregador)	Alcool em Gel
Tênis e sapatos	Pente ou escova de cabelo	Pendrive(s) e cartão(ões) de memória	
Meias	Papel higiênico	Filtro de linha (régua de tomadas)	
	Os banheiros possuem, mas melhor se prevenir .rs		
Chinelo/Sandália (pro rolê)	Gancho(s) em "S" (para pendurar coisas no box)	Cabos de tensão	
Roupas íntimas	Sacolas plásticas (para roupa suja e/ou molhada)	Adaptadores de tomada (benjamins)	
Pijamas / roupas leves	Escova de dente	Fontes de energia	
Algumas roupas de frio	Creme dental	Pilhas AA/AAA (se necessário)	
Isolante térmico	Fio dental	Bateria(s) externa(s)	
Lanterna ou luminária (para barraca)	Chinelo	Roteador WiFi (preferencialmente 5.0 GHz)	
Cadeado pequeno (para barraca)	Gancho com ventosa (Pendurar coisas na parede do banheiro)	Fones de ouvido/Headset gamer	
Fita tipo Silver Tape + Cola PVC p/ consertar o colchão		Smartphone (3G ou 4G)	
Máscara de dormir			

Fonte: Brasil (2022)

A *Campus Party* também disponibiliza em seu site um contato para empresas que desejem fazer alguma parceria ou patrocínio.

Além da possibilidade de fazer parte do evento como campuseiro, a organização da *Campus Party* disponibiliza alguns programas nos quais as pessoas podem se inscrever e ajudar a comunidade de outras formas. O *Call for Talks* é uma ação direcionada para pessoas que desejem enviar sugestões de atividades como palestras, painéis ou *workshops* com temas relacionados aos abordados na CP para que a criação de conteúdo seja colaborativa entre participantes, comunidades e a organização. Esse programa disponibiliza um período de inscrições antes de cada edição e as propostas passam por uma avaliação de quais atividades serão incorporadas ao programa da edição e os selecionados recebem o ingresso para o evento e outros benefícios de acordo com o regulamento da edição.

O programa de Voluntários é destinado a campuseiros que gostariam de trabalhar nos bastidores, a seleção é voltada para estudantes ou pessoas recém-formadas para agregar mais experiência para o currículo. Os voluntários recebem

como benefício o ingresso, a barraca no *camping* e alimentação para todos os dias. A carga horária de trabalho é de seis horas por dia e, no período em que não estiver trabalhando, o voluntário pode participar das atividades que desejar.

O *Start Up 360* é um projeto para selecionar *start ups* em estágio inicial e de crescimento para apresentar o seu trabalho na área *open* da *Campus* e podem participar de mentorias para aprimorar as suas atividades.

Game Jam é um encontro de desenvolvedores para a criação de jogos em um curto período. O *Hackaton* é uma competição de tecnologia onde as equipes participantes desenvolvem soluções para um problema apresentado pelos organizadores.

As comunidades estão inseridas no contexto da *Campus Party* e existem mais de 1.500 grupos parceiros, de acordo com o site do evento (2022). Algumas foram criadas de forma orgânica, outras foram planejadas e, a grande maioria delas, são baseadas nos interesses em comum dos integrantes. Muitas vezes, os membros das comunidades criam e desenvolvem projetos e atividades dentro do evento, contribuindo para o compartilhamento de conhecimento e a imersão nos conteúdos.

Existem comunidades que contemplam diferentes assuntos e interesses, desde empreendedorismo, jogos, programação, pesquisa científica, inclusão, diversidade, entre outros. Para participar de uma comunidade, basta consultar os grupos disponíveis nas divulgações do evento ou no local do encontro, transitando entre as bancadas e conhecendo pessoalmente as comunidades presentes.

As caravanas são grupos compostos de a partir de 12 pessoas e podem ser de qualquer lugar do país. Todos os membros devem fazer a viagem juntos seja de ônibus, van ou micro-ônibus. Qualquer pessoa pode organizar uma caravana para ir ao evento.

3.4.3 Personagens - Quem faz parte do imaginário da *Campus Party* Brasil?

A *Campus Party* Brasil é um evento composto por diferentes perfis de pessoas que se reúnem para trocar conhecimentos, confraternizar, participar das ações promovidas, além de criarem as suas próprias atividades, como competições de jogos de computador e jogos de dança.

Foram mapeados, a partir do método de observação participante, consulta e revisão dos personagens foram alinhados 13 perfis de pessoas para compor quadro de participantes que podem ser apresentadas e descritas da seguinte maneira:

1. *Gamer*: participante que vai ao evento com o principal objetivo de aproveitar o amplo acesso à internet para jogar *on-line*. Para a pesquisa, será entrevistado um *gamer* que participa de campeonatos de jogos *on-line* dentro do evento.

2. Voluntário/colaborador: participante que se candidata para trabalhar durante a realização do evento em diferentes funções de apoio aos palcos, palestrantes, participantes, comunicação, entre outras tarefas.

3. Palestrante: profissional de diferentes áreas de atuação abrangidas pelo evento, pode ser uma pessoa amplamente reconhecida pelos participantes ou não.

4. Patrocinador: representante de empresa que apoia o evento para viabilizar a sua realização.

5. Organizador: pessoa responsável por trabalhar na organização do evento, tomando as decisões sobre o que será feito e de como o evento irá acontecer.

6. CEO de *start up*: profissional que leva seus projetos para apresentar na parte aberta ao público, *open Campus*, onde os projetos podem ser vistos por profissionais de diferentes ramos que podem se interessar e fechar novos negócios.

7. *Guild Master*: campuseiro que participa de algumas decisões com a organização, trazem ideias e sugestões de melhorias coletadas com os outros participantes do evento. Faz parte de uma comissão de pessoas convidadas pela coordenação do evento para fazer parte dessa equipe a partir da sua participação em edições anteriores.

8. Membro de comunidade: os campuseiros participantes do evento podem se reunir em comunidades de acordo com os seus interesses pessoais. De acordo com o site da *Campus Party*, as “Comunidades são nada mais do que grupos de pessoas que se reúnem em torno de um interesse e/ou objetivo em comum.”. (BRASIL, *Campus Party*, 2021)

Formados de maneira orgânica ou planejada, física ou virtualmente, são pessoas que buscam achar “seus semelhantes”. Com intuito de fomentar conexões, compartilhar conhecimento, transformar ideias e estimular o espírito colaborativo, comunidades são grande parte do espírito Campuseiro.

Na *Campus Party* os membros de comunidades se reúnem, podendo interagir entre si e com as demais comunidades parceiras, criando e desenvolvendo suas atividades organicamente, além de viver uma imersão de conteúdo proporcionada pelo evento. (BRASIL, *Campus Party*, 2021)

9. Influenciador: personalidade conhecida pelo público participante que frequenta o evento como propagador e entusiasta das edições, participando da sua divulgação além de, muitas vezes, atuar como palestrante.

10. Campuseiro: esta categoria pode ser dividida entre outros perfis de participantes, critérios que serão utilizados neste trabalho para fins de análise:

10.1 Campuseiro *on-line*: participante que consumiu os conteúdos do evento nas edições virtuais e possui grande interesse nesse formato de evento.

10.2 Campuseiro antigo: participante que esteve presente nas primeiras edições do evento, pode ter continuado participando das edições subsequentes ou não.

10.3 Campuseiro das edições mais recentes: participante que compareceu a alguma das edições presenciais nos últimos três anos de realização, seja em três anos consecutivos, ou apenas alguma das edições.

11. Organizador de caravanas: campuseiro credenciado no evento como responsável por reunir participantes da sua região para que todos possam ir juntos para a cidade e o local de realização da convenção. Esses grupos de campuseiros, recebem o direito de acessar o espaço de credenciamento antes dos demais visitantes.

Observa-se ainda outros perfis de participantes dentro de um evento de tamanha magnitude, porém, foi constatado que alguns podem não possuir um vínculo tão forte ou intenso com a CPBR, como patrocinadores e donos de empresas que levem seus negócios para terem mais visibilidade no espaço.

Pensar a realização do evento implica em refletir sobre a sua execução no formato virtual durante o período de isolamento devido à Covid-19 que será abordado na sequência.

3.4.4 *Campus Party* Brasil na pandemia

Devido à pandemia do Coronavírus que assolou diversos países do mundo no ano de 2020, a realização de eventos presenciais e a aglomeração de pessoas foi inviabilizada. Com isso, muitas empresas, pessoas e instituições, precisaram se adaptar. Shows, convenções e congressos em geral foram cancelados e o Instituto *Campus Party* precisou viabilizar a realização do encontro que aconteceria em diferentes datas em países de diferentes continentes de uma maneira alternativa.

Com isso, a *Campus Party* precisou ter as suas edições presenciais canceladas e uma versão digital foi realizada. A primeira edição da *Campus Party Digital Edition*, uniu a programação de 31 países, entre os dias 9 e 11 de julho de 2020. Com diversas palestras em palcos simultâneos, a transmissão possibilitou a participação gratuita do público que precisava apenas realizar o cadastro no site para ter acesso a todas as palestras de forma gratuita.

De acordo com o site do evento (2020), foram três dias de palestras, 2.613 palestrantes e 1.421.459 espectadores do mundo todo. No Brasil, devido ao tamanho do país, variedade de temas e quantidade de conteúdo, foram realizadas três edições nacionais: Brasília, Goiás e Manaus. Cada uma teve uma programação diferente, composta por palestras, painéis, *workshops* e *hackathons*, desafios para pessoas com conhecimentos em programação com o objetivo de criarem soluções (*softwares*, aplicativos) para algum problema específico sugerido pelos organizadores.

Os palcos virtuais foram divididos com os seguintes temas: *Global Main Stage*, o chamado palco principal que concentrou conteúdos de todos os países; *Green Deal*, com conteúdos sobre sustentabilidade e tecnologias renováveis; *Include by Campus Party*, palco sobre políticas e práticas de inclusão social; *Joy of Life*, conteúdos sobre redes sociais, *games* para trabalho e diversão; *Living Better*, avanços e descobertas na área da saúde e bem-estar; *New Horizons* discussões sobre novidades e futuro; *Podcast Arena*, espaço para conteúdos sobre *podcasts* com criadores de conteúdo da área, e *Work Life*, temas relacionados às mudanças do mundo do trabalho e novas relações de trabalho em tempos de pandemia.

O conteúdo das palestras ficou disponibilizado no site oficial do evento por um período para os inscritos poderem assistir quando quiserem, mesmo após o término da edição.

A edição digital foi apresentada com o tema “*Let’s reboot the world*”, em tradução livre: Vamos reiniciar o mundo. No site do evento (2020), foram criadas ações incentivando a participação do público para trazer ideais para a evolução do planeta. Foi disponibilizada no site uma planilha do projeto *Ideas to reboot the world* criado pelo *Cappra Institute & BigML*, com o objetivo de coletar e analisar as propostas do público para a evolução do mundo de forma inclusiva.

O Instituto Cappra pretende analisar as sugestões para produzir um documento com as melhores ideias, através de processos de aprendizado de máquina. Durante

o evento foi disponibilizada uma página para divulgar e promover vagas de emprego entre os participantes. De certa forma, tentou-se manter algumas funções de ações que são realizadas no evento presencial também.

A parte social também esteve presente, através da divulgação do programa *Include*, que tem o objetivo de viabilizar laboratórios de tecnologia em comunidades em todos o Brasil. De acordo com a página Social do site *Campus Party*, o projeto tem os seguintes objetivos

oferecer qualificação aos jovens de 10 a 18 anos para o mercado de trabalho; propiciar protagonismo às comunidades na utilização da tecnologia como meio para a resolução dos seus problemas e identificar meninos e meninas com idade entre 10 e 18 anos com altas habilidades e encaminhá-los para escolas adequadas. (BRASIL, 2020).

Atualmente o projeto conta com 25 laboratórios, em 21 cidades e seis estados. O site segue disponível para inscrições para Instituições participarem do programa, inscrições para patrocinadores, para novos alunos e para trabalhar no programa como monitor, facilitador e auxiliar no projeto de acordo com a disponibilidade das cidades. Ainda no campo social, o evento digital promoveu uma campanha para angariar doações para o projeto Médicos sem Fronteiras.

3.4.5 Edição 2021

Com a evolução da vacinação no país e a diminuição no número de mortes, a reabertura das cidades para a realização de eventos com a presença de público foi acontecendo rapidamente. No dia 7 de julho de 2021, o governador do Estado de São Paulo, João Doria, anunciou a realização de diversos eventos-modelo em São Paulo até o fim do ano de 2021, dentre eles a edição nacional da *Campus Party* em formato híbrido.

Com isso, a organização realizou dois eventos no mesmo ano. Com a *Campus Party Digital Edition 2* tendo sido realizada com a participação de cinco países da América Latina: Argentina, Brasil, Colômbia Paraguai e Uruguai e aconteceu entre os dias 22 e 24 de julho e com a edição híbrida. Esse novo formato trouxe nos dias 11 e 12 palestras e *workshops on-line* e entre 13 e 15 de novembro o evento presencial no Centro de Eventos do Anhembi com *camping* e outras atrações usuais, porém seguindo os protocolos sanitários e com um público menor do que nas edições anteriores com transmissão das palestras pelo *YouTube*.

De acordo com Tônico Novaes (2021) da empresa Gouvêa *Ecosystem*, que organiza o evento no Brasil, há mais de um ano a organização está pensando em como trazer um evento *omnichannel*, multiplataforma, para os Campuseiros. Nos dias de evento presencial, foi possível acampar nas dependências do centro de eventos, porém seguindo os devidos protocolos de segurança.

Em uma publicação realizada na conta do Instagram do evento (2021), é possível verificar os protocolos sanitários e de segurança que tiveram que ser seguidos, como o uso de máscara, o comprovante de vacinação ou exames de teste com resultado negativo realizado antes do evento e a necessidade de distanciamento de um metro entre os participantes durante a permanência no local. As palestras realizadas no formato presencial também tiveram a sua transmissão feita pela internet. A inscrição para acompanhar o evento *on-line* foi gratuita, enquanto para acessar de forma presencial o espaço foi necessário pagar o valor do ingresso, como já era praticado nas edições presenciais anteriores.

3.4.6 Edição 2022 e pensamentos futuros

No ano de 2022 a realização da *Campus Party* Brasil foi presencial entre os dias 11 e 15 de novembro, com transmissões ao vivo e gravações das palestras, como já era realizado no período pré-pandemia, porém com a possibilidade de inscrição para assistir ao evento *on-line* e receber certificado.

Percebe-se como as relações entre pessoas é permeada pelas mídias, seja em um evento presencial ou em um evento digital. Os modelos híbridos que têm sido observados no momento de abertura com a vacinação podem trazer novas reflexões sobre a permanência das mudanças tecnológicas vistas na pandemia e as mudanças nas relações entre as pessoas e entre pessoas e mídias. Um processo em andamento que merece ser acompanhado.

A necessidade que o ser humano tem de se reunir com os demais pôde ser observada durante toda a evolução da sociedade. Independentemente do tipo ou formato de tecnologia disponível, os meios podem ser vistos como forma de aproximar os indivíduos entre si. A utilização da tecnologia, ao invés de separar os corpos e ser um mecanismo de dessocialização do ser humano, pôde ser vista, principalmente com o período pandêmico, como uma forma de unir o que estava fisicamente separado.

Para os próximos passos, observa-se que ainda se está em um período de transformação e adaptação e muitas incertezas pairam sobre os povos de diversos países com a mesma preocupação em torno do controle da pandemia de Covid-19. Em um cenário otimista, muitas das pessoas desejam retomar o curso de suas vidas como era no período pré-pandemia, com o forte anseio de uma “normalidade” à qual todos já estavam adaptados.

Porém, o impacto da doença ainda paira sobre a população e o processo de reabertura dos espaços está sendo feito de forma controlada. Assim, percebe-se ainda um receio de parte do público de comparecer a eventos em lugares fechados com pessoas desconhecidas, principalmente em locais onde não é possível manter um distanciamento social adequado.

Com isso uma alternativa de transição que pode ser agradável e adaptável até um completo movimento de retorno presencial é o modelo híbrido, conforme o utilizado para realizar a décima terceira edição do evento *Campus Party* Brasil, no qual os participantes que não se sentem seguros em estar de forma presencial ou ainda não conseguiram fazer a vacina que permite a entrada no local, podem participar como ouvintes ou palestrantes diretamente de suas casas.

Assim, um número menor de campuseiros também estará no ambiente físico. É uma forma de utilizar as tecnologias não como uma forma de ausência ou isolamento, mas como uma ferramenta de ressocialização para manter o contato entre os indivíduos, proporcionando uma experiência, senão completa, no sentido de contato humano, pelo menos integral, no sentido de absorção e compartilhamento de conhecimento.

Esse formato alternativo pode ser também uma forma de proporcionar acessibilidade para quem não tem tempo ou condições financeiras de fazer o deslocamento até o local da realização da atividade ou o deseja fazer apenas em situações específicas ou experiências que considera mais especiais se vividas de forma presencial. É oferecer uma nova possibilidade de escolha para o público. Sempre pensando em que a qualidade dos eventos em ambos os formatos, presenciais ou a distância, devem ser preservadas. Para algumas pessoas a qualidade e o diferencial apresentado pelo evento presencial deverá ser bem maior do que a versão digital por gerar um desejo de deslocamento e pela necessidade de presença física.

Contudo, todas essas questões devem ser acompanhadas de perto pelos pesquisadores da área de comunicação social, pois os impactos seguirão grandes no mercado de eventos e nas integrações com a tecnologia para oferecer experiências imersivas em qualquer ambiente.

Dentro do contexto da realização de um evento imersivo, percebe-se a existência de um imaginário, uma aura que faz com que quem está vivendo determinada experiência sinta-se fazendo parte de algo diferente, algo que outros indivíduos não conseguem compreender sem estarem também presentes, algo que faz com que a vivência seja única. Em de um evento específico como a *Campus Party* Brasil, percebe-se a existência de um imaginário tribalista que une os campuseiros em um conjunto único. E, para contextualizar o conceito de imaginário, serão trabalhados no próximo subtítulo da dissertação pontos sobre o conceito de imaginário, os personagens que o compõem e das tribos.

3.5 IMAGINÁRIO

Para a realização da análise da construção de um imaginário tribalista é preciso antes compreender os significados que o conceito de imaginário pode assumir dentro do processo de construção desta dissertação. Para Silva (2017), o imaginário pode ter diferentes formas e definições de acordo com a perspectiva na qual está fazendo a análise. Mas, de uma forma geral

a noção de imaginário – metáfora de uma transfiguração maravilhosa ou assustadora – estimula pensar que se trata de algo indefinível por sua própria constituição, algo como uma estrutura etérea escorada na imaginação: uma noção cultura indefinível por natureza. Um território do “eu” soberano e escapista. (SILVA, 2017, p. 15)

Entre outras hipóteses sobre a definição de imaginário, Silva (2017) aponta uma explicação mais difundida na qual o imaginário é o que transforma as coisas consideradas banais e comuns em algo que pode ser considerado maravilhoso. O conceito analisado pelo autor parte do caminho de disseminação deste conceito de imaginário que é a “saturação do fantástico” (SILVA, 2017, p. 21), o imaginário existe em uma condição de utopia, está em um chamado “não-lugar” e não pode ser conceituado, mesmo parecendo estar sempre à espera de uma definição.

O conceito de imaginário que será trabalhado nessa pesquisa permeia a ideia de que “o imaginário é o fato que passou a ter sentido para alguém.” (SILVA, 2017, p.

25). Esse imaginário é visto como “uma sequência de camadas aplicadas sobre um acontecimento, uma obra, um fenômeno, um evento, um trauma, um feito.” (SILVA, 2017, p. 25). No caso estudado sobre a *Campus Party* Brasil, leva-se em consideração o que Silva (2017) apresenta sobre a necessidade da existência de um real para que o imaginário possa acontecer. É sobre a sua utilidade no meio social como uma liga que cria e, ao mesmo tempo, faz parte de estruturas elaboradas e compartilhadas pelos indivíduos. “Não há sociedade sem imaginário.” (SILVA, 2017, p. 29).

Estudar como se dá a construção dos imaginários é uma atividade que demanda uma mente aberta e desapegada dos conceitos e formas de aprendizado tradicionais baseadas nas ideias de pergunta e resposta. Cada questão possui a sua explicação correspondente já comprovada e que não demanda maiores raciocínios em cima dos seus porquês. Com as reflexões do imaginário, percebe-se um anseio por respostas, porém essa construção acaba sendo muito mais única e individual. Os pesquisadores do imaginário não entregam uma resposta definitiva e final para as vivências que podem ser individuais, mas também coletivas.

Entender como funciona a construção do imaginário de uma forma geral a partir das imagens, desejos e vivências dos indivíduos e como isso se torna uma coletividade com o compartilhamento de experiências e encontro dos pontos comuns em meio às diferenças, se faz necessário para compreender o comportamento humano, como se formam os movimentos, como se organiza a sociedade, como convivem os indivíduos e porque determinadas ações são tomadas.

O interior das pessoas diz muito sobre o seu exterior. Estudar os atos deve ser consequência do estudo das suas causas e motivações. Somente poderá ser entendido o que determinados acontecimentos querem dizer sobre o momento em que vive uma comunidade, quando busca-se compreender o que se passa nos bastidores, nos pensamentos, no íntimo das pessoas e o que as encaminha para determinadas escolhas.

Compreender o incompreensível não é uma ciência exata e demanda entendimento de muitas fontes e diferentes linhas de pensamentos surgem a partir dos estudos do imaginário. Diferentes metáforas são apresentadas para que seja possível a mínima compreensão do que imaginário significa. E, quando se percebe que esse ato vai muito além de pensar e devanear sobre temas inexistentes, mas sim significa a criação prévia da realidade e motor que leva a determinadas ações,

entende-se que tais estudos são necessários e essenciais para contribuir com estudos sociológicos, antropológicos e, até mesmo, psicológicos da sociedade atual. A ciência da comunicação muito tem a colher e a contribuir para esse campo.

Quando compreendemos a forma e a origem dos pensamentos, podemos prever como será a resposta do público a determinadas notícias, a adesão às novidades e lançamentos do mercado e como fazer com que as pessoas se sintam parte importante da construção de um novo futuro, da mudança da sua sociedade e que possam entender também qual o papel da mídia nas suas escolhas, por exemplo, o que parte de si e dos seus reais desejos e o que é fruto do meio em que se está inserido. A tomada de consciência é a porta de entrada para a autonomia do indivíduo. Quando se entende o meio e suas influências, pode-se refletir a possibilidade de uma tomada de consciência e de decisões de forma mais autônoma. Ou, pelo menos, entender o que se está fazendo de forma mais desperta e atenta.

Através das reflexões sobre o que é imaginário e como acontece a sua construção nos indivíduos e na comunidade, a partir de visão de alguns autores como Michel Maffesoli e Juremir Machado da Silva, busca-se estabelecer um ponto de encontro entre a construção dos imaginários e a formação de tribos com o sentimento de pertencimento dos indivíduos imersos em um mundo com estímulos vindos de diferentes formas pela mídia e pela sociedade.

3.5.1 A construção do imaginário

A partir dos estudos sobre imagem e imaginário vistos sob a ótica de autores como Michel Maffesoli e Juremir Machado da Silva e suas obras *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa* (1998), de Maffesoli, e *As tecnologias do imaginário* (2006), de Silva, pode-se observar uma linha de pensamento mais voltada para o homem e sua relação de convivência em um mundo pós-moderno, na qual o bem e mal não parecem ser o foco da discussão, mas sim, como as pessoas convivem entre si e que relações estabelecem a partir desse imaginário. Mesmo tendo visões diferentes sobre o imaginário seja de um viés mais antropológico ou mais sociológico, aqui, a discussão possui mais foco em entender as relações do homem, compreendendo que o contexto atual já está criado, não cabendo debater se o indivíduo deve despertar ou sair dessa imersão.

As estruturas do imaginário sendo vistas como dinâmicas a partir do momento em que o homem toma consciência da sua finitude e o que pode ou deve fazer quando toma essa consciência trazem muitas reflexões. Ainda mais em um cenário onde as relações com a contemporaneidade vão ficando mais próximas das realidades apresentadas pelos autores, é possível perceber e visualizar melhor a nossa condição e relação com os meios que reproduzem e buscam criar e perpetuar imaginários.

Em entrevista para a Revista FAMECOS, em agosto de 2001, Michel Maffesoli fala um pouco sobre as noções e definições de imaginário. Ele pode ser encontrado em parte na cultura, mas a cultura não se resume ao imaginário. Para o autor (2001), o imaginário contém alguns elementos da cultura, mas também possui algo de imponderável, não é algo racional, traz em si mistérios como o da criação e o da transfiguração, é mais relacionado ao estado de espírito das pessoas, de um povo. “O imaginário é uma força social de ordem espiritual, uma construção mental, que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável.” (MAFFESOLI, 2001, p.75).

Para o autor (2001), o imaginário pode ser descrito como uma aura, uma atmosfera, que envolve e ao mesmo tempo atravessa a obra. Além disso, o imaginário é considerado parte do coletivo, algo que vai além do indivíduo, as pessoas carregam o imaginário do grupo na qual estão inseridas. Ele liga as pessoas em seus grupos e, portanto, não é visto como um estado individual.

O imaginário também é responsável por determinar a existência das imagens, estas são o resultado do imaginário

mesmo que seja difícil defini-lo, apresenta, claro, um elemento racional, ou razoável, mas também outros parâmetros, como o onírico, o lúdico, a fantasia, o imaginativo, o afetivo, o não racional, o irracional, os sonhos, enfim, as construções mentais potencializadoras das chamadas práticas. (MAFFESOLI, 2001, p. 77)

Pode também ser ligado à ideologia, pois, muito além da razão que o define, existem sentimentos, o desejo de estar com os outros, a criação dos laços sociais. Ao mesmo tempo em que é impalpável, o imaginário também é real, define o sociólogo (2001). Uma das maneiras de o imaginário operar é pela interação, algumas situações possuem também um momento de vibração compartilhada entre o grupo, uma sensação comum, essa aura faz parte ainda da constituição do imaginário, onde

este encarna uma complexidade transversal. Atravessa todos os domínios da vida e concilia o que aparentemente é inconciliável. Mesmo os campos mais

racionais, como as esferas política, ideológica e econômica, são recortados por imaginários. O imaginário tudo contamina. (MAFFESOLI, 2001, p. 78)

Não somente as artes e a cultura, mas as demais esferas da vida humana são tocadas pelas faces do imaginário. Independentemente do viés e de quão racional está sendo o ser humano, o imaginário se faz presente nas suas ações e se manifesta em diferentes acontecimentos da sociedade. O imaginário faz relação entre as questões objetivas e subjetivas, entre a solidez da vida e o que ultrapassa esse limite e vai além. Para Maffesoli (2001), o imaginário coletivo supera o imaginário do indivíduo e traz à tona a necessidade de se fazer parte de algo, de partilhar uma filosofia de vida, uma visão de mundo.

As tecnologias também estão presentes quando se fala de imaginário, que inclusive é alimentado pelas tecnologias, principalmente as tecnologias relacionadas à comunicação, porque o imaginário é sempre comunicação quando ocupa o lugar de comunhão. A internet, por exemplo, “é uma tecnologia de interatividade que alimenta e é alimentada por imaginários.” (MAFFESOLI, 2001, p. 80). O lado racional e utilitário da rede está presente, mas o que se destaca são as relações estabelecidas através da ferramenta. Para o autor (2001), as tecnologias do imaginário se utilizam de fontes imaginárias para alimentar os imaginários do público, como o cinema, por exemplo.

3.5.2 O imaginário e a tecnologia

A relação feita por Silva (2006) do imaginário com a tecnologia e suas formas de incentivá-lo e induzi-lo na mente do público de maneira voluntária, com a aprovação e ciência dos indivíduos, devido ao benefício do prazer imediato, traz à tona muitas das atitudes observadas do público e a sua relação com as redes sociais, por exemplo. Em um mundo onde as relações estão cada vez mais pautadas pelo que é divulgado nas redes e muito do que se acredita e leva para as suas metas de vida e intimidade é baseado no que se vê nas telas, é possível observar o aceite em fazer parte do sistema para obter o prazer das visualizações imediatas. Dentro da mesma relação, Maffesoli (1998) traz o conceito de formação de tribos e da necessidade dos indivíduos de estarem juntos para compartilhar sentimentos e vivências com um grupo do qual se sentem parte e se sentem compreendidos e acolhidos, mesmo que essa interação seja feita através das telas de computador ou por dispositivos móveis.

As muitas formas de controle e dominação pelas quais a mídia foi identificada durante diferentes épocas vêm sendo atualizadas e percebe-se que as tecnologias do imaginário são mais uma das formas de exercer essa dominação na qual o público aceita de forma passiva o que lhe é apresentado e reproduz ideias e comportamentos que pensa serem seus, contudo são fruto do que é compartilhado na mídia e pela mídia. Com esse pensamento, cabe ao homem contemporâneo elaborar internamente o que o faz sentir-se parte da comunidade em que está inserido ou se há a necessidade e a possibilidade, graças às facilidades oferecidas pela internet para que encontre o seu meio e o seu caminho *on-line* compartilhando com outras pessoas de diferentes localidades a mesma realidade.

As semelhanças e os gostos parecidos encontrados por indivíduos que estão em espaços geográficos diferentes, pode os unir em um laço como um “cimento social”, conceito apresentado por Maffesoli (1998), isso faz com que haja a reflexão de quais são os elementos que podem ser considerados essa cola social que une mesmo à distância, por meio da tecnologia, e por breves períodos enquanto os objetivos são os mesmos. Aqui não se discute os conteúdos que unem essas tribos e o que as faz permanecerem unidas. Não existe a necessidade de julgar os comportamentos ou dos conteúdos consumidos. O objetivo é estudar a dinâmica dessas relações, as interações e as formações que são promovidas com as ferramentas que estão disponíveis.

Nesse contexto, Silva (2006) afirma que as tecnologias ditas do imaginário são ferramentas usadas para propagar, difundir e, até mesmo, induzir a criação de determinados imaginários por parte dos indivíduos. Isso é possível para cada pessoa e não se adentra no tópico de se isso produz um mundo melhor, livre de todo o atraso ou maldade, mas é considerado algo sem volta e composto pelos seguintes elementos: “submissão voluntária (adesão); subjugação consentida (audiência); dominação suave, limpa e regulada (consumo); conivência política e legítima (democracia formal).” (SILVA, 2006, p.71).

Com tudo isso, é possível perceber como as pessoas podem se sentir com autonomia e um poder nunca experimentado antes sobre as suas próprias escolhas, mesmo que, no fundo, esse poder sobre o nosso imaginário não seja tão autônomo como se realmente pensa. Os elementos apresentados por Silva (2006) podem ser diretamente relacionados com os pontos que ligam as pessoas às redes sociais, com

a adesão às novas redes, novas ferramentas e tendências apresentadas pelos meios. A audiência de horas e horas por dia pode ser vista como forma de atualização pessoal, diversão, mas também como a necessidade de se manter visto e ser lembrado, o viver pela vida do outro.

O consumo, seja de conteúdos ou de ideias, é o que faz com que os produtores não parem e haja uma avidez cada vez maior da audiência por assistir mais e mais faz com que o sistema se retroalimente. A necessidade de consumo pode ser um dos pontos de destaque desse imaginário da presença digital tão cobrada de um usuário para os outros e do usuário consigo mesmo, trazendo a sensação de falta e incompletude caso haja distanciamento dos meios de produzir e visualizar os conteúdos, principalmente visuais, que as mídias sociais proporcionam. A frequência de publicações e a interação da audiência exigidas para se estar em alta, receber visualizações ou se manter “vivo”, remete a um imaginário de morte quando não se recebe o destaque desejado pela comunidade.

A democracia formal pode ser observada com as bolhas formadas em torno de determinados temas ou opiniões nas quais todos os presentes e participantes de determinada tribo concordam com a posição geral do grupo. Isso, muitas vezes, é o que realmente une determinadas tribos. Contudo, a democracia nos meios onde todos compartilham das mesmas crenças e opiniões pode ser questionada sobre a sua real dinâmica. Quando se está inserido em uma realidade onde os algoritmos das redes sociais unem as tribos de acordo com as suas afinidades e criam-se bolhas aparentemente democráticas, é preciso observar a realidade dessa democracia e, como usuário, buscar outros meios de informação ou convivência para que a democracia seja encontrada vindo da criação de acordos de indivíduos com diferentes convicções e visões de mundo.

Em, *As Tecnologias do Imaginário*, Silva (2006) apresenta conceitos de imaginário e a sua relação com a tecnologia e como os elementos tecnológicos fazem parte da construção de relação das pessoas com os imaginários do dia a dia. Neste quesito, existem muitas questões a respeito do que é o imaginário, como ele é produzido, quais são os instrumentos utilizados para fazer a sua disseminação e como ocorre a sua cristalização. Para o autor, “Os imaginários difundem-se por meio de tecnologias próprias, que podem ser chamadas de tecnologias do imaginário. (SILVA,

2006, p.8)”. Seriam essas tecnologias do imaginário responsáveis por disseminar o imaginário do período pós-moderno.

Para Silva (2006), o imaginário pode ser apresentado pela metáfora do reservatório, que “agrega imagens, sentimentos, lembranças, experiências, visões do real que realizam o imaginário, leituras da vida e segmenta um modo de ver, ser, agir, sentir e de aspirar ao estar no mundo.” (SILVA, 2006, p.11). O imaginário impulsiona para a ação, é definido como um motor, uma força que impele o indivíduo à ação. “O homem age porque está mergulhado em correntes imaginárias que o empurram contra ou a favor dos ventos.” (SILVA, 2006, p.12).

O imaginário como uma construção individual ocorre em três etapas: pela identificação com o outro; pela apropriação, definida por Silva (2006) como o desejo de ter o que o outro é em si mesmo, e pela distorção, com a reelaboração para si do que é visto no outro. Além de partir de cada um, o imaginário pode também ser coletivo, seguindo de uma estrutura de contágio, da lógica tribal de aceitação do modelo apresentado e vivido pelo outro, passando pela fase de disseminação que busca encontrar pontos comuns na diferença, chegando na fase de imitação, na qual os membros do grupo ou da tribo passam a performar da mesma forma para de diferenciar do todo. Silva (2006) traz que, pelo imaginário, o indivíduo permanece como uno, mesmo como parte de um grupo e como grupo está no âmbito da cultura.

O autor (2006) defende que através do imaginário se constrói a cultura. Enfatizando que o imaginário não é a cultura, nem uma crença, muito menos uma ideologia, ele pode ser uma fonte ou um meio para manifestar a representação do desejo para formar o material, deformando o espiritual. Tudo isso ocorrendo com o indivíduo e com o grupo que pode, através do imaginário viver a sua tribo. Assim

o imaginário, tribal, retira o indivíduo da solidão para inseri-lo numa atmosfera de partilha. Assim, ao produzir sentido grupal, o imaginário só poderia ser a negação do indivíduo pela sua assimilação num todo aconchegante e orientador. A autonomia individual, porém, não desaparece, pois o imaginário não é um determinismo. (SILVA, 2006, p. 15)

O imaginário pode ainda ser acompanhado da teoria sobre as suas tecnologias. Com as tecnologias do imaginário, Silva (2006) traz o conceito que agrupa determinações de diferentes autores para compor o que se vive hoje com a vivência entre a imersão em um contexto digital e cada vez mais evoluído tecnologicamente

as tecnologias do imaginário são dispositivos (Foucault) de intervenção, formatação, interferência e construção das "bacias semânticas" que determinarão a complexidade (Morin) dos "trajetos antropológicos" de indivíduos ou grupos. Assim, as tecnologias do imaginário estabelecem "laço social" (Maffesoli) e impõem-se como o principal mecanismo de produção simbólica da "sociedade do espetáculo" (Debord). (SILVA, 2006, p.20)

O imaginário possui origem e pode ser induzido de acordo com Silva (2006). O imaginário pode ser visto como o laço social que une os indivíduos como sociedade. Para mantê-lo atualizado, é necessário o compartilhamento de valores, o referenciamento de imagens, sentimentos e afetos em conjunto. Em uma realidade com contradição e conflito constantes, para Silva (2006) as tecnologias do imaginário trazem a conciliação do inconciliável nas vivências cotidianas de cada um e da sociedade.

Dessa forma, as tecnologias do imaginário são definidas como "dispositivos (elementos de interferência na consciência e nos territórios afetivos aquém e além dela) de produção de mitos, de visões de mundo e de estilos de vida. Mas não são imposições." (SILVA, 2006, p.22). Já que não trabalham a partir da imposição e do controle, as tecnologias do imaginário tendem para a sedução, onde o indivíduo aceita de bom grado, por livre escolha, fazer parte do sistema que o cerca, com o sentimento de que pode romper esse contrato a qualquer tempo. Ele, inclusive, está ali pela recompensa oferecida de prazer imediato. Aqui a sedução assume o lugar da razão e tudo passa a estar imerso na interatividade do lúdico e do emocional

o império das tecnologias do imaginário não produz necessariamente um mundo melhor, emancipado, livre do lixo cultural, autônomo, rico (isso ainda é imaginário iluminista) nem o melhor dos mundos (utopia marxista e cristã), mas, em certo sentido, algo mais radical, extremo, incontornável: a submissão voluntária (adesão); subjugação consentida (audiência); dominação suave, limpa e regulada (consumo); convivência política e legítima (democracia formal). (SILVA, 2006, p.71)

3.5.3 O imaginário e as tribos

O ser humano é um ser social, precisa estar em comunidade para sentir-se pleno e para entender a sua individualidade. Temos a necessidade de trazer o imaginário para o concreto, para o real, tornar material o que está apenas na mente. O imaginário nos traz a ânsia de realizar o que já é real na nossa consciência. Com as redes sociais ativas, por exemplo, é possível para todos concretizar essas necessidades de realização. O acesso à ferramenta está disponível e a criação pode ser feita de maneira livre. O que entra em questão nessa discussão é como esse

conteúdo produzido vai ser consumido pelos demais. Se o indivíduo encontra outros que compartilham dos mesmos interesses em comum, uma tribo pode ser formada. E, o que importa nesse contexto é a aprovação da tribo em relação às suas ideias e formas de expressão.

Porém, com o alcance proporcionado pelas mídias digitais, o sentimento e a necessidade de se fazer parte de uma tribo cada vez maior ou de uma tribo que seja reconhecida pelos outros como um meio de onde vale a pena fazer parte, acaba trazendo mais um recorte a ser analisado que é o da necessidade de pertencer a uma tribo apenas para receber a validação externa. Observa-se essa necessidade desde antes do surgimento dos sites de redes sociais, com o uso de roupas diferentes, o frequentar de espaços específicos, ouvir determinadas músicas e as diversas formas de se expressar.

Com a internet popularizada isso ficou amplificado, facilitando a formação de tribos mesmo à distância, mas a visibilidade que isso toma, pode fazer com que determinadas pessoas desejem fazer parte das tribos que estão mais evidência. O que pode ser avaliado se é realmente uma formação legítima. Em um contexto em que se diz que as relações estão mais líquidas, pode ser considerado que no momento em que estava acontecendo a interação ela realmente era legítima? Afinal, o que define o que é real ou não? Como fazer essa identificação?

No livro *O Tempo das Tribos*, Michel Maffesoli (1998) apresenta um estudo que passa por diversos conceitos, começando com “A Comunidade Emocional”, que destaca a existência de alguns perfis de pessoas da sociedade, os “tipos sociais”, que são uma espécie de representação do que seria o “nós” que representa a união das pessoas e esse senso coletivo, “há momentos em que o ‘divino’ social toma corpo através de uma emoção coletiva que se reconhece em tal ou qual tipificação.” (MAFFESOLI, 1998, p. 16).

Esse perfil, com características mais de mito, tem a função de agregar as pessoas, é uma forma de exprimir a mentalidade coletiva em determinadas situações, os períodos empáticos, onde o princípio que domina é o de fazer parte, estar imerso em um sujeito coletivo, que o autor (1998) chama de neotribalismo, percebe-se no dia a dia a existência de uma “ambiência emocional que emana do desenvolvimento tribal”. (MAFFESOLI, 1998, p. 16). Para o autor, nos grandes centros urbanos se pode ver que as diferentes aparências adotadas por certos grupos para expressar a sua

unidade e a possibilidade de estender a individualidade para um coletivo pode ser uma forma pertinente para se compreender o mundo contemporâneo.

Os tempos modernos podem trazer uma visão de maior de diferenciação quando se fala de desempenho econômico ou avanço tecnológico, contudo, quando se fala das agregações sociais, este termo não se aplica, tendo estas últimas poucas definições

estas têm contornos indefinidos. O sexo, a aparência, os modos de vida, até mesmo a ideologia são cada vez mais qualificados em termos (“trans...”, “meta...”) que ultrapassam a lógica identitária e/ou binária. Em resumo, e dando a esses termos a sua acepção mais estrita, pode-se dizer que assistimos tendencialmente à substituição de um *social* racionalizado por uma *sociedade* com dominante empática. (MAFFESOLI, 1998, p. 17)

Para Maffesoli (1998), as mudanças nos termos que estão sendo utilizados para definir as relações entre os microgrupos sociais e as relações interpessoais que são tão instáveis devido aos sentimentos das pessoas, apresentam uma necessidade de mudar como os reagrupamentos sociais são avaliados e classificados. Para analisar essas formas de agrupamentos sociais é preciso levar em consideração que os grupos, ao mesmo tempo que constituem laços sociais sólidos com a sensação de permanência, também são afetados pela instabilidade através dos quais o emocional se articulará.

O que pode ser destacado na atitude grupal “é o dispêndio, o acaso, a desindividualização, o que não permite ver na comunidade emocional uma etapa nova da patética e linear marcha histórica da humanidade.” (MAFFESOLI, 1998, p. 18), onde a estética apresentada do que é o “nós” acaba sendo uma mistura de indiferença com a energia pontualmente dispendida para aquela relação pontual em entre as pessoas. Essa construção de comunidade emocional pode ser caracterizada como aberta e instável, o que pode fazer com que ela seja, em alguns aspectos considerada fora dos padrões seguidos pelas relações de moral estabelecidas pela sociedade, mesmo assim, ela possui entre os seus membros as suas próprias regras, onde a lei do grupo tem um peso muito grande sobre quem quer fazer parte dele.

A organização das tribos contemporâneas, para o autor (1998), pode ser comparada com os microgrupos locais de cristãos, nos quais a reunião existe entorno de um herói, de alguém com um papel que represente a identidade deste grupo e o que fundamenta esse conjunto de pessoas é a reunião local, o compartilhamento do

espaço e as ações de auxílio mútuo. Isso, Maffesoli (1998) denomina de sacralização das relações sociais, que é

o mecanismo complexo das dádivas e contra-dádivas que se estabelece entre as diversas pessoas, por um lado, e entre o conjunto assim constituído e um meio dado, por outro. Se as trocas são “reais” ou são trocas simbólicas isso tem pouca importância, na verdade, a comunicação, no seu sentido mais amplo, utiliza caminhos os mais diversos. (MAFFESOLI, 1998, p. 33)

As tribos metropolitanas, de acordo com Maffesoli (1988), emanam uma aura específica, aura essa que seria a atmosfera particular dos locais e atividades que possuem toda uma característica especial, como se tivesse cores e cheiros diferenciados, inclusive, onde todos estão imersos nessa aura da cultura informal. A aura dessas redes de amizades remete à proxemia, conceito relacionado ao estudo do espaço de proximidade ou distância entre as pessoas, essas conexões possuem como finalidade principal a reunião das pessoas sem uma finalidade ou objetivo específicos e se tornam movimentos cada vez mais comuns.

As redes de amizade, diferentemente das redes que se reúnem com fins políticos ou religiosos, por exemplo, existem apenas por si mesmas e não por outros projetos relacionados e podem ser reunidos com o auxílio da tecnologia. Essas relações não são necessariamente contínuas, podem ser pontuais, apenas em situações específicas e encadeamentos podem apresentar um efeito secundário de trazer novas pessoas para o meio

é no quadro efêmero de tal ou qual ocasião específica que um certo número de pessoas vai se (re)encontrar. Essa ocasião pode suscitar relações contínuas, ou não. O que ele não deixa de fazer, em todo caso, é criar “cadeias” de amizade que [...] permitem uma multiplicação das relações através, apenas, do jogo da proxemia: alguém me apresenta a alguém que conhece outro alguém. etc... (MAFFESOLI, 1998, p. 35)

Essa proximidade entre as relações desperta também, entre os membros da comunidade, um sentimento de solidariedade que incentiva as ações de auxílio entre os membros do grupo, com o foco de privilegiar o corpo coletivo. O grupo ainda pode compartilhar de uma conexão mais estreita por meio das falas e meias palavras sobre as suas vivências que apenas o grupo possui conhecimento do contexto para compreender o que está sendo dito, as chamadas “piadas internas”, ou realmente o compartilhamento de questões íntimas, contexto que delimita quem está fora daquele

território, “o segredo partilhado é o cimento primordial de toda socialidade.” (MAFFESOLI, 1998, p. 36).

O ato de estar junto sem um objetivo específico é reforçado pelo autor com exemplos de atos que, quando realizados em grupo, criam e fortalecem os laços “beber junto, jogar conversa fora, falar dos assuntos banais que pontuam a vida de todo dia provocam o ‘sair de si’ e, através disso, criam a *aura* específica que serve de cimento para tribalismo.” (MAFFESOLI, 1998, p. 37).

Já utilizando o termo tribalismo para definir esses grupos, o autor (1998) mostra um possível sinal da pós-modernidade se anunciando quando se percebe que as tribos, mesmo utilizando a tecnologia, têm um quê de bárbaras quando se ocupam com coisas pequenas do cotidiano, sejam pequenos prazeres, apreço por frequentar locais superpovoados, pelo consumo excessivo, entre outros. Ao mesmo tempo em que lembra que a barbárie foi responsável por regenerar diversas civilizações do seu fim.

Quando fala sobre a “Potência Subterrânea”, Maffesoli (1998) apresenta o conceito de vitalismo, no qual a vida se faz muito mais presente, o querer viver em sociedade importa e é um suporte à vida cotidiana, é o mecanismo que pode levar a entender toda a potência da vida comum. O sociólogo (1998) utiliza a imagem do deus da mitologia grega, Dionísio, o deus dos ciclos vitais, das festas e das atividades ligadas aos prazeres materiais, relacionando-o com os prazeres que unem as tribos. Sua potência pode ter diferentes níveis de ação, podendo ser mais discreta, secreta ou mesmo notória

quando não se exprime nessas formas de efervescência que são as revoltas, as festas, os levantes e outros momentos quentes das histórias humanas, ela se hiper-concentra no segredo das seitas e das vanguardas, sejam elas quais forem, e se hipoconcentra nas comunidades, nas redes, nas tribos, em suma, nos fatos menores da vida cotidiana, que são vividos por eles mesmo e não em função de uma finalidade qualquer. (MAFFESOLI, 1998, p. 46)

Alguns dos efeitos que podem ser constatados a partir dessa potência em diversas formas de socialidade são “a astúcia, a auto-referência, o ceticismo, a ironia e o humor negro dentro de um mundo que é considerado em crise.” (MAFFESOLI, 1998, p. 47). A multidão está no vazio e pode ser considerada o próprio vazio, estando aí a sua potência, a multidão pode ter várias formas e desempenhar vários papéis dependendo do seu contexto e dos seus interesses.

A vida está na imperfeição, nas misturas, na ingenuidade das pessoas e nas formas desordenadas, tudo isso desperta o interesse do vitalismo, servindo de fundo para o todo e sendo uma forma alternativa para o declínio da sociedade. As relações estabelecidas pelas tribos criam uma espécie de ajuntamento familiar que mantém seus membros seguros e 'aquecidos', onde os sentimentos partilhados também são uma forma de cimento social.

A reflexão sobre a construção do imaginário de tribo perpassa os conceitos de imaginário, tribo, das relações interpessoais e das dinâmicas que fazem com que as pessoas se unam em prol de um tema. Maffesoli (1998) apresenta o conceito de "tribo" como metáfora para falar sobre as experiências sociais com aspectos de partilha de sentimentos, valores, lugares e ideias acontecendo ao mesmo tempo e em um mesmo local, são as reuniões presentes em diferentes experiências sociais. O autor considera que "esse vaivém constante entre o estático (espacial) e o dinâmico (devir), o anedótico e o ontológico, o ordinário e o antropológico, que faz da análise da sensibilidade coletiva um instrumento de primeira ordem." (MAFFESOLI, 1998, p. 28).

As tribos, segundo Maffesoli (1998), apresentam uma certa ambiguidade, pois, apesar de não dispensarem o uso das novas tecnologias, apresentam um lado bárbaro, com o interesse e a valorização do contato, a necessidade da presença e o desejo de afeto. Estes públicos merecem atenção segundo o autor, já que "em muitos períodos, foi exatamente a barbárie que regenerou uma porção de civilizações moribundas." (MAFFESOLI, 1998, p. 43).

Sobre a formação e o comportamento das "tribos", Michel Maffesoli (1998) cita que é possível que cada pessoa faça parte de diferentes grupos de acordo com os contextos em que está inserida ao longo de suas vivências. Para o autor,

o coeficiente de pertença não é absoluto, cada um pode participar de uma infinidade de grupos, investindo em cada um deles uma parte importante de si. [...]cada um pode, igualmente, e num lapso de tempo muito curto, irromper em outro território, em outra tribo, em outra ideologia. (MAFFESOLI, 1998, p. 202)

Maffesoli (1998) também defende que em uma sociedade complexa, cada pessoa pode viver sua pluralidade participando de uma multiplicidade de "tribos", ajustando-se a cada uma com a "máscara" correspondente a cada contexto social e, mesmo assim, essas relações não passam a ser menos reais. Através desses conceitos, pode-se fazer um paralelo, por exemplo, com a participação em eventos o

desenvolvimento de multidões e a criação de uma “tribo temporária” onde pessoas com diferentes perfis compartilham de um interesse em comum e reconhecem-se como uma “tribo”.

Essas relações podem ser “efêmeras em sua realização, mas que nem por isso deixam de criar um estado de espírito que parece destinado a durar.” (MAFFESOLI, 1998, p. 208). Percebe-se então que os usuários, quando se encontram em um ambiente e formam determinada “tribo”, compartilham do mesmo sentimento de pertencimento que os faz muitas vezes desejarem novos encontros e criar conexões reais relacionadas àquele contexto.

3.5.4 As representações dos personagens em uma tribo

Em uma tribo não podem ficar de fora os personagens que fazem parte do evento e são parte da composição desse imaginário. Goffman (2002) traz a visão de que os indivíduos representam personagens dentro dos diferentes contextos ou palcos em que atuam. Com isso, “o personagem que alguém representa e o próprio indivíduo são, de certa forma, equiparados, e este indivíduo-personagem é geralmente considerado como algo alojado no corpo do possuidor” (GOFFMAN, 2002, p. 231).

O indivíduo se faz personagem para tentar induzir algum tipo de imagem dos outros a seu respeito. Com isso e, levando em consideração o conceito de neotribalismo de Maffesoli, pode-se pensar que as pessoas usam diferentes personagens para fazer a sua participação nas diferentes “tribos” que fazem parte, onde

o ‘eu’, portanto, como um personagem representado, não é uma coisa orgânica, que tem uma localização definida, cujo destino fundamental é nascer, crescer e morrer; é um efeito dramático, que surge difusamente de uma cena apresentada, e a questão característica, o interesse primordial, está em saber se será acreditado ou desacreditado. (GOFFMAN, 2002, p. 231)

Goffman (2002) no seu livro *A representação do eu na vida cotidiana*, apresenta uma espécie de manual para estudar a vida social, através de aspectos que podem ser analisados em diferentes contextos. Utilizando de uma visão baseada no teatro e relacionando-as às atividades e atuações das pessoas nos diferentes contextos em que andam e convivem.

Para o autor (2002), quando as pessoas conhecem um novo indivíduo, desejam saber tudo o que for possível sobre ele. Quando é possível solicitar essas informações elas servem

para definir a situação, tornando os outros capazes de conhecer antecipadamente o que esperará deles e o que dele podem esperar. Assim informados, saberão qual a melhor maneira de agir para dele obter uma resposta desejada.” (GOFFMAN, 2002, p. 11)

As informações fornecidas por um indivíduo aos demais de um determinado grupo quando passa a conhecê-lo passa por uma prévia avaliação do que vai ser dito de acordo com o que deseja que os outros saibam sobre si mesmo e com a impressão que deseja passar, seja apenas expressar a sua opinião ou impressionar os demais. As pessoas procuram entre as demais pontos que possam ter em comum para facilitar a criação do vínculo ou buscar controlar os pares de alguma forma. Para facilitar esse ingresso no grupo ou obter esse controle, por exemplo, o indivíduo pode “atuar de forma a transmitir a elas a impressão que lhe interessa transmitir.” (GOFFMAN, 2020, p. 13-14).

O conhecer novas pessoas implica gerenciar as primeiras impressões, isso deve ser feito por todos os participantes do encontro e essa atuação, muitas vezes é utilizada com a finalidade de ser bem-visto pelo grupo

quando um indivíduo projeta uma definição da situação e com isso pretende, implícita ou explicitamente, ser uma pessoa de determinado tipo, automaticamente exerce uma exigência moral sobre os outros, obrigando-os a valorizá-lo e a tratá-lo de acordo com o que as pessoas de seu tipo têm o direito de esperar. Implícitamente também renuncia a toda pretensão de ser o que não aparenta ser, e portanto abre mão do tratamento que seria adequado a tais pessoas. Os outros descobrem, então, que o indivíduo os informou a respeito do que é e do que eles *devem* entender por “é”. (GOFFMAN, 2002, p. 21)

Dessa forma, para estabelecer um relacionamento com determinado grupo, esta forma de representação deve se repetir em todos os momentos em que se está com as mesmas pessoas para reforçar a imagem que se deseja passar e manter os mesmos direitos e deveres já conquistados perante determinado grupo.

O papel desempenhado pelo indivíduo pode ser apenas para representar algo para os seus pares, tendo-se a consciência de que o que se está apresentando não é real, mas também pode ser algo em que ele mesmo acredita ser a realidade, segundo Goffman (2002), que define os tipos de atores em dois: cínicos e sinceros.

Os atores cínicos são conscientes de que estão executando uma representação que não é real, mas não necessariamente desejam enganar a sua plateia. “Um indivíduo cínico pode enganar o público pelo que julga ser o próprio bem desde, ou pelo bem da comunidade...”, (GOFFMAN, 2002, p. 26). Essa afirmação pode ser exemplificada em casos do dia a dia em que pequenas representações são necessárias para gerar situações de conforto ou de mais segurança para os demais.

Sobre a utilização do termo “representação”, o autor sinaliza que o utiliza para se “referir a toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência.” (GOFFMAN, 2002, p. 29) e utiliza o termo fachada para denominar

a parte do desempenho do indivíduo que funciona regularmente de forma geral e fixa com o fim de definir a situação para os que observam a representação. [...] ...o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação. (GOFFMAN, 2002, p. 29)

Dentro do conceito de fachada, existem outros termos que fazem parte da sua composição, como o cenário, local onde acontece a representação, o palco onde as ações são executadas. O cenário possui uma localização física determinada. Apenas em algumas representações específicas esse cenário acompanha os atores em seu deslocamento geográfico, como em enterros ou cortejos e paradas cívicas.

Goffman (2002) também apresenta o termo fachada pessoal para incluir os elementos relacionados às expressões “itens de equipamento expressivo [...] que de modo mais íntimo identificamos com o próprio ator, e que naturalmente esperamos que o sigam aonde quer que vá.” (GOFFMAN, 2002, p. 31). Diversos elementos podem fazer parte da fachada pessoal, como a forma de vestir, aparência, padrões de linguagem, expressões faciais, e podem ser fixos das características físicas do ator e não se alteram com o tempo, ou transitórios, como as expressões faciais que mudam de acordo com a situação.

Dentro da fachada pessoal, ainda é possível dividi-la entre aparência e maneira. Tendo como aparência o conceito de estímulos que tem o objetivo de revelar o status do ator na sociedade e a maneira, o conceito de estímulos que informam sobre “o papel de interação que o ator espera desempenhar na situação que se aproxima.” (GOFFMAN, 2002, p. 31). O que é esperado nesses casos é a correspondência entre

a aparência do ator e as suas maneiras, além da coerência com o ambiente. Essas relações podem se contradizer e isso pode gerar uma quebra na expectativa do público que pode ser até positiva em determinada situação. Dentro da representação de um indivíduo, podem se fazer necessários elementos dramáticos de acordo com a necessidade da situação vivida para reforçar as reações e sentimentos que deseja despertar.

Para o autor (2002), as representações são moldadas para serem compreendidas pela sociedade e atender às suas expectativas. “A noção de que uma representação apresenta uma concepção idealizada da situação é, sem dúvida, muito comum.” (GOFFMAN, 2002, p. 40). A ideia é que o indivíduo em sua atuação apresente valores reconhecidos pela sociedade para gerar identificação com o seu público e tornar a encenação real.

Além de ator, o indivíduo pode ser considerado um personagem, como “uma figura admirável, cujo espírito, força e outras excelentes qualidades a representação tinha por finalidade evocar.” (GOFFMAN, 2002, p. 231). Para o autor, o ator e o personagem possuem diferentes características, mas nos dois caminhos o significado é que o espetáculo deve continuar.

O personagem e a pessoa que o representa estão equiparados, coexistindo. O indivíduo passa a ter o seu corpo como um cabide para o personagem que o levará a conseguir o que deseja na sociedade. O eu faz parte de muitos arranjos entre a representação para o público e a plateia que fará a interpretação do que foi encenado. O seu mecanismo é lento e possui diferentes componentes, como controlar a região dos fundos, a cumplicidade da equipe e o cuidado da plateia, mas quando ele está bem trabalhado, “as impressões fluirão dele com bastante rapidez para nos colocar no domínio de um dos nossos tipos de realidade.” (GOFFMAN, 2002, p. 232).

O indivíduo como ator pode aprender e treinar para esse papel e até mesmo pode sentir vergonha de se expor. Os atributos do ator são um efeito das representações particulares de cada um. Os indivíduos transitam ao longo da sua convivência na sociedade por diferentes papéis, seja na plateia para outros atores, seja como personagem representando no palco e como ator, aprendendo a desenvolver esses personagens para circular entre os demais e conseguir sucesso nas suas ambições, sejam elas fazer parte de um grupo, ser aceito ou ser visto de forma diferente para mudar o seu status social.

3.5.5 Reflexões sobre o imaginário

Para refletir sobre a construção do imaginário de um determinado tema, é preciso analisar as origens da sua criação e entender como o imaginário se entrelaça com os demais conceitos da nossa sociedade. Pode-se perceber que se está em um mundo onde o eu que as pessoas representam para a sociedade pode ser muito influenciado pelo meio habitado e pelo imaginário do que se espera da vida e o que se espera dos indivíduos pelo determinado papel desempenhado nesse espetáculo da sociedade. Então se percebe o quanto é difícil se desvencilhar e separar o que são os desejos pessoais e o que se está fazendo para cumprir com determinadas ações esperadas pela sociedade. Quanto mais se conhece, mais se pode ir além de entender o passado para poder modificar o presente e criar ações pensando no futuro em numerosos campos da ciência, mercado e economia.

O imaginário vem sendo estudado por diferentes pensadores de correntes de pensamento diversas e até mesmo áreas de estudo diversas. Por não se encontrarem dados exatos e concretos ou palpáveis, pode-se entender que não é um campo de estudos válido ou que deva ser levado a sério. Contudo, compreender como funciona a construção do imaginário humano é um desejo que permeia o pensamento antigo, desde os estudos sobre a compreensão dos sentidos e significados das imagens passando por hipóteses diversas e correntes que, além de buscar entender o que se passa internamente na mente das pessoas, conseguem descobrir a conexão do interno com o externo, das influências cíclicas.

Em determinados momentos o homem cria imaginários que irão ser absorvidos por outros e, ao mesmo tempo, percebe-se vivendo imaginários que não são seus. Muitas vezes não percebemos a origem dos impulsos e desejos, se são nossos ou fruto do imaginário criado pelo meio.

Além disso, percebe-se a aproximação dos temas de imaginário e tribos pela aura que paira em torno do que e do porquê vive-se com o questionamento constante de que se existe o desejo de fazer parte de uma tribo isso se dá pela construção do imaginário, porque é o esperado das pessoas ou isso simplesmente é uma representação do que realmente cada pessoa é. O individual está muito interligado com o todo, com o que veio antes e com o que atravessa o ser humano desde o nascimento.

Estudar o imaginário é o caminho para entender o real. Para compreender as ações e o seu resultado é preciso ir até a origem, buscar o que move o ser humano, descobrir os motores e motivações. As mudanças e adaptações constantes dos indivíduos podem não possibilitar o encontro de respostas únicas e definitivas, porém de forma geral, muitas alternativas podem ser descobertas e hipóteses trabalhadas. A atualização deve ser constante e é inevitável.

Questionar a origem dos imaginários que se acredita serem individuais pode ser uma forma de buscar compreender quem é o ser humano e como ele se relaciona com os demais. Essa reflexão pode ser muito mais profunda quando, de forma livre e sem cobranças ou julgamentos, procura-se entender o nosso papel na sociedade e como se pode contribuir buscando a originalidade e uma forma própria de viver e ver o mundo, sem deixar de lado a consciência de que não é possível se conservar totalmente livre de influências externas e de que estas são recebidas desde os primeiros passos de vida. As pessoas são seres sociais, influenciadores e influenciáveis. Vivem em tribo para afirmar ainda mais a própria identidade e personalidade, se encontram no outro e com o outro e é nessa relação de proximidade que os conhecimentos, coisas, pessoas e representações se propagam.

Para Maffesoli (1998), quando se observa a complexidade da sociedade, percebe-se que cada pessoa vive diferentes experiências e pode participar de uma múltipla gama de tribos, cada uma delas ligada a diferentes versões de si mesmo, como se em cada local, se utilizassem máscaras diversas. Cada indivíduo pode então pertencer a diferentes tribos e transitar entre cada uma delas ajustando-se e sentindo-se pertencente de forma verdadeira durante o seu momento com seus pares. Todas essas tribos e conexões são vistas como reais, válidas e parte da sociedade. O autor destaca que esse conceito das redes de conexão entre as pessoas pode ser considerado como uma atualização do mito da comunidade

mito no sentido de que alguma coisa que, talvez, jamais tenha existido, age, com eficácia, no imaginário do momento. Daí a existência dessas pequenas tribos, efêmeras em sua realização, mas que nem por isso deixam de criar um estado de espírito que parece destinado a durar. [...] Em todo caso, isso nos obriga a repensar a misteriosa relação que une o “lugar” e o “nós”. Pois, ainda que isso irrite os mantenedores do saber institucional, a atribulada e imperfeita vida do dia a dia não deixa de produzir um verdadeiro ‘*co-nnaissance comum*’. (MAFFESOLI, 1998, p. 208)

No artigo “Tribalismo pós-moderno: Da identidade às identificações”, Maffesoli (2007) defende que a metáfora da tribo é frequente e permite a percepção das mudanças dos vínculos sociais, com a saturação das questões da identidade e individuais. Para ele, o tribalismo “é uma realidade incontornável e não está limitada a uma área geográfica particular.” (MAFFESOLI, 2007, p. 98), ressaltando que ainda existe muito o que se pensar sobre o tema e que o valor referente ao tribalismo dominará os próximos tempos.

O termo pode trazer uma sensação de arcaísmo e retrocesso, mas essa pode ser uma das características dos tempos pós-modernos, indo além, por exemplo, de um progresso contínuo e linear. Ao invés do termo progresso, o autor propõe a utilização de outro termo, o ingresso, que remete a uma caminhada sem um fim, uma constante caminhada

entrar (in-gresso) sem progredir (pro-gresso), eis o que parece estar em jogo para as nossas tribos contemporâneas. Elas não têm a esperar um fim, um projeto, econômico, político, social, a realizar. Elas preferem “entrar dentro” do prazer de estar juntos, “entrar dentro” da intensidade do momento, “entrar dentro” da fruição deste mundo tal como ele é. (MAFFESOLI, 2007, p. 98)

Essa vitalidade pode ser encontrada em diferentes manifestações que lembrem o lado animal dos seres humanos. O que traz um paradoxo para o período pós-moderno, as origens e o primitivo são colocados em cena, onde a fidelidade às origens do ser humano faz parte da fórmula para o futuro. As raízes estando presentes sem perder o dinamismo dos avanços existentes. Para Maffesoli (2007), as atividades das tribos eram apenas para alguns perfis de pessoas pertencentes a movimentos de vanguarda. Esse conceito não cabe mais, “Toda ocasião é boa para viver, em grupo, esse perder-se a si dentro do outro, onde a eterna criança que é Dionísio e os bacanais por ele impulsionados são exemplos perfeitos.” (MAFFESOLI, 2007, p. 99).

A realização das atividades em grupo, buscando até um retomar da infância, pode ser exemplificado como as diferentes tribos expressando o prazer de estarem juntas, de forma igual, com um sentimento fraternal e de nostalgia. Essas reuniões podem acontecer sem nenhuma finalidade ou utilidade específica propriamente dita, a ideia é viver a vida simplesmente. Porém isso não significa que essas tribos sejam apáticas ou alheias ao que acontece ao seu redor aceitando o *status quo* de forma passiva. O sentido do tribalismo está também no seu retorno em meio a uma

sociedade extremamente racionalizada e asséptica, que tem como preocupação banir todo o risco.

A existência das tribos no ambiente urbano também ressalta a importância de a sociedade possuir um olhar mais empático para o outro, compartilhando emoções e afetos, destaca o autor (2007). “O tribalismo lembra, empiricamente, a importância do sentimento de pertença a um lugar, a um grupo, como fundamento essencial a vida social.” (MAFFESOLI, 2007, p. 100). Ele marca o fim de uma era em que o mundo é organizado a partir do indivíduo, tem-se agora o retorno à comunidade, o calor humano e a proximidade confortam as pessoas, os afetos se encontram no ambiente de tribo, que incentiva a participação, as interações em harmonia com coisas e pessoas, uma aura de efervescência envolve os participantes. As tribos estão presentes para o melhor e para o pior, por isso, devem ser estudadas na

sua complexidade, o seu aspecto complicado necessita de uma complicação na abordagem. Daí a necessidade de pensar, de forma orgânica, as sucessivas sedimentações que constituem a socialidade, a saber, o sentimento de pertença, o colocar-se em rede horizontal, a simbiose de afeto, e os processos de contaminação que tudo isso faz suscitar. Eis a sua ordem ou a sua razão interna. (MAFFESOLI, 2007, p. 101)

Existem outras fontes e autores tratando do tema tribos com diferentes focos. Para a fundamentação teórica desta pesquisa, optou-se por trabalhar com os conceitos de Maffesoli pela grande referência do autor na área de pesquisa e abordagem alinhada à sua própria visão que será utilizada para a realização da análise das entrevistas realizadas. Buscou-se não utilizar a consulta de bibliografias apresentam os conceitos de tribos já classificadas por interesses específicos e focar em um autor que traz a ideia geral do conceito estudado e apresenta aplicabilidade geral, independente da tribo trabalhada.

A partir da visão e do estudo desses pressupostos da sociologia compreensiva e das tribos trabalhados por Maffesoli e do compartilhamento dos demais conceitos sobre os tópicos estudados, serão apresentados o relato e a análise das entrevistas realizadas com as personas escolhidas para fazerem parte da amostragem, o texto completo da transcrição foi disponibilizado nos anexos ao final do trabalho.

O objetivo é apresentar algumas impressões sobre os diálogos e destacar os pontos das conversas realizadas para que se possa ter uma visão do entendimento dos campuseiros sobre o evento *Campus Party* Brasil e do alinhamento das respostas com o conceito do evento como meio para a construção de um imaginário tribalista.

Inicialmente as falas foram trazidas para análise de forma individualizada para após serem destacados os pontos em comum e ser realizado o cruzamento dos dados coletados.

4 ENTREVISTAS COM CAMPUSEIROS

Quando se fala em realizar a análise de uma tribo, muito pode ser pensando e levado em consideração a esse respeito. Alguns desses pontos envolvem questões como recortes de gênero, raça e status social dos participantes. Informações que podem trazer diferentes visões sobre as características dos integrantes dessa tribo. Para a seleção dos entrevistados, alguns desses pontos foram observados de forma secundária, como pessoas de diferentes gêneros, faixas etárias, nível de escolaridade, local de origem, condição socioeconômica e raça, com o objetivo de trazer um grupo heterogêneo para o hall dos entrevistados.

Isso pode ser também uma forma de apresentar que, mesmo sendo um grupo que possui uma imagem específica dentro do imaginário coletivo quando se fala no público de um evento de tecnologia, um homem branco, heterossexual, de classe média alta, cisgênero, existem pessoas diversas na tribo estudada, mesmo que esse não seja o foco principal do estudo realizado.

O perfil citado anteriormente e reconhecido pelo senso comum está muito presente no evento, porém existem comunidades formadas pelos campuseiros e projetos da organização com foco na inclusão e na diversidade, com *workshops* e palestras focadas em programação tendo como público-alvo as mulheres, por exemplo. Comunidades voltadas para o público LGBTQIAP+ promovem um espaço de orgulho e acolhimento para que as pessoas possam se sentir mais confortáveis no evento também.

Poderia se entrevistar pessoas que compareceram apenas uma vez ao evento para procurar entender a sua imagem da *Campus Party* e porque não foram novamente ao encontro, contudo o objetivo do trabalho está focado em compreender como se forma o imaginário tribalista do evento, abrangendo assim, pessoas com interesse genuíno na CPBR e que se consideram parte dessa tribo.

Sobre o perfil dos entrevistados, o foco foi a sua recorrência em participações no evento, independentemente do número de participações, e o alimento do perfil de participação aos levantados para a pesquisa. Para esse estágio do trabalho foi optado não fazer um levantamento de participantes por características etnográficas, para que o foco permanecesse na ligação de cada pessoa com o evento.

Apesar disso, durante a seleção e o recebimento de indicações dos participantes, houve um cuidado de se trabalhar com pessoas de algumas

características diversas em relação a gênero, faixa etária, raça e orientação sexual. Para essa amostragem, não foi localizado um participante portador de deficiência ou que se encaixasse em outros recortes sociais. Porém nenhuma pergunta da entrevista foi voltada para realizar esse mapeamento, sendo que alguns entrevistados comentaram suas particularidades de forma voluntária.

Existem entre as regras, cuidados e orientações passadas aos campuseiros, informações referentes a denúncias de assédio e a não tolerância do evento com este tipo de comportamento, para promover um ambiente mais seguro e acolhedor para os participantes. Dentro do centro de convenções estão posicionados brigadistas, além de membros da organização para o caso de acidentes ou outras eventualidades que possam acontecer durante a CPBR.

Para a realização da presente pesquisa foram realizadas nove entrevistas semiestruturadas com pessoas que correspondem a algum dos perfis de participantes do evento mapeados no início da pesquisa. As perguntas realizadas seguiram uma base idêntica para todos os entrevistados, porém algumas adaptações ocorreram durante o momento de conversa para que houvesse o ajuste às diferentes realidades que cada indivíduo presenciou ao participar da *Campus Party* e com o objetivo de explorar mais determinados pontos trazidos pelos participantes.

As conversas foram organizadas com questões abertas, semiestruturadas e com a possibilidade de inclusão de perguntas adicionais na medida em que novos pensamentos e necessidades de entendimento de determinado tema fossem identificados. Ou seja, houve flexibilidade na aplicação das entrevistas, a partir de temas centrais foram inseridas novas perguntas, conforme a possibilidade de agregar conteúdo aos diálogos com as fontes.

Segue a lista das questões balizadoras dos diálogos realizados:

1. Como você ficou sabendo da *Campus Party*?
2. Qual e quando foi o seu primeiro contato com o evento?
3. Quando você pensa em *Campus Party* qual sentimento te desperta?
4. Qual foi a sua experiência mais marcante relacionada ao evento?
5. Participar da *Campus Party* mudou a sua vida de alguma forma?
6. Você cria alguma expectativa para ir à *Campus Party*? Se sim, qual?
7. O que você mais gosta de fazer na *Campus Party*?
8. Como você vê a possibilidade de acampar no evento?

9. Qual a sua motivação para ir ao evento?
10. Você sentiu alguma diferença na realização do evento em formato digital? Se sim, qual? Como você se sentiu?
11. Você pretende participar novamente da *Campus Party* Brasil independente do formato?
12. Se o evento não fosse mais realizado, como você se sentiria e do que você mais sentiria falta?
13. Existe alguma coisa que você encontra apenas na *Campus Party* ou que apenas a *Campus Party* te proporciona?
14. Como você se sente quando o evento acaba?

Além das questões acima listadas, foram realizados outros questionamentos diretamente relacionados às vivências específicas de cada perfil de pessoa dentro do evento. Conforme citado no capítulo sobre a metodologia, as entrevistas foram realizadas via plataforma de reuniões *on-line*. Na sequência, são apresentadas as principais impressões das entrevistas realizadas.

Todos os participantes entrevistados serão tratados com os pronomes masculinos, seguindo as regras ortográficas vigentes que ditam que “quando existem substantivos de gêneros distintos, a norma prevê que o adjetivo fique no masculino plural” (ARRAIS, 2017) e para evitar a identificação das pessoas.

4.1 IMPRESSÕES ENTREVISTA PARTICIPANTE 01 (P01)

O Participante 01, será referenciado pelo numeral para evitar a sua identificação e desempenha na *Campus Party* Brasil o papel de *Guild Master*. Natural do Rio Grande do Sul, morador de Porto Alegre, cidade da qual se deslocou nas suas primeiras idas ao evento e morando atualmente na cidade de São Paulo, capital do Estado de São Paulo, devido à mudança de profissão pela qual passou após ter comparecido à CPBR.

Sobre a primeira questão, relacionada a como ficou sabendo do evento e como foi o seu primeiro contato, o participante comenta que foi por meio de um *podcast* que fala sobre cultura nerd chamado *Nerdcast*, do site Jovem Nerd. Sua vivência de trabalho na época não era relacionada à tecnologia, trabalhando com uma área muito diferente. Logo não convivia com pessoas que compartilhavam dos mesmos

interesses para falar sobre o evento ou programar uma viagem em conjunto. A sua primeira ida ao encontro foi com uma pessoa que já havia tido essa vivência e ele pediu se poderia ir junto.

Ao longo da sua primeira participação na CPBR, passou a fazer parte de uma comunidade e, alguns anos depois, trocou de grupo, pois o primeiro estava diminuindo o seu engajamento. Para se tornar um *Guild Master* foi um processo que pôde ser sentido como um acontecimento natural após comparecer e se engajar na *Campus Party* desde a edição 6, na décima edição ele foi convidado a integrar um grupo de pessoas relativamente conhecidas como uma referência pelos demais campuseiros que passou a ser uma ponte entre os participantes e a organização. Apoiando em algumas ações de divulgação, auxiliando os campuseiros novatos e repassando as críticas e sugestões que surgem ao longo do evento para a coordenação. Segundo o participante entrevistado

a *Campus* é muito um evento das pessoas que desenvolvem ele entenderem o amor dos outros pela *Campus*. Da direção entender que as pessoas são apaixonadas pela *Campus*. E eu fui uma pessoa que sempre, depois da *Campus Party* 10 em diante, eu fui uma pessoa que me envolvi muito com a vida da *Campus*. (PARTICIPANTE 01, 2021)

Sobre o sentimento percebido quando fala do evento, é relatada emoção e transformação, “quando eu fui na minha primeira *Campus Party*, eu entendi que eu queria trabalhar com educação, eu queria impactar a vida das pessoas, eu queria levar conteúdos legais a lugares legais” (PARTICIPANTE 01, 2021). Segundo o Participante 01, viver esse universo, mudou a sua vida. A respeito das experiências mais marcantes que a CPBR proporcionou, é citada a possibilidade de trazer as pessoas para perto.

Sobre as pessoas poderem ver de perto e conversar com grandes personalidades, inclusive, mundiais e que isso seria uma coisa possível apenas na *Campus Party*, pois em outros eventos como a *Comic Con Experience* (CCXP), apenas algumas pessoas conseguem se aproximar das personalidades, as filas são longas para isso e, em muitos casos, é preciso pagar para ter uma interação maior com determinados ídolos. Já na *Campus Party* “todo mundo desce do palco para conversar com as pessoas. Ninguém pega e vai embora. Sabe, isso é uma coisa incrível que só existe na *Campus Party*. O que mais marca na *Campus Party* é o contato com as pessoas.” (PARTICIPANTE 01, 2021). Em outro momento da conversa,

a pessoa entrevistada comenta “Então eu acho que essa é a grande magia da *Campus Party*, é você conversar com as pessoas e ter conteúdos incríveis.” (PARTICIPANTE 01, 2021).

Sobre as expectativas para as próximas edições do evento, o entrevistado trouxe que, nos primeiros eventos em que comparecia, ao final, o sentimento de tristeza era muito grande por não mais poder conviver tão intensamente com os outros participantes e fazer parte de conversas sobre diferentes assuntos, como astronomia, engenharia, quadrinhos. O sentimento de perda relatado era muito forte, porém, com o passar do tempo, passou a perceber que no ano seguinte poderia retornar e isso trouxe um sentimento de calma maior,

é um universo tão incrível, então sempre fica uma nostalgia muito grande. A *Campus* na verdade, ela é meio o eixo principal da vida de muitas pessoas, o ano começa com as pessoas perguntando quando é a próxima *Campus*, porque que elas precisam organizar férias, viagens, comprar ingresso e comprar passagem. A *Campus* ela é o eixo central do calendário de muita gente eu não tô falando de mil pessoas, eu tô falando de muito mais de mil pessoas que vivem do ano inteiro fazendo essa pergunta: “Já saiu a data da *Campus*? Já saiu a data da *Campus*?”. (PARTICIPANTE 01, 2022)

Para o entrevistado (2022), a data da *Campus Party* sempre foi um marco na sua agenda, assim como ele relata que o ano de muitas pessoas é baseado nas datas da *Campus*. As pessoas compram o ingresso e reservam as passagens sem saber quem serão os palestrantes presentes, diferentemente de outros eventos, como o *Rock in Rio* em que o público compra o ingresso com base nas atrações que estarão presentes. Já na

Campus Party não tem isso, sabe assim não, já vamos comprar agora porque tenho desconto, os primeiros sempre têm desconto. Então já sai comprando. Não interessa quem vai. Eu nunca vi alguém dizer assim: eu não vou na *Campus Party* porque eu não gostei dos palestrantes. Eu acho que sim, ela gera uma expectativa muito grande em cima das pessoas. (PARTICIPANTE 01, 2022)

O que o P01 mais gosta de fazer no encontro é aproveitar a imersão que o ambiente proporciona, tendo o mínimo de contato com o mundo exterior, “a primeira coisa que eu faço é calendário de palestras, marcar tudo que eu quero assistir” (PARTICIPANTE 01, 2022). Nos momentos em que não está assistindo às palestras, procura ficar na bancada conversando com os amigos ou jogando, “mesmo a gente jogando *on-line* durante a semana, na vida normal, quando a gente pode jogar *on-line*

e presencial é uma emoção diferente” (PARTICIPANTE 01, 2022), procura também fazer *networking* e passear pelo espaço.

Como faz parte de sua função como *Guild Master* ser uma ponte entre os cam-puseiros e a organização, ele gosta de ouvir o que os participantes têm a dizer sobre o evento e faz questão de anotar os itens para repassar à organização para que seja verificado, inclusive as reclamações. Ele define o programa de *Guild Masters* como “um programa de influência e apoio. [...] são pessoas, eu não gosto desse termo, porque eu não me considero, mas são pessoas mais famosinhas dentro da *Campus*, que são fáceis de localizar.” (PARTICIPANTE 01, 2022).

É uma equipe que ajuda a organização, os novos participantes, participa de ações de divulgação, ativações com as marcas e outras demandas para desafogar os colaboradores durante a realização da conferência.

Sobre a interação com os demais participantes no *camping*, ele diz que

eu acho que o *camping* é uma grande experiência social também e de convivência de estar no *camping*. Eu adoro, eu adoro. Adoro o *camping*, adoro a barraca, a gritaria, puts tudo o que acontece no *camping*. O *camping* antes da entrada da *Campus Party*, ele já é um evento. Todo mundo sentado para fora, é cada um com um computador, videogame e todo mundo ali em volta e conversando... Existe a mística do *camping*, eu acho assim. [...] para mim é *camping* para sempre assim, enquanto eu tiver saúde é *camping*. (PARTICIPANTE 01, 2022)

O ato de acampar faz parte do imaginário do evento e, mesmo alguns participantes tendo a chance de ficarem hospedados em hotéis, o desejo é de permanecer com o grupo para viver a experiência completa. Observa-se um desejo de não perder nenhum dos acontecimentos, buscando sempre estar junto com o grupo e adaptando a sua rotina para permanecerem unidos.

A motivação para continuar comparecendo ao evento, para ele (2022), mudou da curiosidade das primeiras edições e vai além do desejo de reencontrar os amigos,

é um evento onde é completamente diferente de todos os eventos, que é um evento que não tem venda. [...] Nem sempre você consegue sair com uma camisa da *Campus Party*, uma caneca da *Campus Party*, uma coisa mais difícil, mas a gente vai achar muito melhor. Então, não é um evento de venda, é um evento que tem uma pegada educativa muito forte, porque afinal de contas são sei lá 6, 12 palcos com palestrantes, durante quase o dia inteiro, trazendo conteúdo de qualidade para mudar a vida das pessoas. É um evento de empreendedorismo, de certa forma, acho que a gente tem que parar de pensar no empreendedor, simplesmente como um cara que saiu e abriu uma *start up* [...] o empreender no sentido de levar coisas novas para sua realidade. De tu sair com ideias novas, com ideias diferentes ou simplesmente sair influenciado a fazer alguma coisa. Então, acho que, para mim, isso muito é a alma da *Campus Party*. (PARTICIPANTE 01, 2022)

Nesse contexto o evento é considerado um ponto de transformação na vida das pessoas, em diferentes esferas e de acordo com os objetivos expectativas de cada um. E esse diferencial de imersão, de estar todos os dias no ambiente onde os conteúdos acontecem, é o que ele considera o diferencial da CP. Além da possibilidade de conhecer outras pessoas e criar uma comunidade onde todos se ajudam e se apoiam durante aqueles dias

mas nos outros eventos têm o que, tem o amigo da fila. [...] Você acaba conversando com as pessoas da fila. Acabou? Acabou amizade da fila. A amizade da mesa, ela é longínqua, ela é mais longeva, você troca o contato. Pô, ano que vem estamos de volta, se você é da mesma comunidade, então, mais ainda. Se as pessoas não fazem parte de comunidade nenhuma, com frequência, elas acabam: pô, vamos fazer o nosso grupo aqui que acaba virando uma comunidade. (PARTICIPANTE 01, 2022)

Sobre a realização do evento no formato virtual ou o encerramento da sua realização, o entrevistado (2022) comenta que eventos começam e terminam todo o tempo em diferentes lugares do mundo e que talvez isso também aconteça mesmo com um evento com o porte da *Campus Party* que é gerido por empresas, já passou por diferentes gestões e pode ser que em algum momento a sua realização não seja mais possível ou viável. Ele sente que a maior parte do público não tem no seu imaginário essa possibilidade de não realização, mas que isso pode mudar e que, inclusive, esta é a ideia dos organizadores do evento, que ele mude e acompanhe as mudanças do contexto social

ela não vai ser mais só um evento presencial, ela vai ser um evento *ominichannel*, o que que vai vir deste *ominichannel* e o que que vai mudar realmente para a pessoa que vai presencialmente na *Campus*, a gente ainda não sabe, a gente ainda não viveu, mas ele deixou super claro, a *Campus Party* não é mais uma coisa que vai simplesmente acontecer num evento, num dia, num lugar. Não, ela vai estar sempre acontecendo. (PARTICIPANTE 01, 2022)

Para ele é preciso entender esse contexto e como público também se adaptar às mudanças de alguma forma. Ele percebe que as pessoas que relataram não gostar do evento no formato virtual são pessoas que preferem os diferenciais do evento presencial, como as bancadas, os computadores e a convivência com os amigos, já “a pessoa que gosta muito, é a pessoa que gosta das áreas de empreendedorismo, de educação, de tecnologia, a pessoa que quer conteúdo, essas pessoas gostam muito da *Campus online*.” (PARTICIPANTE 01, 2022).

Pensando no caso de o evento não ser mais realizado, ele relata que se sentiria triste, mas não acredita que perderia o contato totalmente com os amigos que conheceu no evento, mas ficaria chateado com a possibilidade de não ver mais conteúdos incríveis e conhecer novas pessoas. Falando sobre a realização do evento no formato virtual, ele participou das duas edições. Na sua preferência, a segunda edição foi mais interessante por ter mais interatividade e contar com mestres de cerimônias.

Para alguns palestrantes, ele comenta que acredita que possa ter sido mais confortável fazer sua apresentação de casa, em um ambiente tranquilo e que pode até facilitar para mais pessoas participarem, mas o que deixa a desejar, na sua opinião, é a interação do público com os palestrantes após as falas, fato mundo comum no evento presencial onde os palestrantes descem do palco no final da palestra e continuam esclarecendo dúvidas e trocando conhecimentos com os interessados. Esse ponto é algo que ele sente muita falta e que o conteúdo de qualidade é algo que aproxima as pessoas, o *camping*, a mesa e a internet são benefícios a mais.

Ele diz (2022) que pretende continuar comparecendo ao evento nas próximas edições, enquanto os valores e princípios da *Campus Party* e das pessoas que fazem o encontro acontecer continuarem alinhados aos seus, já que a “*Campus Party* é feita de pessoas. [...] ... acredito, tenho muita certeza, que enquanto essas pessoas que estão envolvidas hoje na *Campus Party* estiverem aí, são sempre bons princípios.” (PARTICIPANTE 01, 2022).

4.2 IMPRESSÕES ENTREVISTA PARTICIPANTE 02 (P02)

O Participante 02 participa do evento como colaborador. Sendo morador da cidade de Belo Horizonte no Estado de Minas Gerais, trabalha na área de programação e tecnologia. O seu primeiro contato com o evento foi através da divulgação de sites e blogs de tecnologia, mas ainda não tinha idade para ir sozinho ao evento. Na *Campus Party* Brasil 7, quando completou 18 anos, o participante foi pela primeira vez ao evento e, desde então, compareceu a todas as edições presenciais e participou das edições digitais. Além de ter ido a edições regionais e a uma edição realizada na Argentina. Sobre o evento da Argentina, o participante comenta que

me chamou a atenção que a *Campus* do Brasil parece ser muito mais, não que na Argentina não seja colhedora, mas eu achei a do Brasil, o próprio pessoal mais acolhedor, assim os próprios campuseiros, né? E uma coisa que eu achei engraçado também é que na Argentina, depois de um certo horário quando acabam as atividades, o evento fica mais pacato. Fica mais pacífico e já no Brasil, não tem isso é 24 horas. Uma coisa também que eu notei, é que as pessoas lá, eles estão muito mais pelas palestras, as atividades do que outras atividades dentro da *Campus* e, já no Brasil, eu percebo que é bem dividido, mas é muito mais por outras atividades do que puramente pelas palestras. (PARTICIPANTE 02, 2021)

Quando fala do sentimento que desperta ao pensar na *Campus Party*, o P02 destaca que são vários, mas se precisar definir em uma só palavra, seria amor. E isso pode ser observado em sua jornada pelo evento para chegar a ser um colaborador, pois sempre participou muito ativamente da CPBR, principalmente na rede social *Twitter*, fazendo memes e compartilhando conteúdo.

Em uma das edições, Tônico Novaes, um dos responsáveis pela realização do evento no Brasil, pediu para conhecer o Participante 02 por gostar do conteúdo que ele produzia sobre o evento e lhe apresentou para a equipe de comunicação da *Campus Party* e, no ano seguinte, ele passou a fazer parte da equipe de comunicação da CPBR. O participante relata que não foi uma situação planejada e realmente o seu engajamento e gosto pelo evento foram notados pela equipe organizadora. A sua rotina de trabalho com a *Campus Party* acontece em um período mais próximo à realização dos eventos e em ações de divulgação pontuais para os quais ele é chamado.

Sobre a sua experiência mais marcante em relação à participação na *Campus Party*, ele destaca que são muitas experiências que merecem destaque, mas a sua primeira participação foi especial, por andar pela primeira vez de avião, por estar pela primeira vez na cidade de São Paulo, por chegar no local sem conhecer ninguém pessoalmente e encontrar as pessoas pela primeira vez ao vivo, destaca tudo isso como muito marcante.

Para o P02 (2021), a CPBR mudou sua forma de ver o mundo. O contato com diferentes tribos, especialidades e interesses, mudou a forma como ele interage com os demais

eu, pelo menos, fico muito mais confiante hoje em dia de falar com as pessoas que eu não conheço, por exemplo, do que anteriormente. É claro, tem a questão do amadurecimento da pessoa mesmo, mas eu acho que a *Campus* tem um papel fundamental nisso. (PARTICIPANTE 02, 2021)

De forma inicial, pode-se destacar o sentimento de crescimento pessoal relacionado à experiência vivida na *Campus Party*. Sobre as suas expectativas em relação aos próximos eventos, o P02 relata que sempre pensa na próxima edição assim que termina outra e mesmo quando participa das edições regionais tem a sensação de que a edição nacional vai ser mais interessante e é a que ele fica mais ansioso para comparecer. O Participante 02 identifica o sentimento de ansiedade logo ao fim do evento, mas inicia o seu planejamento quando as datas são divulgadas para organizar as férias do trabalho e comprar as passagens aéreas.

Quando questionado sobre o que mais gosta de fazer na CPBR,

eu acho que é o contato mesmo, de conversar mesmo, de fazer networking com a galera. Eu gosto bastante assim desse desconhecido, de ter uma pessoa ali que você, cara, ele tá fazendo um robô, tá fazendo uma coisa muito legal. E aí, “ah como funciona isso?” Eu acho que isso é muito aberto, talvez em um outro ambiente, não sei, se fosse uma amostra por exemplo, não sei se eu teria coragem de perguntar tão tecnicamente alguma coisa, entendeu? Então acho que o networking, o contato mesmo, é o que o que mais me chama atenção. (PARTICIPANTE 02, 2022)

Sobre a relação da possibilidade de acampar no evento e a imersão percebida, ele traz a percepção de que acredita que a experiência de quem não acampa é muito diferente e que essas pessoas devem ficar com desejo de permanecer por mais tempo no local, mesmo que essa não seja a alternativa mais confortável, é a que mais vale a pena para estar presente de forma completa no evento. “Você não vai acampar para ter um conforto, né? Mas eu acho que vale muito a pena para viver aquela imersão da *Campus*.” (PARTICIPANTE 02, 2022).

A sua maior motivação para ir para a CPBR é o *networking*, “realmente de rever as pessoas que eu conheço, hoje em dia, é muito menos de conhecer e sim de rever” (PARTICIPANTE 02, 2022), abraçar e “matar a saudade” das pessoas conhecidas é o principal desejo do participante, seguido pela citação da vontade de fazer parte da realização de mais uma edição. Por estar na função de um colaborador, o P02 fala que existe um sentimento de motivação muito relacionado ao fazer parte da construção de uma parte da história, “só de pensar que algo que eu estou ajudando a construir e está saindo na mídia, está saindo no Jornal Nacional, por exemplo, eu acho que isso dá maior impacto assim, maior motivação de continuar fazendo, como colaborador...” (PARTICIPANTE 02, 2022).

Em relação às diferenças do evento presencial para o evento realizado de forma remota, a pessoa entrevistada comenta que vê como ponto negativo da edição digital a falta de contato entre as pessoas e, com isso, diminui o engajamento do público em relação às atividades propostas já

o impacto positivo é que a gente consegue chegar no mundo inteiro, para pessoas do mundo inteiro, até pessoas, por exemplo, de outros países que estão querendo, que são de tecnologia e estão querendo aprender português, por exemplo. Eu nunca tinha parado para pensar por esse lado, mas tem bastante gente realmente que quer conhecer o evento e não tem a oportunidade. Então é o fato de ser digital ajuda bastante, mas eu, acho que o presencial ele engaja mais as pessoas por causa do momento mesmo, por causa da imersão. Quando você está no digital, você assiste uma atividade que você quer e tudo mais e depois você vai fazer outra coisa, vai assistir o Netflix, vai fazer outra coisa. Já lá no evento, se você for sair para assistir o Netflix, você vai chamar alguém para assistir com você. Você saiu daquela atividade, vai fazer outra coisa e tudo mais, mas dentro da *Campus Party*. Você assiste Netflix, por exemplo, dentro da *Campus* e quando você tem em casa, pronto, fechou a janelinha, você saiu da *Campus* e é isso. (PARTICIPANTE 02, 2022)

A comparação a como realizar as atividades dentro da *Campus* e quando se está acompanhando o evento de casa, a imersão, a participação de forma mais aprofundada, a interação com os outros participantes, tudo isso fica de lado quando se acompanha um evento *on-line*. Tudo isso é ressaltado como diferenciais, principalmente no caso da imersão, que só se encontra lá

ou o evento tem uns dias separados ou pode ser que o evento seja de um dia e meio assim e passa um pouquinho da noite, mas nunca vi isso do *non stop*, de nunca parar o evento. Então isso eu acho que é o principal diferencial da *Campus*, é que a qualquer momento, começou é isso, a *Campus Party* está acontecendo, é meia-noite, três da manhã, cinco da tarde, é o tempo todo, tá acontecendo e isso eu não vejo em outros lugares. (PARTICIPANTE 02, 2022)

O evento, além de proporcionar que os participantes permaneçam durante todo o período no espaço, também permite que as pessoas criem e participem de atividades independentemente do horário e faz com que as pessoas façam parte da criação do encontro, criando vivências a sua maneira. O que faz com que os participantes queiram convidar pessoas conhecidas de seus meios para participar das próximas edições. O desejo de aproximar pessoas queridas aos amigos campuseiros, faz parte das intenções do entrevistado, já que percebe a força do vínculo criada entre os participantes

é um tipo de amizade um pouco diferente realmente por causa da imersão que a gente tem no evento. E até quem não vai, por exemplo, foi uma edição e não vai na outra, eu vejo que continua sendo amigo e é aquela amizade

que você vê uma duas vezes por ano, mas quando você encontra está a mesma coisa. (PARTICIPANTE 02, 2022)

Ele relata que mantém o contato com os amigos do evento ao longo do ano por meio dos grupos e das comunidades das quais faz parte e, nesse caso, a internet é vista como uma forma de aproximar as pessoas no período em que estão distantes fisicamente e a internet também é a forma de manter os laços e da própria organização do evento de se comunicar com o seu público. Para o entrevistado, a *Campus Party* “surgiu como um evento para internet e continua sendo um evento para internet.” (PARTICIPANTE 02, 2022).

Quando o evento acaba, o entrevistado sente-se feliz por ter feito parte de mais uma entrega de um trabalho de sucesso, já como participante, “o sentimento é de tristeza que acabou, porque você vive aquela imersão, mas também de felicidade pelo que foi, pelo que aconteceu ali.” (PARTICIPANTE 02, 2022). E, no caso de o evento não se realizar mais, o seu desejo seria o de buscar outra forma de reunir os conhecidos que fazem parte da sua comunidade, participar de outro evento ou tentar organizar o próprio evento da comunidade. O sentimento descrito seria o de tristeza por não ter visto outro encontro como este antes

é meio impossível ter alguém que consiga fazer alguma outra *Campus Party* do jeito que ela é, sabe um outro evento que tenha barraca, que tenha palestra, que tenha atividades ao mesmo tempo, que tenha, sei lá, jogos. A gente vê anime festival, esses tipos de outros eventos, tem a *Comic Con*, mas ninguém consegue fazer igual a *Campus Party*. (PARTICIPANTE 02,2022)

Dito isso, a preferência do participante pelo evento realizado no formato presencial é destacada, mesmo que seguiria participando, caso o evento seja online, “a questão online ela vem para complementar ainda mais, de fazer um evento talvez híbrido que aconteça em dois lugares ao mesmo tempo, não sei, mas a minha preferência, realmente é do presencial.” (PARTICIPANTE 02,2022).

Um ponto que o entrevistado ressalta sobre a comunidade da CP é a união entre os campuseiros e traz como exemplo um fato relacionado a um patrocinador que não participaria do evento e, a comunidade se mobilizou para falar com a marca nas redes sociais solicitando a sua presença e, como resposta, a marca compareceu àquela edição, “eu acho que eu nunca tinha visto isso assim na prática mesmo, de ter acontecido comigo dentro desse grupo, de ver a união fazendo a força realmente” (PARTICIPANTE 02, 2022).

4.3 IMPRESSÕES ENTREVISTA PARTICIPANTE 03 (P03)

O Participante 03 integra a *Campus* como líder de comunidade. Sendo morador da cidade de Brasília, no Distrito Federal, ele ficou sabendo da *Campus Party* em 2013, por um programa de televisão, como o P03 já havia planejado uma viagem para São Paulo no mesmo período com o seu irmão, aproveitou para ir conhecer a CPBR. Nesse primeiro contato, eles foram juntos para conhecer a proposta e gostaram muito dos conteúdos oferecidos.

Depois dessa primeira participação, ele relata ter ido a todas as edições presenciais na cidade de São Paulo. Na segunda edição na qual participou, o P03 foi sozinho e conheceu pessoas ao longo da sua participação nas filas de credenciamento e *camping*, no almoço, se apoiando para cuidar as coisas em uma mesa ou bancada, sem ter uma comunidade formada, mas com a ideia de colaboração entre os participantes. A ideia da criação de uma comunidade surgiu na sua terceira participação na CPBR que ele foi,

as experiências passadas já tinham sido interessantes, mas faltava alguma coisa que era exatamente a questão do poder aproveitar melhor e poder deixar suas coisas livres em cima da mesa, podendo ter mais gente para poder conversar por mais tempo, podendo ter pessoal para participar de outras partes do evento, dentro e fora do evento, outras atividades. E aí veio a ideia de reunir o grupo antes da *Campus*, manter contato. Fazer um grupo mesmo que está todo mundo junto, próximo na bancada, próximo do *camping*, para a gente poder aproveitar juntos o evento. (PARTICIPANTE 03, 2021)

Fazer parte de uma comunidade, para o Participante 03 (2021), faz muita diferença na experiência vivida dentro da *Campus*, sozinho ele relata que aproveitou muito a questão do conteúdo, mas não aproveitou os outros pontos que a CPBR proporciona, como a imersão, a convivência com pessoas de diferentes áreas de atuação, diferentes regiões do país e do mundo e que podem gerar trocas extraordinárias. Estando em uma comunidade, as interações e trocas relatadas são maiores, além da possibilidade de fazer amizades que vão além do evento. Para ele, “o convívio se estende, a diferença é enorme, muito mais proveitoso estar em comunidade.” (PARTICIPANTE 03, 2021).

Para passar a fazer parte de uma comunidade já existente dentro da *Campus Party*, o Participante 03 relata que o *Campuseiro* precisa cumprir alguns requisitos e regras estabelecidas pelo grupo, para facilitar a convivência. A ideia é sempre

conhecer e se relacionar com mais pessoas e trazer para o grupo gente com novas experiências que possa agregar valor para os demais membros da comunidade.

Sobre o principal sentimento relacionado ao evento, o participante entrevistado relata animação no início e, quando a *Campus* termina, a saudade das pessoas que se repete em todos os anos

a convivência com o grupo da comunidade é muito intensa. Aí você passa muito tempo, muito próximo de algumas pessoas que você acaba vendo exclusivamente naquele período, muito restrito a aquela semana que acontece o evento. Então a gente acaba ficando às vezes chateado por não poder ter um contato maior. Às vezes a gente acaba se empolgando também na esperança de poder encontrar algumas pessoas fora do período do evento também,... (PARTICIPANTE 03, 2021)

Sobre a experiência mais marcante que o Participante 03 pôde ressaltar, é que está casado por causa da *Campus Party*, pois conheceu a sua esposa no evento, já que os dois são de estados diferentes do país. Levando isso em consideração, o P03 relata que a sua vida foi transformada por causa do evento

mudou de diversas formas por causa da *Campus Party* eu estou casado, tenho uma vida a dois, experiência que eu realmente nunca tive antes, eu tenho uma filha e também experiência que eu nunca tive antes. Eu tenho essa grande rede de relacionamento de pessoas que eu conheci através da *Campus* inclusive profissionais hoje em dia, então no campo profissional também fez uma diferença enorme. (PARTICIPANTE 03, 2022)

Além da importância da mudança de vida pós-evento, o P03 fala sobre o que mais lhe agrada viver durante o evento,

me conectar com pessoas, estando no ambiente da comunidade eu ainda aproveito conteúdo, ainda aproveito conhecimento que o evento pode me oferecer, mas o que mais me atrai, o que mais me chama atenção e é por isso que eu continuo indo todo ano é por causa das pessoas. (PARTICIPANTE 03, 2022)

Manter o contato com quem já é conhecido e conhecer novas pessoas está entre as coisas preferidas do participante para aproveitar o evento. Inclusive o P03 destaca o gosto por acampar no evento, comentando o quanto isso torna a experiência diferenciada. Já que, durante o dia o seu foco é assistir as palestras e aproveitar os conteúdos e, quando está na bancada com os amigos, ou mais à noite aproveitar para socializar e conhecer novas pessoas.

A questão da imersão por um período maior de tempo do que em outros eventos é citada como um diferencial da *Campus Party* para o Participante 03, pois isso

possibilita a interação com os outros participantes “difícilmente você vai encontrar isso em outro evento que se propõe a ser um evento de empreendedorismo, técnico e científico” (PARTICIPANTE 03, 2022).

Sobre a realização do evento no formato digital, o P03 comenta que não vê como o mesmo evento, achou interessante o formato para consumir o conteúdo disponibilizado, mas a questão da socialização e do encontro com os amigos se perde, assim como a imersão no evento, já que não é preciso reservar uma semana específica para estar presente no local e é possível acompanhar os conteúdos enquanto trabalha ou realiza outras atividades, por exemplo. Assim o aproveitamento dos conteúdos acaba sendo prejudicado.

Caso o evento não fosse mais realizado, o P03 relata que ficaria muito chateado, pois sentiria muito a falta de ter um tempo e um ambiente para interagir com pessoas que possuem os mesmos gostos, mas com diferentes experiências tanto de vida quanto de trabalho, “essa troca que a gente acaba tendo ao longo do evento, menos no digital mais no presencial, é o que realmente faria falta pra mim” (PARTICIPANTE 03, 2022).

A relação que o P03 cita ter com os outros campuseiros é diferente das outras relações que tem em outros ambientes da sua convivência, considera que os temas abrangem outros assuntos e atingem outros níveis em focos bem diferentes dos assuntos que considera mais triviais que são tratados com familiares, amigos e colegas de outros meios.

O sentimento de tribo compartilhado com os demais campuseiros é sentido, não só durante a realização do encontro, mas ao longo de todo o ano, de acordo com o Participante 03, “isso só aumenta, só se desenvolve e a gente sente que está aí por uma razão, a gente é bem aceito...” (PARTICIPANTE, 03). Ele destaca ainda, o conceito da comunidade que possui interesses em comum e concorda com as regras de convivência daquele grupo que, ao mesmo tempo em que é heterogêneo, possui muitas semelhanças se observado na sua totalidade.

O Participante 03 afirma que pretende continuar participando do evento, principalmente sendo no formato presencial, caso a opção digital fosse a única disponível, participaria também. O P03 destaca também a relevância de fazer parte de uma comunidade que tornou até as dificuldades mais fáceis de serem transpostas

e melhorou a experiências vividas em todos os aspectos quando compartilhadas com uma comunidade.

Observando a vivência do Participante 03, pode-se concluir que existe um grande apreço pelo evento principalmente pela possibilidade de imersão e de conviver com as pessoas que estão presentes. A presença física novamente é ressaltada como essencial para o imaginário do evento e o sentimento de tribo se tornarem reais para o participante. Como apresenta Maffesoli (1998), falando sobre a proximidade das pessoas que forma a tribo, o conviver em grupo apenas pelo prazer de se estar em comunhão.

4.4 IMPRESSÕES ENTREVISTA PARTICIPANTE 04 (P04)

O Participante 04 é um participante que comparece ao evento desde a primeira edição e é um dos responsáveis pelo projeto *Include*. Morador da cidade de Pato Branco, no Estado do Paraná, ele é professor e coordenador pedagógico. Inclusive, uma das edições regionais aconteceu nessa localidade devido ao incentivo do P04. Ele teve conhecimento do evento alguns anos antes de a feira ser realizada no Brasil, no ano 2000, lendo sobre a realização da *Campus Party* na Espanha. O interesse pelo tema o fez desenvolver um projeto próprio, aliando os seus interesses pessoais à sua habilidade de construir coisas.

Quando ele soube da realização do evento no Brasil, ficou muito contente, porém não tinha condições de comparecer. Por isso, participou de um concurso cultural de um jornal e ganhou as entradas para a CPBR1, no ano de 2008. Desde a sua primeira participação no evento, o P04 levou o seu projeto e percebeu que houve uma boa aceitação por parte dos outros campuseiros. Desde então ele compareceu a todas as edições da *Campus Party* Brasil.

A partir da segunda edição, ele passou a ministrar oficinas durante a madrugada para os participantes interessados. Com o grande interesse do público no seu trabalho, vieram patrocínios de marcas presentes no evento para apoiar a realização dos minicursos e dar ainda mais visibilidade para o P04. Na realização do evento no formato digital, o entrevistado também participou ministrando oficinas. Após o término do tempo oficial da programação, ele convidou os participantes para continuarem a atividade pelo seu canal no *YouTube*.

Quando pensa em *Campus Party*, o P04 destaca o sentimento de alegria, como se o ano só começasse depois que o evento acontece “parece que o calendário da gente vira depois da *Campus*, porque nós nos referimos a antes da *Campus Party* como sendo o ano anterior” (PARTICIPANTE 04, 2022). A felicidade também é citada, pois ele relata sentir que está realizando o seu propósito de compartilhar conhecimento a respeito da tecnologia, onde

compartilhar conhecimento e ajudar a mudar o ponto de vista das pessoas sobre tecnologia. Esse é o meu ponto de vista. Esse é o meu motivador. E aí, toda vez que eu vou para *Campus* eu vou com esse sentimento e eu sempre tiro o melhor proveito possível da *Campus Party*. Que eu sempre estou me relacionando com as pessoas, eu estou gerando conteúdo, eu estou compartilhando informação, que eu sempre vejo que eu estou causando algum impacto na vida de alguém. Então para mim isso é fantástico, é o que me motiva e, para mim, por mais que eu fique 20 horas acordado, 18 horas acordado, porque eu faço a oficina de madrugada, então eu faço a oficina e aí eu vou dormir. Durmo muito pouco durante o evento, mas é uma renovação de energia tão grande que eu deixo para me sentir cansado três dias depois que acabou o evento. (PARTICIPANTE 04, 2022)

Ainda sobre os sentimentos despertados pelo evento, ele comenta que

a *Campus Party* não é a velocidade de internet, a *Campus Party* não é o tanto de download que eu fiz ou deixei de fazer dentro do evento, a *Campus Party* não é uma palestra que eu vi, que era a principal que eu mais queria ver, a *Campus Party* é a relação que nós criamos com as pessoas. É a interação, né, o bate-papo. E isso para mim é revigorante, isso é transformador para mim, como eu sei que também é transformador para algumas pessoas. (PARTICIPANTE 04, 2022)

Como lembranças marcantes relacionadas ao evento, ele cita dois momentos especiais, um deles sobre as suas primeiras oficinas realizadas de madrugada com todas as luzes do pavilhão onde o evento estava sendo realizado apagadas e apenas o seu espaço com um foco de luz “ficava um spot de luz ligado fazendo a luz no chão redonda e aí a gente sentava entorno daquilo e parecia índio em volta da fogueira.” (PARTICIPANTE 04, 2022).

Outra situação destacada foi relativa a outro momento, no início da manhã, após ter passado a noite acordado com uma oficina, quando estava indo dormir e lhe apresentaram alguns jovens com interesse em robótica. Ele relata ter esquecido do sono e ficado mais de uma hora conversando sobre o tema. “Eu acho que são esses momentos na *Campus Party* que são maravilhosos, não aqueles momentos agendados, ah vou ver fulano ou ver ciclano, não. É os momentos no corredor, de pessoas com pessoas interagindo” (PARTICIPANTE 04, 2022).

Para ele (2022), a *Campus Party* trouxe uma mudança de vida para si e para sua família, além de relatar já ter visto que seu trabalho no evento mudou a vida de outras pessoas também. “... a *Campus Party*, com todo esse trabalho que faço desde o início da *Campus Party*, ela reconheceu esse meu trabalho, essa minha dedicação e eu fui convidado para fazer parte do time de embaixadores...” (PARTICIPANTE 04, 2022).

A maior expectativa que ele relata sentir em relação às próximas edições do evento é relacionada ao seu trabalho nas oficinas. Se terá muitos inscritos, o quanto os participantes vão se empenhar e como vai ser a recepção do público, “eu me preocupo muito com isso, porque eu vou muito centrado dentro da proposta que eu tenho junto com a *Campus*.” (PARTICIPANTE 04, 2022).

O P04 ainda comenta a importância de a pessoa ir para o evento com um foco para o que ela deseja fazer ou aproveitar,

porque senão, você chegar lá e fica que nem criança dentro da doceria. Tem coisa boa para tudo quanto é lado, mas se você não tiver foco, chega no final do evento você está todo lambuzado, mas não aproveitou, não sente um sabor de um doce de verdade. (PARTICIPANTE 04, 2022)

O objetivo de cada pessoa pode ser diferente ao comparecer à CP e, mesmo quem já possui conhecimento sobre determinado assunto pode aprender novos pontos ou conhecer novas visões,

o meu objetivo sempre é tentar ajudar o máximo possível de pessoas a descobrir a robótica, tecnologia ou redescobrir, porque eu já cansei de fazer oficina de robótica e ter alunos universitários que já conhecem, que estavam fazendo o curso só para aprender uma coisa outra e de repente viram para mim falando: “Caraca, o que você me ensinou assim de um jeito tão diferente do que eu estou acostumado que você fez meus olhos brilharem de novo para uma coisa que eu achava que sabia tudo”. (PARTICIPANTE 04, 2022)

O *camping* é um espaço visto com muito carinho pela pessoa entrevistada que relata ter acampado desde a primeira edição do evento e, mesmo tendo se tornado embaixador do evento e tendo direito a uma acomodação no hotel, prefere continuar no centro de exposições para continuar por mais tempo realizando oficinas e interagindo com os campuseiros. “Eu gosto muito do que eu faço, eu gosto muito de lidar com as pessoas, mostrar para eles como tudo pode ser tão simples aprender sobre robótica e tão divertido.” (PARTICIPANTE 04, 2022).

Mesmo com o foco de interesse em robótica e tecnologia, o P04 relata que considera o diferencial da *Campus Party* a narrativa das pessoas, o reencontro e as relações que considera diferentes de outros eventos

a emoção das relações das comunidades, da inter-relação entre várias comunidades diferentes. Eu tenho grandes amigos meus que são de áreas totalmente diferentes das minhas e quando a gente se encontra na *Campus*, caraca, a gente se encontra e parece irmão, assim aquele irmão querido que você gosta para caramba e que você não falava com ele há um ano. Mas quando você se encontra parece que você falou ontem. Essa relação é muito bonita, muito forte. Então acho que esse é o diferencial da *Campus Party*. Acho que é isso, essa relação de amizade que é criada em torno de todos os campuseiros que estão participando, palestrante, todas as pessoas envolvidas no processo. (PARTICIPANTE 04, 2022)

É observado, a partir das falas do P04 como as pessoas quando reunidas em torno de um interesse comum criam um vínculo que só pode ser entendido e compartilhado por quem passou pela mesma vivência. Toda essa emoção relatada também é passada para um pensamento de o que seria feito no caso de acontecer mais o encontro,

a *Campus Party* é uma referência já no meu calendário, ela faz parte da minha vida. Aquele sentimento que renovação de energia que eu sinto toda vez que eu participo, é a coisa mais estranha do mundo, eu vou pro evento e eu durmo três horas por noite, mas eu saí do evento revigorado. Como se tivesse reabastecido as minhas energias, sinto um cansaço depois, mas é um cansaço físico, mas mentalmente eu estou pronto assim para enfrentar 10 maratonas seguidas. (PARTICIPANTE 04, 2022)

O sentimento de saudades de encontrar outros campuseiros e poder ter a troca de conhecimento é o que mais marca o P04. Ressaltando o sentimento de falta desse encontro ser realizado no formato presencial. Isso está alinhado à motivação de participar de todas as edições, onde o participante cita a interação humana como o mais importante do evento “a *Campus Party* não é uma rede de computadores, é uma rede de pessoas” (PARTICIPANTE 04, 2022). Ele cita inclusive que já participou de edições onde não ligou o computador, pois preferiu interagir com as pessoas que estavam lá presentes.

O sentimento de união e pertencimento à tribo das pessoas que são muito ligadas à tecnologia também têm se mostrado, nas entrevistas realizadas, em destaque. O interesse comum parece juntar o grupo, mas não se torna o centro do acontecimento. A tecnologia se mostra como um gatilho para juntar semelhantes que estão espalhados em diferentes partes do país em um ambiente onde se sentem

seguros para conversarem livremente e aproveitar o tempo juntos de forma livre e descontraída, sem a responsabilidade de performar um personagem diferente a cada momento já que estão imersos por vários dias em um mesmo local com seus semelhantes.

Situação diferente do que se encontra no dia a dia em que as pessoas costumam transitar em diferentes tribos e palcos ao longo de um mesmo dia. Essa mudança de comportamento ou filtro do que pode ser dito ou compartilhado pode inclusive ser cansativa e, em um ambiente onde a performance é contínua por mais tempo e mais próxima da essência de cada pessoa ou do que ela se sente mais confortável para performar pode tornar o ambiente mais acolhedor e confortável, gerando o sentimento de pertencimento procurado pelo ser humano ao longo de toda a vida em sociedade.

4.5 IMPRESSÕES ENTREVISTA PARTICIPANTE 05 (P05)

O Participante 05 é um participante com maior interesse no evento na parte relacionada aos games e às competições que ocorrem dentro da *Campus Party*. Morador da cidade de São Paulo, no Estado de São Paulo, trabalha na área de tecnologia. A primeira vez que ouviu falar sobre a *Campus Party* foi no ano de 2009, por meio de alguns amigos, mas como não tinha condições de ir, acompanhava pela televisão ou internet as novidades do evento. A primeira vez em que compareceu presencialmente, foi no ano de 2016, indo junto com um amigo.

Depois de fazer parte de uma comunidade, ele passou a frequentar as áreas de jogos e a conhecer pessoas que começou a convidar para montar um time para jogar nos campeonatos de diferentes jogos promovidos na CPBR, seja pela organização do evento seja pelos próprios campuseiros. No intervalo entre as edições da *Campus*, ele continua mantendo contato com algumas das pessoas com as quais convive e joga nos dias de evento que “se tornaram pessoas muito importantes na minha vida e sim, a gente continua jogando.” (PARTICIPANTE 05, 2022).

E, mesmo tendo um grande interesse pelos jogos de computador, o P05 (2022) comenta que, quando está na *Campus Party*, prefere dar mais importância a conversar com as pessoas e, quando as pessoas que ele mais tem contato estão ocupadas com outras atividades, ele opta por jogar. “Mas normalmente eu fico mais

fora do computador mesmo ou dentro do evento, conhecendo mais pessoas conversando com quem eu não vejo faz tempo...” (PARTICIPANTE 05, 2022).

Sempre que pensa na *Campus Party*, o primeiro sentimento que lhe vem à cabeça é de felicidade,

exatamente porque eu estou vendo os amigos, porque eu sei que eu vou me sentir muito bem. Normalmente é o evento do ano, né? É o meu evento do ano. Eu sempre espero por aquele evento. Eu, no caso, pela *Campus*. Mas, eu penso na felicidade e já penso na tristeza, mesmo que ainda não tenha de fato chegado, eu não estou no evento, hoje faltam quatro meses pro evento e eu já estou pensando que, puts, vai chegar no último dia e eu já vou começar a ficar tristão e putz não vou ver um pessoal de novo, sabe? Mas do geral é esse mix de felicidade e tristeza. (PARTICIPANTE 05, 2022)

Sobre fazer parte de uma comunidade, o Participante 05 comenta que o desejo surgiu a partir da sua segunda participação na CPBR para ter mais liberdade de circular pelo ambiente aproveitando o espaço e ter um local para deixar as suas coisas e conhecer mais pessoas

o evento tem palestras, tem todas as ações que eles fazem, mas, no final das contas, são as pessoas que estão ali que fazem a diferença mesmo no evento. Então é muito importante conseguir uma comunidade, conseguir amigos, não precisa ser exatamente comunidade, conseguir pessoas ali para você poder ficar junto e ir para a semana inteira. (PARTICIPANTE 05, 2022)

Para o P05 (2022), participar da *Campus* mudou a sua vida principalmente na questão relacionada à timidez. Por estar em um ambiente com muitas pessoas diferentes e dispostas a interagir. Sobre a comunidade da qual faz parte,

ela tem muita gente e o pessoal ali é sempre muito unido, como se fosse de fato uma família, são muitos amigos de muitos anos já e é todo mundo muito receptivo, com os mesmos tipos de pensamento mesmo que a área profissional e os hobbies, tanto faz, sejam totalmente diferentes, é como se as pessoas elas se entendessem completamente. (PARTICIPANTE 05, 2022)

A comunidade pode ser considerada uma tribo dentro da tribo de campuseiros, mas principalmente um meio de integrar os participantes solitários e fazer com que eles passem a ser verdadeiros integrantes da tribo. Sobre as expectativas criadas para o evento, o Participante 05 cita que todo os anos fica ansioso para a próxima edição e que ficou muito triste com a falta do evento presencial no período de isolamento social devido à pandemia. Ao fim de uma edição ou, assim que saem as datas para a próxima, ele já inicia a preparação. Ele teve a oportunidade de participar da edição híbrida realizada em novembro de 2021, a primeira após o período apenas com as edições digitais e relatou que

para quem não conhece a *Campus* foi o suficiente para mostrar, para dar um pouco a energia do que a pessoa vai sentir ali no evento completo, era um evento muito menor, o número de conteúdos era muito pequeno, sabe, e comparado às outras edições, o número de pessoas também muito pequeno. (PARTICIPANTE 05, 2022)

O evento teve um porte menor devido aos protocolos sanitários que precisaram ser atendidos com o distanciamento social e o uso de máscara e foi transmitido ao vivo para os participantes que não estavam presentes no espaço.

O que o entrevistado mais gosta de fazer na *Campus Party* é rever os amigos, mesmo gostando de outros fatores que o compõe, como os jogos, palestras, *workshops* e brindes, ele relata que o principal são as pessoas. E, mesmo morando na cidade onde a *Campus Party* Brasil é realizada, ele opta por acampar no local “a questão é estar na barraca mesmo, tá ali dividindo com o pessoal todo sentimento, o calor humano que fica ali também faz diferença, não tem muito como explicar, é uma emoção diferente.” (PARTICIPANTE 05, 2022).

Caso o evento não mais acontecesse, o entrevistado comenta que iria se sentir muito mal por ficar mais difícil de encontrar seus amigos e pela energia do evento

eu não consigo hoje pensar em um outro evento, um outro rolê que seja parecido com a *Campus*. Eu vou em bastante eventos e, mesmo assim, o sentimento que você tem lá é totalmente diferente, porque são muitas pessoas que estão na mesma *vibe* que você, que estão no mesmo pensamento e você não encontra isso em qualquer lugar. Você pode ir no estádio de futebol, todo mundo torcendo pelo mesmo time, que seja num show, mas não é o mesmo sentimento, não adianta. (PARTICIPANTE 05, 2022)

Essa emoção que a *Campus* proporciona que ele considera que só encontra no evento, o fato de conviver com diferentes pessoas “a maioria que você nem conhece, mas que você sabe, principalmente, que não vai te julgar por quem você é e, se você é for conversar com a pessoa, a pessoa vai corresponder, ela vai conversar com você” (PARTICIPANTE 05, 2022).

Ele indica que as pessoas não vão sozinhas no encontro e, se forem, que procurem as comunidades para que a pessoa tenha um apoio dentro das suas afinidades até se ambientar e conhecer o restante do evento. A convivência com o grupo é considerada parte da imersão e que faz a diferença para mais um dos entrevistados.

4.6 IMPRESSÕES ENTREVISTA PARTICIPANTE 06 (P06)

O Participante 06 participa da *Campus Party* como palestrante do palco principal e é embaixador do evento. O seu primeiro contato com a CPBR foi através de uma notícia do jornal Folha de São Paulo quando ele estava na cidade, aproveitou para passar no centro de exposição dos Imigrantes, onde estava acontecendo a convenção.

Ele relata que passou o dia inteiro no evento e se organizou para no próximo ano participar novamente apenas assistindo as palestras, mas aproveitou para conhecer o *camping* e no ano seguinte passou a acampar no espaço onde fez amigos e sentiu que pôde fazer parte de várias tribos. No seu quarto ano de envolvimento com a CPBR, ele recebeu um e-mail de contato da organização informando que ele foi a pessoa mais votada em um concurso realizado no *Twitter* para a indicação de novas caras para palestrar. Desde então, ele palestra em todas as edições do evento no palco principal e, desde 2019, é embaixador da CPBR.

Sobre o sentimento que desperta quando pensa na *Campus Party*, ele destaca a inclusão. Por ser da geração *Baby Boomer*, de pessoas nascidas entre 1946 e 1964, ele sente que as pessoas com mais de 50 anos são excluídas no Brasil, mesmo percebendo que “elas estão no auge intelectual da sua vida e isso é muito ruim, eu estou sentindo isso na cara.” (PARTICIPANTE 06, 2022). Ele complementa “eu sou aceito pelos com menos de 20 e pelos acima de 50 igualmente, dos 20 aos 40 anos, então, assim eu sou incluído por todas as gerações, então para mim é inclusão.” (PARTICIPANTE 06, 2022). Já sobre um ponto de vista que ele considera visto de fora, ele destaca a questão do compartilhamento “de conteúdo, de astral, de energia de amizade, de conhecimento, de informação...” (PARTICIPANTE 06, 2022).

Sobre a experiência mais marcante que viveu dentro do evento, o P06 destaca que, em 2015, a sua segunda palestra foi na noite de abertura, após uma presença internacional, porém havia um intervalo longo entre as duas, ele conta que chegou mais de uma hora antes do seu horário e viu o auditório lotado esperando pela sua fala com tanto tempo de antecedência, sem nenhuma outra atração, ele relata que foi sua maior emoção

o mais forte é o estádio lotado uma hora antes de começar o jogo sabe. Então o mais legal que como eu vi que faltava uma hora eu fiz que nem uma noiva faz quando vai circulando pelas mesas e ficou vendo cumprimentando as pessoas do casamento, vai tirando foto com cada mesa assim e circulei por toda a plateia e eu conversei com todo mundo. E foi sabe? Aí o pessoal dizia

“Vem aqui tirar uma selfie”, aí foi quando eu brinquei e disse: “Ah a noiva já vai!”, eu aparecia uma noiva, né? E ali foi quando realmente me casei com o público da *Campus*. Foi muito legal, ali eu vou te dizer, ali eu me senti que essa é a minha tribo. (PARTICIPANTE 06, 2022)

Sobre a mudança de vida que a CPBR pode ter proporcionado, ele diz que mudou sim a sua vida

bem no momento em que comecei me questionar por que que as pessoas no auge da sua capacidade estavam sendo colocadas de lado, eu não fiquei com medo de ser colocado de lado. Mas a *Campus* me tirou qualquer possibilidade de pensar a respeito de porque eu não fui colocado de lado, eu fui colocado dentro da cena, fui incluído e todos os anos uma menina me manda mensagem: “Que horas é a tua essa palestra? Eu não posso perder a sua palestra.” Então assim, isso foi marcante para mim e é marcante. Ela mudou definitivamente a minha vida, por “N” coisas na minha vida. [...] a *Campus* me deu um atestado de que a gente pode ser atemporal, a gente pode ser, sei lá, eterno no melhor sentido da palavra. Não é eterno com uma coisa idealizada, mas assim a gente pode se perenizar, estender a participação da gente de forma significativa por muito tempo. (PARTICIPANTE 06, 2022)

O sentimento de pertencimento, aceitação e validação dos demais participantes fazem parte dos pontos que compõem a formação das tribos. Como palestrante recorrente no evento, quando o formato *on-line* foi adotado, ele se sentiu preparado para participar e pretende continuar com os dois formatos de palestras, *on-line* e presencial,

o que eu mais sinto falta do presencial quando eu dou palestra online, é que quando a gente está num palco sobe um calor, as pessoas ficam excitadas, ficam animadas, elas produzem calor, então assim é muito legal lá do palco porque vem um calor assim na gente. (PARTICIPANTE 06, 2022)

Ele diz ter se adaptado ao formato virtual. mas com o retorno dos encontros presenciais, percebe como é bom estar com o grupo, estar no palco e ver a plateia reagindo ao que foi dito.

No caso de o evento não mais existir, ele relata que sentiria mais falta das conversas

circular entre as mesas, aqueles mesões e ouvir. E a gente quando circula na *Campus*, a gente ouve um assunto de um palco, houve 15 minutos e aí tá terminando aquela palestra vai para uma palestra de um monitor falando de robótica, a gente pega uma/duas frase e depois você percebe que é muita informação, eu sentiria falta é desse troço não programado... (PARTICIPANTE 06, 2022)

Ele relata que sente que a sua mente funciona como uma espoja quando está na *Campus Party*. E que, se o evento presencial acabasse, ele entenderia que as

coisas passam por ciclos e que seria grato pelos momentos inesquecíveis que lá viveu. O entrevistado ressalta ainda que se sente rejuvenescido quando vai à *Campus*

a *Campus* tem um frescor, uma leveza, que não tem nenhum outro evento. Olha fui em SXSW em Austin, fui Web Summit e o astral da *Campus* não existe igual, é uma coisa, é um frescor pelo novo assim, uma coisa assim é jovem demais e é a coisa mais jovem que tem assim, a coisa mais de meninada aprendendo e compartilhando só a *Campus* tem isso e é a melhor de todas. (PARTICIPANTE 06, 2022)

Nos últimos eventos em que compareceu ele relata não ter mais acampado por estar com a agenda cheia e não conseguir ficar todos os dias, por isso acaba ficando em hotel, mas caso tivesse tempo novamente, acamparia. E, mesmo comparecendo a tantos eventos, diz criar muita expectativa antes de ir para o evento, como uma criança antes do Natal, “eu vou para *Campus* que nem um pré-adolescente, eu posto stories, eu estou entrando, estou chegando,…” (PARTICIPANTE 06, 2022).

4.7 IMPRESSÕES ENTREVISTA PARTICIPANTE 07 (P07)

A Participante 07 participou das edições presenciais do evento, trabalha com metodologias ágeis e gestão de pessoas e é moradora do Distrito Federal. Ela conheceu a *Campus Party* por meio de alguns colegas da faculdade que tiveram a oportunidade de conhecer as primeiras edições. No ano de 2014, ela fez a sua inscrição e foi pela primeira vez e ela relata que

acho que foi a primeira vez que eu senti de fato o medo de perder alguma coisa, era muita coisa acontecendo ao mesmo tempo. A agenda de palestras ficou esquecida, acho que na segunda. Os horários começaram a ficar alucinados, perdia noção de tempo e eu comecei a perceber que era muito mais sobre a interação das pessoas do que necessariamente distribuição de conteúdo, porque, logo depois, eu descobri que os conteúdos ficam disponíveis online depois, então você pode reassistir a palestra online, mas a troca entre as pessoas ali, na hora, não dava para deixar para depois. (PARTICIPANTE 07, 2022)

Junto com a surpresa causada por conhecer o evento, veio um despertar que trouxe uma mudança na sua vida profissional, “essa vivência da *Campus*, não só em 2014, mas a continuidade dessa vivência me oportunizou olhar para outras possibilidades de carreira que até então eu não tinha.” (PARTICIPANTE 07, 2022).

Além das questões profissionais, a Participante 07 destaca o sentimento de saudades do evento pela lacuna de tempo em que não foram realizados eventos presenciais devido à pandemia de Covid-19 no mundo inteiro. Os sentimentos que

são lembrados são os de pertencimento e amizade, por pessoas que se veem às vezes, uma vez no ano apenas, mas a cada reencontro, o sentimento é de quem convive muito.

Uma das experiências vividas e consideradas uma das mais marcantes pela P07, que, na verdade, são duas, envolvem as palestras e o compartilhamento de vivências que trouxeram “uma nova perspectiva sobre a minha vivência, sobre a minha prática de trabalho e sobre como eu poderia fazer diferente e impactar outras pessoas diferentes de mim. Então isso foi bem marcante.” (PARTICIPANTE 07, 2022). Mais uma mudança na vida da pessoa entrevistada é em relação ao seu relacionamento onde ela conheceu o seu esposo em uma *Campus Party*.

O que a P07 mais gosta de fazer durante a sua presença no evento é “participar dessas rodas de conversa, desses momentos de troca de ideias e construção de ideias e de planos é a parte que mais que eu mais gosto.” (PARTICIPANTE 07, 2022).

Sobre a possibilidade de acampar no evento, a P07 vê como um ponto que traz muita diferença na sua experiência com a CPBR, já que se sair para dormir em outro lugar ela relata que

eu vou perder alguma coisa por perder a hora, chegar atrasada ou não estar ali, não estar ali imersa faz com que eu tenho uma experiência menos intensa. A possibilidade de acampar faz com que a experiência seja muito imersiva e eu acho que é isso que me encanta assim, eu literalmente estou vivendo aquela semana para aquele evento. (PARTICIPANTE 07, 2022)

Na questão feita sobre a motivação para ir ao evento, a P07 destaca como resposta a conexão entre as pessoas. No primeiro momento, o que a levou a querer conhecer a CPBR foi a curiosidade, para todas as outras edições “foi a conexão com as pessoas que estão ali. Independente de eu conhecê-las ou não, saber se a gente está ali de alguma forma trocando aquele momento de vida em comum e agregando alguma coisa, não, ou simplesmente se divertindo mesmo.” (PARTICIPANTE 07, 2022).

Sobre a sua participação apenas nas versões presenciais do evento, ela faz a seguinte observação “a *Campus Party* para mim faz mais sentido presencial, pela troca, pelas pessoas, as coisas acontecerem ali enquanto as pessoas estão ali.” (PARTICIPANTE 07, 2022).

E, se o evento presencial não fosse mais realizado, o que ela mais sentiria falta seria de encontrar os amigos, pois muitas pessoas moram em diferentes localidades

do país. Inclusive pelo fato de que as rodas de conversas informais que os campuseiros fazem é algo que ela não costuma encontrar em outros eventos da forma como acontece na CPBR onde

a *Campus* tem vários objetivos e nenhum deles é necessariamente específico e isso nos proporciona essas discussões fora da caixa, porque eu posso estar com uma pessoa de robótica ou uma de marketing e sei lá um adolescente conversando sobre alguma coisa que pode ser revolucionária se for alimentado depois. (PARTICIPANTE 07, 2022)

Para ela essa não restrição de temas trabalhados e a liberdade que o espaço imersivo oferece aos participantes, proporciona a inovação e a conexão de novas ideias. O estar junto para aproveitar a companhia um do outro é um ponto que une a tribo e possibilita a sua própria evolução.

Esse estar junto se estende para as famílias dos participantes que, em alguns casos também passam a frequentar o evento. São filhos e cônjuges convidados a fazer parte e até mesmo desejando conhecer a *Campus Party*. No caso da P07, seu filho, com 11 anos na época, após ouvir sobre o encontro em algumas edições, desejou ir também

não foi uma motivação só minha, ele também foi muito interessado e ele se apaixonou de primeira, então em uma na *Campus* Brasília de 2019, por exemplo, ele foi eu não e ele ficou justamente com as pessoas da comunidade e a galera toda hora me mandava recado sobre ele: “ó, tá bem, ó, comeu, ó tá tudo certo, passou aqui, tá vivo.”. Isso foi muito legal, isso foi bem legal, porque na nessa *Campus* específica de 2019 eu estava trabalhando em quase 24 por 7 e aí eu não tive a oportunidade de ir, mas ele foi e ele aproveitou o máximo dentro da experiência que ele queria ter. Foi incrível. (PARTICIPANTE 07, 2022)

Essa acolhida por parte da tribo de uma criança pré-adolescente no seu meio apresenta mais um elemento que identifica esse cuidado da cria realmente como básico e parte intrínseca de uma comunidade integrada e com uma forte relação de confiança entre os seus membros.

Outro ponto importante a ser destacado é o desejo de estar presente compartilhado por pessoas de diferentes idades, seja crianças, jovens ou adultos e ainda levando em conta adultos de diferentes faixas etárias. O que une essas pessoas é o seu interesse em comum. A facilidade de estar nesses momentos com a família é mais um dos diferenciais da *Campus Party* que não possui restrição de faixa etária para a entrada, o que difere de muitas conferências e seminários voltadas exclusivamente para profissionais de uma área de conhecimento específica e sem atrativos diversos.

A variedade de temas, atividades e conteúdos e até mesmo as diferentes formas de falar sobre assuntos ligados a tecnologia e inovação torna mais fácil atrair um público maior.

Esse conceito de ser um ponto de encontro proporciona o desenvolvimento de muitas histórias além do crescimento profissional, como alguns entrevistados citaram, relacionamentos começaram na *Campus Party* e até um casamento foi celebrado no palco principal na nona edição, realizada no ano de 2016. Muitos momentos presentes em uma tribo antiga ou mesmo modelos do cotidiano da própria sociedade contemporânea são reproduzidos dentro do evento levando-o além de uma conferência ou de um seminário para troca de informações e atualizações. A construção desse imaginário de tribo passa pela reprodução desse cenário de comunidade que faz com que todos sintam-se conterrâneos e pertencentes a uma mesma nação, compartilhando momentos únicos e compreendidos apenas pelos “habitantes” da mesma pátria.

4.8 IMPRESSÕES ENTREVISTA PARTICIPANTE 08 (P08)

O Participante 08 participou da *Campus Party* como líder de caravana, levando Campuseiros do Rio Grande do Sul até a CPBR em São Paulo, ele trabalha como professor na cidade de Passo Fundo, no Rio Grande do Sul. Seu primeiro contato com o evento foi através do Movimento Software Livre e em 2010 ele conseguiu ir pela primeira vez. Ele foi de caravana em duas edições, nos anos de 2016 e 2017. E, desde a 7ª edição, ele tem algum envolvimento com o evento, como trabalhar como voluntário na organização.

O sentimento destacado pelo Participante 08 em relação à CPBR é de saudades das pessoas e das amizades. Sobre as suas experiências marcantes, ele traz a possibilidade de conhecer pessoas que agregam conhecimentos, além dos técnicos, mas para a vida. Ligando isso ao impacto que a ida ao evento trouxe para a sua vida, levando em consideração a sua faixa etária estando um pouco acima da média dos demais participantes ou, pelo menos, do que se imagina do público geral do evento, sente que receber demonstrações de paciência e empatia ficaram como legado.

Sobre a sua expectativa em relação ao evento, ele relata que em todos os anos existe esse sentimento e a expectativa de ser chamado para trabalhar como voluntário na organização. O que ele mais gosta de fazer na *Campus* é auxiliar nos palcos com

o seu trabalho como voluntário. Quando se fala na possibilidade de acampar no evento, ele diz amar e, mesmo já tendo sido convidado a se hospedar em um hotel em uma das edições, preferiu ficar no acampamento. A sua motivação para ir à *Campus*, é o reencontro com os amigos e o *networking* que é realizado durante a sua realização.

A respeito da edição do evento realizada de forma digital, ele trouxe o relato de que não teve paciência para acompanhar as palestras ao vivo, mas assiste as palestras que tem interesse e estão gravadas. Mas, quando se fala em participar novamente, ele diz que pretende participar, independente do formato realizado. E, em uma hipótese o evento não fosse mais realizado, o que ele sentiria mais falta, seria do contato humano, de ficar longe dos amigos. O P08 fala como o que ele apenas encontra no evento, com o depoimento de que, não são apenas os dias em que ele acontece, começa com os preparativos e lá ele se diz ser feliz, mesmo estando cansado e estressado e o último dia sempre vem com a tristeza.

4.9 IMPRESSÕES ENTREVISTA PARTICIPANTE 09 (P09)

O nono entrevistado será identificado como Participante 09. A pessoa em questão é residente do Distrito Federal e trabalha como jornalista. Ela conheceu a *Campus Party* no ano de 2012. E a primeira vez que compareceu no evento foi no ano de 2013. Ela já palestrou também em algumas das edições presenciais em São Paulo, Belo Horizonte, Brasília e na Argentina e em uma edição virtual.

A experiência mais marcante vivida pelo entrevistado foi palestrar na Argentina, onde foi a sua primeira experiência falando para um público internacional. E, participar da *Campus Party* Brasil, mudou a sua vida no sentido de auxiliar no relacionamento e interação com outras pessoas.

Sobre as expectativas que gera para o evento antes da sua realização, o entrevistado 09 diz que sim, tem expectativas e principalmente pelo formato do evento que apresenta alguns conteúdos semelhantes a outros eventos como congressos da área da comunicação, o Intercom, por exemplo, mas com a possibilidade de diferentes pessoas palestrarem. O que, para a P09 (2022), pode ser considerado um atrativo para o evento, pois às vezes são pessoas mais jovens e que estão estudando e já têm essa oportunidade e que podem ensinar de uma outra maneira algum conteúdo para pessoas da mesma idade.

O que o entrevistado 09 mais gosta de fazer na *Campus Party* é jogar *Just Dance*, um jogo de vídeo game com reconhecimento de movimentos, onde os participantes dançam músicas imitando personagens da tela e, vence a partida quem fizer os movimentos mais aproximados do modelo original. Muitos campuseiros participam dessas partidas ao longo do evento, onde o jogo costuma ser disponibilizado por alguma comunidade e a participação é aberta para os demais campuseiros e até fazem pequenos campeonatos e distribuem brindes para os participantes.

Sobre acampar no espaço do evento, o P09 respondeu que agrega muito para a experiência do campuseiro. A permanência durante as 24 horas do dia no evento permite ficar

mais próximo das outras pessoas, de madrugada geralmente é onde mais acontece, onde as pessoas estão mais abertas a conversam entre si, trocam ideias [...] é quando vocês vão estar conversando sobre coisas diferentes, quando você vai pegar o contato com alguém, que acaba trocando uma palavra sobre alguma ideia que você acharia louca, diferente, que poderá dar certo ou apresentar para uma empresa. Então, isso agrega muito porque geralmente é um papo que você não teria durante o dia. (PARTICIPANTE 09, 2022)

Para o P09, o momento no qual tem mais contato com os outros participantes é no período da noite, após o encerramento das atividades oficiais da CPBR. Inclusive o entrevistado comenta que essa possibilidade é muito boa, mas não é bom ficar acampado. O mesmo comentário foi feito por outros participantes das entrevistas, pois reconhecem que o conforto não é o mesmo de um hotel, por exemplo, mas preferem a opção do acampamento para ficarem mais próximos de todos os acontecimentos.

Sobre a sua maior motivação para ir ao evento, o entrevistado fala sobre a sua curiosidade em conhecer as novidades e em ver o que a *Campus* irá apresentar para os participantes a cada nova edição. Além das pessoas e dos conteúdos apresentados. Um ponto que chama a atenção da pessoa entrevistada é o perfil do público, a forma como as pessoas se vestem e como essa tribo pode ser identificada também pelas vestimentas

se você vê uma pessoa de salto, você já sabe que ela não está ali, sabe que ela ganhou uma cortesia, ela não faz parte daquele universo, que ela está acompanhando alguém. Você vê uma pessoa de terno e você já sabe que também. (PERSONA 09, 2022).

Essa questão da forma de identificar as pessoas que não fazem parte da tribo pela maneira de se vestir, também reforça esse imaginário de tribo onde não existe uma regra ou código de vestimenta exigido pela organização para os participantes do evento, mas observa-se que as pessoas se vestem de forma mais à vontade ou confortável, principalmente devido ao fato de estarem muitos dias no mesmo local e pela amplitude do espaço que exige muitas caminhadas ao longo do dia para ir ao banheiro, fazer as refeições e assistir aos diferentes palcos e essa forma de se vestir acaba por identificar os semelhantes.

Sobre a questão referente ao comparativo entre os dois formatos de realização do evento, a pessoa entrevistada opina: “Eu acho que a edição *on-line* ela acabou sendo mais rica em conteúdo, porque o poder de estar em qualquer lugar. Acabou trazendo grandes nomes e já faz um tempo que não estavam dentro do circuito de palestrantes.” (PARTICIPANTE 09, 2022).

Quando questionado sobre o que mais sentiria falta caso o evento não mais acontecesse, mesmo comentando que mantém contato virtual apenas com alguns participantes da sua comunidade, comenta que

eu iria sentir muita falta da convivência com as pessoas, porque acaba se apegando, está tipo no começo do ano, de fazer a viagem para São Paulo, ver aquelas pessoas no meio do ano em Brasília. Às vezes você vai em uma ou outra *Campus* no meio, no final do ano. De poder ter a convivência com aquelas pessoas que tem identidade parecida com as suas. Então acho que para mim é a grande falta mesmo, seria da convivência com as pessoas (PARTICIPANTE 09, 2022)

O entrevistado ainda acredita que o evento passe a ser realizado cada vez mais no formato digital pelas questões de custos e viabilidade de trazer palestrantes de outros locais. Observa-se que mesmo o entrevistado que acredita que a versão digital do evento poderá ficar mais forte com o passar do tempo, ainda relata que o que mais sente falta da CP é o contato com as pessoas. Mostrando que o conteúdo ele pode ser compartilhado por diferentes meios, mas a relação da tribo só é encontrada na troca presencial.

Na sequência é realizada a análise dos pontos comuns entre as falas que evidenciam a imagem do evento no imaginário dos entrevistados, ligando os argumentos e destacando a identificação dos elementos que fazem parte da construção do imaginário de tribo do evento.

4.10 IMPRESSÕES GERAIS SOBRE AS ENTREVISTAS

A análise geral das entrevistas busca alinhar os pontos comuns entre as respostas e serão verificadas e levadas em consideração com as teorias estudadas sob a perspectiva da sociologia compreensiva. O que se pode destacar de início é que dentre as respostas das entrevistas realizadas, alguns pontos em comum nas falas dos entrevistados, como a mudança de vida após ter comparecido ao evento e sobre a importância do comparecimento das pessoas, de conhecer e ter contato com outros participantes com a troca de vivências e experiências.

Sobre o local de residência dos entrevistados, pode-se observar que fizeram parte da amostragem pessoas de diferentes localidades do país. Para todos os entrevistados, a distância geográfica não foi apresentada como um impedimento ou dificultador na ida e presença no evento. Nos primeiros momentos pensou-se na distância com um dificultador, contudo, após terem vivenciado o evento, observou-se o relato de uma busca por viabilizar a ida à *Campus Party*, sendo que essa não foi uma visita pontual, mas programada e organizada com antecedência.

Sobre a ocupação dos entrevistados, percebe-se um interesse grande por assuntos relacionados à tecnologia e uma vivência na área, seja profissional ou por interesse pessoal. Porém alguns dos entrevistados são de outras áreas como comunicação e educação física. Dentro de diferentes campos de atuação, pessoas com interesses semelhantes acabam sendo atraídas para conhecer a *Campus Party*.

Outro ponto observado nas falas registradas é que, quando se é questionado sobre o que mais se gosta no evento, a tecnologia e inovação, consideradas pilares da *Campus Party*, não são citadas em primeiro plano, mas sim, as pessoas, os encontros, a união e o compartilhamento e outras características que derivam a da convivência em tribos, como validação social, trocas e inclusão no grupo.

4.10.1 Análise das respostas

Dentre os perfis destacados para participar das entrevistas para a pesquisa, alguns contatos foram mais simples de se conseguir do que outros. Um ponto que pode ser destacado nessa situação é que, foi observado que quanto maior o envolvimento emocional e o comprometimento do participante com a comunidade campuseira, maior a disponibilidade para a conversa. Isso foi observado entre todos os convidados e os que não possuíam um vínculo empregatício com a entidade que

realmente desejavam participar para compartilhar as suas vivências e a sua dedicação à CPBR.

Sobre as respostas para a primeira questão, que se referia a como o entrevistado conheceu a *Campus Party* Brasil, foi possível observar a importância da mídia como principal forma de divulgação, seja *on-line* ou através de veículos considerados tradicionais como televisão ou jornal. Alguns ficaram sabendo da existência do evento pela indicação de amigos, como os entrevistados 01 e 07 e, a partir dessas dicas, buscaram estar presentes na edição. Apenas dois dos entrevistados relataram não terem ido para São Paulo, cidade onde o evento acontece, especificamente para conhecer a *Campus Party*. Os demais entrevistados foram à cidade já com o planejamento de participar do encontro.

Os influenciadores também são fontes importantes quando se fala em tomada de conhecimento da *Campus*. Por meio de blogs, sites e redes sociais, a disseminação para o público ligado à tecnologia e interesses semelhantes também acontece de forma muito efetiva, como ocorreu com os entrevistados 01 e 02. A curiosidade foi um elemento de destaque despertado pelas vivências relatadas por quem indicou a participação.

É interessante ressaltar que a tribo se formou após a participação no evento. Nenhum dos entrevistados indicou já se sentir parte do evento ou ter algum tipo de certeza que faria parte de um grupo dessa forma. Alguns tinham expectativa de estar presentes por já terem ouvido falar de como é o encontro ou por já terem conversado com alguns participantes antes, mas sem ter em mente que seria um evento tão marcante para suas vidas.

A união da tribo se fez com a convivência diária e com o conhecimento os outros participantes. Alguns entrevistados inclusive relataram que passaram a se sentir como parte da tribo após fazerem parte de uma comunidade e, até mesmo, após irem mais de uma vez para a *Campus Party* e conhecerem novas pessoas.

Pode ser levantado para reflexão a questão de que mesmo a CPBR sendo amplamente divulgada nos meios de comunicação de massa, a participação das pessoas acaba sendo de certa forma limitada a um perfil de público ou pessoas com gostos específicos. A divulgação chama mais a atenção possivelmente de indivíduos com gostos pessoais mais próximos aos temas trabalhados nas palestras e *workshops*, mesmo assim é um público diverso entre si. Um ponto que pode contribuir

para a ausência de outros perfis de participantes, seria a imagem de que a *Campus Party* é um evento voltado para desenvolvedores e pessoas ligadas exclusivamente à tecnologia, como nas primeiras edições do evento.

Juntamente com essas impressões, pode-se abordar a segunda questão referente à quando e qual foi o primeiro contato da pessoa com a *Campus*. A primeira vez dos campuseiros foi em diferentes anos e edições do evento. Alguns foram sozinhos e outros foram acompanhados de conhecidos ou familiares. Cada experiência relatada trouxe diferentes elementos, mas para todos os participantes o encantamento relatado foi o mesmo.

O primeiro contato com a *Campus Party* pode ter sido a partir de uma visita rápida ou já com a intenção de viver a experiência completa de acampamento e imersão proporcionada pelo evento. E, mesmo a partir de vivências que podem parecer distantes e muito diferentes entre si, foi possível verificar nos relatos dos entrevistados que a apreciação pelo que foi vivido e o desejo de continuar participando das próximas edições, não apenas como uma forma de lazer, mas para rever os conhecidos e compartilhar novas vivências.

Foi observado ainda o aumento do envolvimento das pessoas com o passar das edições que iniciaram a sua relação com a tribo como visitantes e, como pode ser verificado na relação dos entrevistados, muitos partiram para outras atividades com o desejo de contribuir para a melhoria das edições. Seja buscando auxiliar na organização e trazendo engajamento nas redes sociais, como o participante 02; auxiliando os novos campuseiros, como o entrevistado 01; participando da organização de campeonatos de games entre os campuseiros, como o entrevistado 05; criando uma nova comunidade interna, como o participante 03; realizando oficinas e *workshops*, até se tornar um colaborador em tempo integral da organização *Campus Party*, como o entrevistado 04, e participar como palestrante e tornar-se um embaixador do evento, como o entrevistado 06.

Cada um encontrou uma maneira de colaborar com o crescimento da tribo, realmente vivenciando o encontro de forma mais aprofundada e com um sentimento de pertencimento que vai além da postura de visitante de uma conferência, onde os participantes e organização possuem papéis bem definidos e distintos dos visitantes.

Observa-se uma integração e fusão dos papéis dos campuseiros em um contexto em que a tribo se une para melhorar o seu espaço de convivência e construir

de maneira colaborativa o seu espaço. Atitudes incentivadas pela organização do evento com os programas de voluntários e espaço para *start ups* e palestrantes, mas sem ser um requisito obrigatório para frequentar o local.

Já na terceira questão, foi pedido aos entrevistados qual o sentimento que o evento lhes desperta. Nesse ponto, pode-se destacar a citação de alguns sentimentos como a emoção, transformação, amor, animação, alegria, felicidade, inclusão, pertencimento, amizade. Algumas das palavras citadas se repetiram e outras podem ser consideradas sinônimos entre si, como felicidade, alegria e animação, bem como inclusão e pertencimento. Não foram citados sentimentos que pudessem ser considerados negativos e todos os citados são relacionados a emoções que remetem a laços e gratificações pessoais. Demonstrando um vínculo maior entre os membros da tribo do que entre as pessoas e os temas de inovação e tecnologia, eixos centrais do evento.

O sentimento de união como tribo fica representado em sentimentos que remetem à amizade, por exemplo. A busca por sentir novamente as alegrias citadas anteriormente pode ser uma das justificativas para que os entrevistados busquem voltar ao evento todos os anos. Conforme Maffesoli (1998), buscar a proximidade da tribo para estarem juntos apenas para aproveitar a companhia uns dos outros pode já despertar esses bons sentimentos. O sentimento de pertencimento reforça a questão do tribalismo onde nesse local é possível sentir-se parte de uma comunidade sem precisar interpretar um personagem da forma como descrita por Goffman (2002). O fato de não existir a necessidade percebida de se interpretar um papel traz relaxamento e maior facilidade de integração das pessoas aparentemente.

Esses sentimentos não devem ser deixados de lado quando se busca estudar a sociedade. Os dados levantados por meio das impressões dos indivíduos baseados no seu meio servem para trazer para a discussão para estudar o meio em si. Entender que esses sentimentos fazem parte da criação do imaginário de tribo, leva a compreensão de que o subjetivo está diretamente ligado à criação dos imaginários.

Quando foi perguntado qual é a experiência mais marcante vivida na *Campus Party*, foram elencadas pelos entrevistados diferentes situações baseadas nas vivências de cada um. Contudo, o que deve ser destacado é que todas as experiências são vinculadas especialmente a vivências pessoais, desde a percepção de uma nova vocação até a um casamento.

Observa-se que no contexto do evento existe uma ampla gama de oportunidades de vivências que vão muito além que é ofertado na agenda de palestras e atrações, conhecer nomes renomados de diferentes áreas de atuação de forma próxima e acessível, se mostrou como um dos pontos marcantes, trazendo novamente a questão da proximidade física entre as pessoas para fortalecer os vínculos.

São destacadas também conquistas pessoais, como: andar pela primeira vez de avião para ir a um evento, citada pelo entrevistado 02; a roda de campuseiros para a realização de uma oficina informal, comentado pelo entrevistado 04; melhorar a capacidade de interação com os demais, comentado pelo entrevistado 05. Para o entrevistado 06 que participou como palestrante, a emoção ficou por conta de ver quantas pessoas o esperavam para assistir a sua fala, mesmo com um viés diferente, observa-se a relação do episódio marcante com a interação interpessoal.

Situações marcantes relacionadas às palestras são citadas pelo entrevistado 07, mas, logo em seguida, um fato pessoal é destacado como mais relevante. A questão de inclusão de pessoas de diferentes faixas etárias também foi citada por dois participantes, 06 e 08, relatando as suas vivências e como se sentiram acolhidos em um ambiente muitas vezes relacionado ao público jovem.

Para todos os entrevistados, participar da *Campus Party* em algum grau fez parte de uma mudança nas suas vidas. O campo profissional de diferentes participantes mudou para melhor após o comparecimento no evento.

Sobre a questão referente às expectativas criadas para ir ao evento entre uma edição e outra, os entrevistados relataram que todos sentem ansiedade e algum tipo de curiosidade e nervosismo para estarem novamente presentes no evento. Foi observado que o relato de programar férias e outros pontos da vida em relação às datas de realização da *Campus* se repete com os participantes 01, 02 e 05. A saudade também foi citada pelos entrevistados como presente entre um evento e outro, iniciando logo após o término de uma edição.

Quando foi perguntado às pessoas o que mais gostam de fazer na CPBR, as respostas foram variadas, porém todas envolveram atividades com os companheiros de tribo e dentro do local onde o evento é realizado. Dentro do interesse de cada um, como assistir às palestras e jogar jogos *on-line*, todas as atividades citadas envolviam fazer isso com amigos ou para interagir e conhecer novas pessoas, o *networking* citado por alguns entrevistados também é um ponto a se destacar, pois é uma

possibilidade mais fácil de acontecer quando as pessoas estão compartilhando o mesmo local, de acordo com os campuseiros.

A pergunta oito, referente ao *camping* e qual a opinião dos participantes sobre a possibilidade de acampar no evento e a sua percepção dessa experiência. De forma unânime o camping foi visto como um benefício e um dos principais diferenciais do evento estudado, por proporcionar mais integração, imersão e tempo de presença no espaço, trazendo até mesmo um sentimento de que se aproveita mais, não precisando se deslocar para outros locais para comer ou descansar, mesmo que não seja a opção mais confortável.

Essa questão reforça como a ambientação faz parte da criação da imagem que se quer gerar para o evento. O fato de o acampamento ser um visto como um benefício para os campuseiros, seja de forma a tornar a hospedagem na cidade de São Paulo mais acessível, seja com o intuito de criar um ambiente mais acolhedor, o formato adotado pela organização do evento desde a primeira edição da *Campus Party* realizada na Espanha, é uma das características que torna o evento diferenciado, de acordo com os entrevistados.

A nona questão tinha o objetivo de descobrir qual a motivação para continuar indo ao evento. Nesse caso, diferentes respostas foram apresentadas, porém estas podem se alinhar com dois eixos principais, o eixo de conteúdos e o eixo de relacionamentos interpessoais. O segundo sendo o mais citado pelos participantes das entrevistas. Novamente é possível verificar como a possibilidade de compartilhar vivências em um mesmo ambiente que outras pessoas é um fator importante de ser destacado na formação desse imaginário de tribo.

Já a décima pergunta trouxe o ponto referente à realização das palestras em formato digital durante a pandemia de Covid-19 e as diferenças percebidas em relação ao evento realizado de forma presencial. Nessa questão foi possível observar uma maior diferença entre as respostas. Novamente com dois pontos opostos de opiniões sobre o caso.

De um lado, as pessoas que têm um apreço especial pela presença física no evento, que aguardam pelas novas edições para encontrar a sua tribo e, de outro, as pessoas que veem os conteúdos como protagonistas do evento e podem continuar acompanhado as palestras de forma remota, considerando até um processo de evolução natural da realização do evento. Contudo, mesmo entre as pessoas que

dizem gostar do formato virtual, nenhum dos entrevistados disse preferir esse modelo ao formato presencial e todos comentam que falta um espaço satisfatório para as trocas de conhecimento entre os participantes.

Em seguida, foi questionado se, independentemente do formato, os entrevistados continuariam participando da *Campus*. Para essa questão, observou-se diferentes opiniões entre os entrevistados. Com alguns reforçando o seu apego ao evento em si e outros ao seu formato de realização presencial e comentando que não teriam interesse em participar de um evento apenas *on-line*.

Mesmo com algumas opiniões divergindo, observou-se que existe o interesse pelos conteúdos tratados no evento, porém o fator ligado aos reencontros pessoais mais uma vez é escolhido como prioridade de escolha o evento presencial. Nenhum dos participantes da pesquisa disse preferir em absoluto a versão digital do evento. Mesmo entre os entrevistados que disseram terem acompanhado a edição virtual e levantaram pontos positivos sobre o formato, a preferência e o desejo observado foi relacionado ao retorno e sentiram falta dos elementos relacionados ao modelo presencial.

Quando foi perguntado o que os entrevistados sentiriam caso a *Campus Party* não fosse mais realizada, todos descreveram um sentimento de tristeza e decepção. Alguns, como o entrevistado 01 comenta que sabe que é possível que isso aconteça, mesmo assim cita que se sentiria triste no caso do fim da *Campus Party*. E que pensa que para continuarem os encontros, haveria a possibilidade de se realizarem eventos para encontrar os amigos da tribo e não perder o contato.

Essa reação das pessoas a uma suposição demonstra o apego emocional ao encontro, ao que ele proporciona às vivências de cada indivíduo. E, nesse sentimento de tristeza, é expresso o apeço e a relação emocional dos campuseiros com a *Campus Party* e com o encontro com os demais campuseiros.

Sobre o que os campuseiros encontram apenas no evento e em nenhum outro encontro a que já compareceram, todos concordaram que o acontecimento possui uma aura diferenciada de outras atividades do ramo. O principal ponto levantado pelos entrevistados é a questão relacionada à imersão realizada durante toda a semana de atividades. A possibilidade de acampar é bem-vista por todos os entrevistados e isso pode ainda ser reforçado com o diferencial citado.

O formato do encontro foi o ponto que se destacou entre as respostas, onde algumas pessoas como o participante 01 comentam que já ouviram falar de outros eventos que tentaram ter uma dinâmica semelhante, mas não foram bem-sucedidos. Mesmo para um participante que frequenta diferentes tipos de palestras e conferências, a *Campus Party* é um momento diferenciado. A felicidade sentida no local também é um sentimento retomado pelos entrevistados. A liberdade de ser quem se é e de estar junto a pessoas que compartilham dos mesmos interesses é considerado um diferencial.

O cuidado de umas pessoas com as outras também remete à proteção existente em uma tribo para com os seus membros. O cuidado com indivíduos diferentes, mas que fazem parte do grupo fica evidenciado em diferentes falas durante as entrevistas, como quando o P07 fala sobre o cuidado dos campuseiros com o seu filho ou quando o P06 comenta o mesmo cuidado e auxílio com o seu filho na primeira vez em que ele foi a CPBR.

E, finalmente, quando questionado qual o sentimento das pessoas quando o evento termina a sua edição, os participantes trouxeram sentimentos de tristeza e saudades em sua maioria. O relato do campuseiro envolvido na organização como colaborador relata também a alegria de saber que participou da entrega de mais uma edição da *Campus Party* Brasil.

4.10.2 A construção do imaginário tribalista da *Campus Party* Brasil

Com o destaque das impressões de forma individualizada de cada entrevista e a análise das respostas às perguntas feitas para os participantes da pesquisa, é possível destacar as semelhanças e diferenças entre as percepções de cada um relacionadas com a forma como veem o evento e como ele impacta em suas vidas. A construção de um imaginário depende de diferentes fatores, de acordo com Silva (2017) e pode passar por diferentes influências.

Quando se fala do imaginário tribalista presente na *Campus Party* Brasil, a presença e a interação realizada com outros indivíduos desde o momento da fila ao chegar no centro de exposições até a imersão proporcionada pela estrutura física montada para receber os campuseiros são fatores que devem ser destacados como parte fundamental na construção desse imaginário. O contato realizado pelos meios digitais foi considerado relevante para alguns dos entrevistados, mas não foi

considerado um substituto em igualdade de condições à realização de um evento no formato presencial. Observa-se um desejo pela troca e pela convivência com os pares e isso aparenta ser mais prático e possível em um ambiente compartilhado presencialmente.

Com o fim das regras de isolamento e de distanciamento social, necessárias para o controle da pandemia de Covid-19, pode se observar um desejo dos participantes de reverem os amigos campuseiros para fortalecer esse vínculo já estabelecido. Um formato não foi visto como substituído ideal de outro e essa compreensão por parte da organização da *Campus Party* pode ser vista no retorno do evento no formato presencial já em novembro de 2021, com menos participantes e algumas restrições, mas já sendo realizado novamente. Em 2022, as edições regionais presenciais também foram retomadas, assim como o evento nacional com transmissões simultâneas via *web*, indicando a tendência de um evento híbrido para atender a diferentes perfis de públicos.

Em relação aos campuseiros, levando em consideração as pontuações de Goffman (2002) sobre as representações do eu no cotidiano, pode-se perceber que cada indivíduo entrevistado que participa da *Campus Party* Brasil, assume, junto à sua identidade, um papel. Em um primeiro momento, poderia ser citado que esse papel é assumido durante a realização do evento para se integrar ao grupo. Dando realmente um nome a esse personagem, o campuseiro. Pessoa que possui determinados gostos ou se comporta de determinada maneira no imaginário público por ser um evento de tecnologia.

Paralelamente a essa questão, é interessante refletir sobre os comentários trazidos pelos entrevistados sobre o sentimento de liberdade e aceitação encontrados no ambiente da *Campus*. O que pode levar a uma reflexão de que a representação, muitas vezes está sendo realizada no ambiente externo à CP. Onde os gostos e interesses pessoais de cada um são dissimulados ou ocultados perante os seus pares em contextos de trabalho e família, por exemplo, por não verem refletidos o que verdadeiramente lhes representa.

O contexto imersivo e que é bem-vindo por todos os entrevistados também possibilita visualizar uma situação de acolhida da tribo que permite o descanso de se sentir em um lar onde essas representações conscientes não são necessárias. Como se nesse momento fosse possível ser quem se é verdadeiramente. Independente de

interesses pessoais, vestimenta ou forma de apresentação. O ator cínico fica de fora desse ambiente e a vivência genuína passa a valer para esses campuseiros.

Outra questão a ser levada em consideração, é o vínculo das marcas e influenciadores com o evento. Devido a dificuldade de obter voluntários para a entrevista, não foi possível mensurar o sentimento desses entrevistados. Porém, pode-se pensar se essa representação também está presente nas pessoas que comparecem à *Campus Party* com objetivos profissionais e, em alguns casos, precisam representar em algum grau para criar ou fortalecer o vínculo com o público que os assiste. Esta representação sendo momentânea para a presença no local do evento, já que essas pessoas não estão vivendo no mesmo ambiente imersivo que os campuseiros.

Sobre o interesse na realização do evento de maneira virtual realizado durante o período de isolamento social na pandemia de Covid-19 por parte dos nove entrevistados, nenhum deles expressou preferência pela sua participação quando se existe a possibilidade de comparecer ao evento no formato presencial. A preferência dos entrevistados por estarem presentes no evento ao invés de acompanharem as palestras de casa trouxe a importância da questão da proximidade necessária para os integrantes da tribo reforçarem os seus laços e a sua união, conforme levantado por Maffesoli (1998).

A ideia de acompanhar o evento on-line para alguns foi agradável e para outros não despertou o interesse ou o engajamento desejados pelas suas lembranças da *Campus Party*. Alguns gostaram dos conteúdos e acreditam que conseguiriam seguir acompanhando os conteúdos via computador, entendendo que os formatos podem ser alterados com o tempo e que nem sempre é possível manter tudo sempre da mesma maneira, porém com um sentimento de tristeza caso não fosse mais possível estar presente na CPBR, essa nostalgia também ajuda na criação do imaginário tribalista.

Para outros entrevistados acompanhar as palestras virtuais não foi um desejo nem despertou o interesse em fazer parte do encontro. Visto como tendo pouca ou nenhuma interação e não favorecendo os reencontros, tornando-se mais próximo de outros eventos realizados no mesmo período. Observa-se nesse caso como os pontos relacionados à imersão e à proximidade física entre os participantes são necessários para manter o imaginário tribalista vivo. Quando esses elementos são retirados da

equação, perde-se a aura existente e o diferencial da *Campus Party* passa a não mais existir, ficando apenas na lembrança.

Com isso, percebe-se que, independentemente do grau de familiaridade e interesse dos campuseiros com os eventos virtuais, substituir a *Campus* simplesmente por uma conferência virtual não é uma possibilidade bem-vista e que poderia ser realizada com sucesso aos olhos do público. O interesse nos conteúdos apresentados é genuíno, porém o que faz com que os indivíduos compareçam é a possibilidade da presença física.

O evento virtual é um recurso considerado de segundo plano no caso observado, onde se a opção fosse o evento não mais existir, para alguns dos entrevistados o recurso online supriria em partes o desejo e a saudades sentidas pela realização do evento.

4.10.3 Relato sobre as entrevistas não realizadas

Como citado anteriormente, foi encontrada dificuldade de realizar o agendamento de entrevistas com alguns perfis de entrevistados mapeados.

Sobre o contato com um representante dos patrocinadores, até o ponto de finalização da pesquisa não se obteve um retorno ou disponibilidade para a realização de uma entrevista. O que foi conseguido foi um retorno de um contato da empresa de café Três Corações por meio da rede social Instagram, onde em resposta à solicitação foi enviado um link de um post publicado no blog da organização sobre a presença na CPBR no ano de 2014. A seguir a transcrição do texto disponibilizado:

O Grupo 3corações estará presente na 7ª edição da *Campus Party* Brasil, um dos maiores e mais importantes eventos de tecnologia e cultura geek do mundo. O café 3 Corações, o cappuccino gelado #PRONTO e a máquina multibebidas TRES foram os produtos escolhidos para representarem a empresa durante os sete dias de atividades.

Para não deixar os participantes desanimarem, uma cafeteria especial será montada na arena principal. Com ela, os Campuseiros (nome dado aos inscritos) que decidirem estender as atividades até a madrugada vão contar com café e cappuccinos quentinhos para animar o encontro até às 2h.

Além da cafeteria, a 3 Corações preparou uma surpresa especial para a edição de 2014 da *Campus Party*. Os 8 mil inscritos terão a chance de se candidatar a uma vaga de supervisor digital no grupo, em um processo seletivo que vai começar durante o evento.

As máquinas multibebidas TRES também marcam presença servindo os colaboradores e convidados com diversos tipos de bebida, como espressos,

filtrados, chás, cappuccinos e chocolatto. Elas estarão localizadas na Sala de Imprensa e na área VIP.

Já o cappuccino gelado #PRONTO será um presente para todos os Campuseiros, que receberão um vale-bebida no kit de boas-vindas ao evento. (3CORACÕES, 2014)

A partir daí, deu-se a busca para a realização da entrevista com um dos patrocinadores do evento, onde foi realizado contato com cinco marcas que já estiveram presentes no evento em alguma das edições. Foram contatados, através de mensagens em redes sociais, formulários de contato de site e envio de e-mails para endereços fornecidos nos sites dos seguintes perfis: Coca-Cola, Cup Noodles, Fini, Sadia e a marca já citada, Café 3 Corações. Nenhum dos representantes das empresas contatadas se apresentou disposta para participar da entrevista.

A mensagem transcrita a seguir foi a base para os contatos enviados para as marcas selecionadas

Olá, tudo bem? Me chamo Taíla Quadros, estou fazendo meu mestrado em Comunicação pela PUCRS e minha dissertação é sobre a Campus Party Brasil. Estou entrevistando personas que fazem parte do evento e, por os campuseiros terem uma relação afetiva com a marca, gostaria de saber se eu poderia conversar com alguém da empresa sobre a experiência da marca no evento. Muito obrigada! (AUTORA, 2022)

A empresa Coca-Cola retornou o contato com a seguinte mensagem

Agradecemos o seu contato e ficamos lisonjeados com o seu convite. Entretanto, nossos colaboradores estão envolvidos nos projetos e campanhas da companhia e, por isso, infelizmente, não conseguirão comparecer ao seu evento. Mas deixarei registrado o seu pedido. (COCA-COLA, 2022)

A empresa Cup Noodles foi contatada via Instagram e encaminhou o endereço de e-mail do departamento de marketing da empresa, ao qual foi encaminhado uma mensagem e, até o momento do fechamento da pesquisa, não foi respondido.

As empresas Fini e Sadia foram contatadas via formulário de contato do site e Instagram, respectivamente, porém nenhuma das duas retornou as solicitações.

O único contato do qual se obteve um retorno falando sobre a presença da marca no evento da *Campus Party* Brasil foi o já citado da marca de café 3 Corações que encaminhou o link de um post de blog com um release sobre a participação da empresa em uma das edições do evento.

Algumas das hipóteses para a falta de participação das empresas nas entrevistas está relacionada tanto às questões das pessoas envolvidas no contato da marca com o evento que, em alguns casos, podem não se manter as mesmas devido às mudanças de quadro funcional dos locais, o que pode implicar no não conhecimento dos funcionários com a participação da marca e também ao grande número de contatos que podem ser recebidos nos canais de comunicação das organizações o que pode implicar na não visualização de algumas solicitações.

O envolvimento das pessoas selecionadas para as entrevistas foi observado sendo muito maior no perfil de participantes campuseiros, as pessoas com vínculos profissionais com a *Campus Party* não se mostraram engajadas em participar das entrevistas. Situação semelhante foi observada nas tentativas de entrar em contato com influenciadores que já participaram do evento em alguma ocasião.

Para realizar uma entrevista com uma pessoa que representasse um perfil de influenciador que já participou de palestras ou ações de marcas dentro do evento *Campus Party* Brasil foi realizado o contato com mais de dez perfis, tanto pela caixa de mensagens da rede social Instagram, quanto por e-mail em contas que disponibilizavam essa informação.

Foi tentado contato com os seguintes influenciadores: Bruna Vieira, responsável pelo blog voltado para jovens sobre assuntos diversos como estilo, moda, lançamentos de produtos e cultura jovem, Depois dos Quinze; Natály Neri, influenciadora que trata assuntos sobre veganismo e moda sustentável; Juzão, influenciadora de *lifestyle* e que trabalha em empresas de tecnologia e mostra a sua rotina; Cid, influenciador responsável pelo blog Não Salvo, que já participou de várias edições da *Campus Party* tanto em palcos quanto em estandes de patrocinadores; Companhia Barbixas de Humor, grupo de três humoristas que já participaram de edições com shows de improviso; Iberê Thenório, criador do site com foco em desmistificar a ciência Manual do Mundo; Luiza Junqueira influenciadora sobre positividade corporal com o canal no YouTube, Tá Querida; Diogo Braga e Affonso Solano do site e podcast sobre cultura geek, Matando Robôs Gigantes; Luide Matos, criador de conteúdos sobre fatos da sua rotina como, paternidade, política, vida profissional; e Luisa Clasen, Lully, influenciadora e produtora que fala sobre cinema.

De todos os contatos enviados, apenas duas das mensagens foram respondidas e com negativas sobre a participação. A equipe da influenciadora Natály

Nery e do pesquisador Iberê Thenório responderam ao contato informando que não seria possível a participação de ambos. A equipe de Natály Nery enviou o seguinte retorno para o e-mail enviado

Validei com a Natály e ela agradeceu o contato e o interesse no trabalho dela, porém devido a agenda vamos ter que declinar. Ela deseja boa sorte no seu mestrado! (NERY, 2022)

Já a equipe do site Manual do Mundo, retornou com a seguinte mensagem

Agradecemos o contato e convite. Infelizmente, no momento, a agenda do Iberê está comprometido com outras demandas. Desejamos boa sorte com sua dissertação. (MUNDO, 2022)

Assim como na questão do retorno e disponibilidade das marcas em participar da pesquisa realizada, observa-se o baixo retorno, interesse ou disponibilidade de participar das entrevistas. Com isso, optou-se por não prosseguir a busca por entrevistados dos dois nichos citados anteriormente. Fica a reflexão sobre se estes perfis de participantes, marcas e influenciadores, realmente fazem parte da tribo de campuseiros e possuem o sentimento de pertencimento a esse acontecimento.

Uma hipótese para a falta desse sentimento seja que muitos dos influenciadores presentes comparecem ao evento com uma relação profissional para apresentar o seu trabalho e não permanecem no centro de exposições muito além do necessário da sua participação. A não permanência no local aparece como um dos fatores que dificultam a vivência de uma experiência imersiva.

Alguns dos criadores de conteúdo abordados possuem relação direta com o perfil de interesse do público envolvido no evento, com temas relacionados a cultura geek e ciência, contudo outros são profissionais de outras áreas de interesse que estão sendo abordadas há menos tempo na CP e não possuem temas abordados que sejam de interesse geral ou não demonstram envolvimento com o evento fora da sua participação no encontro.

O perfil de pessoa empreendedora, apresentado pelas *start ups* também foi perfil que apresentou dificuldade na adesão da participação da pesquisa. Foram contatadas duas pessoas em diferentes momentos, uma delas que faz parte de uma *start up* relacionada a design e aplicativos e outra com um projeto sobre reciclagem de materiais para produção de roupas sustentáveis. O primeiro contato não foi respondido e foi tentado em duas outras oportunidades e com a segunda empresa

também não foi possível conseguir agendar um horário, que foi tentado em diferentes ocasiões.

O perfil de entrevistado referente a uma pessoa da equipe direta da organização não obteve um retorno bem-sucedido. Conseguiu-se um primeiro contato com um dos membros, porém não houve retorno com disponibilidade de data e de participar da entrevista. Foram tentados mais dois contatos com a mesma pessoa e outros dois com outro trabalhador da organização que não trouxe retorno, porém foi avaliado que este poderia estar em uma posição mais próxima ao entrevistado que atua como colaborador, optou-se por prosseguir com os demais entrevistados.

A partir das situações ocorridas, decidiu-se manter o trabalho de pesquisa realizado com os perfis de pessoas que se mostram mais imersos e envolvidos com o encontro. Aqueles que se intitulam campuseiros e passam durante toda a sua realização presentes e atuantes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscar compreender como se forma o imaginário de uma tribo contemporânea é um destino que obriga o pesquisador a passar por vários caminhos. Essa construção necessita do entendimento de conceitos que estudam a formação da sociedade e a forma como se comportam as pessoas em determinados ambientes e diferentes situações. Compreender que o meio interfere na forma como os indivíduos se relacionam e se apresentam para os seus semelhantes nos palcos que circulam.

A realização desta pesquisa permitiu a reflexão sobre esses e outros pontos que determinam a construção dos imaginários individuais e sociais construídos e compartilhados todos os dias pelas pessoas. Observando o ambiente do evento *Campus Party* Brasil, realizado anualmente na cidade de São Paulo, é possível perceber que os participantes fazem parte de uma tribo, os *campuseiros*.

A autodenominação desse grupo que engloba todos os que participam do evento, independentemente do tipo da forma de participação, faz com que todos criem uma relação de afeto e carinho por um evento que tem como foco principal e tecnologia e a inovação. O principal fator que proporciona esse sentimento é o da imersão, com a possibilidade de acampar no espaço do encontro. Isso facilita com que os *campuseiros* permaneçam no mesmo espaço durante toda a realização do evento. Assim a realidade vivida no momento se sobrepõe à rotina e aos compromissos habituais do dia a dia e que tiram das pessoas o foco em aproveitar o momento e as atividades disponíveis.

O fato de a classificação etária da *Campus* ser livre torna o evento convidativo para toda a família, o que de fato foi verificado através do relato de alguns entrevistados. Crianças são bem-vindas, bem como pessoas de mais idade também possuem espaço e são acolhidas pela tribo. Onde os participantes reproduzem um ambiente tribal no qual todos podem fazer parte por compartilharem de um interesse comum e esse laço faz com que todos sejam membros e tenham o seu espaço. Não reproduzindo um ambiente de eventos corporativos que possuem um perfil de público específico, com atividades direcionadas e horário de entrada e de saída no qual a experiência não é sentida de forma tão intensa e imersiva, como destacado por alguns entrevistados.

O imaginário construído pela organização do evento passa pela disposição de elementos que fazem com que o *campuseiro* se sinta em casa, com uma arena com

atividades como sala, a praça de alimentação como cozinha, mas também a colocação de micro-ondas para que cada um possa preparar seu lanche, a distribuição de café e outros petiscos e uma padaria no *camping*, que representa o dormitório da residência, mas compartilhado com a tribo, já que as barracas são dispostas uma ao lado da outra, trazendo uma imagem de vizinhança e fraternidade.

Os banheiros e chuveiros são compartilhados entre todos, tendo assim uma disposição completa dos cômodos essenciais em uma residência ou mesmo os elementos necessários para a criação e convivência de uma sociedade organizada, com a praça pública, o comércio e as moradias. E, como em toda sociedade, existem regras de convivência no local são claras e determinadas para evitar conflitos e desavenças, assim como os cuidados com a segurança dos participantes.

O espaço *Open Campus* que é aberto ao público geral traz uma amostra do que pode ser encontrado dentro do evento, como uma praça pública onde os moradores saem para encontrar com pessoas de outras tribos e compartilhar momentos de convivência e até, nesse caso, é uma forma de atrair novos membros para essa tribo.

Após a realização das entrevistas, pôde ser observado que de todos os entrevistados selecionados, os campuseiros que tiveram o seu primeiro contato com o evento como visitantes estabeleceram realmente uma relação de tribo, tanto durante o evento, quanto após, onde buscaram continuar mantendo vivas relações estabelecidas com os demais campuseiros. Diferentemente de pessoas com relações mais comerciais com a CPBR, como patrocinadores e anunciantes.

Alguns pontos merecem destaque especial na observação da construção do imaginário de tribo da *Campus Party* Brasil. O formato do evento desde a sua criação segue o mesmo perfil de realização e com um objetivo central sendo mantido, mesmo com as mudanças que aconteceram na sociedade durante todos esses anos. Esse formato reproduz um ambiente acolhedor que remete a um acampamento entre amigos.

Mesmo com o crescimento e a evolução da tecnologia, as novas atrações e elementos adicionados, a tradição do acampamento se manteve, a possibilidade de os participantes virarem as noites jogando ou conversando ao redor de suas fogueiras modernas. A troca de experiências e conhecimentos que existem desde as praças das antigas cidades muda de formato e se torna mais tecnológica, o objetivo inicial que une todos na arena é científico, mas o que faz com que as pessoas permaneçam

naquele espaço e busquem retornar todos os anos seguintes é a possibilidade de rever os membros da sua tribo.

O tema de interesse comum aos participantes os une inicialmente nesse laço e esse encontro passa a ser mais do que um congresso tradicional, já que os membros da tribo vivem na mesma aldeia por uma semana, fazem juntos as refeições e criam uma rotina em função de aproveitar o tempo com os demais.

O fato de a estrutura montada suprir as necessidades básicas dos participantes durante a duração do acampamento faz com que o contato com o mundo exterior seja praticamente nulo e o centro de exposições se torne uma segunda casa. Uma casa onde se escolhe morar, com vizinhos que se escolhe ou pelo menos se sabe que possuem gostos e interesses em comum, assim como as frustrações e inseguranças do mundo lá fora. Esse vínculo de compreensão mútua é mais um elemento que une os campuseiros e faz parte da construção desse imaginário de tribo.

A sensação de que esse é um lugar único no mundo onde se pode agir da maneira que se é sem precisar utilizar outras máscaras para interagir socialmente, proporciona um senso ainda maior de comunidade. A expectativa que se gera é para retomar conversas suspensas no ano anterior e que não puderam ser concluídas com pessoas que não pertencem à tribo, pois esses indivíduos não seriam capazes de compreender a magnitude desse sentimento. Dificuldade expressada por muitos dos entrevistados, mas sentimento de alegria e motivação exaltados por todos os participantes.

Apesar de o conteúdo trabalho no evento ser um forte fator de união inicial não é ele o cimento social que une os membros dessa tribo. Fato verificado pelos comentários dos entrevistados sobre a edição *on-line* do evento que comentaram o menor interesse e engajamento com a *Campus Party* que, mesmo tendo bons conteúdos e muitos palestrantes, não parece ser tão atrativa e não oferece o mesmo imaginário tribalista. O ambiente imersivo não está presente e as pessoas não estão fisicamente próximas, como diz Maffesoli (1998) sobre axionomia.

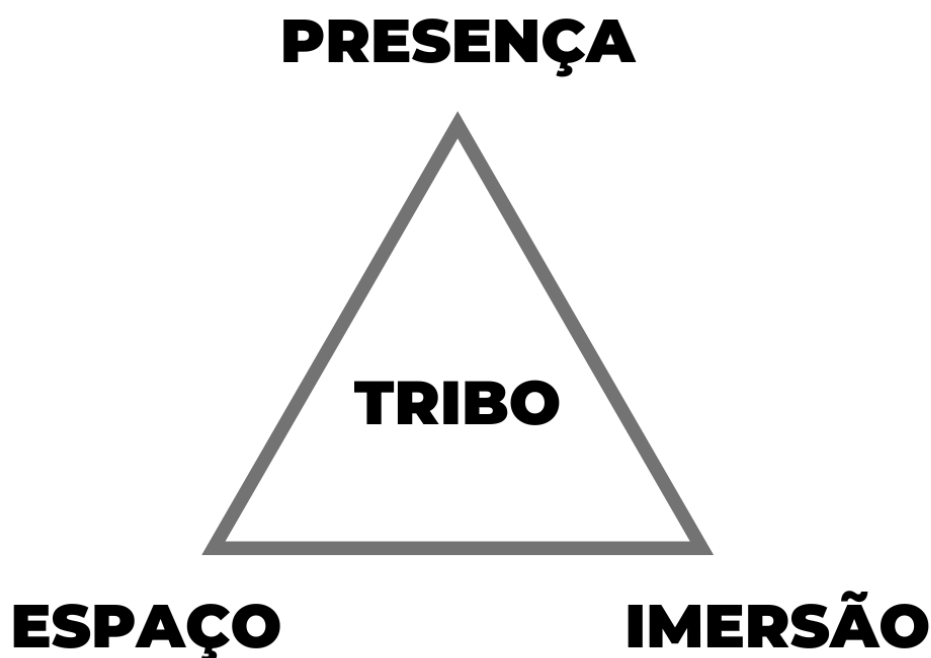
O estar fisicamente próximo aqui é visto como um fator essencial para manter a união de tribo, já que no intervalo entre a realização dos eventos, os contatos já são mantidos de forma virtual, para que esse vínculo não seja completamente desfeito, contudo a visão de manter essa como a única forma de contato entre os participantes não é algo visto com grande empolgação pelos entrevistados. O interesse pela CPBR

ainda existiria, mas com menos interesse e menos envolvimento e ainda com o sentimento de falta do elemento principal, as pessoas.

Observa-se uma sensação de que a experiência vivida na *Campus Party* é única, diferentemente de outros eventos como seminários, congressos e até mesmo festivais voltados para diversão. A necessidade de deslocamento dos participantes até o evento e a saída no final do dia para retornar no dia seguinte, no caso de eventos com mais dias de realização, faz com que o público se desvincule facilmente do momento vivido.

A partir da análise das respostas dos entrevistados e dos pontos identificados como necessários para a formação de um imaginário de tribo, pode-se representar os pontos de destaque na figura a seguir.

Figura 8 – Representação gráfica dos três pilares para a criação de um imaginário tribalista.



Fonte: a autora (2022)

Os três pilares identificados na construção do imaginário tribalista na *Campus Party* Brasil são diretamente ligados ao corpo físico dos participantes, com a necessidade da presença física de todos no local de realização, mesmo que estejam fazendo ou assistindo a algo que poderia ser feito ou acompanhado de suas casas, a

imersão com a possibilidade de passar 24 horas dentro do ambiente onde o evento é realizado e também a periodicidade do encontro que mantém a sua proposta de ser realizado anualmente o que possibilita a criação de expectativas e de planejamento para um próximo encontro, com os relacionamentos sendo mantidos através das ferramentas da internet.

Esses pilares giram em torno do elemento do interesse comum a todos os participantes que, dentro desse ambiente de acolhimento se torna parte da cola que une os campuseiros em contato e os mobiliza a continuarem criando juntos ou simplesmente aproveitando o tempo que possuem. A finalização deste encontro já ter previamente uma data para acabar também facilita para despertar nas pessoas o desejo de aproveitar ao máximo aquele evento disponível durante todo o tempo que elas puderem aproveitar.

O imaginário de tribo precisa ser alimentado e verifica-se que as redes sociais da organização da Campus Party são movimentadas com conteúdos o ano inteiro e os eventos regionais também são uma forma de levar uma parcela desse imaginário para outros públicos e se tornam um meio de realizar alguns encontros entre os participantes que têm condições de estarem presentes. Os conteúdos e palestrantes são diferentes de forma geral do evento nacional, não tornando maçante ou desinteressante para quem já viveu a experiência uma vez.

Mesmo estando muitas vezes como pano de fundo para alguns participantes, o elemento conteúdo, palestras e atividades variam a cada edição e a possibilidade de os campuseiros fazerem parte da construção da CP, indo além do lugar de expectadores, contribui ainda mais para aumentar o sentimento de pertencimento dessas pessoas, onde as suas vozes são ouvidas e sua força intelectual e de trabalho são valorizadas.

A partir dos estudos realizados na presente dissertação, foi possível compreender de forma assertiva, através da utilização da metodologia compreensiva, a formação do imaginário tribalista em um grupo de participantes de um evento. No caso do objeto estudado, a *Campus Party* Brasil, foi possível identificar os pontos que fazem com que o público se sinta pertencente a um grupo social específico.

Através da realização de entrevistas semiestruturadas que permitiram aos entrevistados a livre expressão das suas impressões, observou-se o sentimento em relação ao evento e a convergência de opiniões sobre o sentimento de ser membro

de uma tribo que a *Campus* proporciona aos participantes, mesmo entre os que desempenham diferentes papéis durante a realização das atividades.

Entre todos os entrevistados, o vínculo relatado iniciou com um sentimento de curiosidade por buscar entender sobre o que a CPBR se tratava. Após o primeiro contato e ao término do encontro, houve o desejo de seguir participando de forma cada vez mais ativa desta comunidade.

A forma como o evento é organizado no espaço do centro de exposições favorece a aproximação dos participantes e a colaboração dos campuseiros entre si. O fato de tudo o que será necessário para passar os dias na atração estar disponível dentro do mesmo pavilhão, incentiva mais ainda a união entre a comunidade e desperta o sentimento de se estar vivendo em uma aldeia.

A aceitação relatada pelos entrevistados independente da sua forma de se apresentar, idade, gênero ou área de atuação, reforça o papel do encontro e da identificação necessária para se criar esse imaginário tribalista.

Com a realização desde estudos, pode-se concluir que é possível produzir um ambiente propício para que as pessoas criem um vínculo mais duradouro ao comparecerem a um evento. Para isso, é necessário utilizar de todos os elementos para unir essa tribo e dar liberdade para que as pessoas interajam e reajam da forma que lhes for mais natural possível dentro de um ambiente de companheirismo e construção colaborativa.

O ser humano busca fortalecer os vínculos com os seus semelhantes e, quando pessoas com os mesmos interesses podem permanecer em um período em contato intenso sem interferências externas, mais fácil desse vínculo se fortalecer prova disso, o interesse de manter contato pós acontecimento e o desejo de rever presencialmente os amigos na próxima edição da *Campus Party* Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

3CORACÕES. **Grupo 3corações marca presença na *Campus Party* Brasil**. 2014. Disponível em: <https://www.3coracoes.com.br/materias/grupo-3coracoes-marca-presenca-na-Campus-party-brasil/>. Acesso em 23 mar. 2022.

ANDRADE, Maria Margarida de. **Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação: noções práticas**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

BARICHELO, Eugenia Maria Mariano da Rocha. **Visibilidade e Legitimidade na Atual Ecologia Midiática**. Estudos em Comunicação, Santa Maria, v. 2, n. 25, p. 99-108, dez. 2017.

BRAGA, Adriana. **Ecologia da Mídia: uma perspectiva para a comunicação**. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 31., 2008, Rio de Janeiro. Anais [...]. Natal: Intercom, 2008. p. 1-11.

BRASIL, *Campus Party*. **Campus Party Digital**. Disponível em: <https://brasil.Campus-party.org/cpdigital/>. Acesso em: 10 maio 2021.

BRASIL, *Campus Party*. **Divulgação Protocolos de Segurança**. 05 nov. 2021. Instagram: @Campuspartybra. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CV53sJpvuOY/>. Acesso em: 07 nov. 2021.

BRASIL, *Campus Party*. **Não esqueça**. Disponível em: <https://brasil.campus-party.org/guia-do-campuseiro/nao-esqueca/>. Acesso em: 14 dez. 2022.

CESCA, Cleuza G. Gimenes. **Organização de eventos: manual para planejamento e execução**. 9 ed. São Paulo: Summus, 2008.

DEUZE, Mark. **Viver como um zumbi na mídia (é o único meio de sobreviver)**. Matrizes, São Paulo, v. 2, n. 7, p. 113-129, jul. 2013.

DUARTE, Rosália. **Entrevistas em pesquisas qualitativas**. Educar, Curitiba, v. 1, n. 24, p. 213-225, jan. 2004.

FLICKR CAMPUS PARTY BRASIL. **Bancada *Campus Party* 10**. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/campuspartybrasil/31844554763/in/album-72157677753721222/>. Acesso em: 14 dez. 2022.

FLICKR CAMPUS PARTY BRASIL. **Just Dance**. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/campuspartybrasil/31813960064/in/album-72157677753721222/>. Acesso em: 14 dez. 2022.

FLICKR CAMPUS PARTY BRASIL. **Palestra *Campus Party***. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/campuspartybrasil/52498198660/in/album-72177720303669548/>. Acesso em: 14 dez. 2022.

FLICKR CAMPUS PARTY BRASIL. **Parceiros Campus Party**. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/campuspartybrasil/51765548799/in/album-72177720295443886/>. Acesso em: 14 dez. 2022.

FORTES, Waldir Gutierrez; SILVA, Mariângela Benine Ramos. **Eventos – estratégias de planejamento e execução**. 2. ed. São Paulo: Summus Editorial, 2011.

GIACAGLIA, Maria. **Gestão estratégica de eventos: Teoria, prática, casos e atividades**. 1 ed. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum: compêndio da sociologia compreensiva**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum: introdução à sociologia compreensiva**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

MAFFESOLI, Michel. **O imaginário é uma realidade**. Entrevista com Michel Maffesoli. Entrevistador: Juremir Machado da Silva. Revista Famecos, Porto Alegre, v. 1, n. 15, p. 74-82, ago. 2001.

MAFFESOLI, Michel. **Tribalismo pós-moderno: Da identidade às identificações**. Ciências Sociais Unisinos, Porto Alegre, v. 1, n. 43, p. 97-102, jan. 2007.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MATIAS, Marlene. **Organização de eventos: procedimentos e técnicas**. 6 ed. Barueri: Manole, 2013.

MENDONÇA, Maria José Alves; PEROZIN, Juliana Gutierrez Penna Almendros. **Planejamento e organização de eventos**. São Paulo: Érica, 2014.

MORIN, Edgar; CLOTET, Joaquim; SILVA, Juremir Machado da. **As duas globalizações: complexidade e comunicação, uma pedagogia do presente**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

QUADRADA, Távola. **Sobre**. 2021. Facebook: Távola Quadrada. Disponível em: https://www.facebook.com/tavolaquadrada/about/?ref=page_internal. Acesso em: 01 jul. 2021.

QUADROS, Flávia de. **Credenciados aguardam entrada pelo portão C.** Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/campuspartybrasil/8423362153/in/album-72157632628851775/>. Acesso em: 14 dez. 2022.

QUADROS, Flávia de. **Primeiros campuseiros ocupam o camping Campus Party Brasil 2013.** Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/campuspartybrasil/8423354831/in/album-72157632628851775/>. Acesso em: 14 dez. 2022.

SIQUEIRA, Marli Aparecia da Silva. **Monografias e teses: das normas técnicas ao projeto de pesquisa - Teoria e Prática.** 2. ed. Brasília: Consulex, 2013.

SILVA, Juremir Machado da. **As Tecnologias do Imaginário. Tecnologias do imaginário e sociologia compreensiva: do conceito ao método.** 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2006.

SILVA, Juremir Machado da. **Diferença e descobrimento. O que é imaginário? A hipótese do excedente de significação.** Porto Alegre: Sulina, 2017.

SILVA, Juremir Machado da. **O que pesquisar quer dizer: como fazer textos acadêmicos sem medo da ABNT e da CAPES.** 5 ed. Porto Alegre: Sulina, 2019.

ZANELLA, Luiz Carlos. **Manual de organização de eventos: Planejamento e Operacionalização.** 2 ed. São Paulo: Atlas, 2004.

ANEXO A – Transcrição Entrevista Participante 01

Cidade onde mora: São Paulo - SP

Profissão: professor e palestrante

Participação na *Campus Party* Brasil: *Guild Master*

Taíla – A minha primeira pergunta seria como tu ficou sabendo da *Campus Party*? Qual foi o teu primeiro contato com o evento?

Participante 01 – Então, na época eu escutava um podcast, que era o podcast do Jovem Nerd e todo ano ele fazia um podcast que era da *Campus Party* e eu ficava pensando: “Nossa esse deve ser um lugar muito legal.” Na época eu ainda morava em Porto Alegre, mas na época eu vivia num meio, na época eu trabalhava com educação física, que não tem umas pessoas muito nerds. Eu vivia em um mundo bem fitness. E eu não tinha muitas amizades nerds na época, então eu não tinha muito com quem conversar. Mas sempre acompanhava o podcast desses caras e eles sempre falavam do evento, de como era, das coisas que aconteciam e eu comecei a me encantar com aquele mundo. Daí chegou uma hora que o meu sonho, chegou a “pô, eu quero ir um dia nesse evento.” Foi assim que eu conheci a *Campus Party*.

T - Como tu se tornou um Guild Master? Como foi esse processo para ti, digamos, assumir essa função? Além de campuseiro, como tu passou para essa outra etapa?

P01 – Se a gente falar de trajetória, dentro da *Campus*, eu não sei bem como as pessoas se tornam alguma coisa. A *Campus* é muito um evento das pessoas que desenvolvem ele entenderem o amor dos outros pela *Campus*. Da direção entender que as pessoas são apaixonadas pela *Campus*. E eu fui uma pessoa que sempre, depois da *Campus Party* 10 em diante, eu fui uma pessoa que me envolvi muito com a vida da *Campus*. Então, eu participei na época de uma comunidade que foi muito, muito influente, que chamava Campuseiros Club. E, naquele momento, o Campuseiros Club era a grande comunidade da *Campus Party*, ela tinha uma visibilidade internacional, ela tinha apoio do Francesco, do Tônico, muito em função da pessoa que coordenava o Campuseiros Club na época. E eu, até então, não fazia parte de nenhuma comunidade, eu fui convidado a entrar nessa comunidade, e eu comecei a participar de coisas da comunidade, me envolver, me voluntariar para fazer

algumas coisas. Depois essa comunidade, ela acabou..., eu nem sei se ela ainda existe, mas ela teve diversos problemas internos e eu acabei me retirando. Aí eu troquei de comunidade, eu fui convidado a participar da Távola, mas sempre muito envolvido com as coisas da *Campus*, com submeter palestras, de estar junto com as pessoas, de oferecer o meu apoio e a minha ajuda à coordenação do evento para o que eles precisassem. Sempre busquei ser uma pessoa que influenciava que outras pessoas conhecessem a *Campus*. E isso era simplesmente por amor à *Campus*. O programa de *Guild Masters* não existia até então. O programa de *Guild Masters* ele foi implementado na última *Campus* presencial. Porque o que a *Campus*, ela é formada de programas, tudo ali dentro é um programa. Vamos pegar o programa Embaixadores, não é um título que algumas pessoas têm. Claro também se torna um título, mas é o programa de Embaixadores. Amanhã pode ser que esse programa não exista mais. Hoje eu faço parte de um programa que é o programa de *Masters*. Amanhã, na próxima *Campus Party* talvez, se entenda que o programa de *Masters* não faz mais sentido, que ele não tenha uma função mais de existir e ele deixe de existir. Mas, aí eu acho que em função de todas essas coisas boas que eu fiz para a *Campus*, acabou surgindo o convite de participar desse programa.

T – Essa primeira *Campus* que tu foi, foi em que ano mesmo?

P01 – O que aconteceu então desse momento em que eu sabia que existia a *Campus Party*, mas eu nunca tinha ido até a minha primeira *Campus*. Eu fiz uma amizade, eu tinha uma aluna na academia e essa aluna ela tinha ido na *Campus Party* 5, na CPBR5, e ela acabou se tornando minha aluna, se tornou uma grande amiga minha e uma dia eu falei: “Puxa vida, meu sonho é ir para a *Campus Party*.” e ela me olhou e disse: “Eu já fui.” E eu disse: “Nossa, você já foi e como foi?” É que pode parecer uma coisa simples, cada pessoa tem a sua trajetória de como chegou na *Campus Party*, mas eu não tinha nenhum amigo envolvido com isso, eu não conhecia ninguém que tinha ido para a *Campus Party*, eu tinha um certo receio de sair de Porto Alegre para passar uma semana acampado em um lugar com milhares de pessoas que eu não conhecia, sabe? Para mim era uma coisa na época muito maluca. Na época era muito fora da minha realidade. E ela disse: “Tá, eu vou no ano que vem.” e eu disse “Nossa, eu posso ir contigo?” E aí a gente foi junto e essa foi a minha primeira *Campus* assim. Foi assim que eu entrei na *Campus Party* que foi a CPBR6.

T – E, desde então você foi em todas as edições presenciais da CPBR, você foi em alguma de outra cidade?

P01 – Fui em todas, depois da 6, eu fui a todas as presenciais da CPBR, eu fui a uma Minas Gerais, a CPMG2 eu acho que foi a última que teve *camping*, eu participei da CPBSB2 e da CPBSB3 e palestrei nas duas digitais.

T – E das presenciais, tu palestraste também?

P01 – Da 10 em diante, todas.

T – E, quando tu pensas em *Campus Party*, qual é o sentimento que isso te traz?

P01 – Que sentimento me traz? É um sentimento de muita emoção, sabe? Eu acho que eu fico muito emocionado. A *Campus Party* é um evento que, talvez o sentimento seja, não sei se é bem um sentimento, mas é transformação. Eu tinha, antes de eu ser professor de educação física, eu tinha uma carreira na Ciência da Computação, foi meu primeiro bacharelado. Dado um tempo, eu não queria mais aquilo, eu não queria mais aquela vida para mim e eu passei para a Educação Física, terminei também os meus estudos, e comecei a trabalhar e a dar aula, mas quando eu fui à minha primeira *Campus Party*, eu entendi que eu queria trabalhar com educação, eu queria impactar a vida das pessoas, eu queria levar conteúdos legais a lugares legais e aí, não só na *Campus Party*, mas em tudo o que eu faço hoje, sabe? Que eu vou nas empresas, eu vou nos eventos, onde eu levo o meu conteúdo. Eu queria impactar as pessoas com o conteúdo que eu achasse que fosse bom, assim, que eu acredito que seja incrível. E, a *Campus Party*, quando eu falo que o meu sentimento com a *Campus Party* é de transformação, é por isso, porque quando eu entrei na *Campus Party*, quando eu comecei a viver aquele universo, a minha vida mudou. Eu disse assim: “Eu não quero mais ser professor de educação física, eu quero criar conteúdo”, não como um influencer, digamos assim, que cria conteúdo para YouTube que era uma coisa que eu até fazia antes e, com tempo, eu fui fazendo cada vez menos, cada vez menos, até que eu deixei de fazer. Hoje só participo de algumas coisas como convidado, mas eu entendi naquele momento que eu queria impactar a vida das pessoas positivamente. Então, o que fica para mim da *Campus* é transformação e a

gente vê muitas histórias das pessoas falando do quanto a *Campus Party* mudou a vida delas.

T – E, de toda essa transformação, teve algum momento para ti que foi mais marcante no evento?

P01 – Eu acho que não é uma experiência, mas são as experiências assim que marcam o evento. Não é só você ter um conteúdo incrível de uma palestra, de um palestrante muito legal. Não é só a coisa de você estar lá e assistir, sei lá, o Buzz Aldrin. Quando, na minha vida, eu teria oportunidade de ver um astronauta da primeira missão à Lua ao vivo, sabe. Talvez isso fosse uma coisa impossível na minha vida. Isso foi uma experiência que a *Campus* me trouxe. Isso de trazer as pessoas para perto, acho que é uma das experiências mais impactantes, mas acho que a grande experiência da *Campus Party* ela está nas pessoas, é em você poder conversar. Com frequência, claro, às vezes tem uma pessoa, tipo o Bruce Dickinson, CPBSB. Não dá para o Bruce Dickinson descer do palco e atender todo mundo. É meio inviável, mas quando teve o Woz, e isso foi na CPBR5, o Wozniak o criador da Apple, ele ficou lá e assinou todo o equipamento Apple que levaram para ele. O *Bicplan*, quando foi, ele tirou fotos com muita gente, ele ficou o que ele pôde dentro da *Campus Party*. Isso é uma coisa incrível que não tem em outros eventos, não tem. Se você não paga para fazer isso numa CCXP, por exemplo, não existe. Isso é uma coisa que só existe na *Campus Party*. Se você vai numa CCXP, por favor, eu não estou falando mal da CCXP, mas se tu quer conversar com o Maurício de Sousa, se tu quer estar perto do Maurício de Souza, na CCXP, tu tem que ser sorteado, tu tem que ter um bilhete, tu tem que ficar 6 horas numa fila, é um “trampo” do caramba que, na minha opinião, não vale a pena. E ele não dá palestra, ele não fala, ele fica numa sala de vidro, as pessoas só ficam vendo de fora e abanando e ele lá dentro dessa sala, ele fica recebendo as pessoas que foram contempladas, ele também não falou com ninguém na *Campus Party*, mas ele foi lá, ele subiu no palco, ele foi super gentil com todo mundo, ele fez palestra. Palestra, né, ele foi lá falar, que é o que a gente quer do Maurício Souza. Essas coisas não acontecem em outros lugares, mas quando a gente tira essas estrelas gigantescas assim e, quando a gente pega assim estrelas menores, e aí eu estou colocando no nível de estrelas, mas você põe o termo aí que tu acha melhor depois. Mas vamos dizer assim palestrantes de primeira grandeza como Maurício de

Sousa, o Wozniac e o Bruce Dickinson, quando a gente sai dessa esfera que são pessoas mais intocáveis. Todos os outros palestrantes, até os que ficam no palco principal, todo mundo desce do palco para conversar com as pessoas. Ninguém pega e vai embora. Isso é uma coisa incrível que só existe na *Campus Party*. O que mais marca na *Campus Party* é o contato com as pessoas. Eu tenho uma história, eu contei esses tempos em algum lugar, não sei onde que era. Fiz uma palestra sobre ler quadrinhos uma vez na CPBR10. Eu fiz duas palestras e uma delas era para ajudar as pessoas a falar sobre quadrinhos, sem nunca ter lido quadrinhos. Fui, fiz a palestra super me diverti, foi muito engraçado. Quando acabou a palestra, ficaram umas pessoas em volta para conversar, tudo bem, chegou um cara e o cara disse: “Olha, eu queria te dar o meu quadrinho é um quadrinho que eu desenho e tal.” E eu disse: “Poxa, cara, muito obrigado, Cristiano Seixas, que legal, pô, valeu.” Troquei uma ideia com o cara, troquei contato com o cara, o cara me deu o cartão dele e tudo. Então, voltei para casa, comecei a ver as coisas que eu trouxe da *Campus*. “Ah, o cara me deu um gibi, é verdade, Cristiano Seixas, não sei quem é.” Eu fui botar no Google. O cara desenha na Marvel e ele estava lá como um desconhecido. Ele não foi para palestrar, ele estava no *camping*, andando no evento e ninguém sabia que tinha essa pessoa absurdamente incrível, trabalhando lá. Hoje é o cara que está desenhando o *Alien* nos Estados Unidos, ele ganhou todos os prêmios possíveis e imagináveis dos quadrinhos por causa desse *Alien*. Então eu acho que essa é a grande magia da *Campus Party*, é você conversar com as pessoas e ter conteúdos incríveis.

T - E, por conta de tudo isso, quando saem as datas do próximo evento ou com essa questão de como vai ser o próximo evento, você cria alguma expectativa para ir para *Campus*, o que tu sente antes? Nessa essa espera para o próximo evento, essa expectativa começa logo que termina ou tem algum momento que isso fica mais forte?

P01 - As minhas expectativas criam expectativas. Então assim, eu acho que tem duas partes. A primeira é o fim da *Campus*. E, no começo, quando eu saía da *Campus*, acho que nas minhas primeiras quatro *Campus* que eu saía da *Campus*, eu chorava muito de tristeza. Me sentia muito triste de ir embora daquele mundo, daquele meio, daquele convívio com as pessoas incríveis, de cada

dia almoçar com uma pessoa diferente e falar um monte de nerdice que a gente gosta, de ter a gente falando de engenharia aeroespacial, de astronomia, de empreendedorismo e de quadrinhos também, falando sobre um monte de coisa. E aí, eu lembro muito de voltar de algumas *Campus* chorando muito. Acho que durou umas quatro vezes e depois meio que eu introjetei uma coisa, tipo: “Tá tudo bem, ano que vem, volta.” Eu comecei a entender que eu faria o máximo esforço possível para no próximo ano voltar. Talvez vai existir um momento que eu não vou conseguir voltar no próximo ano. Ainda não tenho esse momento, mas um dia vai ter. Eu vou ter um compromisso, uma outra palestra, um outro trabalho que não vai permitir que eu esteja na *Campus*, isso vai acontecer. Então assim, esse era um, foi um primeiro momento, a saída da *Campus* sempre para mim é muito nostálgica, sabe? Eu sempre fico: “puts, é tão bom estar na *Campus*”. Então é um universo tão incrível, então sempre fica uma nostalgia muito grande. Eu fiz uma *live* com o Tônico, eu falei para o Tônico assim, como é que ele sentia a questão da *Campus* e que a *Campus* na verdade, ela é meio o eixo principal da vida de muitas pessoas. O ano começa com as pessoas perguntando quando é a próxima *Campus*, porque que elas precisam organizar férias, viagens, comprar ingresso e comprar passagem. Não é fácil. Hoje para mim é um pouco mais fácil, porque eu vivo em São Paulo, mas não é fácil você sair de Porto Alegre para ir para uma *Campus Party* e Porto Alegre é um lugar que super tem voos e tudo. Mas tem gente que vem da Amazônia, tem gente que vem do Pará, tem gente que não vai vir de avião, tem gente que vai vir de caravana, isso envolve muitas coisas. A *Campus* ela é o eixo central do calendário de muita gente eu não estou falando de mil pessoas, eu estou falando de muito mais de mil pessoas que vivem do ano inteiro fazendo essa pergunta: “Já saiu a data da *Campus*? Já saiu a data da *Campus*?”. Eu lembro em alguns trabalhos, meus anteriores, alguns empregos, de chegar e dizer assim: “Olha, tudo bem e tal, não sei o quê, só que assim ó, nessa data aqui eu não estarei na empresa não importa o que aconteça. Eu vou tirar férias, vai ficar uma pessoa no meu lugar, eu vou botar uma pessoa no meu lugar, vai ficar um professor no meu lugar, mas eu não vou estar aqui, não importa o que aconteça, eu vou estar fora nessa data.” Sempre tive o apoio das pessoas na minha volta para fazer isso. A *Campus* sempre foi uma marca na minha agenda assim: “Ah, vai ser da semana, sei lá, de 5 a 10 de março, não, então tá, nada pode ser marcado nesta data. Conheço muita gente, muita gente mesmo que não tira férias, que as férias estão reservadas

para a época da *Campus Party*. Meu amigo Rafa que anda sempre comigo, o Rafa é o rei das férias atrasadas e agora com coisa de Covid também, ele atrasou mais férias e o ano dele inteiro de trabalho é montado em cima da *Campus Party*, ou ele vai tirar folga ou ele vai tirar as férias, ele vai fazer o banco de horas, não interessa, mas na época da *Campus Party* ele não vai estar no trabalho. Isso acontece com muitas pessoas, a *Campus* ela tem esse poder de ser um momento muito especial da vida de muitas pessoas. E aí, quando sai a data, é aquela: “Não, está marcado, já sei que tem que comprar passagem, tem que, se eu for antes, eu já vou ver hotel, vou ver *hostel*, com quem que eu vou ficar, onde eu vou ficar...” Porque, sim a expectativa é muito grande. Se você parar para pensar, a gente compra a *Campus* sem saber quem vai estar na *Campus*. Uma coisa é qualquer outro evento. Sei lá, Rock in Rio, vai começar o Rock in Rio, tem as pessoas que compram o ingresso porque querem ir para o Rock in Rio normal, mas tem as pessoas que esperam sair o *line up*. “Não, eu não vou comprar agora, quero ver quem vai vir. Sei lá, o Bon Jovi. Ah, eu quero ver, não, não vai vir as pessoas que eu gosto ou não vem pelo menos duas ou três atrações que eu gosto, não vou.” *Campus Party* não tem isso, já vamos comprar agora porque tem desconto, os primeiros sempre têm desconto. Então já sai comprando. Não interessa quem vai. Eu nunca vi alguém dizer assim: “Eu não vou na *Campus Party*, porque eu não gostei dos palestrantes.” Eu acho que sim, ela gera uma expectativa muito grande em cima das pessoas.

T - E o que que tu mais gostas de fazer na *Campus*? Tem algum ponto, alguma coisa que tu esperas mais fazer ou quando tu está lá, tu preferes, de tantas atividades, o que te atrai mais?

P01 - Eu gosto de submergir no mundo da *Campus*, sabe? Quando eu entro lá, eu não faço muito contato com o mundo exterior. Converso com casa, para ver se está tudo bem, converso com a Aline: “Está tudo bem aí? Está. Tudo beleza.” A gente se fala um pouco, mas eu não tenho muito contato com o mundo exterior. Eu lembro, teve uma *Campus* que tinha um *catering* que era um janelão. Eu e o Rafa a gente ia almoçar lá e eu fazia assim: “Rafa, esse aqui é o máximo de contato com o mundo exterior que eu quero ter durante essa semana. Não quero saber do mundo lá fora é, tipo, o mundo inteiro para mim, ele está acontecendo aqui dentro, neste momento.” Eu sou um cara que eu tento aproveitar o máximo de tudo que acontece na *Campus*.

Eu, a primeira coisa que eu faço é calendário de palestras, marcar tudo que eu quero assistir, sabe? Eu não sou uma pessoa de ficar em fila também, não sou um corredor de brinde. Eu não fico correndo atrás de brinde. Não faz muito parte da minha diversão na *Campus* eu ficar uma hora na fila para pegar o brinde. Para mim eu estou desperdiçando essa uma hora, mesmo que seja para ganhar uma pizza. Eu compro uma pizza lá fora e ganho essa uma hora. Eu crio meu calendário de coisas que eu quero assistir na *Campus* e nos tempos. Ah, sei lá, nesse horário não tem nada. Sei lá, eu vou estar na bancada, eu vou conversar com os meus amigos, eu vou ficar jogando, também, porque a gente joga, mesmo a gente jogando on-line durante a semana, na vida normal, quando a gente pode jogar on-line e presencial é uma emoção diferente também. Então assim, não me privo de... eu não sou a pessoa que fica o tempo inteiro jogando. Apesar de que teve nas últimas *Campus* que saiu um monte de foto minha que eu estava jogando, saiu foto minha no perfil da *Campus Party* jogando, parece que eu estou sempre jogando. Não, cara. Eu fui em 150 palestras antes de parar aqui para jogar e me acham na hora que eu estava jogando. Eu vou a muitas palestras, eu tento fazer muito *networking* com as pessoas, eu gosto de passear na *Campus*. Eu acho que eu comecei a gostar mais ainda de passear na *Campus* quando eu me tornei *Master*, porque as pessoas me param para reclamar. É verdade, é muito verdade. Teve um ano que eu falei assim: “Eu vou estar na minha mesa, ela está no lugar tal quem quiser conversar sobre qualquer coisa da *Campus*, só ir lá perguntar, porque faz parte das obrigações, sabe? E então eu gosto de conversar com as pessoas, eu gosto de ouvir o que as pessoas querem falar ou o que elas querem dizer, às vezes é muito difícil você chegar e conversar com o Thales, às vezes é muito difícil você chegar e conseguir conversar com o Tônico, mas é muito fácil você conseguir conversar com o Rodrigo. Eu anoto tudo que as pessoas falam, no final do evento junto em um e-mail e envio. “Tal pessoa reclamou de tal coisa, 20 pessoas reclamaram do chuveiro, mais eu. Teve um cara, e põe o contato do cara, que quer fazer o negócio do chip...” E encaminho tudo para eles. Se isso vai ter uma continuidade ou não ou quanto quantas dessas reclamações, opiniões, solicitações, sugestões são levadas adiante, eu não sei, mas a minha parte eu fico com a tranquilidade de fazer.

T - Então, dentre as tuas funções está ouvir as pessoas e encaminhar esses comentários, sugestões?

P01 – Isso. O que acontece, o grupo de *Masters*, ele é um grupo de apoio e influência. Assim como o grupo de Embaixadores é um grupo totalmente político. O programa de embaixadores, ele é um programa absurdamente político. Tem alguns que tem o nome de Embaixador só para fazer “frufusada”? Tem. Só para dizer: “Ê, eu sou embaixador na *Campus*.” É superfamoso e funciona. Está, tudo bem, não tem problema, mas as pessoas mesmo do programa de Embaixadores, aquelas que estão no programa de Embaixadores e a gente não sabe que são do programa de Embaixadores. Eles têm um cargo totalmente político, é levar *Campus Party* apresentar em uma empresa, no gabinete de um deputado. As pessoas que são Embaixadoras de verdade, exercem o cargo político e não só o cargo mais para aumentar o nome da história. Essas pessoas, na semana da *Campus*, elas ficam muito pouco tempo na *Campus*. Porque elas estão fora, nos projetos sociais, porque elas tão dando entrevista na TV, porque elas foram em um podcast. Então, o programa de Embaixadores é um programa totalmente político e tem essa função de também ajudar a vender e divulgar a *Campus*. O programa de *Masters* é um programa de influência e apoio. É, cansei do meu telefone tocar assim: “Rodrigo, a gente precisa aqui de umas fotos, não sei o que. Você pode vir fotografar com a gente? Vou. Ô, Rodrigo, tem um problema com uma galera que é a primeira *Campus* deles, pode apoiar eles? Posso, eu vou lá.” Então, o grupo de *Masters*, ele tem essa construção e, ao mesmo tempo, são pessoas, eu não gosto desse termo, porque eu não me considero, mas são pessoas mais famosinhas dentro da *Campus*, que são fáceis de localizar. “Ah, eu queria, eu tenho uma reclamação. Ah, fala com a Monalisa, do Rio Grande do Norte.” Todo mundo sabe quem é Monalisa. “Ah, fala com o Rodrigo, fala com o Bruno.” Então, são pessoas que elas são mais conhecidas de muita gente ou que sempre tem alguém que conhece. “Ah, fala com o Rodrigo. Ah, não sei quem é.” Os caras: “Não sei quem é Rodrigo. Vou te levar lá.”. Então, para que possa escutar as pessoas, para que possa ajudar, a gente é muito ativado durante a *Campus* para participar de coisas. Teve uma que eu achei muito top, que foi o pessoal do Boticário queria fazer fotos com campuseiros e tinha que ser um pessoal dos *Masters*. Então, chamou o pessoal de *Masters*. A gente foi fazer as fotos do Boticário. Quando teve a ação da Boticário lá, foi na última presencial também, eu acho. “Tem um canal aqui dentro, de YouTube, que quer fazer uma entrevista com

peçoal. Vocês podem ir? A gente pode.” Então, é um programa que tem bastante trabalho durante a *Campus*. Esta *Campus* não tem muito trabalho, tem bem pouca coisa, algumas coisas se consultam, talvez o que a gente acha, o que a gente não acha, tirar uma febre se é legal ou não, mas é uma equipe que trabalha muito por solicitação dentro da *Campus Party*. A gente caminha muito, a gente caminha muito, a gente ajuda muito as pessoas e é uma forma de desafogar um pouco algumas coisas banais que não são banais, mas que são simplórias, que às vezes toma um tempo grande do *staff*. Então, “não estou entendendo umas coisas”, você vai procurar um *staff*, quem sabe você conversa com um *Master*, ele tem uma super experiência dentro da *Campus*, ele pode te ajudar. Ah, legal, aí já chama o *Master*: “Ô, Rodrigo, você pode vir? Monalisa, você pode vir? Claro.” Então, são coisas que fazem parte do programa, porque ele é só isso, apoio e influência. Não existem deveres e obrigações dos *Masters*. Tem isso, é um grupo de apoio e influência. Influência, o que é a parte da influência? É sempre estar ajudando a *Campus*, compartilhar coisas da *Campus*, fomentar a ideia de que outras pessoas possam ir na *Campus*.

T - Sobre a estadia, como é que para ti é a possibilidade de acampar no evento? Tu optas por acampar, prefere ficar fora? Como é que isso é para ti, isso é um diferencial também?

P01 - Toda vez, toda vez. Toda vez é *camping* para mim. CPMG2, a primeira noite era, não, na verdade, CPMG2 a ideia era ficar sim no hotel. Era embrionário o programa de *Masters*. Algumas pessoas foram convidadas a começar esse “alguma coisa” que eles estavam criando. A gente não sabia o que era e disseram: “vocês estão com a gente, vocês vão ficar no hotel e tal, não sei o quê.”. E eu disse assim: “não, tudo bem tranquilo assim, mas eu só quero ficar a primeira noite no hotel. Eu não quero ficar no hotel, quero ficar no *camping* e tal, não sei o quê.”. A gente não tem, o programa de *Masters*, não vem com o benefício de hotel. Dependendo do evento, da necessidade das pessoas, algumas vezes alguém fica em um hotel, mas é raro. O programa de Embaixadores já tem hotel, porque também eles ficam pouco tempo dentro da *Campus*. Como o programa de *Masters* ele fica, ele é muito ligado ao que está acontecendo dentro da *Campus*, não faz muito sentido a gente ficar em hotel. Então eu fiquei a primeira noite no hotel na CPMG2, na segunda noite eu já fui para o *camping*. Eu acho que o *camping* é uma grande experiência social também e de

convivência de estar no *camping*. Eu adoro, eu adoro. Adoro o *camping*, adoro a barraca, a gritaria, tudo o que acontece no *camping*. O *camping* antes da entrada da *Campus Party*, ele já é um evento. Todo mundo sentado para fora, é cada um com um computador, videogame e todo mundo ali em volta e conversando e as condições do *camping* para todo mundo que está ali antes da entrada da arena, ela é um pouco mais precária, né? Não tem tanto ponto de luz, não tem os micro-ondas. Até então, a padaria é recente, mas também não tinha o que comer lá dentro, sabe? Você tinha que trazer. Puts, era uma mega mão de obra, você tinha que sair, muita gente não sabe onde sair. Gente que não é São Paulo, que não tem vivência daqui. Nossa, aonde eu vou? Chega ali fora, tipo uma Marginal gigante a pessoa não sabe para que lado vai. E o *camping* tem essa mística, de você fazer amizade com os seus vizinhos daquela hora. “Pô, me empresta a bomba? Pô, furou meu colchão, você não tem aí alguma coisa que cola?”. Existe a mística do *camping*, eu acho. Para mim é *camping* para sempre, enquanto eu tiver saúde é *camping*.

T - E sobre a questão de motivação, alinhada com as suas expectativas, a tua motivação para ir ao evento ela continua sendo, por exemplo, a mesma de quando você começou a ir ou tu traz novas motivações, depois que tu conheceu o evento, conheceu as pessoas?

P01 - Eu acho que ela é a mesma, só que com mais. Quando você vai nas primeiras vezes, você quer ir para conhecer e entender aquele mundo e começar a participar daquele universo, né? Mas quando você passa da primeira, da segunda edição, você continua indo, esse deslumbramento de só simplesmente estar ali, ele acaba. Eu acho que cada pessoa tem uma motivação de estar na *Campus*. Até eu tive uma conversa recente com o pessoal lá na Távola sobre isso assim. Para mim, a *Campus*, ela é mais do que só o reencontro dos amigos, é para muitas pessoas. A *Campus* ela está muito relacionada a simplesmente reencontrar os amigos. E não tem nada de mal nisso, sabe, mas isso não é *Campus*. A *Campus* enquanto evento, enquanto proposta, enquanto organização internacional que a *Campus* é, ela não é um evento para reencontrar amigos, ela é um evento de educação, ela é um evento de empreendedorismo. Isso, basicamente a *Campus* é um evento onde e completamente diferente de todos os eventos, que é um evento que não tem venda. Então, se você parar para comparar o ticket médio de uma CCXP e de uma *Campus Party* é ridícula

a diferença. Eu adoro a CCXP, vou a todos os anos também, nem estou falando mal, mas é um evento de consumo. Você vai para comprar a meia, o *action figure*, o cartaz e o pôster, você vai para comprar. E a *Campus Party* não é isso. Nem sempre tem loja da *Campus*, sabe? Nem sempre você consegue sair com uma camisa da *Campus Party*, uma caneca da *Campus Party*, uma coisa mais difícil, mas a gente vai achar muito melhor. Então, não é um evento de venda, é um evento que tem uma pegada educativa muito forte, porque, afinal de contas, são, sei lá, 6, 12 palcos com palestrantes, durante quase o dia inteiro, trazendo conteúdo de qualidade para mudar a vida das pessoas. É um evento de empreendedorismo. De certa forma, acho que a gente tem que parar de pensar no empreendedor, simplesmente como um cara que saiu e abriu uma *startup*, sabe. O cara pode, sei lá, eu não abri uma *startup*, eu me considero super empreendedor, minha empresa faz palestra e faz educação, eu tenho certeza de que tu te torna uma empreendedora quando tu vai lá e tu aprende coisas novas e tu vai levar pra as tuas aulas, para o teu mestrado, para as coisas que tu faz. Então o empreender, no sentido de levar coisas novas para sua realidade, de tu sair com ideias novas, com ideias diferentes ou simplesmente sair influenciado a fazer alguma coisa. Então, acho que, para mim, isso muito é a alma da *Campus Party*. Que é um evento aonde você vai para fazer o que eu falei antes, é um evento de transformação, mas ela pode ser muita coisa, para muita gente. Tem gente que a gente conhece, tu sabe, tu vai lembrar uns cinco nomes na tua cabeça que vão para *Campus Party* simplesmente para ir para *Campus B*. Para outras, não. Não tem nada de mal. Assim eu estive com uns amigos na CPBSB3 e os meus amigos saíram para dar volta de barco. Que mal tem isso? Nenhum. Poxa vida, quando vou poder ir à Brasília de novo, sabe? Qual é o problema de sair e dar um passeio pela cidade e andar de barco? Nem sei como é que anda de barco em Brasília, mas tudo bem. Mas assim, a *Campus* ela pode ser muitas coisas para cada um deles, mas na sua essência, a *Campus Party* é um evento de educação, tecnologia e empreendedorismo.

T - E já que a gente comentou de outros eventos e de várias diferenciais, o que tu destacarias que tu só encontras na *Campus Party* ou só a *Campus* te proporciona de todas essas coisas, assim o grande diferencial de outros eventos que tu já compareceste?

P01 - O principal é a questão, se a gente pegar, por exemplo, a parte de *startup*. Tem diversos outros eventos que têm área de *startup*. A gente pegar a palestra por si só, tem outros eventos que também aí fazem a questão de palestra. Eu acho que assim, eu sempre me perguntei, eu trabalhei recentemente em um evento, o último evento presencial do Rio Grande do Sul, eu trabalhei. Chama POA *Geek Week* (PGW), era um evento de *eSports*. E aí, uma coisa é você participar do evento, outra coisa é você participar como eu participo que tem uma tarefa digamos assim, outra coisa é você ser só participante, como é quando eu vou na CCXP, que eu compro o meu ingresso, eu entro às 10 da manhã e saio às 8 da noite. Depois, você trabalhar em um evento, como eu trabalhei na PGW. E durante toda essa trajetória, eu sempre fiquei pensando, porque, se a gente parar para pensar até hoje, eu perguntei isso para o Tônico também e o Tônico (eu vou te mandar essa entrevista minha com Tônico) é porque que até hoje ninguém copia a *Campus Party*? Se tu parares para pegar a CCXP, tem diversas CCXP pelo Brasil. São menores? São menores, mas existe, sabe, sonha em ser a CCPX. *Anime Friends*, *Animextreme*, no Rio Grande do Sul. Tem um monte de evento que faz a mesma coisa, eles são maiores, eles são menores, mas eles fazem a mesma coisa. Se tu pegares a própria POA *Geek Week*, ela tem um pouco de BGS, de CCXP, é um evento de *games*. Esse é o centro da história, ele é um evento de *games*, que tem um palco ou dois, que tem uma palestra ou não, que aí tem alguém que fala de quadrinhos, alguém fala de *games*, mas assim, o foco daquele evento é a questão do *game*. E eu perguntei para o Tônico, porque que ninguém copia o modelo da *Campus Party*, que é imersivo. A *Campus Party* é um evento de imersão, para começar. Nenhum outro evento é um evento de imersão. Não existe outro, eu não conheço, pelo menos. Evento de imersão onde você entra na segunda e sai no domingo. Claro, tu podes sair, pode, mas tu tá lá, sabe. Meus amigos de Brasília que foram andar de barco, acabou o passeio do barco, o retorno deles era a *Campus Party*, eles estavam imersos naquele mundo, é um evento de imersão. Você, em um evento de imersão, tem o *camping*, o *camping* é uma coisa que atrai muito as pessoas e nenhum outro evento faz *camping*. Teve um evento, antes da pandemia, em São Paulo que tentou imitar esse esquema de *camping*, mas era também, era assim: ó, aqui tem um espaço quem quiser monte as suas barracas. Óbvio que não deu certo e eles cancelaram a história. Ninguém faz isso. Então, ninguém faz *camping*, ninguém faz imersivo. Então assim, eu acho que o grande diferencial mesmo da *Campus* é a questão da imersão.

Não é um *camping*, *camping* é legal? É, mas é a imersão. Você não tem uma CCXP que você entre na quinta e saia no domingo. E aí, indiferente de como as pessoas vão dormir. Pode ser o hotel grudado, o centro de eventos com hotel, que terminou a palestra e você vai para o hotel, sabe? Que é no mesmo lugar, não é isso. Mas ninguém faz um evento imersivo. Onde você viva o evento. Quando as pessoas vão para *Campus Party*, elas estão vivendo a *Campus Party* 5, 6 dias. Você vai em um outro evento, mesmo que você compre todos os dias do evento, você vai, você participa do evento e depois você sai do evento, você vai para o seu hotel. E aí, até então, eu não conheço nenhum evento que tenha a questão do hotel junto com o evento. Então, você vai para sua casa, você vai para o *hostel*, você vai para outros lugares e, no outro dia, você volta, mas a imersão dentro daquele mundo é pouca. Uma outra coisa que só a *Campus* tem é a questão do *networking*. Quando eu falo de *networking*, do que que eu estou falando, aqui tem uma mesa gigante, senta aí. E você vai, coloca o seu computador, aquele se torna mais ou menos o seu lugar. Na comunidade que eu faço parte, a gente coloca os computadores ali e prende e aquele é o lugar do Rodrigo, é o lugar do Tiago, é o lugar do Bruno. Porque as coisas dele estão ali, a gente se cuida, a gente se protege de uma certa forma. Mas, nos outros eventos têm o que, tem o amigo da fila. Fui pra CCXP, fiquei uma hora na fila para subir no guindaste para fazer a foto da *Super Girl*, isso é uma história verdadeira. E aí o que acontece? Você acaba conversando com as pessoas da fila. Acabou? Acabou amizade da fila. A amizade da mesa, ela é longínqua, ela é mais longeva, você troca o contato. Ano que vem estamos de volta, se você é da mesma comunidade, então, mais ainda. Se as pessoas não fazem parte de comunidade nenhuma, com frequência, elas acabam: “Pô, vamos fazer o nosso grupo aqui que acaba virando uma comunidade.” Afinal a comunidade que a gente faz parte, começou assim. Então acho que esse são diferenciais: a imersão e o potencial de *networking* das pessoas que também não acontece só porque a gente tem as mesmas, porque também por causa do *camping*. “Cara, que você vai fazer agora?”. Quando nós assim com os nossos, sei lá, amigos profissionais, em outras situações, vou virar o Rodrigo, vai virar para a Taíla e: “O que tu vais fazer agora? Ah, não sei, vou tomar banho. Ah, eu também vou. Vamos lá tomar banho.”. Então, vamos pegar as coisas para tomar banho. E a gente vai tomar banho e depois ficam esperando a outra. “Ah, terminei meu banho, vamos juntos agora.” Isso não existe, sabe, são coisas que só a *Campus Party* propicia.

T - Com a questão da pandemia, surgiu a questão de como seria realizado o evento e quando se teve essa possibilidade, de não ter mais a *Campus Party* ou se o evento não fosse realizado mais, nem na versão online, como é que tu te sentirias? Ou se teria mais alguma coisa que sentiria muito mais falta ou algum sentimento que te despertaria assim de uma forma mais forte?

P01 - Eu acho que uma coisa que é importante lembrar, é que a *Campus Party*, ela é um evento e eventos vão e vem ao sabor dos ventos pelo mundo. Quantos eventos tu vais em um ano e no outro ano não tem mais? E a *Campus Party* continua aí e a CCXP também, talvez um dia esses eventos não aconteçam mais. Uma coisa que as pessoas, eu falo isso na comunidade que eu faço parte, eu acho que às vezes as pessoas esquecem muito, foi que a *Campus Party* já esteve na rua duas vezes. Recentes, né? A primeira vez, foi quando a fundação Futura faliu, que era uma época que as pessoas amavam a *Campus Party*. Eu acho que: “ah é porque a *Campus* tinha cadeira linda, tinha um sofá e tinha proteção de cadeira da *Campus Party* e tal, tinha kit com mochila, uma época que as pessoas falam muito até hoje. As pessoas não lembram que a fundação Futura faliu. Não foi a *Campus* que faliu. A fundação faliu, era uma fundação sem fins lucrativos que desenvolvia a *Campus Party*. E a *Campus Party* ficou naquele ano, quando fechou esse contrato antes do próximo, antes de alguém querer fazer a *Campus Party*, a *Campus Party* ficou na rua, não tinha *Campus Party*. O pessoal ficava: “Ah, a próxima *Campus Party*, a próxima *Campus Party*.”, mas, na verdade, que isso é uma coisa que não chega nas grandes massas. Só as pessoas mais interessadas pela *Campus* sabem que a *Campus Party* estava na rua, não tinha *Campus Party* mais. E o que aconteceu? A MCI comprou os direitos da *Campus* que é a entrada do Tônico, que é um momento que vem com muita polêmica, porque é que a *Campus Party* deixa de ser um evento desenvolvido por uma instituição filantrópica para ser desenvolvida por uma empresa de eventos que visa lucro. E aí, a gente tem aí as *Campus Party* 10,11, 12, a 13 ia ser a próxima presencial, onde a MCI desenvolveu e desenvolveu no modelo de eventos deles. Eles são uma das maiores produtoras de eventos executivos do mundo, eles têm muito *know how* de fazer isso, mas com o negócio da pandemia, chegou o momento que disseram: “Muito obrigado, não queremos mais fazer a *Campus Party*.”. E a *Campus Party*, mais uma vez, deixou de existir para o Brasil, naquele momento, porque não tinha quem

desenvolvesse. Para fazer a *Campus Party*, demanda uma estrutura gigantesca, tem uma equipe de profissionais voluntários, não é um evento barato. Precisa de aporte do governo. Então, muitas coisas envolvem a *Campus Party* acontecer, não é o Tônico e 10 pessoas que desenvolvem a *Campus Party*. São dezenas de pessoas que fazem a *Campus Party* acontecer, pessoas que não fazem parte de nenhum programa, de nenhum projeto. Quer dizer, o cara que é o cara da empresa que vai lá e contrata toda a estrutura de organização do evento, tem a segurança que não é da *Campus Party*. Então, tem milhares de outras coisas que acontecem em volta da *Campus Party* e, quando a *Campus Party* fica na rua, assim sem eira nem beira digamos assim, não tem uma pessoa que pensa assim: “Nossa, gente vocês pararam para pensar que ela pode não acontecer mais?”, isso não existe no imaginário das pessoas. Acho que as pessoas nunca imaginam que um dia não pode acontecer a *Campus Party*. Isso já estive muito perto de acontecer duas vezes e aí o que que aconteceu? Quando a gente entrou nesse mundo digital, acabou, histórias do destino, que a Gouveia *Ecosystem* acabou comprando os direitos de desenvolver *Campus Party* no Brasil. Então, a nossa próxima *Campus Digital*, a nossa próxima *Campus* presencial, talvez ela seja muito diferente, porque ela tem uma outra empresa agora por trás. Sempre que entra uma empresa, um diretor novo dentro da empresa, as coisas mudam. A *Campus Party* ela vai mudar, o Tônico já falou isso, ela não vai ser mais só um evento presencial, ela vai ser um evento *omnichannel*, o que vai vir deste *omnichannel* e o que vai mudar realmente para a pessoa que vai presencialmente na *Campus* a gente ainda não sabe, a gente ainda não viveu, mas ele deixou super claro, a *Campus Party* não é mais uma coisa que vai simplesmente acontecer em um evento, em um dia, em um lugar. Não, ela vai estar sempre acontecendo. E aí, vieram as *Campus online*. Muitas pessoas não gostaram, mas quando eu escuto uma pessoa dizer que não gosta e eu converso um pouquinho mais com ela e eu vejo uma pessoa que: “nossa eu super gostei” e eu converso um pouquinho mais com ela, eu entendo a visão daquela pessoa na *Campus*, a pessoa que com frequência não gosta de nada da *Campus Digital*, ela é a pessoa que quer a mesa, os computadores, os amigos, a *Campus B*. E, não tem nada de mal nisso, está tudo bem, super no direito dela e a pessoa que gosta muito, é a pessoa que gosta das áreas de empreendedorismo, de educação, de tecnologia, a pessoa que quer conteúdo, essas pessoas gostam muito da *Campus online*. Se a *Campus* não existir mais, com certeza eu vou ficar muito triste,

ela é importante no desenvolvimento do meu ano, das coisas que eu faço. Não acredito que vou perder, que eu vou me afastar dos amigos, as coisas simplesmente vão acabar. As questões pessoais elas permanecem, mas o evento, a possibilidade de você estar em um evento com pessoas incríveis e assistir conteúdos incríveis, isso me traz muita tristeza, porque reunir os amigos, sei lá, agora eu estou aqui em São Paulo, eu ligo para o Tiago, eu ligo para o meu amigo, a gente vai ali na Paulista e tomamos um negócio. Ah, vou para o Rio Grande do Sul, vou ligar para Tai, vou ligar para mais alguém do Rio Grande do Sul e a gente vai fazer alguma coisa e todos nós provavelmente faríamos coisas assim, mas a gente perde esse potencial de conhecimento.

T – E, já que a gente comentou essa questão do digital, para ti, como é que foi participar do evento no formato digital, essa experiência para ti, ela também foi válida? Ela foi, não digo melhor ou pior, mas qual foi também o teu sentimento, foi a mesma coisa do presencial, você sentiu falta da questão das pessoas, o que que isso mudou para ti, o que que isso trouxe assim da participação da parte do digital, tanto como palestrante, como ouvinte também?

P01 – Então, eu acho que assim. Durante a pandemia, eu tive a oportunidade de palestrar em diversos eventos online, dos diversos modelos possíveis. Eu acho que a *Campus* não fez nem o pior modelo, mas também não fez o melhor modelo possível para um evento digital. A primeira, em comparação à segunda, eu já gostei mais da segunda, onde que teve mais interação, teve a coisa dos mestres de cerimônias do palco principal, eles chamarem. Então teve alguns momentos que eles chamaram pessoas para contar um pouquinho da sua história e ali falar como entrou na *Campus Party*, teve uma interação um pouquinho maior ainda. O que é, em matéria de conteúdo, legal, top assim, eu até acho que, óbvio que teve alguns problemas, mas tem também a questão de algumas pessoas estarem um pouquinho mais confortáveis de estar na sua casa levando o seu conteúdo e não num palco tendo que segurar o microfone e arrumando a roupa e todas as coisas que envolvem estar no palco que, para algumas pessoas, pode ser desconfortável. Eles estão só na sua casa, na frente do computador, se tu não estás prestando atenção no chat, parece que você tá só conversando com o computador mesmo. Então, eu acho que isso facilitou para algumas pessoas trazerem um conteúdo legal, mas ainda deixa para mim a desejar a

questão da interação com a pessoa. Se a palestra da Tai termina e eu posso mandar um print para ela dizendo como foi, para Tai e para o Gui, eu posso trocar uma ideia, perguntar alguma coisa que eu fiquei na dúvida, eu só posso fazer isso, porque eles são meus amigos, mas se eu quero falar com uma outra pessoa, eu não tenho a possibilidade de ir no pé do palco e esperar o cara descer e assim: “Oi, tudo bem, eu queria te fazer uma pergunta.” E como está acontecendo muita coisa ao mesmo tempo, as equipes também não conseguem monitorar isso, é muito difícil, eles chegarem no final: “Ó, eu anotei aqui cinco perguntas” e depois, você vai lá no chat, e tinha 150 perguntas. É muito difícil. A *Campus* ela ainda não organizou a sua relação com seus voluntários e a interação entre o palestrante *on-line* e a pessoa que está assistindo em casa e, para mim, isso é o ponto fraco da história. A interação das pessoas, mas eu sou uma pessoa que eu gosto de conteúdo. Então eu assisto. Essa última *Campus*, eu assisti muitos, muitos conteúdos mesmo, assisti mais do que na primeira digital. E, para mim que gosto de conteúdo, que gosto de ideias novas, que gosto DE anotar *insights*, é muito legal. Para aquela pessoa que gosta de ir para *Campus* para estar com a galera e conversar, não é legal e daí ela vai como sempre e, com frequência, reclamar: “Isso não é *Campus Party*, *Campus Party* não é para mim, *Campus Party*,...”, mas se a gente parar para pensar bem, a *Campus on-line*, ela se aproxima muito, muito da ideia principal, que é conteúdo de qualidade para as pessoas. O Tônico sempre fala isso, o *camping*, gente, é só um a mais, a mesa, a internet são a mais.

T - Independente do formato, tu pretendes continuar participando da *Campus*? Independente se continuar sendo *on-line*, se mudando gestão, tu pretendes continuar dentro da tua possibilidade participar da *Campus*?

P01 – Enquanto a minha ideia de educação e do que for certo, do que for correto, o quanto a ideia de o evento conversar com os meus, enquanto os propósitos do evento conversarem com os meus propósitos, sim. A *Campus Party* é feita de pessoas. Então as pessoas que fizeram antes do Tônico, fizeram a *Campus Party* que eu gostei, as pessoas que vieram com o Tônico e continuam até hoje fazem *Campus Party* que eu gosto. Vamos supor que amanhã, quem compra é uma outra empresa, que tem uma outra visão, que tem outros princípios e que eu não converso com esses princípios, sabe? Vamos, um exemplo completamente hipotético aqui, tá? CPBR11, eu fiz a palestra de diversidade de quadrinhos. Se amanhã entrar uma empresa que não

aceita o termo, o assunto de diversidade, essa vai ser uma *Campus* que eu não quero participar. Então, enquanto a *Campus* continuar com esses princípios positivos de educação, de empreendedorismo, enquanto ela continuar com os princípios de um mundo melhor, de *reboot the world*, eu com certeza eu vou estar na *Campus Party* enquanto eu puder. No momento que não fizer mais sentido, que os princípios serem diferentes, não, com certeza, não. Mas acredito, tenho muita certeza, que enquanto essas pessoas que estão envolvidas hoje na *Campus Party* estiverem aí, são sempre bons princípios.

ANEXO B - Transcrição Entrevista Participante 02

Cidade onde mora: Belo Horizonte - MG

Profissão: Programador

Participação na Campus Party Brasil: colaborador

Taíla - Então, a primeira pergunta seria como é que tu ficaste sabendo da *Campus*? Em que momento isso aconteceu e como é que tu ficaste sabendo que ela existia?

Participante 02 - Fiquei sabendo pela internet. Por blogs de notícias, estilo TecMundo, TechTudo, eles sempre fizeram a cobertura do evento e eu não tinha ainda 18 anos para poder participar. A *Campus* já tinha iniciado algumas edições atrás. Então eu sempre tinha vontade de ir, para você da área de tecnologia, principalmente, e eu via aquele conteúdo na internet achava massa, queria viver aquilo um dia e foi quando eu tive 18 anos que eu acabei indo conhecer a *Campus*.

T - Quando é que foi esse teu primeiro contato com o evento quando tu fizeste ali 18 anos, tu lembras? Que ano que era qual edição que era da *Campus*?

P02 - Sim, era *Campus Party 7*. Eu não sei qual o ano exato. Deixa eu ver aqui, *Campus Party 7* foi 2014, se eu não me engano.

T - Desde então foi em todos os eventos da *Campus Party*, a Brasil? Desde a 7?

P02 – Sim.

T - E tu participaste de alguma das *Campus* que é fora da *Campus Brasil*? Algumas outras edições?

P02 - Sim, eu participei de todas menos de Natal. Todas as edições que tiveram depois, eu participei.

T – E tu participou de alguma fora do Brasil também, né?

P02 – Sim, na Argentina.

T - E tu notaste alguma diferença assim que te chamou muita atenção da Argentina para o Brasil?

P02 - Olha, me chamou a atenção que a *Campus* do Brasil parece ser muito mais, não que na Argentina não seja acolhedora, mas eu achei a do Brasil, o próprio pessoal mais acolhedor, assim os próprios concurseiros. E uma coisa que eu achei engraçado também é que na Argentina, depois de um certo horário quando acabam as atividades, o evento fica mais pacato. Fica mais pacífico e já no Brasil, não tem isso, é 24 horas. Uma coisa também que eu notei que as pessoas lá, eles estão muito mais pelas palestras, as atividades do que outras atividades dentro da *Campus* e, já no Brasil, eu percebo que é bem dividido, mas é muito mais por outras atividades do que puramente pelas palestras.

T - **E quando tu pensas em *Campus Party*, qual o sentimento que te desperta?**

P02 - Nossa, são vários, mas acho que amor mesmo pelo conjunto da obra. Pelo que a *Campus* proporciona para a gente, tanto de *network*, quanto as amizades que a gente vai cultivando no evento, o que a gente vai aprendendo com as atividades lá. Então, se eu fosse definir por uma palavra só, eu diria amor mesmo.

T - **Como você se tornou um colaborador da *Campus*? Como é que isso aconteceu? Em que momento isso aconteceu dentro para ti do evento?**

P02 - Então, eu participava como campuseiro muito ativamente no *Twitter* da *Campus*. Sempre interagia e tudo mais e, por pertencer a uma comunidade e das pessoas sempre muito engajadas, uma edição dessas, eu fazia bastante memes da *Campus*. E aí, em uma das edições, o Tônico, que é o diretor da *Campus Party*, pediu para me conhecer pessoalmente. A gente não tinha se visto ainda e ele me apresentou para o pessoal de comunicação da *Campus*. Aí eu acabei entrando no time de comunicação na edição seguinte. Foi assim super por acaso mesmo, não foi nada já pensado nisso.

T - **E quando você participa, você trabalha com a *Campus* apenas nos momentos do evento ou ao longo do ano você participa de outras atividades com eles de questões de trabalho também?**

P02 - Então, eu participo da *Campus* no tempo de evento, geralmente algumas semanas antes da *Campus* realmente acontecer. E tem algumas atividades aleatórias que vão surgindo aí durante o ano que às vezes eu sou convidado para participar de

algum podcast, algum ponto específico, algum evento específico da *Campus* que não seja realmente a *Campus Party*, o evento da *Campus Party*.

T - Você trabalha como, a tua função digamos, assim na *Campus* é colaborador, isso?

P02 - Exatamente.

T - E tem a questão de voluntários também, você tem contato com esses voluntários, como é que é a relação de trabalho com eles ou são atividades diferentes?

P02 - Diretamente eu já trabalhei na comunicação e, nas últimas edições, eu tenho trabalhado com conteúdos e o contato do colaborador com os voluntários é direto, porque os voluntários estão ali em um período menor de tempo para poder auxiliar realmente o colaborador nas atividades. Então, por exemplo, na comunicação, eu ficava responsável pelas postagens e por subir todo o material da *Campus Party*, mas não era só eu que gerava esse material. Então os voluntários sempre estavam cada um para um canto da *Campus* para ajudar a gerar esse material. Já em conteúdos, os voluntários ficam, eu só trabalhei em conteúdos nas edições digitais, e os voluntários eles ficam mais voltados ao contato com palestrante. Então, os voluntários têm que fazer que o palestrante esteja no palco naquele momento, no momento de começar o evento, no momento de começar a atividade dele.

T - E qual foi a sua experiência mais marcante relacionada ao evento?

P02 - Experiência mais marcante? Nossa, são várias coisas. Eu acho que o fato de você poder viajar pelo Brasil inteiro com uma comunidade, digamos assim, eu acho que é o que mais me marca assim. Mas um fato marcante da *Campus Party*, nossa é difícil de definir um. Cara, eu acho eu vou dizer que é a minha primeira vez na *Campus*. A minha primeira vez na *Campus*. Eu realmente não conhecia ninguém, a gente fundou uma comunidade dessa forma. Conhecendo o pessoal pelo Facebook e criando a comunidade, mas eu acho que foi o momento mais marcante, porque foi meu primeiro contato realmente com o evento, não conhecia ninguém, foi a primeira viagem de avião, foi tudo primeiro, primeira vez em São Paulo também. Então, eu acho que aquele momento que eu cheguei na *Campus Party* de mala e tudo e fui

conhecendo o pessoal que eu conhecia virtualmente, eu acho que foi o melhor momento assim, até hoje, o mais marcante.

T - E participar da *Campus* mudou a sua vida de alguma forma?

P02 - Total, a forma que a gente passa ver ao mundo, pelo menos para mim, é diferente. Você tem contato com todas as tribos, pessoas, que cada um tem sua especialidade e pessoal tem fome de conhecimento, né? Então eu acho que muda bastante a forma que você lida com as pessoas, a forma que você interage com o público. Eu, pelo menos, fico muito mais confiante hoje em dia de falar com as pessoas que eu não conheço, por exemplo, do que anteriormente. É claro, tem a questão do amadurecimento da pessoa mesmo, mas eu acho que a *Campus* tem um papel fundamental nisso, né? Eu nunca tinha sido palestrante de algo e hoje eu não sou totalmente desinibido assim de: “ah, sobe ali no palco e fala para o pessoal para fazer tal coisa”. Aí eu subo lá dou um oi e falo, entendeu? Então eu acho que assim, muda bastante você como pessoa.

T - Você cria alguma expectativa para ir a *Campus*? Quando essa expectativa começa? Quando termina, você já pensa na próxima ou é quando lançam as datas? Como é que funciona essa expectativa para ti?

P02 – Então, sempre que termina a *Campus*, nesse modelo de edições regionais, acaba que a gente já pensa na próxima edição regional, pensando que no próximo ano vai ter a próxima edição do Brasil, né? Então assim, geralmente a gente, pelo menos eu, me programo para a próxima edição, mas já pensando lá para frente que na outra edição Brasil o negócio vai ser melhor ainda, mas pensando que aquilo vai demorar um pouco, que tem muita coisa para acontecer. E aí, naquele momento que realmente anunciam as datas, geralmente tem data anunciada da próxima, quando a edição regional, mas eu acho que a edição Brasil, em São Paulo, como é a principal e que vai mais pessoas, realmente eu acho que é aquela que eu fico mais ansioso que aconteça. E isso é um pouquinho difícil de definir a data um ano antes, né? Então eu fico na ansiedade, digamos assim, assim que termina *Campus*, mas eu acho que começa mesmo um planejamento e tudo mais, quando anunciam as datas, aí já é a hora de correr para compra passagem e fazer o planejamento, marcar férias, esse tipo de coisa.

T - E o que você mais gosta de fazer na *Campus*?

P02 - Eu acho que é o contato mesmo, de conversar mesmo, de fazer *networking* com a galera. Eu gosto bastante assim desse desconhecido, de ter uma pessoa ali que você, cara, ele está fazendo um robô, está fazendo uma coisa muito legal. E aí, “ah como funciona isso?”. Eu acho que isso é muito aberto, talvez em um outro ambiente, não sei, se fosse uma amostra, por exemplo, não sei se eu teria coragem de perguntar tão tecnicamente alguma coisa, entendeu? Então acho que o *networking*, o contato mesmo, é o que o que mais me chama atenção aí.

T - Para você como é a questão de acampar no evento? Isso para ti é um diferencial? É uma coisa legal? É uma experiência que vale a pena? Como é que você vê essa possibilidade?

P02 – É, eu vejo que acampar no evento, você está vivendo uma imersão realmente da *Campus Party*, então você acampando no evento, basicamente você não precisa de sair de lá. Você consegue se alimentar ali, consegue tomar banho e tudo mais, tudo dentro do evento. Então a experiência de acampar é totalmente diferente de quem vai na *Campus*, sai de casa, vai para *Campus* e depois volta para casa. Eu acho que quem faz isso, fica com vontade de dormir no evento. Claro, acampar, não só na *Campus Party*, mas em qualquer lugar, não é lá uma atividade confortante, né? Você não vai acampar para ter um conforto, né? Mas eu acho que vale muito a pena para viver aquela imersão da *Campus*.

T - E quais são as suas motivações para ir ao evento hoje em dia?

P02 - Mais o *networking* realmente de rever as pessoas que eu conheço. Hoje em dia, é muito menos de conhecer e sim de rever. E também de poder fazer acontecer, falando como colaborador. Muito mais de poder fazer acontecer mais um evento. Eu sinto que, quando a gente está fazendo uma *Campus Party*, a gente está fazendo história. Então, só de pensar que algo que eu estou ajudando a construir e está saindo na mídia, está saindo no Jornal Nacional, por exemplo, eu acho que isso dá maior impacto assim, maior motivação de continuar fazendo, como colaborador, e como participante mesmo, é rever o pessoal e, sei lá, abraçar mesmo a galera, porque dá muita saudade entre uma edição e outra.

T - E falando das pessoas, de abraçar, quais as diferenças que você sentiu na realização do evento digital, quando a gente teve essa questão dessa mudança, como é que foi isso para você? O que mais te impactou?

P02 - Olha, eu acho que o impacto negativo da parte digital é que falta realmente o contato. Então, por faltar o contato, as pessoas ficam menos engajadas, a minha percepção do evento. O impacto positivo é que a gente consegue chegar no mundo inteiro, para pessoas do mundo inteiro, até pessoas, por exemplo, de outros países que estão querendo, que são de tecnologia e estão querendo aprender português, por exemplo. Eu nunca tinha parado para pensar por esse lado, mas tem bastante gente realmente que quer conhecer o evento e não tem a oportunidade. Então é o fato de ser digital ajuda bastante, mas eu, acho que o presencial ele engaja mais as pessoas por causa do momento mesmo, por causa da imersão. Quando você está no digital, você assiste uma atividade que você quer e tudo mais e depois você vai fazer outra coisa, vai assistir o Netflix, vai fazer outra coisa. Já lá no evento, se você for sair para assistir o Netflix, você vai chamar alguém para assistir com você. Você saiu daquela atividade, vai fazer outra coisa e tudo mais, mas dentro da *Campus Party*. Você assiste Netflix, por exemplo, dentro da *Campus* e quando você tem em casa, pronto, fechou a janelinha, você saiu da *Campus* e é isso.

T - Tem alguma coisa que você encontra só na *Campus* e que em outros eventos você nunca encontrou? Que é alguma coisa que só o *Campus* te proporciona?

P02 - Eu acho que poder viver essa imersão por tanto tempo. Eu nunca vi nenhum evento que você consiga passar 24 horas. Se você ficar acordado às 24 horas por dia do evento, você consegue pegar, toda hora tem alguma coisa. Não tem como, eu nunca vi um evento que realmente te proporcione isso. Ou o evento tem uns dias separados ou pode ser que o evento seja de um dia e meio assim e passa um pouquinho da noite, mas nunca vi isso do *non stop*, de nunca parar o evento. Então isso eu acho que é o principal diferencial da *Campus*, é que a qualquer momento, começou, é isso, a *Campus Party* está acontecendo, é meia-noite, três da manhã, cinco da tarde, é o tempo todo, está acontecendo e isso eu não vejo em outros lugares.

T - Depois que você começou a viver essa experiência, você chegou a convidar outras pessoas para participar também?

P02 - Sim, vários amigos de faculdade, colegas de trabalho. Então acaba que a gente realmente faz maior propaganda e o pessoal vê pelo Instagram os nossos, né? É impossível você estar na *Campus* e não fazer uma postagem no Instagram. E aí, quem não foi, fica muito curioso de saber como é. Então você acaba impactando fazendo uma propaganda *Campus Party* de graça, por realmente gostar bastante do evento. Então, tanto amigos quanto pessoas do trabalho mesmo, do meu trabalho fixo, eu já levei para *Campus Party* comigo.

T - As relações que você constrói na *Campus*, que você tem durante o evento, elas são diferentes das outras relações que você tem na sua vida, você se sente parte, por exemplo de uma comunidade muito específica quando você está na *Campus*? Como é que é essa relação com as pessoas que você conhece lá?

P02 - Bom, eu vejo que é um tipo de amizade que a gente gera lá que é muito mais voltado, assim você tem uma coisa em comum que é *Campus Party*, sabe? Então, tudo que você precisa de apoio, de alguma ajuda relacionada à *Campus Party*, o pessoal é a primeira galera que te vem na cabeça, são eles. Eu acho que tem as amizades e tudo mais que você constrói ao longo da vida, tirando a *Campus Party*, mas quando você tem algo relacionado a *Campus Party*, eu acho que você vai muito mais para o lado dessas amizades da *Campus Party* do que outras amizades da sua vida. Então, assim, eu vejo que é um tipo de amizade um pouco diferente realmente por causa da imersão que a gente tem no evento. E até quem não vai, por exemplo, foi uma edição e não vai na outra, eu vejo que continua sendo amigo e é aquela amizade que você vê uma duas vezes por ano, mas quando você encontra está a mesma coisa. O papo continua e é isso.

T - Ao longo do ano, até o próximo evento, você mantém contato com essas pessoas que você conheceu na *Campus*?

P02 – Sim, é impossível manter o contato com todo mundo. Geralmente, participando de grupos e comunidades que tem, você consegue pelo menos dar um alô para a galera fora da *Campus Party*, nem que seja virtual. Então, por exemplo, o grupo, tem a comunidade da Argentina que eu entrei no grupo e, assim, eu fui para *Campus Party*

lá em 2018 ou 2019, se eu me lembro bem. E assim, a gente está até hoje conversando no mesmo grupo, eles falam alguma coisa lá, de repente eu mando uma figurinha alguma coisa e é isso, né? O pessoal sempre vai lembrar de mim como o brasileiro que foi lá para a *Campus Party*.

T - Você acha que a internet facilita para manter esse laço entre as pessoas?

P02 – Total. A relação entre a *Campus Party* e a internet, é eu acho que assim, mistura um pouco, porque a *Campus Party* surgiu como o maior evento de internet do mundo, né? Então naquela época que a *Campus*, até que eu peguei, o primeiro ano que eu fui já tinha fibra ótica e tudo mais, mas não era tão popular. Então, você ir para um evento, eu acho que os dois primeiros anos, você ir em um evento que tem internet super-rápida e as pessoas iam também por causa disso na *Campus Party*. E aí, tudo que a *Campus* fazia fora dessa pandemia, sempre foi muito voltada à internet também. Então, se você parar para ver, a comunidade da *Campus* se mantém pela internet. A *Campus* conversa com os campuseiros, não tem uma outra forma senão a internet. Então eu acho que surgiu como um evento para internet e continua sendo um evento para internet.

T - Como você se sente quando acaba o evento, assim naquele último dia quando acabou. Qual que é o seu sentimento?

P02 – Aí é a deprê pós *Campus Party*. Eu acho que tanto quando eu vou como campuseiro quanto colaborador, a sensação é de que é de mais uma edição entregue, mais uma edição que aconteceu, é mais uma história que a gente tá entregando, é mais bate-papo que a gente fez, mas impacto na sociedade que a *Campus Party* teve. Isso tanto é com conversa com os amigos e tudo mais como trabalhando realmente lá. Então, eu acho que o sentimento é de tristeza que acabou, porque você vive aquela imersão, mas também de felicidade pelo que foi, pelo que aconteceu ali.

T - E se o evento não acontecesse mais, como é que você sentiria? Do que você mais ia sentir falta?

P02 - Nossa, da *Campus* não acontecer mais? Eu acho que a primeira coisa que a gente ia, pelo menos a comunidade ia fazer, é tentar procurar uma outra coisa que aproximasse, algum outro evento ou organizar o próprio evento para comunidade para

aquilo. Mas, cara, eu ia ficar bem triste, porque a *Campus Party*, sabe, ela, eu não vi nada igual até hoje. A mistura de vários eventos diferentes juntos. Então eu acho que é meio impossível ter alguém que consiga fazer alguma outra *Campus Party* do jeito que ela é, um outro evento que tenha barraca, que tenha palestra, que tenha atividades ao mesmo tempo, que tenha, sei lá, jogos. A gente vê *anime* festival, esses tipos de outros eventos, tem a *Comic Con*, mas ninguém consegue fazer igual a *Campus Party*. Entre os perrengues que a gente passa no evento, né? Ninguém consegue fazer igual também.

T - Agora que você já viveu os dois formatos da *Campus*, o *on-line* e o presencial, você pretende continuar participando independente do formato ou você teve alguma preferência?

P02 - Olha, eu vou continuar participando, independente do formato, mas a minha preferência sempre vai ser pelo presencial, pelo contato e tudo mais, pela imersão, mas assim eu acho que o formato *on-line* ele vem como um complemento. A *Campus Party*, antes de ter uma pandemia, ela já transmitia online as palestras e o próprio pessoal da *Campus Party* às vezes estava em um outro momento, fazendo uma outra coisa, estava assistindo a palestra *on-line*, mesmo que estava dentro do evento. Então, assim, eu acho que a questão *on-line* ela vem para complementar ainda mais, de fazer um evento talvez híbrido que aconteça em dois lugares ao mesmo tempo, não sei, mas a minha preferência, realmente é do presencial.

T - Tem mais alguma outra coisa que você lembrou assim que você gostaria de comentar da *Campus*, algum caso que você achou muito diferente, alguma coisa que você acha que seria legal acrescentar na sua relação, na sua experiência com a *Campus*?

P02 - Olha, até um outro fato marcante, eu digo assim, e que mostra a união da comunidade da *Campus Party*, foi quando a Três Corações decidiu que não ia patrocinar mais o evento. E, assim, todo mundo sabe que TI tem uma galera de programação que não vive sem café. Então, eu acho que é a questão da Três Corações estar tão enraizada mesmo dentro do evento, que a primeira vez que a Três Corações já não falou que ia patrocinar, que não estaria lá, eu acho que foi o impacto tão grande, mas tão grande, que gerou essas campanhas e tudo mais para a própria

Três Corações voltar e o mais legal de tudo é que a empresa viu a necessidade de ela estar no evento. De não poupar esse gasto que, na verdade, não é gasto, é investimento para a própria marca. Ela viu que não era só porque ela estava lá fornecendo o café, porque ela já é uma marca que o pessoal vai para *Campus Party* esperando que ela esteja lá. Então, eu acho que eu nunca tinha visto isso assim na prática mesmo, de ter acontecido comigo dentro desse grupo, de ver a união fazendo a força realmente e foi uma coisa bem legal aí que aconteceu também.

ANEXO C – Transcrição Entrevista Participante 03

Cidade onde mora: Brasília - DF

Profissão: Programador

Participação na *Campus Party* Brasil: membro de comunidade

Taíla - Para começar eu gostaria de saber como você ficou sabendo da *Campus Party* a primeira vez? Quando foi e como foi isso?

Participante 03 - A primeira vez em 2013, eu fiquei sabendo por meio de mídia, televisão se não me engano Jornal Tarde e me interessou bastante pela natureza que era proposto pelo evento. E era uma viagem para São Paulo, eu já tinha, pretendia fazer mesmo e coincidiu de ser na mesma época, aí eu estava viajando com o meu irmão e ele falou “Vamo?” e eu falei “Bora”. Aí compramos o ingresso e aproveitamos a viagem para também passar pelo evento.

T - E vocês foram, foi você e ele? Vocês foram juntos, foi mais alguém? Você já conhecia alguém quando foi a primeira vez?

P03 - Não, foi apenas eu e ele mesmo, juntos. Durante todo o tempo do evento a gente permaneceu junto. A gente conheceu algumas pessoas ao longo dessa primeira edição que a gente visitou, mas não chegou a ficar em bancada ou montar grupo, nem nada. Foi só nós dois mesmos conhecendo o evento.

T - Esse seu primeiro contato, como é que foi para você? Como é que você se sentiu nessa primeira experiência que teve com a *Campus*?

P03 - Eu gostei bastante do que eu pude aproveitar de conteúdo como só era nós dois na época a gente realmente aproveitou bastante o conteúdo na época e tivemos experiências interessantes, a gente conheceu e teve livros autografados Michio Kaku e teve pelo pessoal da Nasa, teve a gente conheceu, quem mais. Conheceu bastante gente interessante da área de tecnologia e adjacências, ciência e economia. Aquela primeira edição que a gente participou já teve o embriãozinho do que viria a ser a área de empreendedorismo e foi bem legal a questão de conteúdo a gente aproveitou bastante e material a gente conseguiu coletar bastante também, mas interações com pessoas nesse primeiro momento foi bem limitado.

T - Depois dessa primeira que você foi, você sempre foi a todos os eventos da *Campus do Brasil* ou teve algum que você deixou de ir por algum motivo?

P03 - Do evento principal em São Paulo, a partir daí eu fui em todos e o meu irmão só foi no primeiro.

T - E como é que começou essa questão da comunidade para você? Em que momento já que na primeira parte a interação com as pessoas foi um pouco menor, como é que começou essa questão de surgir a comunidade, de criar comunidade, como é que isso aconteceu para você?

P03 - Então, já na segunda edição eu fui sozinho, sem a companhia do meu irmão. E o literal eu fui sozinho, eu saí de Brasília, peguei o avião e cheguei na fila da *Campus* em São Paulo sem conhecer ninguém e nem nada. Aí, na fila eu comecei a ter contato com uma pessoa, outra, a conversar, passar tempo porque as filas da *Campus*, inclusive a de cadastramento costumam demorar, muito mais ainda na época. Contato ali, conversando almoçando juntos, mas ainda não tinha a questão de comunidade, tinha relação entre pessoas que acabaram de se conhecer. É, algumas parcerias falavam: "Senta aqui. Quer deixar as tuas coisas? Beleza." Dia seguinte por acaso se encontrava novamente aí ia fazer alguma coisa junto também, mas mais nesse nível. Então na verdade mesmo já foi a partir da edição seguinte onde as experiências passadas, já tinham sido interessantes, mas faltava alguma coisa que era exatamente a questão do poder aproveitar melhor e pode deixar suas coisas livres em cima da mesa, podendo ter mais gente para poder conversar por mais tempo, podendo ter pessoal para participar de outras partes do evento, dentro e fora do evento, outras atividades. E aí veio a ideia de reunir o grupo antes da *Campus*, manter contato. Fazer um grupo mesmo que está todo mundo junto próximo na bancada próximo do *camping*, para a gente poder aproveitar juntos o evento. Começou daí desse papo, mas veio da interação de conhecer gente na fila. Olha, é legal conhecer mais gente durante o evento faz sentido.

T - Como é para você fazer parte de uma comunidade? Você nota diferença entre quando você ia sozinho e depois que a comunidade realmente começou a se fortalecer ali? Como é que isso é para você?

P03 - Faz total diferença, porque na experiência de estar sozinho ou só com meu irmão, eu aproveitei muito de conteúdo, não tanto ao que o evento oferece ao título de estrutura em si, que é convivência, que é a imersão, que é a possibilidade de conhecer gente nova, de áreas diversas, de várias partes do país e do mundo que não necessariamente são como você, mas grande chance de eles gostarem da mesma coisa que você. Isso é uma oportunidade extraordinária, indo sozinho você acaba perdendo esse viés, quando você monta, você foca na questão da comunidade, de juntar um grupo, de permanecer em grupo e desenvolver a estrutura de grupo ao longo do evento, você ganha exatamente nesse ponto. Você vai interagir com muito mais gente, você vai interagir muito com gente de outras partes do país e mundo. Muito mais gente de outras áreas de atuação no mercado de trabalho, na área de educação e isso agrega demais. Além, é claro, de você fazer amizade, você está sempre conversando novas pessoas, não necessariamente, mas também além do grupo, porque o convívio se estende, a diferença é enorme, muito mais proveitoso estar em comunidade.

T - E a sua relação com os participantes do evento, ela é mais próxima com os membros da comunidade ou vocês também, você também se relaciona, conhece pessoas que não são da comunidade, convidam pessoas de fora? Como é que funciona essa dinâmica de conhecer novas pessoas quando a gente já está no ambiente que a gente conhece bastante gente?

P03 - Sim, a gente também conversa com outras pessoas fora do grupo, até por novamente pela proposta do evento que é reunir várias pessoas por um grande período de tempo imersos em um assunto que é de interesse de todo mundo que tá ali. Então, as chances de você conhecer mais gente ao longo do tempo são enormes. É possível você convidar mais pessoas para fazer parte da comunidade desde que a pessoa tenha um mínimo de requisitos, atinge um número de requisitos mínimos para conviver com o resto do grupo, que a partir do pressuposto que a comunidade tem um grupo de regras para delimitar a sua convivência durante a experiência do evento. E, se outras pessoas que não faziam parte antes, mas possam se adequar ao que sugere a comunidade, sim, pode agregar gente ao longo do evento também. É sempre interessante você conhecer gente nova para trazer para dentro do grupo, para aquela pessoa se desenvolver também, para você que tenha novas experiências dentro da

própria comunidade e você procurar ainda experiências diferentes fora da comunidade e que talvez você possa incorporar a comunidade, também é muito interessante isso.

T - Falando da sua relação particular com a *Campus*, quando você pensa na *Campus Party*, qual é o sentimento que lhe desperta?

P03 - Primeiro eu fico muito animado, depois eu fico ansioso. E, por último quando o evento termina, a saudade enorme do pessoal, sempre, todo ano.

T - Quando você comenta essa questão de quando acaba, da saudade das pessoas, tem mais algum outro ponto que você sente falta quando acaba o evento?

P03 - Sim, particularmente daquela convivência do período em que o evento acontece, a convivência com o grupo da comunidade é muito intensa. Aí você passa muito tempo, muito próximo de algumas pessoas que você acaba vendo exclusivamente naquele período, muito restrito àquela semana que acontece o evento. Então a gente acaba ficando às vezes chateado por não poder ter um contato maior. Às vezes a gente acaba se empolgando também na esperança de poder encontrar algumas pessoas fora do período do evento também, por exemplo, ah eu vou fazer uma viagem, não necessariamente São Paulo dessa vez, mas eu vou para o Sul, olha lá eu conheço a Taíla. Posso eu estar lá, conversar com ela, encontrar ela, jantar, conhecer o pessoal da família, olha que legal. É uma interação a mais que você pode ter fora que acaba te animando também, dependendo do que possa acontecer, mas normalmente depois do evento que bate mesmo é a saudade.

T - E qual foi a sua experiência mais marcante em relação a *Campus*? Tem alguma que você consegue destacar?

P03 - Tem, hoje estou casado por causa da *Campus*.

T - Vocês se conheceram no evento, isso?

P03 - A gente se conheceu no evento, a minha esposa é do Rio de Janeiro e eu sou de Brasília e a gente se conheceu ao longo da *Campus Party* em São Paulo.

T - Acho que essa pergunta vai complementar a tua resposta anterior, mas participar da *Campus Party* mudou a tua vida então de alguma forma?

P03 - Mudou de diversas formas, por causa da *Campus Party* eu estou casado, tenho uma vida a dois, experiência que eu realmente nunca tive antes, eu tenho uma filha e também experiência que eu nunca tive antes. Eu tenho essa grande rede de relacionamento de pessoas que eu conheci através da *Campus* inclusive profissionais hoje em dia, então no campo profissional também fez uma diferença enorme.

T - O que você mais gosta de fazer quando está no evento?

P03 - Me conectar com pessoas, estando no ambiente da comunidade eu ainda aproveito conteúdo, ainda aproveito conhecimento que o evento pode me oferecer, mas o que mais me atrai, o que mais me chama atenção e é por isso que eu continuo indo todo ano é por causa das pessoas. Para conversar com as pessoas, é rever os amigos, para manter o contato, é para ampliar a rede de contatos é para fazer experiência ainda mais em todos os campos. Então é o pessoal, é o profissional, é o educativo, tudo que eu puder aproveitar do evento eu vou correr atrás de aproveitar.

T - E para você, falando do evento presencial, como é que é essa possibilidade de acampar, isso é um diferencial? Muda a sua experiência, como é que é para você acampar no evento?

P03 - Muda de mais, porque, tirando por experiência aqui do evento em Brasília também, não necessariamente que eu acampeei, a gente aproveita bastante estando ao longo do dia no evento, mas no período da noite quando você pode socializar de forma que não vai perder conteúdo dentro da *Campus* é muitíssimo interessante ter essa experiência, você participa dessa interação social e o *camping* é o que possibilita ter essa experiência lá dentro do evento, porque você indo ao longo do dia você vai estar preocupado em assistir palestra, preocupado em pegar conteúdo, você vai estar preocupado em conseguir material, conseguir o autógrafo de alguma celebridade aí, alguma coisa do tipo e mais a parte da socialização em si, você faz mesmo quando você está na bancada com os amigos e ou quando você está fazendo vários lados no *camping* com um pessoal que você conheceu ou que ainda vai conhecer.

T - O que você encontra ou tem alguma coisa que você encontra só na *Campus* que não encontrou em outros eventos que já participou?

P03 - Essa imersão no período de tempo prolongado do evento, tendo a possibilidade de você interagir com as pessoas ao longo do dia e ao longo da noite. Isso aí é uma coisa muito particular da *Campus*, a socialização que você tem para fora do ambiente de evento, para fora do conteúdo de evento é muito único da *Campus*. Dificilmente você vai encontrar isso em outro evento que se propõe a ser um evento de empreendedorismo, técnico e científico, é muito difícil.

T - Você sentiu alguma diferença na realização do evento no formato digital? Você chegou a participar, assistir? Como é que foi para você essa experiência? Como é que você se sentiu?

P03 - Eu participei das edições do ano passado e agora da edição desse ano e não é a mesma coisa. É interessante você consumir o conteúdo disponibilizado, porém pelo fato de não ser presencial, você não tem aquele planejamento de, vou separar uma semana inteira da minha vida para me dedicar a isso aqui e aproveitar ao máximo. Então acaba que primeiro você perde o contato humano com os amigos, o pessoal que você conhece ao longo do evento, você perde quase tudo de socialização em ambiente estritamente digital, você acaba não conseguindo focar apenas no evento, pelo menos pela minha experiência eu tentava acompanhar as palestras sempre que possível, mas todo momento era interrompido por questão de trabalho. Então toda hora eu parava de assistir a palestra para fazer alguma coisa para alguém, para atender um telefonema, para entrar em uma reunião. Eu aproveitei muito pouco das edições digitais, muito diferente.

T - Se o evento não fosse mais realizado nem presencial e nem digital, como é que você se sentiria? O que mais ia sentir falta?

P03 - Eu ficaria muito chateado, mas muito chateado. Eu ia sentir falta mesmo é do pessoal, da interação com o pessoal, de estar ali naquele ambiente por muito tempo, socializando com pessoas. Pessoas que gostam das mesmas coisas que eu, tem a tendência de ter um conhecimento parecido com o meu, que tem experiência muito diferente também de vida, de trabalho profissional. E essa troca que a gente acaba

tendo ao longo do evento, menos no digital mais no presencial, é o que realmente faria falta para mim, total.

T - E essa troca? Essas relações que você tem tanto com a comunidade e tanto com as pessoas da *Campus*, é diferente das outras relações que você tem no restante da sua vida, nas outras áreas?

P03 - Isso é muito diferente, porque, nas outras relações da minha vida de aproveitar assuntos, o que a gente consegue discutir durante o evento, depois do evento, entre os conhecidos e entre os amigos, é muito diferente nesse conceito conversar em uma relação em bar com um pessoal que conheceu da faculdade, diferente de você conversar com um pessoal da sua família ou com o seu vizinho. Normalmente você faz uma interação social, fora de um evento de tecnologia, técnico ou científico e conversa sobre futebol, política, ali dentro do pessoal de comunidade, especificamente por causa da *Campus*, a conversa é completamente outra, é outro nível, é outro assunto é outro foco, diferente.

T - Quando tu estás na Campos? Tu te sentes parte dessa comunidade, dessa tribo? Digamos assim, tem um sentimento de pertencimento quando tu estás lá?

P03 - Quando estou lá e quando saio de lá, também. Ao longo de todo ano, o contato que a gente estabelece com todo o pessoal da comunidade, isso só aumenta, só se desenvolve e a gente sente que está aí por uma razão. A gente é bem aceito, é porque que a gente sabe e têm muitos interesses em comum e o pessoal que optou por aceitar as regras gerais da comunidade eles normalmente tem uma tendência de se identificar demais com o resto do pessoal que também optou por aceitar as regras de convivência. É o conceito de comunidade. É um grupo heterogêneo, mas muito parecido quando se olha no macro e é exatamente isso.

T - E você pretende continuar participando da *Campus* independente do formato, sendo *on-line* ou presencial?

P03 - Sim, eu continuo pretendendo participar, prefiro que seja presencial, certamente. Mas sendo a opção única a digital, eu participo também.

T - Teria mais alguma coisa que você gostaria de comentar sobre a sua experiência de comunidade na *Campus*? De participante, que você acha que seja interessante e que faz com que você tenha esse senso de pertencimento?

P03 - Só acho interessante comentar que quem tem ou pode ter essa oportunidade tem que aproveitar. Porque realmente o impacto da minha experiência foi absurdamente grande, a questão de estar em comunidade melhorou todos os aspectos do evento para mim. Até as dificuldades que a gente enfrenta no evento são mais leves e mais simples quando você está em um grupo. Tendo a oportunidade de aproveitar, tem que aproveitar, sim, a comunidade, fazer parte de uma, procurar e aproveitar o máximo do que tem para te oferecer ali.

ANEXO D – Transcrição Entrevista Participante 04

Cidade onde mora: Pato Branco - PR

Profissão: Professor e coordenador pedagógico

Participação na *Campus Party* Brasil: participante desde as primeiras edições

Taíla - Como você ficou sabendo do evento? Já que você foi na primeira edição, como é que você ficou sabendo que existia *Campus Party*? Que ela ia acontecer no Brasil? Como é que foi esse primeiro contato?

Participante 04 - Na verdade o meu contato com a *Campus Party* não foi em 2008, o meu primeiro contato com a *Campus Party* foi anterior em 2000. Em 2000 eu estava lendo sobre evento de tecnologia e recentemente tinha acontecido um evento na Espanha que era a *Campus Party*, que a *Campus Party* começou na Espanha. E aí, eu estava vendo as matérias, como era o evento e tudo e eu achei fantástico aí falei: “Caramba, que legal, quanta coisa daora.”, a partir daí eu me empolguei com aquilo e no ano de 2000 mesmo eu produzi um projeto, que foi eu que construí com muito carinho, e eu usei esse projeto por 8 anos antes de ele poder estar na primeira edição da *Campus Party* que ia ter no Brasil. Então, em 2007, quando começou a divulgação da *Campus Party* no Brasil, eu fiquei impressionado, porque eu já acompanhava a *Campus* e falei: “Caramba, que legal, vai acontecer no Brasil!”. Na época eu não tinha condição de comprar entrada, porque ela é um evento que assim ela não é cara, mas para você participar você precisa de planejamento e como eu fiquei sabendo em cima da hora, não tive tempo hábil de me planejar, então eu fiquei muito triste porque eu não ia participar. Só que aí um jornal chamado Zero Hora, não sei se **você** conhece, fez uma promoção sobre a *Campus Party*, uma matéria e quem respondesse uma pergunta concorria a uma entrada e eu ganhei a minha primeira entrada da *Campus Party* pelo jornal Zero Hora. Para mim foi lindo, né. “Poxa, que legal, consegui a entrada, vou participar!”, aí eu fui para o evento na primeira edição e levei o meu projeto que já tinha oito anos de idade, lá na *Campus* ele teve uma repercussão muito grande e logo eu percebi que eu podia fazer mais na *Campus* do que somente participar. E, a partir daí, eu comecei a ser um campuseiro em todas as edições.

T - Certo e você quer falar um pouquinho do seu projeto? Como é que é, como é que funciona, como é que você trabalha? Como é que você fazia antes da *Campus* e se mudou né, durante o evento.

P04 - Sim, sim mudou. Antes da *Campus Party* eu trabalhava como professor de informática e sempre fui apaixonado por tecnologia, por isso que eu pesquisava e conheci a *Campus* no ano de 2000 e eu sou jogador de RPG de mesa. Aí, o que acontece, como jogador de RPG de mesa, eu construí projetos que sempre tinham uma relação com meu trabalho como escritor de RPG, aí o primeiro projeto que eu fiz no ano de 2000 foi uma cabeça de dragão que era para remeter ao assunto da fantasia medieval e conforme foram tendo edições e edições da *Campus Party*, eu fui fazendo outros projetos, porém depois de três anos fazendo o projeto relacionado ao meu livro de fantasia medieval, eu optei por parar de falar de fantasia medieval e optei por fazer um projeto que remetesse para expor a minha habilidade manual de construir coisas. E aí, a partir daí, então foi quando eu decidi construir um Homem de Ferro, aí eu fui um ano para *Campus* sem levar projeto que foi a quarta edição e na quinta edição eu levei o Homem de Ferro. E aí, a partir dali o meu trabalho mudou, eu mudei a forma como eu produzia os meus projetos e a partir da segunda edição da *Campus Party*, eu comecei a trabalhar oficinas de robótica durante as madrugadas. Então, na *Campus Party* de 2009, eu já estava tocando oficinas de robótica durante a madrugada e era uma época que não tinha nada de madrugada, nem existia nem tão forte esse conceito das comunidades. Então, eu comecei hackeando a *Campus Party* para compartilhar conhecimento e o primeiro projeto que eu fiz em 2000 (mostra a cabeça de dragão na câmera). Então aquele projeto foi o primeiro projeto que eu criei no ano de 2000 e então durante os três primeiros anos, as três primeiras edições de *Campus Party*, eu produzi projetos que remetiam a um livro de fantasia medieval que eu escrevi, então era uma cabeça de dragão, depois era um outro monstro que é parecido com escaravelho e depois eu fiz um dragão inteiro. Aí, após o dragão inteiro, eu falei que ia fazer um personagem comum, que as pessoas conheçam para poder mostrar a habilidade que eu tenho de construir as coisas, aí eu fiz um Homem de Ferro e da segunda edição da *Campus Party* em diante, todas as madrugadas eu realizo oficinas de robótica, isso até os dias de hoje. Inclusive, eu participei de várias edições não só São Paulo, mas várias outras realizando essas oficinas de robótica. E elas acabaram ganhando uma força muito grande dentro da *Campus* e a repercussão

delas foi muito forte, ao ponto de eu ter diversos patrocinadores que através da própria *Campus Party* me procuravam para poder patrocinar essa oficina robótica que eu faço. Então é algo que eu comecei fazendo que nem um louco ali de madrugada no escuro, hoje eu faço com o apoio de diversas empresas.

T - Você faz também fora da *Campus*? Você também trabalha com robótica?

P04 - Também, na verdade de duas formas. Como eu sempre trabalhei com tecnologia, então de uns 10 anos atrás para cá, eu já trabalhava com capacitação, oficina e palestras de robótica, né? Tanto oficinas de robótica, *workshop* para eventos, como também oficinas e *workshops* com professores. Para que os professores então entendessem esse processo de trabalhar robótica de uma forma educacional associada a diversas matérias como uma ação multidisciplinar. Aí, eu comecei fazendo isso com crianças e depois com professores, dei aula na faculdade para algumas turmas e hoje na verdade eu sou o coordenador pedagógico do projeto *Include*, que é um projeto da *Campus Party*, do Instituto *Campus Party*, que leva robótica e inclusão para as comunidades. Então hoje, especificamente, a minha maior atividade é a capacitação dos professores que atuam dentro do projeto *Include* nas comunidades, levando robótica para as comunidades.

T - Como foi a sua participação na *Campus* durante esses eventos que a gente teve só *on-line*, você também fez oficinas? Como é que você adaptou o trabalho?

P04 - Sim, eu fiz as oficinas e essas oficinas foram realizadas assim, por exemplo, na *Campus Party* eu costumo dizer que eu não siga as regras, porque tem a grade oficial de conteúdos só que desde o início eu gerei conteúdo de madrugada, porque desde o início eu sempre tive a visão de não competir a atenção com nenhuma atividade oficial, porque não é legal, não é legal para mim, não é legal para o desenvolvimento da própria atividade e um tira frequentadores do outro. Então, para não impactar nenhuma atividade, eu sempre optei por fazer minha atividade na madrugada e aí quando a gente fala de *Campus Digital* todo mundo pensa: “Ah, tem a grade de palestra, tudo bonitinho e tal.” Tem, verdade, mas na minha própria palestra lá eu chamei o pessoal: “Vamos para o meu canal no YouTube que eu vou continuar”. E aí eu fiz uma hora de palestra oficial e fiz mais nove horas de conteúdo fora a palestra oficial, que foi uma oficina de robótica *on-line* para quem quisesse assistir.

T - E tem conteúdo, não é?

P04 - É, têm, dá para falar por muito tempo sobre isso e a gente fica falando, não tem como parar.

T - Quando você pensa em *Campus Party*, qual é o sentimento que te desperta?

P04 - Alegria, eu fico muito feliz, porque para mim estar na *Campus Party*, primeiro que é engraçado, porque você é campuseira e sabe disso, mas parece que o calendário da gente vira depois da *Campus*, porque nós nos referimos a antes da *Campus Party* como sendo o ano anterior, é muito estranho isso. Mas o que acontece, eu me sinto feliz, porque quando eu estou na *Campus Party*, eu sempre estou com um propósito, né? Eu sempre estou na *Campus* com um propósito. Qual é o meu propósito? Compartilhar conhecimento e ajudar a mudar o ponto de vista das pessoas sobre tecnologia. Esse é o meu ponto de vista. Esse é o meu motivador. E aí, toda vez que eu vou para *Campus*, eu vou com esse sentimento e eu sempre tiro o melhor proveito possível da *Campus Party*. Que eu sempre estou me relacionando com as pessoas, eu estou gerando conteúdo, eu estou compartilhando informação, que eu sempre vejo que eu estou causando algum impacto na vida de alguém. Então, para mim isso é fantástico, é o que me motiva e, para mim, por mais que eu fique 20 horas acordado, 18 horas acordado, porque eu faço a oficina de madrugada, então eu faço a oficina e aí eu vou dormir. Durmo muito pouco durante o evento, mas é uma renovação de energia tão grande que eu deixo para me sentir cansado três dias depois que acabou o evento. Ai, eu me dou um dia de folga ou dois. Agora eu vou descansar, respirar, porque durante o evento a energia é muito grande, porque assim é uma coisa que a gente fala há muito tempo dentro da *Campus*. A *Campus Party* não é a velocidade de internet, a *Campus Party* não é o tanto de download que eu fiz ou deixei de fazer dentro do evento, a *Campus Party* não é uma palestra que eu vi, que era a principal que eu mais ver, a *Campus Party* é a relação que nós criamos com as pessoas. É a interação, né? O bate-papo e isso para mim é revigorante, isso é transformador para mim, como eu sei que também é transformador para algumas pessoas. Para mim, é isso, é um momento onde eu estou protagonizando com 10 mil pessoas que eu não conheço, mas que eu posso ter a possibilidade de conhecer.

T - Tem alguma experiência que você destaca como uma das mais marcantes relacionadas a *Campus Party*?

P04 - Caramba que pergunta difícil. A minha experiência mais marcante na *Campus Party* foi conhecer pessoas que a gente admira para caramba e isso é algo fantástico né? Mas eu sinto que isso ainda algo comum, né? Porque é óbvio de falar. Nossa, eu conheci o criador do Atari e bati foto com ele, conheci Peter Lomas criador do *Raspberry*, a placa de robótica, e isso é muito fácil de falar. Mas, toda vez que eu me lembro da *Campus Party*, eu me lembro de alguns momentos das minhas oficinas de robótica, sentado durante as primeiras *Campus* que apagavam as luzes da arena e ficava um spot de luz ligado, fazendo a luz no chão redonda e aí a gente sentava entorno daquilo e parecia índio em volta da fogueira e o *Tupperware* aberto com um monte de eletrônicos, então é uma lembrança muito gostosa de uma época que não existia nada disso de madrugada, então eu fico muito feliz de lembrar disso, do mesmo jeito que também me lembro de uma outra cena que eu estava fazendo uma oficina de robótica virando a noite, quando foi 6h30min da manhã eu falei eu vou dormir pessoal, eu vou dormir, dar uma descansada, vou para a barraca, daqui a pouco. Umás 10 horas eu volto e a gente continua. E aí, eu estava indo para a barraca e de repente encontrei um amigo meu do Rio, o João, aí ele fala: “olha essa molecada aqui”, e me apresentou uma turma assim de 16 jovens que era a primeira vez na *Campus Party* e tudo. Aí era 6h30min da manhã eu estava indo dormir, já tinha virado à noite fazendo a oficina de robótica e de repente eu parei ali conversando com aqueles jovens e eu fiquei uma hora e meia conversando com eles, batendo um papo maravilhoso e o sono, me esqueci que estava com sono, sabe? Então, aquele momento é um dos momentos maravilhosos. Eu acho que são esses momentos na *Campus Party* que são maravilhosos, não aqueles momentos agendados: “Ah, vou ver fulano ou ver ciclano.”. Não. É os momentos no corredor, a gente sabe de pessoas, com pessoa interagindo, então para mim esse foi um dos momentos assim que marcou para mim bastante sabe?

T – Você pode dizer que participar da *Campus Party* mudou a sua vida de alguma forma?

P04 - Olha, eu vou te dizer assim, participar da *Campus Party* mudou a minha vida, a vida da minha família, da minha esposa, do meu filho, a vida da minha mãe e através

do trabalho na própria *Campus* eu consegui mudar a vida de muitas pessoas, muitas pessoas assim, eu não consigo te dizer o número, eu estou dizendo as pessoas que eu sei que eu toquei, que o meu trabalho tocou, que despertando o interesse e que eu sei que mudou a vida delas, é um número muito grande. Então a *Campus Party* foi fantástica, ela é fantástica na minha vida, ela mudou a minha a vida, da minha família. A gente mora em uma casa hoje que eu falo que é maravilhosa e a oito anos atrás, ou seja, quase a metade do tempo da história da *Campus*, eu morava em uma casa do tamanho de um ovo. Morava em São Paulo e agora eu voltei para o Paraná, a cidade que eu moro é uma cidade que teve uma edição da *Campus Party* que é Pato Branco, Paraná, entendeu? E adivinha por que, adivinha por que, quem foi o culpado disso? E, ao mesmo tempo a *Campus Party* com todo esse trabalho que faço desde o início da *Campus Party*, ela reconheceu esse meu trabalho, essa minha dedicação e eu fui convidado para fazer parte do time de embaixadores da *Campus Party*. Então, eu sou embaixador da *Campus Part* e eu sou coordenador pedagógico do projeto *Include* da *Campus* que atinge o Brasil inteiro, com mais de 60 laboratórios pelo Brasil, levando robótica para as comunidades e eu contando a minha história de vida, o quanto a *Campus Party* transformou a minha vida e através do próprio projeto *Include* transformando a vida de mais um monte de gente, por exemplo, saindo de Goiás está prevista a atender esse ano sete mil e quinhentos alunos pelo projeto e eu sou responsável por capacitar todos esses professores. Eu tive inclusive a oportunidade, graças ao reconhecimento da *Campus Party* do meu trabalho e o reconhecimento que trouxe a minha pessoa, uma vez eu recebi uma ligação que eu achei que era um trote, a pessoa me entrevistou, como a gente está conversando, só que não por vídeo. Entrevistou pelo telefone e, depois de uma hora de entrevista, ela se apresentou melhor, represento a empresa tal e essa empresa ela vai ser patrocinadora das Olimpíadas, a Nissan. Aí ela falou: “A Nissan tem um lema chama quem se atreve e quem se atreve a mudar o mundo, e Alexandre Case você se atreve muito a mudar o mundo, você faz um trabalho fantástico, você representa o lema da Nissan neste período, você aceita correr com a tocha olímpica?”. Aí, eu pensei é trote, né? Faltava um ano e meio para as Olimpíadas. Eu pedi para ela mandar um e-mail oficializando o convite e tudo. Aí ela mandou o convite e eu corri com a tocha olímpica por conta desse trabalho que eu faço, desse reconhecimento que a *Campus Party* me deu e assim, eu sempre digo, quando nós começamos uma vida profissional, nós nunca

imaginamos assim o limite, aonde nós vamos chegar, mas mesmo que eu tivesse pensado no limite na minha vida, de sonho, de expectativa, eu nunca ia chegar em dizer que o meu sonho devido ao meu trabalho é correr com uma tocha olímpica, sabe? É difícil explicar isso, então ter corrido para tocha olímpica foi um reconhecimento do meu trabalho, assim, gigantesco de tudo que eu venho fazendo sabe? Toda essa vontade de mudar a sociedade, de trazer o sonho de um futuro melhor a partir da robótica, mesmo para as comunidades carentes. Então, tudo isso para mim é uma vitória, entendeu? É uma conquista, os patrocinadores que eu já tive da oficina de chão durante a *Campus Party*, por exemplo, a Intel, Nissin, Coca-Cola, 3 Corações, Walt Disney. São conquistas assim, reconhecimento de empresas grandes, todas essas, é um reconhecimento muito grande de trabalho que eu faço e esse trabalho que eu faço, eu sempre digo que é um resultado da minha visão do que eu posso fazer através da *Campus Party*. É tirar proveito da *Campus Party*, né? Eu me ofereço para fazer um tipo de oficina de robótica há 13 anos dentro da *Campus* que é uma oficina de robótica que tem o resultado tão bom, que eu faço essa oficina na *Campus* de São Paulo, BH, Brasília, Goiás, Rondônia, qualquer edição da *Campus Party* que tem, que é possível, eu participo para gerar esse conteúdo. Então, a partir do momento eu me dispus mais ainda ajudar as pessoas a aprender sobre robótica inclusiva, que não precisa gastar milhões para aprender, que você pode ser criativo com materiais simples, a minha vida se transformou de uma forma gigante e a minha vida, minha história está 100% ligada para a própria história da *Campus*

T - E mesmo depois de tantos anos, você cria alguma expectativa antes de ir para *Campus*? Antes de ir que você já sabe qual é a data, que tu sentes quando já tem aquela data marcada e que lhe desperta?

P04 - Na verdade, a minha expectativa ou a minha ansiedade em relação a *Campus* é a execução do meu trabalho. Nossa, quantas pessoas vão participar do meu trabalho, né? Será que eu vou fechar 10 equipes, 30 equipes e como que vai ser? Como que vai ser o empenho das pessoas? As pessoas vão ter engajamento na oficina? Então, eu me preocupo muito com isso, porque eu vou muito centrado dentro da proposta que eu tenho junto com a *Campus*, né. Uma coisa que eu sempre digo para alguém: “Você que vai para a *Campus Party*. você tem que ter foco. O que você quer? Você quer aprender sobre o quê? Você quer ouvir que tipo de palestra? Que

tipo de conteúdo? Se programe para ir atrás desse conteúdo.” Porque senão, você chega lá e fica que nem criança dentro da doceria. Tem coisa boa para tudo quanto é lado, mas se você não tiver foco, chega no final do evento você está todo lambuzado, mas não aproveitou, não sente um sabor de um doce de verdade. Então dentro da semana você não estiver certo, passa o evento e você não absorveu nada de bom, né? Eu já vi muita gente às vezes chegar e ficar meio perdido na primeira vez. Então eu sempre te oriento tenha foco. Vá com o objetivo e o meu objetivo sempre é tentar ajudar o máximo possível de pessoas a descobrir a robótica, tecnologia ou redescobrir, porque eu já cansei de fazer oficina de robótica e ter alunos universitários que já conhecem, que estavam fazendo o curso só para aprender uma coisa outra e de repente viram para mim falando: “Caraca, o que você me ensinou assim de um jeito tão diferente do que eu estou acostumado que você fez meus olhos brilharem de novo para uma coisa que eu achava que sabia tudo”. E isso é muito bonito porque você que está estimulando alunos a se reinventar dentro de um ambiente educacional, então é muito, muito gostoso. A minha ansiedade sempre é essa, qual vai ser a minha relação com aquela turma, daquele exemplo, que vão participar das oficinas comigo.

T - E você acampa quando vai na *Campus*? Como é que você vê essa possibilidade?

P04 - Sempre acampe, eu virei embaixador da *Campus Party* e eu era um dos únicos embaixadores que acampavam no evento e, detalhe, como palestrante você tem direito a poder ficar no hotel, como embaixador você tem direito, mas eu não ligava para isso, meu negócio era ficar no *camping* para fazer oficina até de madrugada, cinco horas da manhã e falar: “Eu vou para barraca, vou tomar um banho e vou descansar um pouco.”, porque para mim era melhor forma de aproveitar meu tempo e eu fiz isso da primeira *Campus* até a *Campus* de 2018. Aí na de 2018/2019, aí o pessoal me obrigou aí para o hotel, eu tive uma crise de enxaqueca na *Campus* aí o Francesco, né? Ele virou e falou: “Case, você está velho, você não pode ficar acampado, vai pro hotel não quero saber de você ficar aí e depois ficar no ambulatório que você tá doente, vai pro hotel!”. Ele falou alto para o pessoal poder ouvir, para o pessoal da direção do evento e falou: “Pode levar ele para o hotel, não quero saber, ele não vai dormir mais aqui, não quero que ele acabe.”. Mas porque eu acabo fazendo uma carga horária muito longa, mas é porque eu faço com muito carinho. Eu gosto

muito do que eu faço, eu gosto muito de lidar com as pessoas, mostrar para eles como tudo pode ser tão simples aprender sobre robótica e tão divertido. E um sono é o que eu te falei, não existe, aí de vez enquanto dá umas crises de enxaqueca, mas aí eu tomei umas broncas e agora eu estou pegando um pouco mais leve.

T - E tem alguma coisa que você identifica que só encontra na *Campus Party*?

P04 - Caramba, na verdade a *Campus Party* é um ambiente que você tem muitas comunidades, muitos conteúdos, essas mesmas comunidades muitas vezes elas participam de outros eventos, às vezes eventos da própria comunidade mesmo, tipo a comunidade chega a ter um próprio evento deles, mas dentro da *Campus* o que eu considero que é o diferencial da *Campus*, é a grande verdade é que o diferencial não é a narrativa do evento, mas a narrativa das pessoas, é o reencontro, mesmo comunidades diferentes que têm os próprios eventos, mas ali dentro da *Campus*, eles têm um momento de todos eles estarem juntos, todos eles estarem se relacionando e é uma relação, eu participo de muito eventos, mas é uma relação que eu sinto que ela é diferente de outros eventos, sabe? É o que a gente sempre fala que descrever é muito difícil, por exemplo, você que é campuseira, só tentar descrever o que é a *Campus Party* para uma pessoa que nunca viu e não conhece nada você vai sentir dificuldade de conseguir explicar isso porque a *Campus Party* não é só uma narrativa descritiva, ela tem muita emoção, entendeu? E é essa emoção que eu acho que é única da *Campus*. A emoção das relações das comunidades, da inter-relação entre várias comunidades diferentes. Eu tenho grandes amigos meus que são de áreas totalmente diferentes das minhas e, quando a gente se encontra na *Campus*, caraca, a gente se encontra e parece irmão, assim aquele irmão querido que você gosta para caramba e que você não falava com ele há um ano. Mas quando você se encontra parece que você falou ontem. Essa relação é muito bonita, muito forte. Então acho que esse é o diferencial da *Campus Party*. Acho que é isso, essa relação de amizade que é criada em torno de todos os campuseiros que estão participando, palestrantes, todas as pessoas envolvidas no processo. Isso para mim é único, eu acho que não tem nenhum outro evento que tem esse mesmo tipo de espírito.

T - Se a *Campus* não fosse mais realizada, como é que você se sentiria? Teria alguma coisa que você sentiria mais falta de tudo isso?

P04 - Eu iria ficar preso no último ano da *Campus Party*, eu não iria mais envelhecer. Olha sinceramente eu não sei, o que eu sinto falta, eu vou te descrever por essa quarentena toda, meu filho tem 14 anos e ele tem bronquite e asma e, um mês antes de ter esse *lockdown*, nós já fizemos *lockdown* pela segurança e saúde do meu filho. Então, eu comecei o meu *lockdown* um mês antes e o que eu senti falta nesses dois anos que representaria exatamente essa sensação de que eu sentia falta se não tivesse *Campus Party*. A minha noção de espaço e tempo muda, porque a *Campus Party* é uma referência já no meu calendário, ela faz parte da minha vida. Aquele sentimento que renovação de energia que eu sinto toda vez que eu participo, é a coisa mais estranha do mundo, eu vou para o evento e eu durmo três horas por noite, mas eu saio do evento revigorado. Como se tivesse reabastecido as minhas energias, sinto um cansaço depois, mas é um cansaço físico, mas mentalmente eu estou pronto assim para enfrentar 10 maratonas seguidas. Eu estou com a cabeça assim a mil e isso faz parte de estar na *Campus Party*. Então, não ter *Campus Party*, eu não sentiria essa renovação de energia, essa felicidade, essa satisfação de estar sabendo que o meu trabalho está tocando tantas pessoas. Então isso é o que eu mais sentiria falta e reencontrar as pessoas.

T - A gente vê que tem uma grande motivação para ir ao evento e além do seu trabalho, ou você pode incluir o seu trabalho, o que que você mais gosta de fazer na *Campus*?

P04 - Bater papo com as pessoas, tanto bater papo técnico e ensinar as coisas que eu compartilho, mas bater papo com os amigos e saber como é que eles estão, o que eles estão fazendo. A interação humana para mim é o mais importante, então estar na *Campus*, ir na *Campus*, o que mais me chama atenção. É isso, a interação com as pessoas, sabe? É conversar, é dar risada, eu acho que é uma coisa que o pessoal falava da *Campus* que acredito que você chegou a ouvir, a *Campus Party* não é uma rede de computadores, é uma rede de pessoas e eu acho que essa grande verdade, sabe? Eu já fui para a uma *Campus Party*, estando nela a semana inteira e nem ligava meu computador na rede. Entende, imagina né, tipo é, como assim? Não vai para usar a internet não, não vou para usar a internet, vou para interagir com as pessoas, conversar, para fazer isso, não só no meu trabalho, nas minhas oficinas de robótica, mas no sentido social com as pessoas, acho que isso que seria o ponto.

T - Então, independente de edição online ou edição presencial a gente pode contar com você na *Campus Party*?

P04 - Certeza, certeza mesmo.

ANEXO E – Transcrição Entrevista Participante 05

Cidade onde mora: São Paulo - SP

Profissão: Programador

Participação na *Campus Party* Brasil: *gamer*

Taíla - Para começar, eu queria saber como é que você ficou sabendo da *Campus Party* e como é que foi o seu primeiro contato com o evento?

Participante 05 - Então, eu fiquei sabendo da *Campus Party* em meados de 2009, mais ou menos, através de amigos mesmo, no prédio que eu morava e, porém, eu não tinha condição de poder ir e fui sempre acompanhando pela internet mesmo ou passava na televisão que era uma coisa ainda nova no Brasil, embora 2009, acho que tinha quatro anos de evento, alguma coisa assim e fui acompanhando sempre de longe, né? O meu primeiro contato mesmo foi em 2016 com o “*cita nome do amigo*” me convidando, o “*cita nome do amigo*” me é um integrante da Távola também, né? E ele já tinha ido em um outro evento sozinho e, novamente, no caso fomos sozinhos, eu e ele, em 2016, nesse evento e basicamente foi isso. Foi por um acaso que eu descobri a *Campus* e estamos aí até hoje, né?

T – E, para você, a sua vivência nessa parte de *games*, de participar dos campeonatos com pessoal já começou na primeira edição? Você foi adquirindo esse gosto? Você já jogava antes e você já levou o computador na primeira vez para jogar? Como é que foi essa situação?

P05 - A primeira vez que eu fui, eu já levei, exatamente como eu não conhecia ninguém além do “*amigo 1*” e da “*amigo 2*” que foi foram junto comigo, era mais fácil para eu poder passar o dia ali, vivendo e entendendo, o que era *Campus*. O fato do campeonato, na verdade, eu comecei a participar quando eu entrei na Távola. Eu entrei e sempre fui muito tímido e foi a minha forma de conseguir conhecer algumas pessoas ali dentro da Távola e ali na própria *Campus*, né? Saindo ali da bancada e indo para a área do *Free Play* para conversar e conhecer e chamar a gente para jogar e tentar montar um time. E aí, no primeiro evento de fato que eu estava com a Távola, a gente conseguiu fechar um time, a Távola Quadrada. É, acho que você vai explicar, mas é uma comunidade da *Campus*, né? E, enfim, nós conseguimos montar um time é só com integrantes da Távola mesmo e participamos de campeonatos tanto de CS

(*Counter-Strike*) quanto de *Dota*, de *LOL (League of Legends)* também e eu acho que isso se tornou quase uma rotina. Hoje em dia eu vou para *Campus*, eu vou pelos amigos sim, mas é meio que do lado do fator de eu estar na *Campus*, de eu aproveitar o evento, sempre vem junto, fato de, vai ter um campeonato que seja organizado pela *Campus* ou que seja organizado pelos campuseiros, porque sempre tem, e eu tenho que montar um time de todos os jogos possíveis para a gente poder participar.

T – Então, falando sobre jogos, tem algum específico que você joga ou você joga de acordo com os times que vocês vão montando, como é que é para você?

P05 - Eu mesmo normalmente jogos só *CS*, ou melhor, *FPS (First-person Shooter)* no geral, né? Tanto *Counter Strike* como *Valorant* eu prefiro, mas, na hora de montar o time mesmo, aí varia do número de pessoas que a gente consegue. Hoje eu tenho contatos suficiente para montar os times de *FPS*, para montar time de *MOBA (Multiplayer Online Battle Arena)* também, seja no *Dota* ou seja no *LOL* e eu estou agora correndo atrás também para tentar montar um time de *Free Fire* e tentar, como posso dizer, levar a bandeira da Távola para frente.

T – E, entre as *Campus*, quando não tem o evento, você também joga com essas pessoas da Távola, as pessoas que você conheceu na *Campus* ou é só durante o evento?

P05 - Com algumas, sim. A gente acaba tendo uma amizade muito forte quando sai da *Campus* com algumas pessoas, né? E até pelo fato de eu ir mais, ou melhor, a minha força dentro da *Campus* ser mais puxada pelos jogos e pelos campeonatos no geral, eu acabo fazendo essas amizades. Se tornam pessoas muito importantes na minha vida e sim, a gente continua jogando. Não a maioria, é uma minoria, mas a gente continua jogando, sim.

T - E qual que é a sua rotina quando você está no evento? Você acorda e vai jogar, você joga em algum período específico? Como é que você costuma se organizar ali quando você está no evento?

P05 – Então, é a rotina ela é um pouco dinâmica. Depende muito do que está acontecendo, né? Mas normalmente eu prefiro dar um pouco mais de importância para conversar com o pessoal. É, tem um tempo ali que alguém está fazendo alguma

coisa, as pessoas que normalmente eu fico junto, elas estão ocupadas, aí eu vou jogar, né? Mas normalmente eu fico mais fora do computador mesmo ou dentro do evento, conhecendo mais pessoas conversando com quem eu não vejo faz tempo e, normalmente eu estou ali principalmente pela área do *Free Play* para poder conversar com o pessoal, ver, como diz, novidades mesmo do CS principalmente. Basicamente, é isso.

T - Quando você pensa na *Campus Party*, qual é o sentimento que lhe desperta?

P05 - É difícil, é difícil, porque eu penso, o primeiro sentimento é sempre felicidade. Exatamente porque eu estou vendo os amigos, porque eu sei que eu vou me sentir muito bem. Normalmente é o evento do ano, né? É o meu evento do ano. Eu sempre espero por aquele evento. Eu, no caso, pela *Campus*. Mas, eu penso na felicidade e já penso na tristeza, mesmo que ainda não tenha de fato chegado, eu não estou no evento, hoje faltam quatro meses para o evento e eu já estou pensando que, puts, vai chegar no último dia e eu já vou começar a ficar tristão e, putz, não vou ver um pessoal de novo, sabe? Mas do geral é esse mix de felicidade e tristeza.

T – E qual foi a sua experiência mais marcante relacionada a *Campus*?

P05 - Experiência mais marcante? Difícil, mas eu acho que foi mais uma *trollagem* que fizeram com o menino em uma madrugada na *Campus*. Foi na minha primeira *Campus* com a Távola e a minha segunda sem, no geral, que o menino estava dormindo, foi a época que ainda tinha sofás espalhados no evento, e o menino estava dormindo e o povo, era umas três ou quatro horas da manhã, o povo pegou praticamente todos os sofás do evento, todas as cadeiras disponíveis e colocou em volta do cara dormindo e o bombeiro chegou, ele ficou hipernervoso com todo mundo que eu estava acontecendo, né? E aí o cara acordou ficou hipernervoso, porque não conseguia sair de lá de dentro também, mas aí no final todo mundo tirou tudo, catou as cadeiras, fizeram corrida das cadeiras, né? Padrão. E, é isso. Acho que foi o evento mais marcante.

T - E você comentou que no primeiro evento não fazia parte de nenhuma comunidade. Como é que você entrou na Távola? Como é que foi isso para o segundo ano para você?

P05 - Foi exatamente pela experiência do primeiro, conversando com “*amigo 01*”, principalmente, nós vimos que, assim, dá para você curtir o evento sozinho, né. Mas, se você quer ter uma liberdade um pouco maior no evento para conhecer pessoas, você precisa estar com mais pessoas. Realmente, duas, três pessoas, sozinho, que seja, você fica preso ao seu lugar. Se você é uma pessoa tímida, você vai acabar sofrendo para conseguir entender o que é o evento, porque o evento tem palestras, tem todas as ações que eles fazem, mas, no final das contas, são as pessoas que estão ali que fazem a diferença mesmo no evento. Então é muito importante conseguir uma comunidade, conseguir amigos, não precisa ser exatamente comunidade, conseguir pessoas ali para você poder ficar junto e ir para a semana inteira, né. Aí, foi através disso que a gente começou a pesquisar as comunidades que tinham disponíveis e a Távola sempre foi muito acolhedora, né? Principalmente com o pessoal novato e a gente se identificou muito com as propostas que eles tinham e, basicamente, foi isso que fez a gente entrar na Távola.

T - E participar da *Campus* mudou a sua vida de alguma forma?

P05 - Sim, principalmente, nessa parte da timidez como eu disse. Eu sempre fui uma pessoa muito tímida e, lá na *Campus*, eu me obrigo a conhecer pessoas, não exatamente me obrigo, mas dá vontade de você conversar, porque, às vezes, você está ali parado e a pessoa chega do seu lado encosta em você: “Meu, e aí tudo bem? Que você faz, né?” E aí já começa uma conversa legal, da hora e isso mudou bastante a minha vida exatamente, porque a Távola, ela é muito populosa, né? Ela tem muita gente e o pessoal ali é sempre muito unido, como se fosse de fato uma família, são muitos amigos de muitos anos já e é todo mundo muito receptivo, com os mesmos tipos de pensamento mesmo que a área profissional e os *hobbies*, tanto faz, sejam totalmente diferentes, é como se as pessoas elas se entendessem completamente. E isso foi bem importante para minha vida para eu poder zerar um pouco essa timidez que eu tinha e conseguir conversar, inclusive, por isso que eu estou um pouco mais tranquilo de estar com a câmera ligada, fiz uma outra *live*, principalmente com o “*amigo 03*”, exatamente por causa da Távola e por causa da *Campus*.

T - E você cria alguma expectativa para ir para *Campus*? Quando você se organiza para ir?

P05 - Todo ano, o ano inteiro praticamente, né? Foi uma tristeza essas últimas duas tentativas não terem dado certo embora em novembro, eu tenho ido, mas é a preparação ela realmente começa meio que quando termina um evento. Então, como exemplo da 11 para 12, terminou a 11 e já deram a certeza da 12, no penúltimo dia eu já comecei a me organizar. Comecei a correr atrás das coisas e já falava com o pessoal que nunca tinha ido na *Campus*, falava: “Meu, vai ter, vai ser, tal data, já começa a se programar e aí já começava a correr atrás de tudo que eu precisava para o evento, que normalmente eu levo um monte de coisa diferente também, mas sempre tem muita expectativa para os próximos eventos.

T - Falando nessa questão que tu fostes na do ano passado, que foi o retorno pós pandemia, né? Então vou fazer duas perguntas em uma: como é que foi para ti esse período de pandemia do evento, se tu chegaste a acompanhar, participar como tu te sentiu e como é que foi essa volta, esse evento de retorno?

P05 - Bom, não acompanhei diretamente como estava o andamento do evento na pandemia. Até porque não tinha muita novidade, né? Eles não soltavam muito que estava acontecendo ou que eles estavam planejando. Mas eu posso falar de quando eles cancelaram as duas vezes que isso foi meio torturante, né? Principalmente para quem já estava com tudo comprado para poder vir e foi o que aconteceu inclusive. Esse ano também, né? Basicamente é isso da organização e sobre o evento que teve no ano passado é, assim, foi um evento legal. Acho que para quem não conhece a *Campus* foi o suficiente para mostrar, para dar um pouco a energia do que a pessoa vai sentir ali no evento completo, era um evento muito menor, o número de conteúdos era muito pequeno, sabe e, comparado às outras edições, o número de pessoas também muito pequeno. Porém, eu senti segurança em relação a todos os protocolos que eles estavam tomando por causa do Covid, questão de máscara, questão de vacina, teve casos de pessoas sem vacina que quiseram entrar, arrumaram uma briga nervosa lá na frente, eles de fato não deixaram a pessoa entrar. Então, eles se preocuparam e de fato eles estavam se preocupando.

T - E o que você mais gosta de fazer na *Campus*?

P05 – Rever o pessoal. Rever os amigos acho, acho não, eu tenho certeza de que é o principal motivo por eu ficar tão com uma expectativa tão alta, ficar tão ansioso para

poder estar lá no evento, né? O evento é uma beleza. Tudo o que tem no evento é muito bom. Como eu disse, desde os jogos e palestras, os workshops e os brindes também, mas o principal para mim são as pessoas mesmo. Rever todos os amigos.

T – E, para você, como é a possibilidade de acampar no evento? Você acampa, você gosta, você acha que isso muda a sua experiência?

P05 - Sim, muda muito, mesmo eu sendo de São Paulo e, putz, eu moro pertinho do, normalmente é no Anhembi ou no Expo Center Norte, daria 30 minutos da minha casa. Poderia muito bem voltar, mas não dormir lá faz toda diferença e a questão não é dormir do lado do evento, a questão é estar na barraca mesmo, estar ali dividindo com o pessoal todo sentimento, o calor humano que fica ali também, né? Faz diferença, não tem muito como explicar, é uma emoção diferente, né?

T - E você consegue identificar qual que é sua maior motivação para ir?

P05 - Não sei exatamente, na verdade, eu não sei explicar, porque exatamente, porque eu não sei a emoção que eu sinto, sabe. É um mix muito grande de felicidade, só que não sei minha motivação para ir.

T - E agora que você já está com o ingresso comprado para a próxima edição, como é que está nessa expectativa para, mesmo que mudou a data, você vai ir igual, você vai se reorganizar, como é que vai ser?

P05 - Para mim já está tudo certo até pelo fato de eu ser do Conselho da Távola e nós já tivemos uma facilidade para poder pegar o ingresso, para poder pegar a barraca, né? E, para mim, como eu disse, pelo fato de eu morar perto, é sempre muito fácil para ir, mesmo que eu preciso trabalhar de lá, né? Mas, desde o ano passado, já estou correndo atrás das coisas, tanto que nós lançamos a promoção das camisetas e é sempre assim, eu sempre tento me organizar o mais rápido possível. Quando eles falam: “Pô, vai ter.”. Isso lá em novembro, quando teve evento teste, eu falei: “Meu, já preciso comprar um monte de coisa, preciso comprar uma mala nova e umas camisetas, eu vou arrumar meu computador, fazer um monte de coisa.” E, de fato, fomos arrumando desse jeito.

T - E se não tivesse mais *Campus*, como é que você ia se sentir?

P05 - Bem mal, pelos amigos, porque ia ser muito difícil vê-los, né? Mas também pela energia do evento. Eu não consigo hoje pensar em um outro evento, um outro rolê que seja parecido com a *Campus*. Eu vou em bastante eventos e, mesmo assim, o sentimento que você tem lá é totalmente diferente, porque são muitas pessoas que estão na mesma *vibe* que você, que estão no mesmo pensamento e você não encontra isso em qualquer lugar. Você pode ir no estádio de futebol, todo mundo torcendo pelo mesmo time, que seja num show, mas não é o mesmo sentimento, não adianta.

T - **É, bom, até acho que o que você falou agora vai responder minha próxima pergunta que é: se tem alguma coisa que você só encontra na *Campus*, que só a *Campus* proporciona.**

P05 - É exatamente a emoção que ela passa, é o fato de você estar com tanta pessoa, às vezes você, na verdade, às vezes, não, a maioria que você nem conhece, mas que você sabe, principalmente, que não vai te julgar por quem você é e, se você for conversar com a pessoa, a pessoa vai corresponder, ela vai conversar com você e você vai conhecer pensamentos novos, mas no final todos eles se encaixam, né?

T - **Então, era isso, não sei se tem mais alguma coisa que você lembra da *Campus*, que você acha legal ressaltar, que para você é importante.**

P05 - Eu acho que não. Acho que é legal, como eu disse sobre as comunidades, pessoas novatas procurarem e não irem sozinhas. Se for só para conhecer o evento, beleza. Mas, se for para ficar lá vários dias e com mais pessoas, procurar comunidades. Tem várias comunidades que são temáticas e isso vai ajudar bastante os novatos. E, para o pessoal velho, só continuar indo e conhecendo todo mundo. Acho que basicamente é isso.

ANEXO F – Transcrição Entrevista Participante 06

Cidade onde mora: Porto Alegre - RS

Profissão: Professor e palestrante

Participação na *Campus Party* Brasil: palestrante

Taíla - Então como você ficou sabendo da *Campus Party*? E como foi o seu primeiro contato com o evento?

Participante 06 - Eu moro no Sul e eu fui palestrar em São Paulo. Eu estava com o jornal Folha de São Paulo e eu estou aterrissando em São Paulo, em Congonhas. Você passa por cima até do centro de exposição dos Imigrantes ali que era onde estava sendo a *Campus Party* e aí eu vejo um negócio lá, *Campus Party*, coisa digital, acampamento digital, acampamento que coisa interessante, só que eu estava de terno e gravata, era na época que usava terno e gravata para palestrar que nem um senhor. E aí eu cheguei lá de terno e gravata, mas eu vi todo mundo vestido de outra, né? Uma outra tribo, né? E eu já tirei a gravata, já botei no bolso do casaco, já tirei o casaco, já botei no braço, já arregacei as mangas e eu consegui me inscrever e fiquei um dia inteiro ali, porque a minha palestra era só no dia seguinte, eu não conseguia ficar toda *Campus*, né? Só fiquei um dia inteiro, pensei: “Puts que troço legal.”, aí me organizei no ano seguinte, assisti todas com a plateia de jeans, camiseta e tênis. Aí descobri que tinha uma amiga minha que trabalhava na produção do evento e eu pedi para ela: “Eu posso olhar o *camping* para ver como é?”. Aí o *camping* era demais, era muito bacana, cara. Já era no Anhembi, eu acho. E aí eu me inscrevi no ano seguinte para acampar e assistir toda *Campus* acampado, fiz muitos amigos aí começou uma tribo, né? Fiz parte de várias tribos dentro da Campos. E qual não é uma surpresa que no ano seguinte fazem um concurso no Twitter: “Indiquem pessoas legais para palestrar nos nossos palcos”, porque tinha um Palco principal e cinco ou seis palcos secundários, né, mas igualmente interessantes. E aí eu recebo um e-mail, depois de um tempo, eu até me esqueci de votar em alguém. Eu recebo um e-mail depois de um tempo da *Campus* dizendo que você foi o mais votado como “novas caras” entre aspas, “novas caras” é ótimo para mim, né. E eu disse quero conhecer vocês e liguei para o pessoal da *Campus*, fui lá no escritório. E eu tinha já a palestra “*nome oculto para preservar a identidade do entrevistado*”, você já viu né, é uma coisa do outro mundo né, sem nenhuma modéstia as pessoas não conseguem nem olhar para o celular,

vidradas na tela. Eu comunico muito e aí eu estou explicando assim animadamente o pessoal da *Campus* isso tudo e passa na frente da sala de reuniões o Francesco Farrugia, que é um dos idealizadores da *Campus* e uns donos da *Campus*, e o Francesco parece que meu irmão mais velho assim, parece que nós somos criados pela mesma mãe. Ele olhou e disse “mas que coisa interessante” com aquele sotaque dele e aí, eu comecei a explicar para ele como é que funcionava a palestra. E ele enlouqueceu, ele disse esse cara tem que ir no palco principal. E lá me fui eu para o palco principal. Realmente foi um estrondo, porque pessoal não me conhecia, né? Como na palestra a música é muito alta e é bombástico o início assim, eu lá do palco, sei lá, tinha metade da plateia e digamos assim que a plateia cabia mil pessoas e eu tinha 600, é um pouco mais da metade eu preparei 11 músicas, né? Sei lá 40 minutos mudo, 35 minutos mudo, né? Trocando músicas. E aí foi chegando gente e as pessoas passavam, paravam e olhavam assim e sentavam, chamavam e eu comecei a ver estavam chamando por WhatsApp outras pessoas e as pessoas nas mesas começaram a vir. Bom, no final da palestra não só lotou, como toda a parte sentada, tinha em pé mais umas 200 pessoas. E aí depois foi assim uma hora de fila de selfie, de bater papo. E aí eu caí nas graças da *Campus*, aí todos os anos eu fiz a palestra, né? Depois de umas palestras, porque a palestra sempre muda, né? E foi, ia mudando, até que chegou em 2018. O Tônico Novais que já era daí CEO da *Campus*, que ficou muito meu amigo, também assim como Francesco como o Paco, que é o espanhol, que é um dos donos da *Campus Party*. O Tônico chegou e disse para mim “faz o que você quiser”.

Eu virei embaixador da *Campus Party*, acho que já faz uns três anos. E eu tenho muitos amigos criados na *Campus* e é gente de todas as idades, vai de sei lá, a mais moça está com 12 anos e fiz amizade com ela quando tinha oito anos, uma palestrante mirim, aquelas “geneazinhas”. Tenho gente que, amigo meu de 12 anos e acho que tem 82 anos de idade. Tem gente de todas as idades, tem uns com 70 anos de idade, de amigos que assim são de várias tribos, a Távola Quadrada, por exemplo que é uma tribo, né? Quando o meu filho, que vai fazer 18 anos, quando ele estava com 14 anos, foi pela primeira vez, ele e um amigo na *Campus* acamparam lá também e eu também estava acampando, mas assim o pessoal da Távola Quadrada abraçou os meninos e

é muito mais legal entrar na *Campus* sendo abraçado por um grupo, uma tribo, uma mini tribo porque tem várias tribos dentro da *Campus*.

T - E você lembra qual foi esse o ano da primeira vez que você foi?

P06 - Não, não lembro.

T - Mas desde que você foi a primeira vez, você foi em todos os anos?

P06 - Sim, eu fui em todos os anos. Eu só não lembro quando é que foi esse antes do Twitter. Acho que foi 2012 ou 2013 depois a primeira que eu palestrei foi em 2014, mas eu não lembro. Sinceramente, mas eu já ia na *Campus* antes como plateia, né?

T - E quando você pensa em *Campus Party*, qual o sentimento que lhe desperta?

P06 - Bom, particularmente, eu sou *baby boomer*. Eu só não sou nem geração X, eu sou finalzinho dos *baby boomers*, né? Tem um pé na geração *hippie*, então assim a *Campus Party* para mim é inclusão. Porque eu pertencço a grupos mais jovens do que eu, alguns muito mais jovens. Então assim a *Campus Party* me rejuvenesce a cada edição, eu costumo brincar que eu volto de 10 a 15 anos mais moço a cada *Campus Party* que eu vou. É para mim a inclusão, porque eu faço parte de outra Geração, não faço parte daquelas duas gerações principais ali que estão, sei lá, digamos de 20 a 30 e 30 a 40 anos, seria assim. Se a gente pudesse dividir em faixas de 10 anos, de décadas, é de 20 a 30 e 30 a 40 anos, sei lá 80% do público da *Campus Party*. Eu sou aceito pelos de menos de 20 e pelos acima de 50 igualmente dos 20 a 40 anos. Então, assim eu sou incluído por todas as gerações, então para mim é inclusão. Agora olhando de fora, eu acho que a *Campus Party* é compartilhamento. A palavra eu defino a *Campus Party* compartilhamento de conteúdo, de astral, de energia de amizade, de conhecimento, de informação, compartilhamento. Agora o que ela provoca em mim é a inclusão, até porque as pessoas com mais de 50 anos no Brasil, elas são excluídas, elas estão no auge intelectual da sua vida e isso é muito ruim, eu estou sentido isso na cara.

T - E você consegue identificar, qual foi a experiência mais marcante que você viveu no evento?

P06 - Sim, a mais marcante foi na minha segunda palestra. Eu tinha provocado esse estrondo em 2014. E em 2015, 2014 eu não fui no primeiro dia, mas aí em 2015, eu fui escalado para o primeiro dia, tinha abertura, tinha uma outra palestra de um cara que veio de fora que eu não me lembro se era o astronauta ou se era sócio do Steve Jobs e depois era a minha. E aí tinha um espaço de tempo entre uma e outra assim e aí eu chego, sei lá, mais de uma hora antes do meu horário e olho para o auditório e assim está toda plateia do palco principal, já tá lotada a plateia e algumas pessoas em pé. E eu pergunto para uma das monitoras, que é a minha amiga até hoje: “Quem é que foi palestrar agora?” E ela diz “Você!”. Aí eu olhei e disse: “Quer dizer que esse povo tá sentado aí uma hora antes da minha palestra?”, ela disse: “É, isso mesmo.” Aí eu digo: “Me belisca aqui porque eu não tô acreditando”. Essa foi a minha maior emoção na *Campus*. Vou te confessar uma coisa isso dá uma sensação de poder e de poder de influência. Eu me senti um *influencer*. Porque tipo assim pô, eu estou com credibilidade para sugerir qualquer loucura e o pessoal topa, né? O mais forte é o estádio lotado uma hora antes de começar o jogo sabe. Então o mais legal que como eu vi que faltava uma hora eu fiz que nem uma noiva faz quando vai circulando pelas mesas e ficou vendo cumprimentando as pessoas do casamento, vai tirando foto com cada mesa assim e circulei por toda a plateia e eu conversei com todo mundo. E foi sabe? Aí o pessoal dizia “Vem aqui tirar uma selfie”, aí foi quando eu brinquei e disse: “Ah a noiva já vai!”, eu aparecia uma noiva, né? E ali foi quando realmente me casei com o público da *Campus*. Foi muito legal, ali eu vou te dizer, ali eu me senti que essa é a minha tribo. E eu não me sentia cacique. Não, eu me senti Pagé, que é mais legal do que ser cacique.

T - Você pode dizer que participar da *Campus* mudou a sua vida de alguma forma?

P06 - Sim, mudou definitivamente minha vida pelo seguinte foi bem no momento, eu não tive crise de meia idade, mas foi bem no momento em que comecei me questionar por que que as pessoas no auge da sua capacidade estavam sendo colocadas de lado, eu não fiquei com medo de ser colocado de lado. Mas a *Campus* me tirou qualquer possibilidade de pensar a respeito de porque eu não fui colocado de lado, eu fui colocado dentro da cena, fui incluído e todos os anos uma menina me manda mensagem: “Que horas é a tua essa palestra? Eu não posso perder a sua palestra.”

Então assim, isso foi marcante para mim e é marcante. Ela mudou definitivamente a minha vida, por “N” coisas na minha vida. Eu sou bastante inovador, sou criativo, sou inquieto, né? E isso eu trago desde criança, porém a *Campus* me deu assim um atestado de que a gente pode ser atemporal, a gente pode ser, sei lá, eterno no melhor sentido da palavra. Não é eterno com uma coisa idealizada, mas assim a gente pode se perenizar assim, estender a participação da gente de forma significativa por muito tempo.

T - E você sentiu, já que você também palestrou na *Campus Digital*, você sentiu muita diferença de participar do evento online, do evento presencial?

P06 - Vai parecer que eu estou fazendo média que eu estou fazendo proselitismo, mas assim eu passei em 2019 inteiro me preparando para introduzir palestras *on-line*, sem saber que ia pintar a pandemia. Então, quando surgiu a pandemia eu estava pronto para palestra *on-line*, eu estudei cenário, eu estudei palco, estudei assim, eu estudei que espaço eu podia ocupar na tela, vinha para a frente, eu ia para trás, eu dominei, eu criei sinais sonoros, eu criei truques, eu abandonei definitivamente os slides, fiz gestos para ilustrar e sinais sonoros e movimento de corpo, gestual, então assim eu estava muito pronto para o *on-line*. Então, toda vez que eu dou uma palestra *on-line*, porque agora nunca mais vou deixar de dar. Agora voltaram as presenciais a mil, mas assim por exemplo, essa semana eu vou dar duas presenciais e duas *on-line*. Mesmo, mesmo número, não é? Mesmo volume. Eu criei um jeito todo meu de imaginar a plateia. E como eu sei como minha palestra tem pontos que eu sei que as pessoas riem, pontos que as pessoas se incomodam, ponto que as pessoas mudam a posição da cadeira, porque é uma provocação forte. Como eu já sei disso, eu costumo olhar para trás assim da câmera. Eu estou olhando para a câmera agora? Mas assim atrás daqui da câmera tem uma parede, mas eu enxergo as caras rindo, eu enxergo as caras se mexendo, eu enxergo as caras se cutucando, eu enxergo até o pessoal tirando *selfie*. Eu criei isso na minha cabeça, eu até brincava com o pessoal porque aqui no Sul tem clima frio no meio do ano. Então eu disse assim o que eu mais sinto falta do presencial quando eu dou palestra *on-line*, é que quando a gente está em um palco sobe um calor, as pessoas ficam excitadas, ficam animadas, elas produzem calor. Então, é muito legal lá do palco porque vem um calor assim na gente e eu disse: “Olha eu consigo imaginar a pessoa reagindo, eu consigo imaginar a

pessoa sorrindo, consigo imaginar tudo, que eu estou no palco né? Eu só não sinto aquele calor.” Aí numa palestra, primeiro o inverno da pandemia estragou meu ar-condicionado e eu tinha uma estufinha, eu botei a estufinha aqui do lado do computador e eu digo assim: “Agora até o calor da plateia eu já tenho com o simular”. Então eu acho que eu consigo, acho que eu fiquei melhor inclusive na presencial depois de passar por esse período forte de online. Principalmente do primeiro ano de pandemia que foi 2020. Ano passado já teve umas que outras presenciais, mas a concentração de poder, sei lá, dar 85 palestras *on-line* de março até dezembro em 2020, eu aprendi o *on-line* e digo assim, posso viver só com *on-line*, se a nossa vida fosse confinada até morrer vou com o *on-line* e vou motivado. Agora é claro, quando voltaram os presenciais aí que a gente vê que é bom um palco e uma plateia reagindo.

T - E se a *Campus* não fosse mais realizada como é que você se sentiria? Do que você mais sentiria falta?

P06 - O que eu sentiria mais falta é das conversas porque o legal da *Campus* é a gente circular. E aí para conversar com um, um assunto que parou no ano anterior a gente continua no ano seguinte, sentar para conversar, tomar café. Que eu sentiria mais falta da *Campus* é o circular entre as mesas, aqueles mesões e ouvir. E a gente quando circula na *Campus*, a gente ouve um assunto de um palco, houve 15 minutos e aí está terminando aquela palestra, vai para uma palestra de um monitor falando de robótica, a gente pega uma/duas frase e depois você percebe que é muita informação, eu sentiria falta é desse troço não programado. Que eu me permito fazer isso, tem gente que faz o calendário de palestras e vai nessa palestra e vai indo. Eu não, eu preciso circular e às vezes eu circulando, eu capto uma frase de uma palestra, um comentário de um de cara de TI ensinando um outro ali mexendo naqueles computadores que estão super carenados e cheio de luzes etc. A minha cabeça vai funcionando na Campos com uma esponja. Eu me sinto como uma pessoa com 15 anos assim, vai entrando tudo e depois eu processo. E aí, de tempos em tempos eu preciso sair do recinto para respirar um ar puro e não ficar com aquele barulho porque tem um zumbido, a *Campus* temos um zumbido e eu gosto também de sair, fico cinco minutos lá fora e eu brinco que é o cigarro imaginário, como eu não fumo, mas o fumante tem que sair para desestressar. Para dar aquela aliviada lá fora, ele acaba não ficando com aquele monte de zum, zum, né? Aquele zumbido, então eu digo eu

vou ali no meu cigarro imaginário e já volto. É só para dar um tempo, mas eu sentiria muita falta, mas eu também sei que as coisas têm um ciclo. Então o meu time que era do coração na adolescência ganhou muito e acabou o ciclo, acabou o ciclo. Eu fui de uma geração que fez muita festa, porque era das discotecas. Terminou o ciclo, terminou o ciclo. Se as palestras presenciais que é o que eu mais gosto de fazer não pudessem mais acontecer e fosse só *on-line* terminou o ciclo quem viveu, viveu. Então eu sei terminar o ciclo, se terminar o ciclo da *Campus*, eu serei grato a ela. Muito grato, só terei lembranças assim, inesquecíveis!

T - E tem alguma coisa que você percebe que você só encontra na *Campus*? Que você não encontra em outros eventos?

P06 - Sim, esse elixir de rejuvenescimento, a *Campus* tem um frescor, uma leveza, que não tem nenhum outro evento. Olha fui em *SXSW* em Austin, fui *Web Summit* e o astral da *Campus* não existe igual, é uma coisa, é um frescor pelo novo assim, uma coisa assim é jovem demais e é a coisa mais jovem que tem assim. a coisa mais de meninada aprendendo e compartilhando só a *Campus* tem isso e é a melhor de todas.

T - E como é que você vê a possibilidade de acampar no evento? Isso muda a tua experiência? Você continua acampando?

P06 - Sim, eu parei de acampar já faz uns quatro anos principalmente porque eu estava num volume de palestras, de um calendário de palestras assim em 2017, 2018 e 2019 foi alucinante. Então assim, eu até cheguei a comprar a barraca, acho que em 2018 eu dormi uma noite lá, porque meus filhos estavam lá então dormia na barraca do lado, nem é do lado, mas afastado, mas assim, dormi uma noite só para pela farra, mas assim eu comecei a ficar no hotel que era do lado ali do Anhembi no *Holiday Inn*. Mas eu acamparia tranquilamente de novo, o meu problema é o meu calendário de palestras que eu não tenho conseguido ficar os cinco dias, uns quatro dias inteiros da *Campus*. Às vezes eu vou e eu fico os dois primeiros dias, palestro e vou para uma outra cidade, dou uma palestra sei lá aonde e volto, não fico nem hospedado em São Paulo. Chego de manhã em São Paulo e passo o dia inteiro na *Campus* só para ter aquela convivência e no final da noite vou embora. Mas eu sinto vontade de acampar de novo.

T - Mesmo indo a tantos eventos, você cria expectativa quando tem o agendamento para a próxima *Campus*?

P06 - Sim, fico com excitação, vou falar de duas épocas. Excitação de menino do século XX quando chegava o Natal e estava perto de ganhar bicicleta e excitação agora da menina que está perto de chegar o Natal e vai ganhar o *PlayStation* ou *Xbox*. Eu fico com essa excitação de quantos dias que falta para o Natal chegar. Posso abrir o presente no dia 24 de manhã, eu fico com essa excitação de menino de pré-adolescente com 11 anos que eu acho que é a melhor idade. Eu sou professor há muitos anos, eu sempre quis criar um ambiente na sala de aula, eu digo para todos os meus alunos de lá quando você chega no estágio de estar se sentindo um pré-adolescente é o perfeito para a aula entrar. E eu vou para *Campus* que nem um pré-adolescente, eu posto stories, eu estou entrando, estou chegando, sabe? Com excitação de não é nem de adolescente, é de pré-adolescente que eu acho que é a melhor frase da vida, sei lá, dos 10 aos 13 anos. Eu vou com esse tesão de pré-adolescente.

ANEXO G – Transcrição Entrevista Participante 07

Cidade onde mora: Brasília - DF

Profissão: Gestão de Pessoas

Participação na *Campus Party* Brasil: campuseiro que só participou das edições presenciais

Taíla - Como é que você ficou sabendo da *Campus Party*? Qual foi a sua primeira vivência? Como é que foi o seu primeiro contato com o evento?

Participante 07 – Eu fiquei sabendo da *Campus Party* por colegas de faculdade idos de 2012, 2013 e nem era um colega do mesmo curso, eu fiz matemática e eram colegas da ciência da computação. Eles foram às primeiras *Campus Party*, comentaram comigo e quando foi 2013, assim que abriu a inscrição, eu fiz a minha inscrição para ver o que que era, né. Que diabo era aquilo ali que movia tanta gente, nunca tinha ido num evento desse porte, então foi o primeiro evento que eu fui com tanta informação assim ao mesmo tempo. E, no primeiro momento, foi isso que me chamou atenção, cara, tem diversos temas sobre milhões de coisas diferentes, áreas diferentes e que que é isso, né? Que que faz a galera aí para lá? Fui com total inocência de que eu focaria nas palestras, até que eu cheguei no Anhembi, em 2014, e acho que foi a primeira vez que eu senti de fato o medo de perder alguma coisa, era muita coisa acontecendo ao mesmo tempo. A agenda de palestras ficou esquecida, acho que na segunda [palestra]. Os horários começaram a ficar alucinados, perdia noção de tempo e eu comecei a perceber que era muito mais sobre a interação das pessoas do que necessariamente distribuição de conteúdo, porque, logo depois, eu descobri que os conteúdos ficam disponíveis *on-line* depois, então você pode reassistir a palestra *on-line*, mas a troca entre as pessoas ali, na hora, não dava para deixar para depois. Isso foi um divisor de águas para mim, porque naquele momento eu fazia um trabalho muito operacional, muito mais do mesmo, embora tivesse envolvido diretamente conectado à tecnologia, eu fazia uma parte mais burocrática que era governança de tecnologia e olhar para o processo. E a *Campus Party* abriu os meus olhos em relação a todo o resto que eu não estava explorando, fazendo aquele trabalho de escritório mexer com planilha e cobrar pessoas apenas. Então acho que foi o meu primeiro passo na mudança que eu tive de foco de carreira, eu estava no início da carreira, 2014, eu não tinha nem um ano ainda trabalhando de fato.

Eu tinha três anos já de experiência como estagiária, mas assim, não era empregada em algum lugar, naquele momento eu estava começando mesmo a carreira, então isso, essa vivência da *Campus*, não só em 2014, mas a continuidade dessa vivência me oportunizou olhar para outras possibilidades de carreira que até então eu não tinha.

T – Qual é a sua formação?

P07 – Eu sou bacharel em matemática, a formação acadêmica oficial, mas eu sou curiosa e saio fuçando um monte de coisa. Então, hoje eu trabalho com gestão de pessoas. Eu saí da gestão de projetos e passei a olhar para essa gestão de projetos a partir das pessoas. Então, hoje eu trabalho como agilista tenho me especializado em métodos de metodologias e ferramentas chamadas de ágeis, de gestão de projetos. Mas com esse olhar muito enviesado para olhar para as pessoas para que as pessoas possam fazer os projetos acontecerem.

T – E, quando você pensa na *Campus Party*, qual é o sentimento que te desperta?

P07 – Nesse momento de saudade, porque eu ainda não consegui ir para a *Campus* presencial depois desses dois anos. A última *Campus* presencial que eu estive foi em 2019. Então são três anos. Mas é, sempre foi um espaço onde eu podia ser eu mesma e estava tudo bem assim, eu não estava me sentindo julgada por ser eu mesma. Então acho que esse senso de pertencimento e de amizade que se cria, pessoas que você normalmente vê uma, no máximo duas vezes por ano, quando dá para ir mais de uma *Campus Party* no ano e, cara, é como se a gente tivesse se visto semana passada e está se reencontrando de novo. Então, eu acho que fica muito esse sentimento assim de amizade e nesse momento de saudade.

T - E você consegue destacar uma experiência para ti que foi a mais marcante relacionada à *Campus*?

P07 – Quando eu vi o Emicida, na *Campus* de 2017, era um estande na *Open Campus*, então na parte da *Campus* que é gratuita, de algum energético, da TNT, e eu sabia quem era o Emicida, mas não conhecia exatamente a história dele e ouvir o Emicida ali também me ajudou a começar a olhar ao meu redor sob uma nova perspectiva, de cara quem está do meu lado é diverso? Quem está perto de mim, as pessoas que eu acompanho, eu estou olhando para essa diversidade, se eu estou falando de inovação,

eu estou falando de olhares diferentes, de vivências diferentes e quando eu faço o teste do pescoço, eu só vejo a gente igual. Então ouvir o Emicida naquele dia e logo depois, aí agora miopia temporal ataca, porque eu não sei se foi no mesmo dia ou em dias diferentes, mas eu sei que foi logo depois, ouvir Kobra também falar da história de vida dele, também uma pessoa que veio da periferia, cresceu e ganhou destaque e hoje é um dos artistas mais, um dos mais conhecidos, pelo menos no Brasil, me fez de novo ter uma nova perspectiva sobre a minha vivência, sobre a minha prática de trabalho e sobre como eu poderia fazer diferente e impactar outras pessoas diferentes de mim. Então isso foi bem marcante.

T – E, depois dessa questão da experiência, de como foi teu contato, você pode dizer que participar da *Campus Party* mudou a tua vida de alguma forma?

P07 – Completamente, eu sou casada por causa da *Campus*, né? Eu estou casada hoje com uma pessoa que eu conheci na *Campus Party*, então mudou minha vida literal.

T - E quando você pensa em ir para *Campus*, quando saem as datas, por exemplo do próximo evento, você cria alguma expectativa?

P07 – Todas. Todas as expectativas possíveis, de rever pessoas, de voltar a estar em um ambiente onde as pessoas podem se manifestar livremente e serão acolhidas, independente dessa manifestação, onde as pessoas podem se sentir confortáveis e a expectativa de estar entre amigos mesmo e de conhecer novas pessoas e de ganhar novas perspectivas como todas as outras *Campus* anteriores já me permitiram ganhar.

T - E o que você mais gosta de fazer na *Campus*?

P07 – O que eu mais gosto de fazer na *Campus*? Que pergunta difícil, velho. Que eu mais gosto de fazer na *Campus*? Acho que participar das rodas de conversa que tem, que você pode sair da roda de conversa que está falando de jogo de campeonato ali, de joguinho *on-line* para uma roda de conversa de pessoas que estão discutindo como que a gente vai remodelar a educação no Brasil de uma maneira escalável. Então eu acho que participar dessas rodas de conversa, desses momentos de troca de ideias e construção de ideias e de planos é a parte que mais que eu mais gosto.

T - E para você como é que você vê essa possibilidade de acampar no evento? Você acha que isso tem alguma diferença na sua experiência?

P07 – Total. Porque o fato de estar acampada faz com que eu perca menos. Se eu estiver fora daquele ambiente eu, principalmente eu, que tenho miopia temporal real, eu vou perder alguma coisa por perder a hora, chegar atrasada ou não estar ali, não estar ali imersa faz com que eu tenha uma experiência menos intensa. A possibilidade de acampar faz com que a experiência seja muito imersiva e eu acho que é isso que me encanta assim, eu literalmente estou vivendo aquela semana para aquele evento. É muito difícil, tanto que quando a gente vai para acampar, cara vamos sair para fazer alguma coisa? É muito difícil. Não, tem alguma coisa mais legal aqui dentro, vou ficar quieta aqui dentro.

T - E você consegue identificar qual é a sua motivação para ir ao evento desde a primeira vez?

P07 – Conexão entre as pessoas. A primeira vez foi curiosidade, todas as seguintes foi a conexão com as pessoas que estão ali. Independente de eu conhecê-las ou não, saber se a gente está ali de alguma forma trocando aquele momento de vida em comum e agregando alguma coisa, não, ou simplesmente se divertindo mesmo, correndo atrás, fazendo fila falsa, coisas do gênero.

T - E você foi em todas, desde a primeira que você foi em 2014? Você foi em todas nos anos seguintes na *Campus* presencial ou teve alguma que você não conseguiu ir?

P07 – Até 2019, de 2014 a 2019, fui em todas as *Campus* São Paulo nacionais, eu fui também na primeira de Brasília. Aí me mudei para Brasília e não consegui ir mais na de Brasília, porque sempre tinha alguma coisa acontecendo, mas nas de São Paulo presenciais, eu fui em todas as que tiveram até aqui e planejando para ir esse ano de novo.

T - E você conseguiu participar da edição digital, dessas que aconteceram?

P07 – Não.

T - E então como você já comentou, você já está com o ingresso comprado para a próxima presencial, isso?

P07 – Sim.

T - E para você, por não ter participado da [edição] *on-line*, você sentiu assim que teve alguma motivação a menos para não participar ou foi uma questão de tempo ou realmente para você faz mais sentido ser presencial? Teve alguma coisa que, por que você não conseguiu assistir a [edição] *on-line*?

P07 – Eu acho que tem mais a ver com o fato de ser *on-line*. A comodidade de que cara, depois eu posso assistir essa palestra e a *Campus Party* para mim faz mais sentido presencial, pela troca, pelas pessoas, as coisas acontecerem ali enquanto as pessoas estão ali.

T – E, se não tivesse mais a *Campus*, como é que você se sentiria? Tem alguma coisa que você ia sentir mais falta?

P07 – De ver os amigos todos que tentam ir pelo menos todo ano e que a gente só vê quando está na *Campus Party*, porque mora cada um em um canto desse país.

T - E tem alguma coisa, de todas essas coisas que a gente comentou que são especiais, que você percebe que você só encontra na *Campus* que nenhum outro evento te proporcionou?

P07 – Essas rodas de conversa que acontecem. Acho que também acontecem em outros eventos, mas a galera é mais light assim, eles estão falando sobre coisas relacionadas ao evento. E aí, os outros eventos têm um objetivo muito específico, a *Campus* não tem um objetivo muito específico, a *Campus* tem vários objetivos e nenhum deles é necessariamente específico e isso nos proporciona essas discussões fora da caixa, porque eu posso estar com uma pessoa de robótica ou uma de marketing e sei lá um adolescente conversando sobre alguma coisa que pode ser revolucionária. Se for alimentado depois, então eu acho que o diferencial da *Campus* é esse. Eu não estou restringindo, não estou limitando o evento há um tema ou a um assunto ou a um objetivo, eu estou permitindo que várias pessoas falem sobre coisas diversas e conectem esses pontos para que alguma coisa saia dali ou para que

apenas elas assistam e conheçam e legal. Uma das outras coisas marcantes da *Campus* foi, na *Campus Party*, foi a primeira vez que eu vi uma impressora 3D e eu achei aquilo assim tipo revolucionário, eu achei incrível a possibilidade de você imprimir alguma coisa, um objeto tridimensional que pode ser só um chaveiro ou pode ser um coração para fazer um transplante. Então, como definir a *Campus*, né? Não dá, porque é isso, a *Campus* não tem um objetivo, não tem uma limitação ali e aí é de onde saem inovações diversas.

T - E você ainda tem uma questão, que você já levou a sua filha no evento. Esse desejo de participar veio dela ou foi um incentivo que partiu de ti?

P07 – Todas as vezes que eu ia para *Campus*, hoje é meu filho. A criança transgênero, e todas as vezes que eu fui para *Campus* e que eu não o levei eu comentava sobre o que acontecia. E aí assim que ele se sentiu confortável para ir também, eu tive grana para poder bancar viagem para mim e para ele, eu levei para ter essa experiência comigo, então foi uma coisa muito combinada assim. Não foi uma motivação só minha, ele também foi muito interessado e ele se apaixonou de primeira, então na *Campus* Brasília de 2019, por exemplo, ele foi e eu não e ele ficou justamente com as pessoas da comunidade e a galera toda hora me mandava recado sobre ele: “Ó, tá bem, ó, comeu, ó tá tudo certo, passou aqui, tá vivo.”. Isso foi muito legal, isso foi bem legal, porque na nessa *Campus* específica de 2019 eu estava trabalhando em quase 24 por 7 e aí eu não tive a oportunidade de ir, mas ele foi e ele aproveitou o máximo dentro da experiência que ele queria ter, foi incrível.

T - Com quantos anos ele foi a primeira vez?

P07 – A primeira vez ele foi em 2018, é a primeira vez, ele foi em 2018, ele estava com 11 anos.

T - E hoje ele está com quantos anos?

P07 – 15.

T - E você vê que essa acolhida da comunidade te deixou confortável para deixar ele lá e continuar trabalhando?

P07 – Sim.

ANEXO H – Entrevista Participante 08

Cidade onde mora: Passo Fundo - RS

Profissão: Professor

Participação na *Campus Party* Brasil: campuseiro organizador de caravana

Taíla - Como você ficou sabendo da *Campus Party*?

Participante 08 - Foi através do Movimento Software Livre no qual eu participava, mas só consegui participar em 2010 na CPBR3.

T - Qual e quando foi o seu primeiro contato com o evento?

P08 - 2010 na CPBR3.

T - Você sempre foi ao evento de caravana? Como é essa experiência para você? Como surgiu essa oportunidade?

P08 - Não, fui de Caravana apenas duas vezes, quando participei da organização na Universidade a qual eu era ligado. Em 2016, na CPBR9 e 2017 na CPBR10. As demais eu trabalhei como voluntário ou na organização, desde a 7ª edição.

T - Quando você pensa em *Campus Party* qual sentimento lhe desperta?

P08 - Sinto uma saudade imensa das pessoas e das amizades que fiz lá. Vou ser sincero, adoro o momento da *Campus B*.

T - Qual foi a sua experiência mais marcante relacionada ao evento?

P08 - Quando estamos envolvidos diretamente na organização do evento, acontecem "coisas", resolver conflitos é uma parte chata, mas conhecer pessoas que agregam conhecimentos e não somente técnicos, mas para a vida, sem preço.

T - Participar da *Campus Party* mudou a sua vida de alguma forma?

P08 - Eu já posso me considerar um idoso. A paciência e empatia creio ter sido o maior valor que a *Campus Party* deixa de legado.

T - Você cria alguma expectativa para ir à *Campus Party*? Se sim, qual?

P08 - Todos os anos. Sempre espero ser chamado para colaborar.

T - O que você mais gosta de fazer na *Campus Party*?

P08 - Já fiz de um tudo na *Campus*, gosto de ficar em algum palco auxiliando.

T - Como você vê a possibilidade de acampar no evento?

P08 - Amo. Na 7ª edição foi oferecido hotel, preferi ficar no *camping*.

T - Qual a sua motivação para ir ao evento?

P08 - O reencontro com amigos, o *network*.

T - Você participou do evento digital? Se sim, sentiu alguma diferença em relação ao formato presencial? Se sim, qual?

P08 - Tentei! Mas não tive paciência, mas assisto algumas palestras gravadas.

T - Você pretende participar novamente da *Campus Party* Brasil independente do formato?

P08 - Sim.

T - Se o evento não fosse mais realizado, como você se sentiria e do que você mais sentiria falta?

P08 - Sentiria falta do contato humano, dos amigos de longe.

T - Existe alguma coisa que você encontra apenas na *Campus Party* ou que apenas a *Campus Party* te proporciona?

P08 - Para mim, a *Campus* não é apenas os quatro ou 5 dias, começa muito antes com os preparativos. E lá eu sou feliz, mesmo cansado, estressado muitas vezes, o último dia é triste.

ANEXO I – Transcrição Entrevista Participante 09

Cidade onde mora: Brasília - DF

Profissão: Jornalista

Participação na *Campus Party* Brasil: participante com grande interesse no evento *on-line*

Taíla - Como é que você ficou sabendo da *Campus Party*? Qual foi teu primeiro contato com o evento?

Participante 09 - É eu conheci através de uma amiga em 2012. [Quando fui] eu só participava meio termo.

T - E quando você pensa na *Campus*? Qual é o sentimento que te desperta?

P09 - Eu gosto bastante... Eu acho que o principal, algo que me chama atenção que é o único evento grande...Então é um dos grandes eventos do Brasil, de marketing, eventos, mas de robótica não existe... Eu acho que a *Campus Party* é um dos grandes pilares da robótica no Brasil, a robótica no Brasil ela é referência, porém, não é acessível para todos... Eu acho que essa é grande [diferença]...

T - E qual foi a primeira *Campus* que você participou?

P09 - Eu fui na primeira em 2013, mas assim para participar mesmo.

T - E você foi na *Campus* nacional e em outras regionais que nem a de Brasília? Você foi em mais alguma?

P09 - Olha eu já fui na *Campus Party* de São Paulo... aqui em Brasília e na de Minas.

T - E você palestrou também? Palestrou tanto na edição presencial quanto na edição virtual, isso?

P09 - Isso, na *Campus* de São Paulo, a última...São Paulo, Argentina, Brasília e na de Minas.

T – De todas essas vivências que você teve na *Campus*, qual foi a experiência mais marcante? Você consegue lembrar de alguma coisa que você destaca assim?

P09 - Nossa, para mim foi a da Argentina porque eu estava muito nervosa, é um público diferente. Porque as *Campus* aqui do Brasil é assim, você está palestrando e o público pode levantar-se e sair né? Se não está gostando da palestra e tudo mais, mas na Argentina não, eles não têm esse costume, eles ficam até o final... Então você fica com aquela ansiedade de qual vai ser o retorno do público. Uma coisa que é totalmente fora da nossa cultura, a gente jamais vai falar que você é ruim, né? Então acho que a mais marcante realmente é a *Campus* da Argentina.

T - E participar da *Campus* mudou a tua vida de alguma forma?

P09 - Sim, porque eu nunca tinha pensado em fazer uma palestra. Eu sempre tive mais dificuldade em me relacionar, então acho que um exemplo disso é que eu jamais ia pensar que ia falar para um lugar cheio de gente, acho que me ajudou muito. A *Campus* me ajudou muito, até hoje eu fico muito chocada.

T - E você cria alguma expectativa antes de ir para *Campus Party*? Por exemplo quando você vê as datas, você já cria uma expectativa? O que você sente?

P09 - Sim, eu acho que a questão, a gente fica com ansiedade de principalmente, poder no caso, como quase sempre das que eu fui, de conhecer lugares, rever pessoas e tem um aprendizado

T - E o que você mais gosta de fazer na *Campus Party*?

P09 - Eu amo o *Just Dance*, acho que é uma das coisas mais legais que tem. Cara, uma coisa que é muito bom é a forma como é organizado. Porque você simplesmente não entra em uma fila para pegar um brinde, você vai ter que lutar por ele então, eu acho que às vezes fica mais divertido ter que lutar para conseguir ele através de um jogo, alguma coisa, do que simplesmente dar o brinde. Porque as vezes o brinde você nem vai levar para a sua casa, chegou ali na bancada e às vezes você vai deixar ali em cima e pega quem quiser. Mas a forma que você conseguiu pegar ele, você conversou com outras pessoas, você fez alguma coisa que provavelmente você não iria fazer.

T - E para você como é a possibilidade de acampar no evento, você gosta? Você costuma acampar? Você acha que isso agrega para o evento?

P09 - Nossa agrega muito! Pensa por que ali você está inserido no evento 24 horas, então você acaba ficando mais próximo das outras pessoas, de madrugada geralmente é onde mais acontece, onde as pessoas estão mais abertas a conversam entre si, trocam ideias. É uma outra coisa, como minha mãe fala é o *networking*... que acontece à noite, seja você estando na *Campus B*, seja você lá jogando, é quando vocês vão estar conversando sobre coisas diferentes, quando você vai pegar o contato com alguém, que acaba trocando uma palavra sobre alguma ideia que você acharia louca, diferente, que poderá dar certo ou apresentar para uma empresa. Então isso agrega muito porque geralmente é um papo que você não teria durante o dia. Porque durante o dia as pessoas são muito voltadas para os extras, jogo, para pegar brinde ou até mesmo para conhecer o próprio estado que está acontecendo a *Campus Party*. É muito bom, mas não é bom ficar acampada.

T - E qual que é sua motivação para ir ao evento? O que que mais te motiva?

P09 - Eu acho que até hoje é a curiosidade para ver qual vai ser a diferença sempre. Eu sou uma pessoa que quando eu vejo ali, a primeira coisa que eu faço é fazer uma análise geral de tudo. Aí a minha mãe ela brinca muito que eu tenho um lado do cérebro, só para analisar onde eu estou e com as pessoas que eu estou. A forma que você observa as pessoas e seu comportamento dentro do evento, você observa como as pessoas estando dando para você tirar coisas boas, você observa o conteúdo, como está sendo passado para você pegar para você aquilo, você no meu caso, eu observo muito as formas de como elas se vestem, como está o cabelo, como está tudo, porque isso faz muito parte da minha profissão. Então assim, teve uma vez na primeira *Campus* antes de São Paulo, eu estava trabalhando no jornal Metrôpoles, quando eu fiz lá na *Campus* uma matéria falando qual era o perfil, o estilo das pessoas na *Campus*, como se vestiam, né? E foi uma das matérias que mais deu audiência, porque as pessoas têm curiosidade de se vestir, por exemplo, se você vê uma pessoa de salto, você já sabe que ela não está ali, sabe que ela ganhou uma cortesia, ela não faz parte daquele universo, que ela está acompanhando alguém. Você vê uma pessoa de terno e você já sabe que também, e isso aqui em Brasília tem muito por que é diferente das outras *Campus*, tem muita questão da cortesia aqui e nas edições não tem muito né? Então você acaba agregando o público que não é da *Campus Party*.

T - E você sentiu alguma diferença? Já que você participou da edição online e da edição presencial? Você sentiu diferença entre essas duas edições?

P09 - Eu acho que a edição *on-line* ela acabou sendo mais rica em conteúdo, porque o poder de estar em qualquer lugar. Acabou trazendo grandes nomes e já faz um tempo que não estavam dentro do circuito de palestrantes. Eu não sei se foi a primeira *Campus on-line* que teve aquele rapaz que foi preso. Não vou lembrar o nome dele.

T - Aquele da Wikileaks?

P09 - Eu acho que foi ele. Então, assim, ele jamais participaria da versão presencial, então, isso gerou com que acontecesse mais palestrantes de renome, porém não tira a coisa de estar na presencial, porque ninguém está assistindo todas as palestras, você escolhe duas, três palestras e assiste durante o evento inteiro, ninguém fica o dia inteiro ali participando. Você vai assistir dos seus amigos, você vai assistir uma outra que você tem curiosidade. Isso acaba te tirando palestras boas que você provavelmente assistiria se você estivesse na *Campus*, mas você não vai assistir.

T - E se o evento não fosse mais realizado, como é que você se sentiria e o do que você ia mais sentir falta?

P09 - Olha eu acho que eu iria muita falta da convivência com as pessoas, porque acaba se apegando, está tipo no começo do ano, de fazer a viagem para São Paulo, ver aquelas pessoas no meio do ano em Brasília. Às vezes você vai em uma ou outra *Campus* no meio, no final do ano. De poder ter a convivência com aquelas pessoas que tem identidade parecida com as suas. Então acho que para mim é a grande falta mesmo, seria da convivência com as pessoas.

T - Tem alguma coisa que você sente que você só encontra na *Campus* ou que só a *Campus* te proporciona?

P09 - Eu acho que tem a questão de identidade com algumas coisas, porque assim por exemplo, se você está falando sobre *startup* não é todo mundo do meio, pelo menos meu círculo de amigos, que tem essa visão de *startup*, de tecnologia, de robótica, mesmo sendo ali da comunicação a maioria dos meus amigos, as pessoas que convivo não tem essa ideia toda da tecnologia. Então, que é um absurdo, né?

Que hoje o mundo inteiro está no computador e quem não está no computador, não sabe não entende de redes sociais, não entende tecnologia está fora.

T - Você pretende participar novamente da *Campus*? Independente do formato seja presencial, ou seja, *on-line*?

P09 - Sim, eu acho que na questão online mais em alguma outra palestra com alguma grande personalidade, porque eu acho que provavelmente esse vai ser o futuro da *Campus Party* de ter um evento 100% digital, eu acho que pode ter a vir mais uma ou duas *Campus* nacionais em São Paulo, mas eu não acredito que o evento vá ficar presencial, porque é um evento muito caro e deu certo de fazer de forma *on-line*, reunindo grandes nomes. Então, assim se eles tiverem oportunidade 100% digital, eles vão fazer, porque deu público, não público que daria se fosse presencial, mas deu boas visualizações e teve grandes nomes, o que chamou a atenção da imprensa nacional, né?

T - E da sua participação o que lhe motivou a querer dar palestra também, além de só assistir as palestras?

P09 - A primeira coisa foi curiosidade de saber como era. Eu acho que a grande coisa foi essa, mas depois que já estava ali, acho que para poder falar e ser escutado ali, sobre uma coisa que você sabe e que nem sempre a gente fala. Então, ali é um bom lugar que você pode ensinar, você pode compartilhar o que você sabe.

T - E você iria de novo em outra *Campus* fora do Brasil? Como você comentou da Argentina?

P09 - Com certeza. Eu estou com muita vontade de ir na *Campus* da Itália e da Colômbia.

T - Entre o intervalo entre cada evento, você mantém ainda contato com pessoas que você conheceu na *Campus*?

P09 - Olha hoje só através do grupo mesmo da Távola, né? Quando eu participava lá em 2016, no começo, eu mantinha com algumas pessoas e a gente combinava alguma coisa [...] mas hoje mesmo, só mesmo com as pessoas da Távola. Eu acho que talvez se não tivesse o grupo, talvez eu nem manteria contato. Acaba sendo muito

difícil, porque aqui em Brasília mesmo, tem pessoas da Távola que moram aqui, mas eu não vejo essas pessoas. Então, parece que existe o ciclo de amizade da *Campus* e a sua vida fora da *Campus*.